NX563
.A1

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

BUILDING USE ONLY

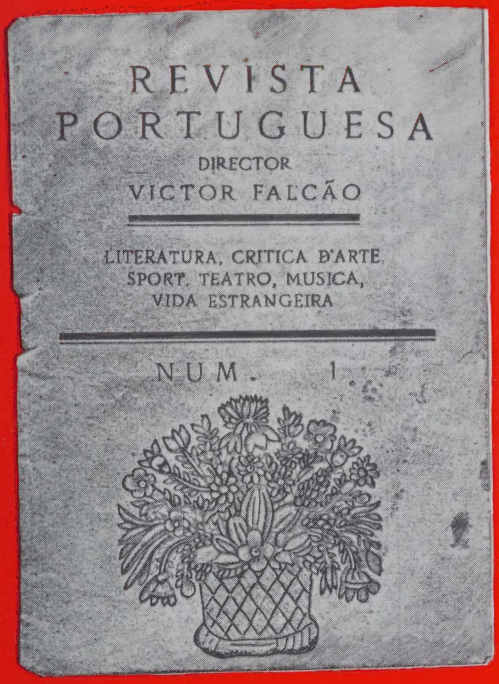
NX 563
.A 1,R 48
no.1-12
1923

Digitized by the Internet Archive
in 2023 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/revistaportugues1121unse

REVISTA PORTUGUESA

VOLUME 1



REVISTA
PORTUGUESA
DIRECTOR
VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA D'ARTE,
SPORT, TEATRO, MUSICA,
VIDA ESTRANGEIRA

NUM. 1

CONTEXTO

OFERTA
DO
INSTITUTO DE CULTURA
PORTUGUESA

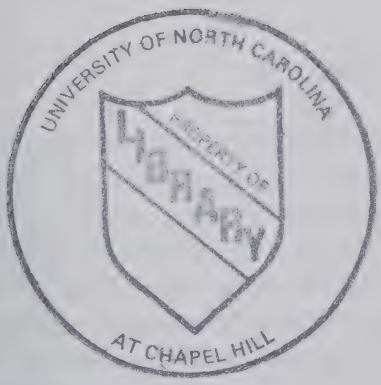
Da presente edição facsmilada de «Revista Portuguesa» (Volume I) tiraram-se 3000 exemplares impressos por Safil, Lda., no mês de Setembro de 1983. Preço: 420$00. Copyright, Contexto, editora, Lda. — Rua Ilha Terceira, 42 D — Pavilhão 2 — 1000 LISBOA — Tel. 57 00 82.

LF-B00
NX523
.A
B48
v.1-12
1923

REVISTA PORTUGUESA

EDIÇÃO FACSIMILADA

VOLUME I



CONTEXTO, EDITORA
LISBOA

NOTA DO EDITOR:

A presente edição facsimilada do semanário «Revista Portuguesa» é constituída por dois volumes integrando respectivamente os números de 1 a 12 (volume I) e de 13 a 23/24 (volume II).
O formato original da revista é limitado nesta edição por dois ângulos de referência marcados em cada página facsimilada. Desta edição foram tão-somente excluídas as capas e contracapas dos 23 exemplares reproduzidos.
O volume I integra o prefácio a esta edição da autoria de Cecília Barreira. Do volume II consta ainda um índice de todos os exemplares da «Revista Portuguesa», uma bio-bibliografia de articulista e mapas referenciando informações sobre alguns aspectos da vida intelectual portuguesa entre 1920 e 1923.

A «REVISTA PORTUGUESA»: TRADIÇÃO E MODERNIDADE

por *Cecília Barreira*

Almada Negreiros regressou a Lisboa em Abril de 20 e achou tudo «mais pequenino» — não tanto por diferença de escala de que Paris lhe dera consciência, como por um real enfraquecimento da vida intelectual e artística portuguesa, após a ardência dos anos 15-17. Pessoa queixar-se-á do mesmo, três anos mais tarde, melancolicamente, a propósito de uma nova revista modernizante, a «Contemporânea»; e mais três anos passados, à beira de uma nova emigração, Almada constatará não haver mais artistas avançados em Portugal, onde tudo, nesse domínio, era então «uma paródia ridícula», «um deplorável equívoco», senão «um mal-entendido sem remédio»... Os anos 20 decorriam, fatalmente, dentro desse engano — e Almada logo em 21 fez uma leitura pública da sua «Histoire du Portugal par Coeur», escrita em Paris, de «smoking» e barrete de campino, sublinhando sem querer, o desacordo nacionalista com a modernidade...

José Augusto-França, *A Arte em Portugal no século XX*, p. 94

I. *APRESENTAÇÃO: A RIVALIDADE «CONTEMPORÂNEA»-«REVISTA PORTUGUESA».*

Os anos vinte decorreram sob o signo da euforia, da contradição, da bipolaridade ideológica. O Modernismo torna-se a proposta artística que enforma esses anos, concedendo-lhes alguma irreverência, sentido crítico, e, sobretudo, uma forte consciência anti-decadentista. Reclamando o *novo* e o *diferente,* aposta-se na superação da mediania, da mediocridade: num trajecto onde todas as evasões são possíveis, Modernismo e Tradicionalismo não raras vezes coincidiram e se estreitaram nas margens do *tópos*-outro que se permitiam reinventar.

A «Revista Portuguesa» é um exemplo (entre mais) dessa aliança entre um tradicionalismo político e um modernismo de cariz estético. Semanário de «Literatura, Crítica de Arte, Sport, Teatro, Música, Vida Estrangeira» surge em Março de 1923 para se eclipsar em Outubro do mesmo ano. Seis meses não constitui um período de existência efémero se nos reportarmos aos anos vinte. Publicações desabrochavam e feneciam goradas as vertentes programáticas, usualmente ambiciosas para as parcas condições existentes. Para além do mais, não deveria ser fácil a um semanário, desguarnecido de apoios financeiros e apenas colaborado por jornalistas na sua maioria exercendo a actividade profissional noutros periódicos, subsistir e marcar encontro com um público leitor todos os sábados.

1923. A data merece algumas reflexões prévias. No plano político dois acontecimentos empolgaram a classe política e a imprensa: a ascensão irresistível de Primo de Rivera em Espanha e, paralelamente, a de Mussolini em Itália. Longe, na fria Alemanha, alguns perigos espreitavam a República de Weimar. A Europa, no entratanto, ía vibrando ao ritmo do fox-trot e do jazz-band. Desses «ritmos» nos dá conta — num estilo

mundano, tentando imitar Cocteau, inspirado no exemplo de D'Annunzio —, António Ferro no livro «A Idade do Jazz Band».

Uma leve incursão pelas publicações periódicas que maior êxito alcançaram nos anos vinte em Portugal — o «ABC», a «Ilustração», o «Magazine Bertrand» e a «Civilização» — informa-nos sobre os principais caricaturistas e desenhadores que pululavam na capital. Em formato apreciável e papel de luxo estreia-se a revista mais notavelmente apetrechada, de maior arrojo gráfico, de quantas irromperam nos dois primeiros decénios novecentistas: referimo-nos à «Contemporânea» (1922-1926) dirigida, concebida, pensada por José Pacheko (o arquitecto que desenhara a capa do 1.º número de «Orpheu»). Colaboradores: Almada Negreiros, Eduardo Viana, António Soares, Jorge Barradas, etc.. Ainda, do ponto de vista literário, Fernando Pessoa, Raul Leal, Mário Saa, Marinetti.

Revista de criação literária, vocacionada para suceder a «Orpheu», a «Contemporânea» saldar-se-ía por um certo falhanço. Que modernismo, afinal, para além da excelente apresentação gráfica? Fernando Pessoa desabafa com Armando Cortes-Rodrigues:

«V. tem visto a «Contemporânea»? É, de certo modo a sucessora de «Orpheu». Mas que diferença! Que diferença! Uma ou outra cousa relembra esse passado; o resto, o conjunto...»[1].

Pessoa falara no passado. Também ele forjaria uma nova experiência com «Atena» (1924). Efémera, como as demais.

A «Revista Portuguesa» beneficiara de um escasso apoio publicitário que a «Contemporânea» lhe reservara, por suposto acordo entre os directores (Pacheko e Victor Falcão). Leiamos um deles:

«Revista Portuguesa

Director Victor Falcão

Colaboradores literários: Américo Durão, Mário

Saa, Ivo Cruz, José Bragança, Carlos Óscar da Silva e José Dias Sancho, Correia da Costa e Rebelo de Bettencourt.

Colaboração artística: António Soares, Bernardo Marques e Mário Saa. A Revista Portuguesa será a revista crítica da semana e acompanhará o movimento intelectual modernista»[2].

Estava-se em 1923. O namoro entre as respectivas revistas seria breve. A «Revista Portuguesa» pretendia-se exigente e crítica, não se conformava à futilidade mundana ou à sedição ideológica. Logo no número 3, a propósito da organização de exposições e jantares que a «Contemporânea» vivamente incentivava, comenta-se:

«A revista que por quatro vezes mencionei se bem que dê jantares a muita gente que nunca deu o mínimo esforço para o desenvolvimento da arte moderna, não usa de igual método na promoção de exposições. Até hoje só a temos visto patrocinar a obra que realmente se pode classificar de hodierna. E faz bem, porque tragar bons jantares e erguer brindes mais ou menos entusiastas, mais ou menos floreados, é empresa de que qualquer se desempenha. Agora, compreender e sentir toda a beleza da arte moderna, é tarefa para poucos, para raros, mesmo»[3].

Entrava-se no número cinco da «Revista Portuguesa». Com redobrada violência se ataca a «Contemporânea»: Álvaro Maia, no discorrer da verve amarga, nem o próprio Fernando Pessoa poupa, por causa de uns poemas em francês que o primeiro gostaria ver escritos na língua natal:

«A que diabo vêm os seus versos em francês? Não seria melhor... aprender a sua língua natal?»[4].

Victor Falcão lança mais algumas achas na fogueira. No número 9 assina o editorial a que intitula: «Revista Portuguesa». Congratula-se pelo bom acolhimento que o periódico teria merecido junto do público e sus-

tenta a «crítica independente e desassombrada» de uma revista face às «nódoas literárias que não se limpam» da outra.

Para além da rivalidade editorial (embora, a uma primeira análise a «Contemporânea» e a «Revista Portuguesa» colhessem leitores em estratos sociais económica e culturalmente similares, não há dúvida que aquela última fizera um esforço de popularização: desde o preço acessível, até ao formato, passando pelas rubricas sobre futebol e desporto em geral, as entrevistas, etc.) que outro tipo de embates se poderiam retorquir reciprocamente? A revista de Victor Falcão coloca uma questão primordial: como ser vanguarda (intelectual e artística) em Portugal nos anos que então decorriam? Seria consagrar Guerra Junqueiro aos cumes da glória, após a morte, ou elogiar as obras de António Ferro e Homem Cristo Filho? A apreciação da «Revista Portuguesa» fundamenta-se num eixo de alguma coerência: a qualidade não se compadece com simpatias ou favoritismos pessoais. Na senda pela destruição de ídolos (velhos e novos), em nome da Modernidade, a própria «Revista Portuguesa» não escaparia aos meandros de um certo hibridismo. Tradicionalista (na concepção política, na visão do todo social), esgueirando-se com pouca ligeireza das linhas doutrinárias propugnadas pelo Integralismo Lusitano, representaria o espectro possível de um difuso e conturbado posicionamento ideológico. O que não impedira o próprio Sérgio de se lhe referir nos seguintes termos:

«Agrada o tom de crítica independente e de idealismo patriótico de alguns artigos desta revista»[5].

II. *UM OLHAR ARRASADORAMENTE SOMBRIO SOBRE PORTUGAL*

Propositadamente irreverentes, elitistas, acomodados a uma verve crítica impiedosa, os articulistas da

«Revista Portuguesa» transportam uma carga de má-consciência que os coloca acima de qualquer suspeita ou filiação em escolas. Portugal, país dividido pelos partidos, pelas claques — vendilhões de templos inesgotáveis, vacilando na corrupção —, pelos mass-media: este o quadro que nos é apresentado. Modernistas mas, também, tradicionalistas. Conservadores, nunca.

Olhar sombrio, perfidamente irónico. Nas artes, nas ideias, na política. O anti-decadentismo perfilha-se no horizonte, não enquanto vontade de reerguer tudo de novo, mas na atitude de quem recusa o velho (fórmulas esbatidas, de tal modo gastas que nem oferecem resistência).

A «Revista Portuguesa» está atenta ao que de novo fervilha e pontua no panorama das artes e do espectáculo. A Arte? Fala-se muito na sua função social: arte para elevar da ignorância um povo ancestralmente imerso nela. Mas, contraditoriamente, outras opiniões existem que preferem escalpelizar a celebrizada máxima, «arte pela arte». O Belo, nadando numa esfera de intemporalidade e sagração. Mas, será que a Arte deve deixar transparecer o que há de sórdido no real, na vida do mais comum dos mortais? Mesmo os que perfilham a doutrina duma arte social, pressentem, sergianamente, elites pensantes que voluntaristicamente levantem o letargo nacional. Da elite para o homem comum. É lógico que o naturalismo já passara à história... Não que o cubismo ou as moderníssimas correntes pictóricas que em França desabrochavam pudessem conduzir a um caminho de transformação. Mário Domingues aventa uma hipótese:

«A crítica moderna exige dos artistas, a libertação de todas as tutelas, de todas as escolas; a máxima sinceridade, garantia da máxima originalidade; em vez da cópia fiel da Natureza, a interpretação mais sentida dessa Natureza».[6]

Bondade/Beleza/Arte. É ainda um sentido ético de

Arte/purificadora. Purificação não andará longe dum sentido transcendente de salvação do homem, num acto de contrição que a este tipo de modernismo ético seria indispensável.

Espelhos. Sons. Imagens. Movimentos. Um outro mundo se perfilha: o cinema. E que revolução... Nada deterá o movimento. As personagens movem-se, mágicas, sob um pano branco, e são tão vivas que até podem transmitir sentimentos: tristeza, culpa, alegria. Uma certa lucidez, que se revela quase sempre antecipadora, permite que se encontrem asserções como esta:

«O Cinema é hoje em todo o mundo a mais fácil maneira de vulgarizar. Em pouco tempo impôs-se duma forma definitiva ao gosto da multidões, tomou de assalto a predilecção de todos e alcançou lugar proeminente nas gerais atenções»[7].

A «Revista Portuguesa» mostra-se sensível ao cinema/febre de multidões que ameaça subverter o mundo do espectáculo. Henrique Roldão, por exemplo, crítico e autor teatral, define o espaço próprio do cinema para o distinguir do espaço cénico. Também o modo de ser actor seria diverso. Aos planos arrastados e mortos, que o articulista impugna à escola cinematográfica francesa, contrapõe as fitas americanas, tecnicamente mais evoluídas, com um redimensionamento da acção. Que interessam os «arrobos amorosos entre flores, idílios ao lugar, longas atitudes sobre móveis, *poses* demoradas repuxando reposteiros, um vasto rosário de coisas já mortas como sediças.»?[8]

E o Teatro em Portugal? «Teatro de alcapão, de surpresas, de vaidades escondidas, de ódios, de ciúmes. (...) Teatro de ruínas, de estilhaços, de glórias passadas, de ídolos de barro, de protegidos». Esta a opinião de Augusto d'Ésaguy. Aliás, e para compôr o quadro já de si pessimista, «A maior parte dos actores não admitem uma censura, julgam-se génios, quando não ultrapassam cómicos de feira!»[9]

Ibsen, Curel são frequentemente citados: não se tratava de uma pontual discordância quanto a processos cénicos. Álvaro Maia irrompe contra a revista «De Teatro», cuja principal função era publicitar os espectáculos que íam decorrendo, e assume a defesa da crítica, bem como o papel do crítico em arte.

Uma qualquer crítica? A crítica deveria ser desassombrada, desafiando os poderes e as pressões de qualquer quadrante ou orientação. A mutilação da escrita mergulhava na não autonomia ideológica, na reverência perante o *status*. A Literatura é analisada sob este ponto de vista. Proust e Dostoievsky são valorados; dos portugueses exaltam-se Pessoa, Aquilino, Raul Brandão. Também António Sardinha, e António Sérgio no Ensaio.

Conflui-se na atribuição de qualidade a duas revistas de ensaio e crítica político-filosófica de sinal aparentemente contrário: A «Nação Portuguesa» e a «Seara Nova». Mas, note-se, quer o integralismo lusista, quer o movimento seareiro apostavam no a-partidarismo, criticavam duramente o parlamentarismo. 1923 fora o ano de surgimento da revista «Homens Livres», pontual mas significativa aliança entre um e outro quadrantes. E a «Revista Portuguesa» reconduzia-se nesse campo vasto e inexpugnável de perplexidades e dúvidas àcerca da validade do liberalismo enquanto sistema político. Monarquia ou República? Que importava? O constitucionalismo recrudescera igualmente durante a vigência da monarquia. A elite salvadora afigurava-se como a solução mais viável. Quem constituiria essa elite? Seareiros e integralistas julgavam possuir a resposta.

De um ponto de reflexão puramente subjectivo o polémico Diogo de Macedo traduz este estado de espírito:

«Detesto as democracias. Entre mim e elas apenas existe um ponto de acordo: — é que o povo admira-me e eu também».[10]

O ego transforma-se no palco a partir do qual emerge a existência.

«Para mim, o eixo da terra é a minha consciência. É apoiada neste eixo que rodopia toda a minha verdade. Tudo o que sinto, amo e admiro, tudo que vejo, oiço ou toco, anda em redor da minha sensação de beleza...»[11].

Fernando Pessoa, por seu turno, entrevistado para a «Revista Portuguesa», distancia-se do narcisismo egocêntrico de Diogo de Macedo para assumir um messianismo político. Assim, no seu entender, o cosmopolitismo fundamenta um dos traços persistentes do modo de ser português. E, neste entrecho, cosmopolita é sinónimo de anti-chauvinismo, anti-nacionalismo. O português vocaciona-se para a universalidade: daí o não pertencer a nenhuma pátria ou nação, daí a disponibilidade para se integrar, para se envolver e se devolver culturalmente:

«O futuro de Portugal (...) está escrito já, para quem saiba lê-lo, nas trovas do Bandarra, e também nas quadras do Nostradamus. Esse futuro é sermos tudo»[12].

A «Revista Portuguesa», essa, procurava um rumo próprio na postura crítica. Ainda uma última questão persistia, teimosa: como prosseguir no «novo» sem cair na grosseira imitação de tudo o que se alcunhava de importado.

III. *O ALÉM-PIRINÉUS: O INTERREGNO ENTRE GUERRAS*

O exterior. O mundo visto por uma Revista de Crítica. Para a «Revista Portuguesa» o espaço europeu não é um território pacificado, a coberto de invasões e deslocações de tipo bélico. O panorama, com alguma perspicácia descrito por Augusto da Costa, é o de uma Europa no interregno entre guerras. Interregno porque

seria visível aos observadores minimamente atentos assinalarem o crescimento da indústria da guerra na Alemanha e a possibilidade de um novo conflito deflagrar.

Mundo inseguro, como tal. Palco de desordens, instabilidade, inquietação. No burburinho das vozes que clamavam, impotentes, perante os avanços e recuos das potências em presença, Portugal não se identificava com o paraíso. Os acontecimentos em Itália eram seguidos palpitantemente, bem como os da União Soviética: «tragédia russa», «estupenda convulsão».

Noção de *imperialismos:* não já de nações individualizadas, mas de grandes blocos geo-estratégicos e económicos. Noção moderna de política: política que é analisada na confluência de vectores múltiplos (ver, Correia Marques). O chamado imperialismo *yankee,* o dos «trusts» e dos «dollars», perspectiva-se como um entre outros: o alemão, o «moscovita» e o inglês. Muito importante se revela a opinião de Correia Marques na denúncia da política externa inglesa face a Portugal:

«A Europa latina bateu-se heroicamente, sacrificando a flor, da sua mocidade nos campos varridos pela metralha. O resultado do seu sacrifício foi, porém, tal, que parece ter-se batido apenas para que a Grã-Bretanha conserve muito seguras na sua mão as portas do *Mare Nostrum,* o formoso mar latino, e para que pudesse montar um posto de sentinela em Galipoli, à entrada do Mar Negro...»[13]

Para além da geo-estratégica e das movimentações de blocos políticos a visão do exterior é particularmente impressiva se atentarmos nas crónicas, saborosas e pitorescas, de Diogo de Macedo.

Eram as crónicas de Paris que, trespassadas de humor, por vezes se revelavam cáusticas e intransigentemente françófobas:

«Paris da Arte!... Mostruário geral do *Grand Magasin du Monde...* Manicómio colossal de génios, ladrões

e mulheres... Grande feira de ciganos, de cavalos e de saloios...»[14].

Ainda um outro trecho:

«A França, a revolucionária de 93, a que se bateu ontem em defesa da pele, deu nisto: — a boa conservadora, boa conservadora! gosta da música dos cafés, adora o cinema, arrasta-se ao domingo pelos bulevares e acha delicioso o jantar a preço fixo. Em arte... gosta muito de ir ao Louvre para ver as jóias, e ao Salon para rir das mirabolâncias da Picabia»[15]

Dos breves exemplos colhidos traçamos o perfil de uma imagem: o «estrangeiro» corresponderia a uma Europa, super-civilizada mas burguesamente medíocre, de um fausto esteriotipado e inútil. No caos imenso que ameaça subverter a ordenação natural das coisas — imagem de revoluções que desgastam o já periclitante equilíbrio europeu — não se adivinha uma solução apaziguadora: ao invés, prenuncia-se o desastre. A 2.ª grande guerra?

IV. *A UTOPIA POLÍTICA: A LATINIDADE*

A Utopia para além de designar um espaço desejável e impossível preenche os vôos do imaginário que mais soltos e imprecisos se adivinham. Na «Revista Portuguesa» aparentemente não existe lugar para a imaginação do futuro: um articulista nos poderá reter alguma atenção se prosseguirmos e teimarmos na leitura dos longos editoriais de cariz político-ideológico. Augusto da Costa, «apóstolo» da Latinidade, o autor do *Crepúsculo dos Deuses* (1933, edição grada ao então recém-instalado salazarismo), reúne em 1923 um conjunto de estudos sobre *Latinidade e Germanismo* que publica em fascículos na «Revista Portuguesa».

Uma questão se poderá colocar a uma primeira abordagem: porquê chamarmos espaço de utopia aos

devaneios teóricos de Augusto da Costa? Na realidade, apesar do cientificismo e da objectividade que o autor pretende inculcar ao seu discurso, trata-se de uma incursão, nem original nem particularmente rica, numa visão utópica de Portugal de que António Sardinha era um dos principais animadores. Em suma, é um ideário que participa de um saudosismo de impérios havidos, mas que obstinadamente se pretende reconstruir no presente-futuro, com base em teorias de um critério algo falível. Adiante. Percorramos as etapas desse labirinto:

Latinidade e Germanismo. Augusto da Costa não nos define com exactidão a Latinidade. Subentende-se, isso sim, que povoa um espaço/tempo/memória que pré-existe e que fundamenta o *Ser* de uma *Raça* (a Raça Latina). Como numa peça clássica, diálogo de confrontos radicalizados e antagónicos, a Latinidade representa genericamente o Bem e o Germanismo, o Mal. A Civilização Latina construíu-se na Perfeição, na Ordem, na Beleza. O Germanismo pressupõe um dos mais negros destinos da humanidade: o individualismo, ao qual se devem os maiores e mais terríveis desatinos (como por exemplo as revoluções contemporâneas, a desobediência, e a indústria — o progresso técnico).

Não nos será difícil prefigurar o cenário: de um lado, as instituições gradas nas Idades Médias (as Cortes, a Monarquia sólida, as Corporações de Ofícios); do outro, a indústria moderna, agitada e preocupante, o operariado, e parlamentarismo, o direito à discordância.

Mais: «O sentido da ordem é especificamente latino». As leituras de António Sardinha assim o indicavam: o latino é uma *pessoa;* o germano é um *indivíduo.* O tomismo legava como herança a categoria de *pessoa* face à qual o espírito da Reforma se insurgiria.

As conclusões surgem com a fluência de quem desdobra verdades feitas. Do panteísmo inato dos germa-

nos deduz-se o pangermanismo: daí a ameaça ao mundo Ocidental e à Latinidade (integrando Portugal, Espanha, França, Itália) face às trevas da Alemanha de Lutero — o «odioso» demónio contra o qual Augusto da Costa tece considerações a rigor.

Em Augusto da Costa a visão da sociedade enquanto todo orgânico é ainda uma herança do darwinismo social de oitocentos: o mercantilismo, o dinheiro, a indústria são factores de corrupção. A Tradição(ões) não se compadece(m) com o liberalismo. Também a questão de uma Opinião Pública: para Augusto da Costa a pretensa periculosidade da imprensa encontra-se na sua desinocência.

Isto é, se por um lado a função do jornal enquanto divulgador privilegiado de notícias, na inóqua e amorfa objectividade do relato puro e simples, caracteriza o período pré-romântico, após a invasão das ideias do «romantismo político», os jornais transformam-se em agentes activos da informação. Daí a possibilidade de perversão da Opinião Pública, totalmente indefinida, mas ávida de directrizes. Nesta teia de raciocínios compreende-se a importância conferida por Augusto da Costa à elite salvadora que conduzisse os destinos do País no sentido da «ordem». Fernando Pessoa é lembrado no estudo que publicara em 1919 sobre, precisamente, «A Opinião Pública». Lembrados são, também, Quirino de Jesus, Ezequiel de Campos (dois seareiros que viriam a aderir ao Estado Novo), Basílio Teles e Ramalho Ortigão.

Mas aonde convergem os sonhos grandiosos aos quais chamámos (porventura indevidamente...) utopia? Sem se referir uma única vez a Mussolini e ao Fascismo, Augusto da Costa delega em Roma e na Latinidade a possibilidade de vingança da Civilização Ocidental. A Cristandade, em jeito de cruzada, redimindo o Mal, espalhando pelos quatro cantos do Mundo o Bem:

«O império universal de Roma, a que se refere a epígrafe dantesca destes ligeiros estudos, se alguma vez foi abalado, está hoje *a refazer as suas forças* (...) Não é, portanto, nem para a Roma dos Césares, nem para a Roma dos Reis que o mundo volta os olhos: é para a Roma do Papa, para a *Collina Vaticana*»[16].

O Papa ocupa, na hierarquia de redentores, um lugar cimeiro: na contenda (imaginária) entre Raças, Deus, enquanto entidade suprema e arbitral, permanece oculto, quase esquecido. Os líderes, mesmo que conferidos de um poder intemporal, têm de ser homens. Quem melhor de que o Papa poderia legitimar a missão da Latinidade?

PONTO FINAL

De um lado a Latinidade. Num outro vector o Modernismo. Ainda um terceiro quadrante: a Tradição (o eterno retorno, por ora destituído do aparato mítico, mas irreverentemente anti-conservantista). A «Revista Portuguesa» tudo concilia e tudo percorre nas suas páginas: Da «Nação Portuguesa» à «Seara Nova», de Dostoievsky a António Sardinha, de Augusto da Costa a Diogo de Macedo. Contradições? Desníveis? Absurdo? Na esteira da inconformidade face a um *status*, harmonizam-se e atenuam-se os choques ideológicos, singram-se trilhos de ousadia ao mesmo tempo que se não abdicam os princípios de valoração nacionalista (ou expansionista). Matriz de uma sociedade insatisfeita, em busca do infinito, do distante e do impessoal a «Revista Portuguesa» reflecte um estado de espírito, pontua na encruzilhada de esperanças e desesperanças que os anos vinte singularmente caudilharam. Talvez que o resultado de uma leitura atenta nos forneça pontos de referência epocais úteis para o estudo da mentalidade, dos hábitos, dos sonhos, dos preconceitos, das

condutas, da sensibilidade, do gosto. Assim sendo encontra-se legitimada uma reedição. Melhor: quantas reedições de tantas outras revistas, panfletos, obras de vária ordem, poderiam, tal puzzle esfíngico mas aliciante, devolver-nos memórias gastas, mitos, fragmentos de ideologia de uma contemporaneidade que permanece reclusa, apesar do esforço de a vivificar, de a intuir? Estas páginas, de uma revista cujo espaço de existência não transcende os seis meses, valem como testemunhos, apenas e unicamente. Leiamo-las. Apreciemos os desenhos de um Stuart, de um Diogo de Macedo, de um António Soares, de um Cristiano Cruz (alguns bem pouco conhecidos). Memórias. Fragmentos. Ritos. Do átrio dos anos vinte para estes anos oitenta, afinal tão perto.

NOTAS

(1) Carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues de 4-8-1923 in *Cartas de Fernando Pessoa e Armando Côrtes Rodrigues*, Lisboa, 1944, p. 82.
(2) «Contemporânea», nº 7, p. 6.
(3) Mário Domingues, «Exposições de Arte/A exposição de pintura Teles Machado» in *Revista Portuguesa,* 24 de Março de 1923, p. 24.
(4) Álvaro Maia, «Revista das Revistas/"Contemporânea" - número 7 » in *Revista Portuguesa,* 7 de Abril de 1923, p. 20.
(5) António Sérgio, «Revistas Portuguesas» in *Seara Nova,* 1923, p. 216.
(6) Mário Domingues, «Exposições de Arte» in *Revista Portuguesa,* 12 de Maio de 1923, p. 32.
(7) Henrique Roldão, «O Cinema/Breve análise da fita "O Primo Basílio"», in *Revista Portuguesa,* 24 de Março de 1923, p. 12.
(8) *Idem, op. cit.,* p. 13.
(9) Augusto d'Ésaguy, «Os Teatros/O que será a Crítica da "Revista Portuguesa"» in *Revista Portuguesa,* 17 de Março de 1923, p. 21.
(10) Diogo de Macedo «Vida artística parisiense» in *Revista Portuguesa* de 25 de Agosto de 1923, p. 28.
(11) *Idem, op. cit.,* p. 26.
(12) Fernando Pessoa entrevistado pela *Revista Portuguesa* (13 de Outubro de 1923, p. 21).
(13) Correia Marques, «Vida Internacional/O que é o imperialismo — Nações imperialistas — O problema demográfico europeu» in *Revista Portuguesa,* 12 de Maio de 1923, p. 16.
(14) Diogo de Macedo, «Vida Artística Parisiense/A abertura dos "Salons" oficiais — O que é o novo grupo de Arte — "La Jeune Peinture Française"», in *Revista Portuguesa,* 28 de Abril de 1923, p. 5.
(15) *Idem, op. cit.,* p. 9.
(16) Augusto da Costa, «Latinidade e Germanismo/Roma e a Latinidade» in *Revista Portuguesa,* 25 de Agosto de 1923, p. 8.

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR

VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA DE ARTE, SPORT, TEATRO, MUSICA, VIDA ESTRANGEIRA.

SVMARIO

DESENHO de Antonio Soares; REVISTA PORTUGUESA, por V. F.; A ENTREVISTA DA SEMANA, por José Dias Sancho; EXPOSIÇÕES DE ARTE, por Victor Falcão; VIDA INTELECTUAL ESTRANGEIRA, por José de Bragança; MUSICA, por Ivo Cruz; OS THEATROS, por Americo Durão; SPORTS, por Francisco Telles

Assinaturas: serie de 4 numeros, 4 escudos. Avulso, 1 escudo—Edição e propriedade do director—Oficinas tipograficas, Rua do Mundo, 116—Escritorios, Rua Nova do Almada, 46, s|loja

Sabado
10 de Março de 1923

Croquis de Ant. Soares

"Revista Portuguesa"

Esta revista tem um programa. E' preciso que o publico se convença, de uma vez para sempre, de que ser novo não quer dizer—ser leviano.

A literatura e a arte atravessam em Portugal um espantoso periodo de estagnação. Era uma vergonha! A falta de originalidade, a incompreensão do espirito da epoca, o mercantilismo sordido—exibiam-se indecorosamente em todas as chamadas manifestações intelectuais. A Europa civilizada estava para nós nos confins do mundo. Mas surgem em Portugal três homens, predestinados para a gloria, e esses três homens salvam-nos heroicamente da escravidão.

Chamavam-se esses homens—Santa Rita-Pintor, Mario de Sá-Carneiro, Amadeu de Sousa Cardoso. Foram eles os primeiros a prégar a guerra santa contra a rotina e a miseria da vida intelectual portuguesa. Foram eles que nos mostraram a Verdade, ensinando-nos que a vida é acção continua e que a unica força transformadora das sociedades é a força transformadora das ideias. A geração actual ignora quanto reconhecimento deve aos três grandes herois da nossa independencia mental, levados pela morte em plena juventude!

Os seus amigos podem dizer hoje:—Avizinhamo-nos da vitoria. Vamos obtê-la galhardamente. Nunca solicitámos piedade a ninguem. Nunca subornámos ninguem. Vencemos pela inteligencia e pela confiança em nós proprios. Gritavamos: Arte quer dizer—vertigem da beleza. Sorriam. Diziamos: a Beleza é eterna —mas as suas manifestações são variaveis. Gargalhavam. E nós então compreendemos que era preciso destruir os idolos para que a luz entrasse no espirito

dos fanaticos. E temos destruido os idolos. E por isso nos avizinhamos da vitoria.

A vitoria impõe-nos, porêm, obrigações. *Destruir* o inutil e o pernicioso é conveniente. Mas é preciso em seguida *construir*, porque a humanidade não se civiliza contemplando a ruina das ideias... As ideias são como os edificios—precisam de alicerces. Já que encontrámos terreno firme, sejamos bons arquitectos. Aquilo a que em Portugal chamam impropriamente *modernismo*, chama-se exactamente—*renovação*. Renovação na arte, na literatura, na vida social, para que a vida social, a literatura e a arte, sejam de hoje e sejam por conseguinte a verdade. Explicar em que consiste essa renovação e como ela pode ser realizada não é só uma necessidade—é um dever nosso.

Esse dever cumpri-lo-há a *Revista Portuguesa*, dentro das possibilidades dos seus colaboradores. E cumpri-lo-há com galhardia e com sinceridade. A *Revista Portuguesa* completará, pela critica e pela divulgação de ideias, a obra de documentação intelectual e artistica que está realizando a *Contemporanea*. Os colaboradores da *Revista Portuguesa* não têm a petulancia de constituir um grupo homogeneo e disciplinado, obedecendo a vozes de comando. As afinidades espirituais que os juntaram a todos nestas paginas não lhes restringem a autonomia mental. Fica isto dito, de uma vez para sempre.

V. F.

Ler no proximo numero:

"VIDA SOCIAL PORTUGUESA"

por Corrêa da Costa

A entrevista desta semana

José Pacheco fala da exposição dos artistas "novos" em Madrid

José Pacheco é uma figura curiosa.

Faz lembrar certos desenhos de Lautrec. Há na sua máscara a moldagem de toda uma vida dispersa pelos cenáculos de Artistas, pelas exposições de pintura, pelos *ateliers*, pelos jornais...

José Pacheco chega a ser uma espécie de cartão de visita desta Lisboa intelectual para todo o Artista que chega. E' um marco, uma *étape*, no caminho ingreme que todos têm que ascender para atingir um pouco daquele ideal que vive em todos os corações moços,— a Glória.

José Pacheco é, acima de tudo, um sonhador,—alguem que ergue bem alto os seus sonhos para melhor sentir a dificuldade em atingi-los.

Assim, nós o vemos á frente de todas as iniciativas, —porta-estandarte de todas as ideias novas na escalada d'esses lendários castelos da Arte, onde há tesoiros eternamente escondidos, e mistérios que ficarão sempre por desvendar.

As suas realisações são grandes, —mas a sua ambição é maior, todavia.

A moderna geração de Artistas muito lhe deve,— desde as consagrações que tantos nomes têm ilustrado, até ao magnifico esforço da *Contemporanea* que foi, em Portugal, uma verdadeira revelação gráfica e nos atirou, com um impulso, de repente, para a vanguarda da Europa.

José Pacheco pensa realizar em Madrid uma grande Exposição, onde concorram apenas os Artistas Novos de Portugal.

E' ele que no-lo diz, calmamente, sem estremecimentos de retórica, seguro da realização do seu objectivo:

—A *Contemporanea* acaba de convidar um numeroso grupo de Artistas para que eles concorram á Exposição que a mesma revista tenciona inaugurar no mês de Maio, em Lisboa.

Está organizada uma comissão para cuidar deste certamen tendo sido essa comissão que tudo tem feito e não eu, como V. parece supôr.

Constituem-na os meus queridos amigos Vitor Falcão, Balha e Melo, Ruy Vaz e Antonio de Monsanto.

Foram convidados pintores, escultores e arquitectos. Os poetas e os prosadores tomarão parte tambem nesse grande movimento, lendo em publico composições suas e os musicos prestar-nos-hão igualmente o seu concurso, executando e fazendo executar trechos selectos das suas partituras.

Ficámos maravilhados com o belo plano de José Pacheco. Aplaudimo-lo sem reservas. E uma pregunta nos surgiu:

—Quando se realiza, então, o certamen de Madrid?

—Logo em seguida. E, se não puder tomar ahi toda a extensão que tomará em Lisboa, será, no emtanto, duma realização muito semelhante.

—Ouvi porém falar, vagamente, em S. Sebastian...

—Sim. Penso abrir no mês de Setembro em San Sebastian uma Exposição identica, pois é na temporada que melhor o posso fazer, pondo, assim, em contacto com os amadores de Arte franceses e mesmo espanhois que para ahi vão passar a estação calmosa, os nossos Artistas.

Trocaram-se considerações várias ácerca da nossa Arte Portuguesa tão ignorada por todo o mundo, tendo nós, de resto, Artistas de invulgar brilho, de aptidões excepcionais, de cultura vastissima.

Em nós radicou-se mais a esperança no esforço da Moderna Geração. E, porque se falou em Moderna Ge-

ração, veiu para a conversa o célebre, o decantado caso da Sociedade Nacional de Belas Artes.

—Vamos aproveitar esta demonstração dos valores novos para pedirmos ao ministro da Instrução uma sindicancia á Sociedade Nacional de Belas Artes, pois ela falseou os seus Estatutos, e portanto a razão com que o Estado a criou.

Quer o Estado intervenha ou não, nós estamos resolvidos a tomar conta das Belas Artes, a bem ou a mal!

José Pacheco excita-se. Fala da obra já realizada por tantos recusada, e de certos nomes de criaturas que nada produziram em Arte e lá troneiam hoje a sua pedantice. José Pacheco traçou um caminho, e afirma-nos que o levará ao fim, sem hesitação.

O diálogo serenou:

—Há um terreno anexo á Sociedade que ela já deixou perder, por incuria, mas reputo facil obter-se um decreto que exproprie esse terreno em beneficio da Arte Portuguesa. Nós teriamos então oportunidade para construirmos uma Sala de Festas, donde conseguiriamos fazer um vasto centro de cultura nacional.

Estou convencido, mais do que nunca, de que compete aos Artistas Portugueses a missão alta de orientarem a Sociedade Portuguesa. A Arte é o que marca, atravez a Historia, a Civilisação dos povos, mais do que qualquer outra manifestação humana. Dedicar-mo-nos á Arte, é trabalharmos pelo imortal nome de Portugal!

Despedimo-nos de José Pacheco, com um abraço. Respeitamos sempre muito todos os que têm um ideal nobre e que dele sabem fazer o escudo da sua vida.

José Dias-Sancho

A "REVISTA PORTUGUESA" publicará, no proximo numero, um desenho de BERNARDO MARQUES

Exposições de Arte

A exposição de pintura Carlos Porfirio

A exposição de pintura que o sr. Carlos Porfirio realizou no salão da «Ilustração Portuguesa» foi mais uma bofetada possante aplicada nas bochêchas dos imbecis que garantem a esterilidade dos artistas novos. Não incôrro no desacêrto de afirmar aqui, com ar dogmático, que essa exposição me revelou um pintor de génio, desses que, de século a século, surgem na terra a mostrar-nos quanto póde a graça de Deus. Na tarefa que me foi atribuida não está incluida a obrigação de falsear a verdade pelo exagêro ridiculo das qualidades que eu surpreenda nos artistas escolhidos por mim. O sr. Carlos Porfirio é, por temperamento, um pintor e um pintor sensivel aos encantos da Natureza. Possue, por conseguinte, uma grande superioridade sobre a maior parte dos individuos que passam a vida a bisnagar com tintas de côr as telas inocentes que lhes caem nas mãos. Mas, além d'isso, o sr. Carlos Porfirio é um artista sincero, consciente, que não tenta mascarar as naturais hesitações da sua técnica e que, longe de fugir das dificuldades, procura anciosamente compreendê-las e resolvê-las.

Bastava esta circunstancia, que se tornou inacessivel á perspicácia esporádica dos criticos oficiais, para eu me sentir impelido a reconhecer em publico a confiança que me inspira a obra nascente do sr. Carlos Porfirio. Porque a qualidade que eu busco mais anciosamente no artista, aquela que eu considero essencial na formação da sua personalidade, é exactamente a sinceridade conduzida até ao sacrificio dos interesses materiais. Não é dificil a um homem que tenha a intuição do que é o contraste das côres e que

possa amarfanhar o carácter até ao ponto de transigir com as predilecções picturais do nosso publico, grangear num instante aquela popularidade insignificativa mas barulhenta que em Portugal se chama a consagração. Mas não possuindo a maioria das creaturas que por snobismo mercam quadros e estatuetas nas exposições de arte, a noção mais comesinha do que constitue a beleza, que valôr estimativo póde ter o seu aplauso ou o seu incitamento?

A arte nunca póde provir de um espirito mercantil, assediado pelo micróbio do interesse monetário. A arte não é consentanea com o servilismo individual, que só é capaz de facilitar confôrtos e regalos corpóreos, imprescindiveis para os proselitos da vida animal. A arte não é uma coisa que se faça por obrigação, a horas certas, sistemáticamente, como quem dá colheradas de *Xarope Famel* a uma creança que tem tosse convulsa. A arte é incompativel com o profissionalismo, se o profissional não fôr nitidamente probo, se não fôr intransigentemente artista, se não tiver um ideal superior de beleza, se não trabalhar com a preocupação exclusiva de agradar á sua sensibilidade. Quando um pintor ou um escultor, por exemplo, transige com o publico, sacrificando a inspiração, atrofiando a técnica, mutilando a originalidade, adaptando a sua obra á mentalidade estreita dos compradores prováveis, não merece o titulo de artista porque não passa de um mercenário torpe e desprezivel.

O verdadeiro artista não é só aquele que *realiza* uma obra de arte—é tambem aquele que *tenta* frenéticamente realizá-la. O homem digno do brasão de artista não esconde nunca a sua alma, aparece sempre sem disfarces na faceta mais recondita da sua obra. Pedir-lhe que domine o temperamento, que domestique a visão, que metodise as faculdades creadoras, é pedir o impossivel e é ser estupido porque o artista tem de ser espontaneo e a espontaneidade não póde ser regulamentada. Eu pasmo da desfaçatez com que, em Portugal, se aconselha um artista a deformar a sua personalidade, só para que ela se mostre normal

e vulgar. Eu não percebo como há ainda «criticos» capazes de supôr que a arte obedece a normas rigidas, imutáveis, insusceptiveis de desvios e que aqueles que a cultivam devem ser escravos submissos dessas normas até ao extremo de esquecerem que todo o ser humano tem a missão de crear, renovar, tornar melhor aquilo que a civilização dos seus antepassados lhe fez conhecer.

* * *

Nunca tive ensejo de vêr como trabalha o sr. Carlos Porfirio. Mas creio que não sendo ele, como não é, um fenómeno fisiológico, deve pintar instintivamente como todos os pintores que não consideram a arte um entretenimento. O sr. Carlos Porfirio é caracteristicamente um paizagista e, como tal, a sua receptibilidade visual há de preferir aquilo que no campo se encontra isento de monotomia e de regularidade. A natureza ostenta uma multiplicidade incomensurável de aspectos, mas nem todos os aspectos da Natureza são susceptiveis de interessar a retina de um pintor capaz de sentir o belo em toda a sua pureza ou o grandioso em toda a sua pujança. Posto em frente de um horizonte distante que lhe proporcione um ambito de observação mais ou menos largo, o pintor póde sentir ou não sentir o impulso de transmitir á tela o que os seus olhos apreenderam. Se o impulso se manifesta, a obra de arte nasce de repente, imponente, verdadeira, impressionante, arrebatadora, porque o artista põe nela toda a sua alma e a sua alma vibra de lez-a-lez com a intensidade e o frenesi de um clarim gritando a vitória. E então não lhe coarctem a expansão do temperamento, não lhe restrinjam a emotividade, não lhe imponham a técnica dos outros e deixem-o interpretar, a seu modo, o que ele vê, o que ele sente, o que ele advinha... Porque, se esse pintor fôr um artista, a sua obra, mesmo imperfeita de técnica, nunca poderá ser nem mesquinha nem inutil.

Nos quadros que o sr. Carlos Porfirio submeteu ao exame da critica e á curiosidade do publico não existe nada, absolutamente nada, que tenha laivos de ba-

nal, nada, absolutamente nada que nos provoque o tédio. E' evidente que nem todas as telas expostas revelam, na execução, a segurança e a firmeza que os pintores costumam oferecer aos trabalhos que consideram definitivos. Há, certamente, entre esses trabalhos, muitos que não representam mais do que estudos curiosos feitos pelo artista, em momentos felizes, para documentar os progressos da sua técnica desprendida de influencias estranhas. Em alguns quadros é mesmo transparente a rapidez do apontamento, mas isso não diminue a significação pictural que é marcada, quási sempre, com desembaraço e com inteligencia. Longe de censurar o artista por não haver feito uma selecção rigorosa dos seus trabalhos, eu entendo que devo felicitá-lo pelo desassombro com que os apresenta a todos. A selecção só póde ser exigida aos artistas em plena fórma, senhores de uma larga experiencia, com a responsabilidade da consagração. Os artistas novos não têm o direito de nos ocultar as suas obras, sejam elas quais fôrem, porque, se eles tiverem talento, até as obras inacabadas ou parcialmente defeituosas nos podem fazer presentir a pujança das suas qualidades.

Creio que o sr. Carlos Porfirio nunca saiu de Portugal ou, se saiu, não teve ensejo de pôr em contacto a sua retina com as obras dos grandes mestres da pintura. Desse facto derivou para a sua arte a vantagem de a fazer muito pessoal e a desvantagem de a restringir nas suas possibilidades instintivas. Ora o artista, mórmente aquele que revela a ancia da *recherche*, não póde prescindir da contemplação e da análise rigorosa das obras primas de todos os tempos. Dessa contemplação e dessa análise resulta sempre uma série de conhecimentos que demarcam a expansibilidade da técnica dos artistas supremos. Possuir esses conhecimentos é saber exactamente onde se está, onde se esteve e onde se póde estar. A intuição, o instinto, o temperamento, são essenciais em todos os creadores de beleza. Mas a cultura intelectiva e a educação visual são o complemento das qualidades naturais e

formam a consciencia do artista. E' claro que o génio dispensa completamente todos esses requisitos porque tudo póde crear e subordinar á sua vontade sobrehumana. Mas os homens de génio fazem raras vezes a sua aparição na terra, justamente para que a humanidade tenha uma ideia bem nitida de como é quási inatingivel a perfeição!

* * *

Entre os quadros expostos pelo sr. Carlos Porfirio há alguns que, pelo equilibrio da composição e pelo arranjo colorista (obtido sem comprometer a veracidade objectiva) o colocam já, sem favôr, a par dos mais seguros pintores da geração nova. Não lhes cito os numeros, porque não tenho o catálogo á vista. Mas posso dizer que são aspectos de S. Braz de Alportel, e que os mais interessantes, como revelação de uma certa audácia técnica, são aqueles em que o artista consegue, pintando de baixo para cima, sem sacrificar nenhum dos planos sucessivos, fazer-nos ascender visualmente ao cume de certas montanhas vizinhas do céu. Nessas telas, duas ou três, se não estou em êrro, denota o sr. Carlos Porfirio, no colorido, uma intenção de sobriedade que não é vulgar nos pintores da nossa terra. Para ter essa intenção é preciso saber o que é a sintese em pintura e quem sabe, ou quem adivinha, o que é a sintese em pintura, não é, não póde ser um mediocre sob o ponto de vista intelectual.

Expôz tambem o sr. Carlos Porfirio algumas telas com aspectos dos mercados lisboetas, bastante decorativas e realizadas com uma evidente preocupação de delicadeza e de frescôr. Esses trabalhos, que não são ninharias, interessam-me, todavia, muito menos que as suas paizagens do Algarve. E' nelas que o artista revela o maior numero das suas qualidades, certamente porque, sendo paizagista e algarvio, nelas está á vontade o seu temperamento. Interessar-me-ia mesmo conhecer a maneira como o sr. Carlos Porfirio interpretará picturalmente a paizagem minhota, tão diferente daquela que ele tem pintado até aqui, ou a paizagem em que a neve é o grande motivo decorativo

até pelas estranhas *nuances* atmosféricas que produz. Submetendo a todas as provas as suas faculdades, o sr. Carlos Porfirio só dará relêvo á sua personalidade de artista, já claramente definida. E tão claramente definida que não hesito em considerá-lo o unico rival sério que póde vir a ter, na paizagem, o pintor Eduardo Viana. E' o maior e mais sincero elogio que lhe posso fazer.

Victor Falcão

Vida intelectual estrangeira

"La Garçonne", de Victor Margueritte

O ultimo livro de Victor Margueritte — «La Garçonne», roman de mœures — fez escandalo.

Ou por outra: o escandalo, fizeram-no os inimigos do autor, mais do que o livro por si. Paris, terra de escandalosa vida quotidiana, não se escandalizaria por tão pouco.

As scenas da «Garçonne» não assustam nenhum parisiense nem lhe ensinam nada que ele não saiba já, a que ele não esteja de há muito habituado.

O que foi, então, que escandalisou essa grande maioria da imprensa francesa, a conservadora — a bem pensante?

Aparentemente, o realismo descritivo de certas passagens, aliás de pratica comum na vida e na arte francesa.

Na realidade, o que chocou — a quem chocou — foi uma inedita coragem combativa, o atrevimento de vir

desmacarar em publico a crapulosa vida do «Tout-Paris» politico-mundano, de a surpreender na sua mais intima miseria moral, de a estampar assim dentro do seu quadro autentico, com figuras a saltar de vivas, facilmente reconheciveis através dos nomes levemente *travestis*.

Na vida parisiense, toda a licença é uso e todo o vicio é habito. Um e outro têm mesmo foros de cidade e até o seu quê de bom tom, de *chic*, de elegancia. O que narra a «Garçonne» é o que se diz nas ante-camaras ministeriais, nos salões em voga, nos intervalos das *générales*.

Mas diz-se. Não se escreve.

Um tacito preceito de hipocrita higiene social assim o estabelece. A vida de alcova de cada parisiense é pasto de *potins* e de *potinières*. Mas ousar escrevê-lo, embora animado a fins generosos, é atentar contra uma noção *sui-generis* de honra do convento, é proceder como um cidadão da Beocia, não como um parisiense.

Tal foi o delito de Victor Margueritte.

* * *

Foi no «Figaro» que Marcel Boulanger, novo *père-la-pudeur*, ressuscitou a voz do falecido Beranger.

Outros jornais transcreveram o brado pudibundo do cronista mundano. Então, a chusma dos mal disfarçados personagens da «Garçonne» rompeu o fogo, de todos os lados. Jogando influencias, clamando contra a publica devassa das suas secretas mazelas, o ministro Pertout e o seu Bloco Nacional, o ex-ministro Hutier, «voyeur» consagrado, a importante nulidade de Barginot, o judeu Plombino, barão do Papa e açambarcador condecorado, Leo, o *mec plus ultra* e a influente Ponette «que a une façon de tendre la main à laquelle les hommes ne resistent pas», todos, emfim, se indignaram no seu pudor ofendido.

E o resultado viu-se.

Não podendo o caso ser levado aos tribunais, arvorou-se a Legião de Honra — gremio dos bravos — em

tribunal de pudicicia: — Victor Margueritte deixará de ostentar a sua «rosette» de oficial.

O resultado, porêm, foi contraproducente. O que quizeram assim condenar, celebrizaram-no. Lançando-lhe o seu *index*, fez-se-lhe o melhor dos reclames, —tornaram-no apetecido. Querendo apagar o escandalo, atiçaram-no, deram-lhe nova vida.

Victor Margueritte com a «Garçonne» deve ter ganho hoje uma fortuna. Só este livro, foi já mais lido que toda a sua obra. E hoje em Paris, nos *faubourgs* mais modestos, toda a gente deve conhecer, sob o disfarce, os nomes que só os iniciados conheciam sem o escandaloso protesto.

Assim, o alcance da obra de demolição viu-se aumentado precisamente por aqueles que quizeram pôr-lhe estôrvo.

* * *

Victor Margueritte não é só um romancista. E' tambem um politico. Deste seu livro, como de toda a sua obra anterior, transparece essa dupla preocupação.

No trato pessoal, Victor Margueritte dá até a impressão mais dum homem publico do que de um artista.

Já na «Historia da guerra de 1870», feita de colaboração com seu irmão Paul, mas sobretudo dos seus livros «La Commune», «Les braves Gens», e «Au bord du gouffre», vão-se desenhando progressivamente as suas preferencias, as suas opiniões.

Não há muitos anos, dirigia ele um jornal, «Le Pays», que sustentava na politica francesa uma atitude dificil, mas corajosa: —defender a politica de Caillaux.

Conheci-o, então, pessoalmente. E do seu trato finissimo, guardo uma recordação que vem a proposito.

Um dia, em que eu juntava no «Savoy» Victor Margueritte, Magalhães Lima e um personagem «bien parisien», uma dessas «honorables crapules» da «Garçonne», recordo-me que se falou de Gaston Calmette

do uso que ele fizera das cartas intimas de Caillaux, áquela que, nessa data, era já sua esposa.

Os leitores recordam-se. Calmette, director do «Figaro», querendo inutilisar o adversario, deu á publicidade, na integra, cartas de Caillaux, escritas no tom da maior intimidade, á futura esposa, esposa de outro por então. Lembram-se do que aconteceu depois: essa senhora foi procurar Calmette, á redacção, e despejou-lhe no corpo as cinco balas dum minusculo revolver.

Victor Margueritte achava bem a desenvoltura da londosa senhora que os tribunais absolveram.

Volvidos anos, é nas mesmas colunas do mesmo «Figaro» que se levanta o grito de indignação contra a satira viva da «Garçonne». Ela serve opiniões politicas tambem, mas ressalva, assim mesmo, um semblante de anonimato aos personagens—pelo menos, aos mais escabrosos.

* * *

Este é o aspecto do caso, como ele se passa em Paris. Entre nós, a «Garçonne» cahiu num momento em que se debate tambem uma certa literatura escandalosa, ambigua de sexo e pobre de intenções, que denota sobretudo muita falta daqueles pequenos testemunhos da masculinidade,—em ambos os sexos.

Apesar do seu titulo ambiguo, «A Garçonne» é, porêm, uma obra forte até a dureza, que desvenda sofrimentos viris até no fundo dum coração de mulher.

A Monique da «Garçonne» é, até certa altura, uma criatura cheia de todos os idealismos puros e sãos, intransigente e recta. Ela serve de pedra de toque a toda a sociedade parisiense, que o autor disseca implacavel de verdade, em paginas que hão-de ficar, para profundas meditações.

E' uma alma generosa e virgem a desabrochar numa sociedade apodrecida até á medula. Um incidente banal abre brecha naquele coração confiado, sensivel e esfacela-o. Depois, é o abandono, ao sabor da vida ambiente, reles e estonteante, sem consola-

ções espirituais nem reconforto, um vacuo de dôr no meio do turbilhão dos prazeres.

O orgulho de Monica, só, a mantem numa aparencia de decisão e de responsabilidade. Na realidade, ela é apenas uma folha desprendida do tronco, num movimento sem ritmo, descompassado e triste.

Em vão procura na maternidade uma razão de ser. A natureza nega-se. E, aos baldões, de *amourette* em *amourette*, Monique conhece, emfim, um apego, sente-se rendida e feliz, ao braço desse admiravel homem—ascestral e eterno—Regis Boisselot.

O seu passado de dissipação depressa perturba o entusiasmo daquele amor, que da carne se enraizára no coração do homem. E, insofrida, Monica troca-o por outro amor: o do tolerante e civilizado Blanchet, que aparece, no fim, sentimental e galante, para que o romance termine bem, á maneira dos romances de Georges Onhet.

Victor Margueritte quiz apresentar uma solução posivel á crise moral da sociedade de hoje. Parece querer-nos convencer de que a mulher ámanhã ha-de tambem entrar no matrimonio experimentada e livre; e que o marido viverá feliz, sem ciumes, sem o sentido de possessão exclusiva, que ele taxa de selvagens.

A tese é atrevida e curiosa. Ela é mesmo uma hipotese cheia de civilização, que em Paris tem um real significado. A natureza humana é que, fora desse ambiente especial, há-de reclamar sempre os seus foros milenarios.

Monique, que o autor nos apresenta como uma fase intermediaria da «Garçonne» de ámanhã, da mulher liberta, não é senão uma fraca mulher,—em tudo e por tudo.

O prazer de se dar ao noivo, sem desejo, para lhe agradar mais completanmente; a indiferença, depois, na escolha do prazer, o poder de ilusão que surge nela a cada nova aventura, tudo isso são afinal—a incuravel e eterna féminidade.

O que é observação e a satira de costumes na «Gar-

çonne», o flagrante episodio dos amores com Boisselet, são o bom da obra.

A contrafacção da psicologia feminina de Monique, que nunca deixa de ser uma adoravel mulher, e o desenlace comodo e absurdo, do casamento com Blanchet, são os seus pontos fracos.

Felizmente, Victor Margueritte não continuou a acção. E' que auguramos mal do futuro de tão ideal *ménage*.

José de Bragança

Musica

Balanço da actividade musical portuguesa

De todas as artes, a musica é, talvez, a mais intensamente cultivada em Portugal.

Como já vai distante o tempo em que a vida musical portuguesa se limitava á ópera em S. Carlos e a meia duzia de concêrtos!

Hoje o nosso meio está revolucionado—a revolução é recente, dez anos apenas—a ponto de se terem realizado cento e vinte concêrtos na ultima temporada artistica.

E note-se bem que neste numero não estão incluidos os concêrtos realizados nas provincias.

Comtudo, isto não me admira, dadas as excepcionais qualidades musicais do nosso povo. O português, depois de poeta, é essencialmente musico. Certo estou que, se a orientação dos nossos musicos fôr puramente artistica e não mercantilista, como por vezes sucede, Portugal nestes quinze anos próximos ocupará um lugar de destaque entre os povos onde a musica não é mito.

A vida musical desenvolve-se de ano para ano vertiginosamente, e assim é que se encontram organizadas duas orquestras sinfónicas em Lisboa e uma no Porto, a Sociedade Nacional de Musica de Camara, e grupos corais em Lisboa, Porto, Condeixa, Coimbra, Caldas da Rainha, Vila do Conde, Guimarães, Faro e Póvoa do Varzim.

Além destas agremiações, temos sociedades de concêrtos em Coimbra, Porto, Lisboa e Evora, estando em organização duas outras em Faro e em Leiria. A nossa principal escola de musica, além dos Conservatórios de Lisboa e do Porto é a *Academia dos Amadores de Musica*, que tantos serviços tem prestado, podendo mesmo dizer-se que foi a precursora dos concêrtos sinfónicos.

Merece menção especial a banda da Guarda Nacional Republicana, dirigida pelo chefe da *Orquestra Sinfónica de Lisboa*, o maestro Fernandes Fão, não só pelo conjunto esplendido com que se apresenta sempre, como tambem pelo facto de ser a escola de instrumentos de sôpro que fornece os melhores elementos para as orquestras.

Hoje interpreta-se inteligentemente autores de todas as *escolas*, desde Rameau até Stravinsky.

Compositores têmo-los de sensibilidade apurada e técnica segura, como M. A. Lima Cruz, Laura Wake Marques, Ruy Coelho, Tomaz Borba, Luiz de Freitas Branco, Tomaz de Lima, Timóteo da Silveira, João Arroyo, Lima Fragoso, Rey Colaço, Armando Leça, Luiz Costa, Oscar da Silva, etc., etc.

Na critica poucos, infelizmente—Alfredo Pinto (Sacavem), Aarão de Lacerda, Dom Modesto, António Arroio, Moreira de Sá e D. Luiz da Cunha Menezes.

E' notável a actividade que as casas editoras Sassetti e Valentim de Carvalho estão desenvolvendo. E' um esfôço louvável sob todos os aspectos e, ao mesmo tempo, sintomático do ressurgimento artistico.

As revistas musicais, tão necessárias em qualquer meio, têm tido vida efémera.

Actualmente publicam-se com regularidade, a *Se-*

mana Musical, dirigida pela musicista muito distinta que é a sr.ª D. Oliva Guerra, a *Revista do Conservatório*, quási ignorada, e a *Vida Musical*.

Como se verifica pelos factos e pelos nomes apontados nesta resenha, o nosso meio não é *pobre*.

Muito se tem feito, mas muito há ainda para fazer. Bom será que os musicos, que tantas vezes se degladiam entre si, em lutas mesquinhas, envidem os seus esforços no sentido duma vida musical cada vez mais intensa.

Ivo Cruz

Movimento musical

Maria Julia da Fonseca

Pelos jornais de Monaco tivémos conhecimento do concêrto em que esta talentosa violoncelista tomou parte, tendo sido a sua colaboração muito apreciada.

Le Petit Monagasque, diz:

«Sous l'expressive direction du Maitre de Chapelle Leon Jein vous eumes tout d'abord d'imposante *Ouverture Solennelle*, de Haendel, puis le melodieux *Andante* de Concert pour violoncelle et orchestre de Dvorach où se revela tout le charme exquix du jeu de Mademoiselle Marie de Fonseca, et pure sonorité.

Cette delicieuse artiste musicienne accomplie est douée d'une virtuosité merveilleuse et d'une rare sensibilité.

Son interpretation de la *Tarentelle de Popper* fut des plus séduisantes, et lui valut un immense succès».

Maria Julia da Fonseca, primeiro prémio em vários concursos realizados em Bruxelas, ocupava na Orquestra Sinfónica Portuguesa uma das ultimas estantes. E' lamentável que os nossos artistas recebam do estrangeiro os aplausos que nós lhes negamos.

Maria Julia da Fonseca, a quem felicitamos pelo exito obtido, encontra-se em Paris, com o fim de rea-

lizar um concêrto, no qual será executada a *Sonata* de piano e violoncelo de Luiz de Freitas Branco.

Tomás Téran

Este grande pianista espanhol, tão intimamente ligado á geração nova dos artistas portugueses, realizou no Porto quatro concêrtos, com grande sucesso, devendo regressar a Lisboa muito brevemente, a fim de continuar a série que se propôz realizar no Teatro Nacional.

Ruy Coelho

Encontra-se entre nós este notável compositor, tendo dado no Rio de Janeiro vários concêrtos.

Segundo nos consta, Ruy Coelho apresentará brevemente, em Lisboa, algumas das suas obras desconhecidas do nosso publico.

CONTEM PORANEA

grande
revista
mensal

Os Teatros

"A Ribeirinha", de F. Lage e J. Correia de Oliveira

Sempre que ao drama histórico o não agite um fundo sôpro de vida resultará empolado, ôco, inferior.

Palavras; palavras e palavras...

E' preciso que um talento poderoso em que passem relampagos de génio anime as figuras e as humanise e lhes dê alma e verdade.

Marcelino Mesquita, o mestre do *Envelhecer*, das *Almas doentes* e dessa graciosa *Peraltas e Sécias*, conseguiu-o no brocado magnifico da *Leonor Teles*. Nessa peça o conflito é profundamente humano, a carne sofre, e em vez de reis podiam tê-lo vivido a gente mais humilde. D'aqui a sua grandeza, a sua sugestão altamente dramática.

A Ribeirinha, que os festejados autores dos *Lobos* carinhosamente ergueram á luz da ribalta com muita honestidade e belo relêvo literário, não.

Surge-nos uma figura curiosa, quási bela, mas que não interessa aos quatro actos do drama..

Evidentemente, nesta peça há muito de bom, e o simples facto dos seus distintos autores conseguirem estender sem desfalecimentos de maior a acção, tão pequena, por quatro longos actos, mostra as suas brilhantes qualidades de homens de teatro.

Esbocemos o entrecho:

O 1.º acto, o menos interessante como teatro e que poderia talvez fácilmente suprimir-se, apresenta-nos a Ribeirinha, amante do rei D. Sancho e tida por feiticeira, de quem toda a gente fala e que endoidece de amôr todos os que se lhe aproximam. Assistimos a um diálogo, em que o valente e galanteador D. Lourenço Viegas aposta beijar-lhe o seio em antes dum ano.

II acto. Morreu D. Sancho. Maria Pais vai deixar voluntáriamente aqueles Paços, que a abafam.

Lourenço Viegas ganhará a aposta. A neve dissolve-se. A Ribeirinha ama. Combinam encontrar-se no caminho, essa noite. Mas o *bobo* ama-a alucinada e humildemente e faz com que ela própria ouça que se apostou sobre o seu corpo, como sobre uma mulher perdida jogada aos dados, numa tavolagem.

Há um instante de luta dentro da Mulher. O orgulho ferido gera o ódio. Vingar-se-há. O *bobo* sente-o, advinha-o, no seu silencio, e trágico e burlesco oferece-se para matar.

A Ribeirinha aceita agora a companhia de seu irmão D. Martim, que pouco antes, feliz no seu amôr, recusara.

III acto. Numa estalagem. A Ribeirinha foi roubada e está ali há oito dias sob a vontade de D. Lourenço Viegas. O estalajadeiro, por um punhado de ouro, traz D. Martim junto dela.

A morte de D. Lourenço resolve-se entre os dois irmãos.

Com palavras de brandura e amôr, D. Maria Pais condu-lo até á sua vingança.

IV acto. D. Lourenço, iludido pela amante, está á mercê dos da Ribeira. Dar-lhe-há o seu nome com alegria. Inutil. Todos dariam a sua vida para salvar a dele. Mas os irmãos não perdôam.

D. Lourenço Viegas morre sereno, belo, orgulhoso, amando-á sempre com a mesma paixão.

Eis rápidamente e mal esboçada a *Ribeirinha.*

E o desempenho?

Os nossos artistas hoje, felizmente, não são os intérpretes desejados para o drama histórico. O teatro moderno é sóbrio, sem grandes gestos retóricos e estilisados. Teatro da vida.

A escola dos comediantes é, e deve justamente ser outra. O Artista deve, antes e acima de tudo, ser profunda e essencialmente humano. O que não fôr isto não é Arte—é artificio mais ou menos brilhante.

Claro que um comediante de excepcionais recursos conseguiria desdobrar-se. E' dificil, porém.

Feitas estas considerações gerais e breves, falemos do desempenho, dentro deste ponto de vista:

Amelia Rey Colaço, admirável actriz de alta comédia, cada vez mais linda, deu-lhe todo o seu belo talento e quiz, tentou emprestar-lhe a sua alma e a sua carne para que a Ribeirinha vivesse da sua própria vida.

Conseguiu-o, por vezes.

Quando descobre a traição e ouve silenciosa o *bobo*, que, trágico e burlesco, se lhe oferece para matar, os seus olhos são duma eloquencia soberba. Depois, na dissimulação, quando o riso se lhe imobilisa na face, já não é uma mulher, é um mármore humanisado.

Esses dois instantes são dos seus momentos mais altos. Saudamo-la.

Robles Monteiro, sóbrio. Bem. Se teve algumas scenas um pouco frias, n'outras foi esplendido.

Gil Ferreira, admirável. Ninguem faria melhor, ninguem hoje, entre nós, o egualaria.

Ribeiro Lopes, Teodoro Santos e Raul de Carvalho, nos seus pequenos papeis, agradaram-nos completamente. Devemos ainda referir-nos a Mário Eloy, Ofelia Broxado, Constança de Navarro e Alda Verdial elogiosamente.

Os scenários e guarda-roupa ricos e de muito bom gosto.

Americo Durão

No proximo numero:

Artigo critico de Rebelo de Bettencourt sobre o livro "O Romance de Amadis" de Afonso Lopes Vieira

Entrevista de José Dias Sancho com JOSÉ DE ALMADA-NEGREIROS

Sports

C. O. P.

Dão-se alviçaras a quem informe, onde, como e para que vive uma colectividade sportiva, presidida pelo senador sr. dr. José Pontes, composta pelos representantes de Federações constituidas, e que dá pelo nome de Comité Olimpico Português.

Foi no passado verão que duas Federações sportivas tomaram a iniciativa da sua indispensavel constituição. Arrefeceu, com o inverno, o entusiasmo do C. O. P.

Não houve mais conhecimento publico das suas reuniões, dos seus projectos. Porquê? E' isso o que preguntamos com interesse.

Recorda-nos bem, que seguidamente á formação do Comité, houve animadas reuniões, algumas delas com assistencia daquele celebre grupo sportivo parlamentar, que, até á data, não percebemos ainda bem para que se formou e o que dele se espera

Ora se isto pouco interessa, o mesmo não sucede com a acção do C. O. P. A VIII Olimpiada far-se-há em Paris, no ano que entra, 1924.

Ainda parece cedo ao C. O. P. para tratar da possivel representação portuguesa?

Estamos em perfeito desacôrdo.

O tempo para a preparação de quaisquer *équipes* é reduzidissimo.

Convidamos o C. O. P. a que desperte.

Convidamos o sr. dr. José Pontes a tomar a sério a presidencia que lhe confiaram. S. Ex.ª será mais util ao paiz empregando a sua actividade na constituição duma decente representação portuguesa na recente Olimpiada, que compondo brilhantes orações no Senado.

Atletismo

Acha-se definitivamente organizada a F. P. S. A. Passou o periodo dificil das Direcções provisorias, de luta contra a rotina e passividade dos proprios interessados.

Graças ao esforço tenaz de dois ou três adeptos sinceros, venceram-se as resistencias.

Dos corpos dirigentes da F. P. S A. fazem parte os apostolos do atletismo, alguns desertores da causa que a ela voltaram como não podia deixar de ser, e ainda alguns novos que se têm salientado pelas suas qualidades.

Não é optimismo esperar, portanto, da acção da Federação, um beneficio sensivel para o atletismo nacional.

Federação de Box

Marcou a F. P. B. para a segunda quinzena de Março os campeonatos regionais de amadores. Fez bem. Veem um pouco tarde, porque fazendo-se no Porto o campeonato regional do Norte, o Nacional far-se-há tardiamente.

Mas antes tarde, que nunca.

Quanto aos amadores, vai a Federação livrar a sua responsabilidade.

Não é isso, porêm, o bastante.

Tem outras questões pendentes, para as quais deve prestar atenção imediata.

Alguns, ditos amadores têm, ultimamente, arranchado com um grupo de profissionais, percorrendo terras e fazendo combates.

Os jornais têm noticiado o caso.

Estranhamos que a F. P. de B. não tenha rapidamente agido, averiguado o caso, e passado para as mãos dos pretensos amadores as suas licenças de profissionais.

Mas não fica por aqui a irregularidade da volta pela provincia.

Entre os profissionais que têm andado a correr

mundo, há alguns que nos parece não terem as suas situações legalizadas pela Federação, por não terem licenças ou por terem anteriormente dado provas bastantes do fragil conceito em que têm as suas dignidades profissionais. Mal fica, portanto, a Federação se não esclarecer o publico sobre tais assuntos. O seu silencio equivale a conformar-se com as irregularidades. Pode custar-lhe caro esse desinteresse. Perde a autoridade para ámanhã proíbir aos promotores de Lisboa a inclusão deste ou daquele homem nos seus programas. Os organizadores apelarão para a moralidade do sapateiro de Braga, e a Federação mete-se numa camisa de onze varas. Passadas as portas da cidade têm os organizadores outro regime?

Esta é uma das consequencias, mas há mais, como é facil conjecturar. Compete á Federação tratar a tempo de as evitar.

A F. P. de B. tem ultimamente sido vitima duma série de ataques, que pouco honram os seus autores. Fez-se um barulho enorme á volta duma carta para o *boxeur* Crespo. Não era caso para isso.

A carta não foi feliz. A sua falha maior: a pouca distancia a que a Federação poz o *boxeur* para lhe responder.

Nada, porêm, que justificasse artigos pretenciosos e contraproducentes.

Isto vem para que os Directores da Federação vejam nas nossas lembranças o unico interesses de os ver marchar bem e por bom caminho.

* * *

Para terminar, uma noticia agradavel para o publico, que ao mesmo tempo marca as boas intenções e os bons serviíos da F. P. de B.

Em Janeiro ultimo o amador francês Saphores, que por iniciativa da Federação, veiu combater o nosso campeão Abel da Cunha, combateu, em Paris, com um pequeno intervalo, Masson e Ferrand, respectivamente, campeão inter-corporações de 1922 e campeão de França dos levissimos, batendo o primeiro e fazendo *match* nulo com o segundo.

Isto prova o valor do homem que Abel da Cunha combateu, com uma vantagem bem marcada, e desmente, decisivamente, a opinião errada de muitos que fizeram o possivel para desvalorizar a vitoria do nosso campeão, atribuindo uma fraca reputação a Saphores. Pois nem um só jornalsinho deu esta noticia, nem mesmo os da especialidade. Quando se trata duma intrigasinha, duma carta, não faltam sentenças. Assim se orienta!

Foot-Ball

Com os desafios de 25 ultimo, desenhou-se a classificação dos clubs da primeira divisão, aquela para que vai a atenção dos muitos entusiastas de *foot-ball*.

O Sporting, batendo os Belenenses, ficou á cabeça com mais um ponto sobre estes. Não foi a vitoria facil, nem justa, porquanto os homens de Belem dominaram, nitidamente, no segundo tempo, passando-se o jogo no campo do Sporting.

De parte a parte o trabalho não foi brilhante. O jogo foi conduzido em força, sem beleza, sem conjunto apreciavel.

Não é provavel que nos jogos que lhe faltam, o Sporting venha a sofrer desastre, e portanto será consagrado campeão, salvo qualquer imprevisto.

O Internacional e o Imperio lutaram pelo penultimo lugar, com ardor.

Tambem neste desafio não ganharam os melhores.

O Internacional jogou mais, mas com menos sorte. Em todos os jogos a sorte é um factor apreciavel, mesmo nos jogos... de pé.

Falhou algumas magnificas oportunidades de marcar, e o segundo *goal* sofrido foi desastroso. Num pontapé de sahida Guimarães não colhe na area a passagem do *back*. Há um momento de indecisão. Um jogador do Imperio, que durante todo desafio se fartou de passar para a esquerda querendo fazer girar a bola para a direita e vice-versa, dá o único pontapé com direcção desta vez.

O facto é que o Imperio ganhando, guardou o seu

lugar na primeira divisão, salvo um resultado improvavel de qualquer dos desafios que faltam.

Tem então o C. I. F. indicado o caminho da segunda divisão, se bem que lhe faltem ainda alguns *matchs*.

O encontro com o vencedor da 2.ª divisão tem interesse.

O Internacional lutará para não ser desalojado, com o mesmo ardor que o seu competidor, que ambiciona instalar-se na 1.ª divisão.

A epoca vai dar, portanto, ainda alguns bons *matchs* e, por ventura, algumas surprezas.

* * *

O domingo passado foi dia da 2.ª divisão. Os homens de Setubal bateram o União, deixando este colocado em ultimo lugar na divisão. O resultado foi 3-1. O jogo nada teve que o recomende especialmente. O melhor ganhou.

Confirmou o Casa Pia o melhor lugar, batendo 2-1 o Carcavelinhos.

Não é provavel que a classificação se altere, até ao fim da epoca, e portanto é quasi certo que o Casa Pia lutará com o Internacional para a entrada na 1.ª Divisão.

Tanto o Casa Pia como o Carcavelinhos não fizeram um jogo de muita harmonia. Houve por vezes dureza em excesso, sobretudo da parte dos homens do Carcavelinhos.

Destes, os melhores foram o *half-centro* e *backs*. Do Casa Pia salientaram-se Pinho e os manos Gralhas.

* * *

Não têm notado os directores da Associação de Foot-ball, o prejuizo que vem para os clubs das arbitragens por parte de individuos desconhecidos e inexperientes?

Ultimamente, nalguns desafios de 1.ªs categorias, têm surgido, de apito em punho, arbitros desconhecidos do publico, e que longe de se afirmarem, tão mal têm feito o seu papel que prejudicam a regularidade do jogo.

Naturalmente, prestaram brilhantes provas nos seus

exames, esses juizes de campo, mas não nos parece deva ser essa prova bastante.

Os noveis juizes deviam fazer as suas provas de campo nos desafios das categorias inferiores.

Quer-nos parecer—salvo o devido respeito—que se assim tem sucedido com alguns que temos visto, nos ultimos tempos, dirigindo 1.as categorias, não os teria a Associação sujeitado ao escarneo do publico, nem teria sujeitado os clubs ás suas incompetentes arbitragens.

Um juiz inexperiente, como um mal intencionado, desmoraliza publico e jogadores. Ele proprio acaba... com cara de réu.

Hockey

No campo das Laranjeiras, do Club Internacional de Foot-ball, realizou-se no sabado 3, um encontro de Hockey entre o *team* daquele club e o do Hockey Club de Portugal.

Trata-se dum jogo velho, mas novo no nosso meio sportivo, indubitavelmente interessante e que merece ser praticado entre nós.

O *team* do C. I. F., formado na sua maioria por elementos que praticaram no estrangeiro o hockey, dominou, nitidamente, o seu adversario.

A primeira parte terminou com um empate de 1 a 1.

Na segunda parte, porêm, o Club das Laranjeiras conseguiu mais 4 *goals*, sendo portanto o resultado 5 a 1.

Do Hockey Club salientou-se o avançado centro Magalhães e o *goal-keeper*, que defendeu com decisão, frequentemente.

No *team* do Internacional brilharam Salvador Asseca, Ramon Padilla, José Verda e José Avilez.

Arbitrou o encontro o distinto *sportmen* M. Barley, que, muito criteriosamente, deixou passar muitas faltas, atendendo á relativa inexperiencia de muitos dos jogadores.

A assistencia muito regular, vendo-se muitas e elegantes senhoras da nossa sociedade.

Do estrangeiro

Foot-Ball

A França anda infeliz na sua epoca internacional. Em S. Sebastian os nossos vizinhos batem-na por 3 a 0. Em 25 passado a Belgica, por sua vez, ganha por 4 a 1.

Com a derrota sofrida em Espanha, os selecionadores do *team* francês parece terem-se convencido que um dos males do seu conjunto provinha da inclusão dos velhos na sua linha. Modificam-na, refrescam-na, com alguns novos. Foi peor a emenda!

E os jornais que, exemplificando com a linha espanhola, pediam novos, atiram-se agora aos selecionadores. Anda com pouca sorte a França.

Os seus resultados anteriores com a Belgica:

1919, empate 2 a 2; 1920, vitoria da França 2 a 1; 1921, vitoria da Belgica 3 a 1; 1922, vitoria da França 2 a 1.

Esta epoca ainda comporta para a França três *matchs* internacionais. Em 1 de Abril, em Amsterdam, encontrará a Holanda; em 23 do mesmo mês, em Paris, a Suiça; em 10 de Maio, a Inglaterra.

Box

Tunney, Harry Greb e Tom Gibbons disputaram, há tempo, entre si, o titulo de campeão da America meios-pesados. Harry Greb afirmou-se o melhor.

G. Tunney, porêm, vem de o bater em 15 *rounds*, conquistando assim o titulo.

O combate, ainda que vivamente disputado, parece não ter decorrido a contento de todos.

Parte do publico discutiu a decisão.

O arbitro queixou-se das faltas de Greb, que no seu entender contribuiram para a vitoria de Tunney.

* * *

Para o titulo «pesos levissimos» inglês, Bugler Lake, bateu, ultimamente, em Londres, Harrisson, ganhando situltaneamente o cinto de Lord Lonsdale.

A partir do 3.º *round* Lake dominou com clareza, não deixando portanto duvidas a decisão.

* * *

O campeão europeu, categoria «minimos», da I. B. U., o belga Montreuil, oposto ao veterano Ledoux, fez um combate honroso, mas conseguiu desfazer-se do *handicap* do peso e da classe, e abandonou ao 10.º *round*.

* * *

No joven Mascart têm, indiscutivelmente, os franceses um pugilista de extraordinario merito, possivelmente um digno sucessor de Criqui. A sua ultima vitoria sobre o inglês Bill Handley, em 6 *rounds*, afirma-o, como se não fôsse bastante a decisão sobre Wyns.

Esta ultima vitima do pequeno Mascart, é um dos melhores ingleses do seu peso, que, ultimamente numa boa forma, foi batido apenas por Danny Frush e Mc Adam, as estrelas inglesas da categoria.

O nome do vencido é suficiente elogio do vencedor.

* * *

Talvez estimulado pelo abandono a que o votou o congresso da I. B. U., J. Wilde resolveu aceitar uma proposta de Rourke e pôr o seu titulo em jogo ainda este ano, em New York.

Será seu adversario Frankie Gennaro, que recentemente bateu Pancho Villa, aos pontos, em 15 *rounds*, conquistando assim o titulo americano e o direito de combater Wilde para o titulo mundial.

Francisco Teles

No proximo numero:

Artigo de Carlos Oscar da Silva com o titulo

"O BOX — O MOMENTO ACTUAL NA EUROPA"

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR

VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA DE ARTE, SPORT, TEATRO, MUSICA, VIDA ESTRANGEIRA.

SVMARIO

DESENHO, por Bernardo Marques; VIDA SOCIAL PORTUGUESA, por Corrêa da Costa; DOS NOVOS LIVROS, por Rebello de Bettencourt; A ENTREVISTA DESTA SEMANA, por José Dias Sancho; EXPOSIÇÕES DE ARTE, por Mario Domingues; AS CONFERENCIAS DA SEMANA, por Eduardo Frias; OS TEATROS, por Augusto de Esaguy; MUSICA, por Ivo Cruz; SPORTS, por Oscar da Silva e Francisco Telles

Publica-se aos sabados—Assinaturas: serie de 4 numeros, 4 escudos. Avulso, 1 escudo—Edição e propriedade de V. Falcão—Oficinas tipograficas, Rua do Mundo, 116—Escritorios, Rua Nova do Almada, 46, sjloja

Sabado
17 de Março de 1923

Croquis de Bernardo Marques

Da vida social portuguesa

Boletim Semanal

As condições da vida portuguesa contemporanea são fundamentalmente dispersivas, pela acção dissolvente do meio e pela propaganda contínua contra aquilo a que podemos chamar com lógica «a nossa atitude nacional». Não agindo por nós e sofrendo sempre o reflexo de ideias dominantes ou de factos orientadores, o meio português é um campo experimental péssimo pelas condições de adaptação e de deletéria continuidade.

Se quizermos fazer uma rápida análise aos caracteres mais definidos da nossa vida contemporanea, encontramos logo no campo social um mau sintoma, a anulação completa das *élites*. As *élites* foram sempre o espirito estratégico das sociedades perfeitas, pois que elas são o mais completo e formal sentido de ordem social. Mercê de circunstancias económicas encontramos no meio português uma quási anarquia de condições representativas, raros, rarissimos sendo aqueles que reagindo por si conseguem manter na sociedade uma independencia suficientemente orgulhosa, onde as suas condições sociais se impõem. A baixa burguezia, o comércio, a industria, mesclados e comparticipando em negócios com a aristocracia e com o povo, amalgamaram e inutilizaram o sentido hierárquico da sociedade portuguesa. Económicamente sofremos como todos os povos europeus, uma oscilação contínua nas condições de vida económica. Politicamente, a luta de pessoalismos continua a inutilizar a luta politica de ideias e programas partidários, e esse sentido da pulverização dos partidos e dos elementos de valôr politico, vem deste diptico que, perante a

3

lógica, definiu e define de outra maneira o sentido social da politica—referimo-nos á aliança dos politicos com os argentários.

O apoz-guerra só agora se reflecte cabalmente nas condições da nossa vida social. Perdidos quási todos os sintomas do nosso nacionalismo, postergados os mais altos expoentes da nossa lusitaneidade, quer no campo social quer no artistico, nós tinhamos que chegar ao átrio da mais horrivel das condições nacionais —ao desequilibrio das classes. Mais do que nunca campeia um individualismo feroz, que se sobrepõe aos grupos e aos meios sociais, e d'ahi necessáriamente um desequilibrio social quási semelhante a um aspecto oligárquico e a um aspecto ditatorial.

Auscultando, no entanto, a directriz do nosso sentido português, vêmos para além do nosso erro presente uma oportunidade de redempção e salvação.

A renascença, agora méramente espiritual, dá-se nas almas e nos espiritos cultos. Como George Valois afirma no seu admirável livro *La reconstruction économique de l'Europe*, «nous ne sommes pas en décadence; nous sommes au seuil d'une renaissance».

Essa renascença tem a sua filiação sobretudo na maneira como os espiritos bem nascidos reagem contra o meio. E na verdade, focando a comédia burlesca da nossa vida contemporanea, qual não é a clara inteligencia, qual não é o alto ou o relativo orgulho mental que não reagem contra a anarquia social e a subalternidade de cultura e de gôsto artistico?

A lei económica Gresham,—de que a má moeda expulsa a boa moeda, tem a sua mais completa exemplificação no nosso campo mental. As letras portuguesas, ou mais genéricamente, a arte portuguesa oscila entre dois pontos—uma negação de espirito creador que se revela por um culto da fórma plastica e ritmica e decadentismos sepultados na mentira do século XIX (é interessante vêr o que a este respeito diz Leon Daudet no *Estupido século XIX*)—e um sentido de afirmação nacionalista, quer na linguagem quer nos motivos emocionais e creadores. Nos ultimos mezes, a litera-

4

tura portuguesa ou desce aos decadentismos mórbidos ou se exalta num alto sentido de afirmação lusiada. Entre estes dois campos há ainda margem a que uma turba-multa acéfala e subalterna, dia a dia, semana a semana, encha as montras dos livreiros com a mais completa documentação de incompetencia que é justo esperar. Femininamente a anarquia, então, toma um aspecto de pavôr e toda a neurastenizante scisma das senhoras portuguesas é hoje editada com a complacencia do bulicio do Chiado, dando ao sentido anárquico do meio artistico um aspecto mórbido e mais do que tudo patológico e inquietante.

O espirito creador, entre nos, está quási moribundo. A literatura de ideias, a literatura dignamente chamada portuguesa pelo sentido lusitano que a reveste, raramente surge. E porque sucede assim?

O homem de letras, na generalidade o artista português não tem independencia mental e não possue na sociedade a categoria que as condições do seu valôr tornam superiores. D'ahi a incompreensão do meio perante o artista, e o artista vivendo ausente do próprio meio, que não o acarinha e compreende, além de lhe não facultar meios de sobrevivencia material.

Reagindo, lutando por si, nós auscultamos em Portugal, um sentido de lusitaneidade, um alto sintoma de renascença nos espiritos e nas almas. Será essa renascença uma aspiração ideal, ou tem ela razão de ser?

* * *

A maior e a mais alta das dificuldades mentais e morais consiste hoje em saber ser português, independentemente e nobremente português, perante as sugestões do meio e perante a cavalgada duende dos interesses e das vaidades mundanas que avassalaram, por completo, as condições sociais do Paiz. No entanto é justo esperar um sentido de renascença, pois nunca se desbravou tanto terreno no campo da cultura humanista, de estudo folk-lorico, des estudos criticos e de afirmação portuguesa. Dizer-se que Portugal está renascente é um paradoxo elegante? Pelo contrário, do

incendio faúlhante em que se desvairam as más ideias e os homens tresloucados, uma tranquilidade há de vir aos espíritos, um socêgo confortante há de nascer para os homens e para o mundo. Até que as condições de futuro se definam é justo, no entanto, reagir contra o que campeia no bulicio da nossa vida contemporanea. Reagir como? Trabalhando para um cada vez mais completo sentido de afirmação.

Isolando-se num alto desejo de afirmação toda a inteligencia frágil se fortifica e reanima, o mesmo fenómeno se dando genéricamente nas sociedades doentes ou mórbidas. A vida portuguesa oscila, mais além parece vacilar, reanima-se, emfim, para o nosso exemplo, atravessa um periodo de instabilidade e de infixação. Perante um espirito frágil, a turba-multa das vaidades, dos interesses, a moral do século XX apavora e entristece a inteligencia que confia cégamente no meio para o seu trabalho sereno. O artista, o homem superior tem sempre que lutar com o meio, sendo a luta o seu mais belo triunfo de acção e de energia individuais.

Se um sentido de anarquia social e mental se infiltrou na vida portuguesa confiemos nos exemplos da História e no sentido afirmativo da nossa raça. A sociedade foi sempre produto da vontade dos homens e o ilustre professor Leon Duguit concorda neste ponto com as minhas conclusões, afirmando que «a sociedade não existe porque os homens queiram viver em comum, mas sim porque os homens viveram sempre em comum, visto não poderem viver de outro modo».

O maior cautério a aplicar ao organismo—sociedade portuguesa é uma reacção cada vez maior contra a cavalgada dos vicios e contra o predominio soez dos egualitarismos egoistas; contra um individualismo que nada traduz nas condições da vida moral contemporanea. A's lutas cada vez maiores dos homens e das ideias é licito sobrepôr o interesse de salvação, por isso as conclusões que tiramos do oscilante meio português são o crédito e a certeza absoluta no renascimento espiritual e nacional das nossas condições

6

de vida. O tufão destruidor, o egoismo que soezmente envaidece e perturba a humanidade, há de passar; e cada vez, cada vez mais a segurança na própria inteligencia e na própria fé serão a garantia absoluta dos destinos da grei.

Não é paradoxo, pois, afirmar que o Portugal decadente de hoje, será, em breve, o Portugal renascente, que nós já auscultamos nos espiritos bem nascidos.

Corrêa da Costa

Dos novos livros

"O Romance de Amadis", por Affonso Lopes Vieira

Já uma vez o escrevi: — os livros de Afonso Lopes Vieira não se leem, ouvem-se. As suas palavras são vozes postas em ritmo, num ritmo prolongado e estranho que não morre, porque até as vozes mortas e distantes acordam e falam de novo na voz emocionada e quente do Poeta. Afonso Lopes Vieira ouve e entende num buzio marinho, a linguagem marulhenta e salgada do avô Oceano... Como num buzio encantado, nós ouvimos nas suas palavras ritmadas não só a voz do mar, mas tambem as vozes da paisagem e do povo. E o povo, a paisagem e o mar — dentro do mesmo ritmo de misterio, confundindo as suas vozes numa só voz — debruçam-se e entram nas palavras de Lopes Vieira, cantando a sua dôr e chorando o seu amor — porque nós sabemos gosar a dôr do amor e gostamos de sofrer o amor da dôr. Porque se ouve ouvindo-nos a nós proprios — é que Afonso Lopes Vieira é o nosso maior lirico, e o mais completo — porque põe tambem nos seus ritmos a voz do mar e da paisagem que nos ensinam a falar...

7

Os livros de Afonso Lopes Vieira não se leem: — ouvem-se. As suas palavras são vozes postas em ritmo... Dentro de uma linguagem está um povo. E eu não sei de um povo como o nosso, que melhor esteja dentro da lingua. E Afonso Lopes Vieira tem o sentido da lingua portuguesa — a lingua maravilhosa e heroica em que nós temos amado e sofrido, e que nos torna imortais — porque a maior gloria não é vencer uma guerra, mas sofrer e criar uma lingua.

O grande poeta português das *Ilhas de Bruma* e do *Paiz lilás, Desterro azul*, acaba de interpretar o *Amadis de Gaula* de Lobeira. A essa interpretação poz-lhe o Artista o nome de *O romance de Amadis*. Prefacia o volume, com um magnifico e erudito estudo, a Senhora Dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos — de quem, uma vez, o falecido professor doutor Adolfo Coelho escreveu que era a verdadeira fundadora da historia scientifica da literatura portuguesa. Coubesse aqui neste cantinho esse admiravel estudo e eu transcrevê-lo-ia, por completo. Na impossibilidade de o fazer, limito-me apenas a louvá-lo.

O romance de Amadis — é um romance de cavalaria e de amor, «de amor fino e fiel, de português amor, rendido como ele é só», no dizer de Afonso Lopes Vieira.

Como interpretou o poeta esse romance de amor e de aventuras?

Indo á redacção castelhana existente, e tirando-lhe o que era unicamente nosso.

Só Afonso Lopes Vieira podia adivinhar nas palavras castelhanas as palavras portuguesas que Lobeira escreveu.

A sua interpretação não é mais do que uma nacionalização mais completa — porque o *Amadis*, mesmo em espanhol, *«não deixou de pertencer a Portugal, continuando a «ser português», pelo lirismo tão bem revelado na combinação preciosa entre a alma suave e a valentia heroica.* Afonso Lopes Vieira escreveu o *Amadis* como Lobeira o escreveu, no original per-

8

dido, como Lobeira o escreveria hoje, se á vida pudesse tornar.

O *Amadis* agora completamente português — pela essencia e pela linguagem — ficará como o mais belo poema de amor do nosso povo. E' o amor português que enche de ternura e de heroismo as paginas frementes do *Amadis*, o nosso amor adoração que é o maior amor — porque é espirito e é carne — que confunde na mulher a alma e o corpo — como se o corpo e a alma fôssem a mesma coisa ou corpo fôsse a alma, ou a alma fôsse o corpo...

Prometi um estudo critico sobre o *Amadis* de Afonso Lopes Vieira e não o fiz. Minhas palavras pobres não souberam fixar e moldar o perfil do *Poeta* e do *romance* numa critica como a entendemos nós, os novos, que já não é a classificação fria e metodica, mas a interpretação emocional da obra e do autor. Nem eu fiz sequer o elogio do admiravel lirico que nos restituiu mais uma formosa pagina da nossa alma heroica e amorosa.

Se dos livros maus não se consegue falar rigorosamente mal, tambem dos livros belos como o *Amadis*, não se consegue nunca falar explendidamente bem.

Rebello de Bettencourt

No proximo numero:

VIDA INTELECTUAL ESTRANGEIRA,
por José de Bragança

Artigo critico sobre a peça VIRIATO,
por Augusto de Esaguy

A entrevista desta semana

José de Almada Negreiros fala-nos das suas ideias e das suas intenções

Quando estendi a mão ao José de Almada Negreiros, uma noite destas, no *Tavares*, levava já na boca, precipitadamente, o pedido de uma entrevista.

Vieram os cafés do estilo. Preparámos o nosso plano, e ficámos face a face com um dos mais fulgurantes espiritos da Geração Moça, em quem o publico se habituou a ver apenas o *blagueur*, cego para a sua profunda intuição do Universo, desconhecendo por completo a riqueza abundante da sua Arte.

Ficámos nós, então, frente a frente, em silencio, — um a procurar inquirir, outro a procurar responder...

Os seus olhos rasgados e longos embebiam-me de espectativa.

E a entrevista nasceu...

—Sei que V., Almada, é um homem sempre cheio de projectos... Deve tê-los neste momento, e fartos, hein?!

A pregunta saiu banal, como se estivessemos em presença dum academico.

Esperámos uma *boutade*... Mas não! Almada Negreiros respondia serenamente:

—Não tenho projectos nem programas de nenhuma especie. Apenas estou recordando o que já aconteceu na minha vida até hoje e encontrei-lhe uma direcção que vou recapitular talvez em conferencias com o titulo de *A Revolução Individual*. Uma destas confe-

rencias, aliás, já foi lida publicamente. Lembra-se? *A Invenção do Dia Claro.*

—Mas afinal que pretende V. com essa série de conferencias?

Nitidamente, o Artista expoz-me o seu pensamento:

—Explicar o sentido essencial da evolução da humanidade. Numa palavra: mostrar que a Religião, a Moral, a Sciencia e a Arte são meios e que o Homem e só ele, em sociedade ou individualmente, é fim.

A orquestra tocava um *fox-trot* ruidoso. Para alêm do biombo, era toda uma sinfonia de restaurante, —copos que tiniam, gargalhadas irreverentes, um sussurro de vozes que se comunicam baixo...

Tornei a alinhar, intimamente, as minhas ideias, emquanto sorvia um golo de café.

De chofre, preguntei:

—Qual é a sua situação actual dentro do mundo?

Diante desta interrogação capciosa, o seu fino espirito esgrimiu dextramente:

—Quero pertencer ao proprio mundo, ir alistar-me nas fileiras da humanidade *voluntariamente*, com o meu proprio corpo...

—Crê V. então na alma?...

—Creio tanto na alma como creio no corpo!

Sorri por distinguir claramente o perigoso campo de transcendencias que tinhamos alcançado.

—E na imortalidade da alma?

—Sim. Mas é necessario saber que a alma não pode nascer senão dentro de um corpo humano. Isto é, a imortalidade da alma depende directa e unicamente da materialidade do corpo.

«A alma não morre nunca, mas para ser imortal tem de ter nascido uma vez. Sabe? O corpo não pode viver sem alma, mas ha corpos aonde a alma parece morta; e vai ao depois esses corpos existem com a alma morta. Coitados! e sem saberem a maior parte das vezes que o Deus invizivel, o Deus de todos Nós, é o Unico que tem o segredo para ressuscitar almas!

Retrocedemos.

—Meu caro Almada: uma outra pregunta me interessa. Qual é a sua posição perante o Passado?

—O Passado não é senão o proprio exemplo do esforço individual. O Passado não tem outra pretenção a não ser a de trazer a iniciativa de emancipação ás mãos do proprio que a deseja.

Só emancipando-se o individuo poderá atender-se á humanidade, conjunto de individuos. Ora aqui está a intenção de *A Revolução Individual.*

Almada Negreiros exprime-se sobriamente, com segurança. A sua inteligencia lucida segue pelos meandros complicados das suas deduções, a pretender iluminá-las de simplicidade e de logica.

Então, como complemento, como exemplificação de tudo o que vinha de ouvir, escutei uma anedota:

—Um santo, ao morrer, apresentou-se imediatamente ás portas do céu, pedindo entrada a S. Pedro...

«S. Pedro negou-lha. E o santo, apontando para a terra, pediu-lhe que visse como ele tinha sido bom no mundo, — diante do seu cadaver desenrolava-se toda uma piedosa romaria em que o mundo inteiro mostrava venerar as suas virtudes.

S. Pedro respondeu:

—Não! As portas do Céu não se abrem a individuos, a isolados, ainda que sejam santos. As portas do Céu abrir-se-hão um dia de par-em-par mas para todos... quando a humanidade inteira, com todas as suas religiões, vier ombro a ombro até aqui e sem que tenha deixado nem um só esquecido e desprezado, lá em baixo, na terra!...

Passavam dois ingleses de face glaba, vermelhos, amplos, charutos na boca, como fachos...

Uma silhueta feminina... Um *groom* que atravessa a sala... E outra vez a entrevista se reanimou:

—Sabida a sua posição perante o Passado, não é menos interessante desenhá-la perante o Futuro...

—Meu amigo! O Passado está patologicamente realizado no nosso sangue actual.

«Os homens de ámanhã estarão colocados, logica e fatalmente, perante a humanidade, exactamente

como Nós, neste momento. Não é necessario folhear o Passado. Ele está voluntariamente em nós. A situação do Homem perante a Humanidade, será sempre o Passado quem a dirigirá—o Passado que é a determinante do Futuro.

Acendi um cigarro. Almada Negreiros continuava a expôr. A minha interrupção foi brusca:

—Afinal qual é o *seu* fim?

—Oiça! Na minha ante-emancipação, a maior, a unica grande falta que eu tenho sentido, sabe qual é? E' a falta de outros, de outros iguais a mim, de outros que venham comigo ou eu com eles... Compreende? Estou farto de semelhantes!

«E o caminho, entretanto, é unico para todos:

«A consciencia não é senão a atenção posta contemplativamente diante da inconsciencia...

«Tantas expressões, tantos realismos, tantas elevações, — Religião, Moral, Sciencia, Arte; porque não servir-se rapidamente de cada um destes processos de atenção para libertar o individuo?! E para que pretender libertar essas abstracções ilibertaveis, a Religião, a Moral, a Arte, a Sciencia?! Repito: a Religião, a Moral, a Sciencia e a Arte são meios e só o Homem é fim!

—Seria curiso saber-se como V. aplica a sua teoria ao nosso problema nacional...

—Defendendo a criação da linguagem que traduza para português legitimo todas as expressões universais...

A orquestra, que se calára por instantes, recomeçou o ruido.

Debandava gente com ares de fartura e riqueza.

As nossas chavenas estavam vazias.

Não pude calar um comentario:

—V. agora está mais filósofo do que Artista, meu caro Almada...

—Não! Continuo a ser o mesmo, desde que nasci. Vou talvez, simplesmente, a dobrar a esquina da Filosofia...

«E só peço a Deus que me deixe viver tão arden-

temente todas as minhas idades como aquelas que eu já vivi até hoje!

E' assim que pensa José de Almada-Negreiros neste ano da Graça de 1923.

José Dias-Sancho

Exposições de Arte

A exposição de pintura Eduardo Vianna

As paredes soturnas do palácio das Belas Artes estão em festa. Delas pendem presentemente os quadros de Eduardo Viana, o melhor colorista português. Como devem sentir-se felizes essas paredes tristes que tanto crime têm consentido! Costume é dizer-se que o papel tudo consente, coitado. Mas aquelas paredes, mudas e resignadas, tocaram já o sublime da condescendencia. Com que infinita paciencia elas têm ostentado em seu seio acolhedor todas as joias falsas duma arte decadente!

Um dia, viram primeiro com espanto, depois com entusiasmo, que as ornamentavam com arte verdadeira, pura e sentida. Se pudessem falar, essas paredes silentes, dirião, como nós, de seu contentamento.

Agora podem os estetas, os que amam as fórmas sempre mais puras duma arte moderna, ir afoitamente á rua Barata Salgueiro. Expõe lá Eduardo Viana, expõe agora um artista. Parece impossivel que numa casa feita para guardar preciosamente coisas de arte, só de longe em longe, por lá apareça um artista verdadeiro.

Eduardo Viana é um artista—na nossa humilde opinião e na opinião abalisadissima do sr. Matos Se-

queira... Ora, quando pessoas como o sr. Sequeira afirmam encontrar em alguem temperamento de artista—quem poderá opôr a um critico tam respeitavel a sombra dum desmentido?

Se quizermos avaliar das qualidades dum artista, escutemos a opinião do vulgo. Se este quedar extasiado ante uma obra—ou ela é muito boa, quasi divina ou é absolutamente nula. O vulgo poucas vezes compreende os talentos, mas quasi sempre se deixa arrebatar pelos génios—ou pelos charlatães. O vulgo não tem a noção do equilibrio.

Voz, pincel ou pena que consegue enternecer o coração dum ignorante ou são sublimes ou falsos.

Há muito que haviamos descoberto em Eduardo Viana qualidades admiraveis de realização. Nesse tempo odiava-se o pintor. De ignorante a doido não existe uma unica nota de discordancia que não fosse tocada pelos dedos maliciosos da critica. E nós, solidários com o doido! E nós, elogiando o ignorante!

Viana pouca importancia deu ás bocas do mundo... Trabalhador, persistente, caminhou sempre nesse caminho de luz que ele não tem palavras para explicar, mas que seu pincel sabia de côr. Caminhou, progrediu, realizou.

Hoje há já quem fique maravilhado ante as obras do *doido*. Que condão terão essas obras para assim *épater* os ignorantes? Têm talento—mas muito talento. Possuem o resultado admiravel dum trabalho paciente. Sim, porque Eduardo Viana é um torturado. Os seus quadros não são, como muita gente imagina, executados dum jacto, numa alucinação. Ele tem a preocupação da pureza da côr. Há nos seus quadros colorido tam intenso, tal alto, que chegamos a temer que as côres estalem. Pois essa intensidade é fruto duma tecnica inteligente, procurada numa ansia febril de perfeição.

Não fosse a sua tecnica poderosa e maleavel, seus recursos de desenho prodigiosos e toda aquela gradação alta de colorido se baralharia numa confusão horrivel como um corpo sem vida, sem esqueleto.

Porém, Eduardo Viana, dominando a tecnica, domina o assunto. Domina-o tam intensamente que chega quasi a pintar a alma das coisas, o impalpável, o imperceptivel. E' por isso que naquele quadro—*a pousada dos ciganos*—tanto vive o assunto pela certeza da côr, justeza de planos e precisão de luz, como pela vida interior, subjectiva, do assunto.

Esse quadro é—sem contestação—a obra mais perfeita que nestes ultimos anos mãos portuguesas têm produzido. Possui tudo: originalidade de visão, pureza de côr, descritivo equilibrado, sentimento regional.

Não admira, portanto, que um trabalho que reuna todas as qualidades essenciais de vida e estética tanto maravilhe o entendedor como o ignorante. Essa obra possui o fluido das obras geniais que a todos cativa. E se todos se quedam extasiados perante essa maravilha, porque motivo não hão de tambem as paredes, as sofredoras paredes do salão da Sociedade, sentir-se contentes e orgulhosas de senti-la palpitar e viver no seu seio?

Mario Domingues

CONTEM
PORANEA

grande
revista
mensal

As conferencias da semana

Comentario do que se disse sobre "Educação" na Escola Adolfo Coelho

Na Escola Primaria Superior Adolfo Coelho, tem-se efectuado umas conferencias sobre educação e ensino, destinadas, ao que nos diz o seu programa, a divulgar conhecimentos gerais de pedagogia entre os alunos e suas familias.

Umas das conferencias a que assistimos, foi a exposição dum trabalho do professor Anibal Passos, que levantou diante da nossa curiosidade, um verdadeiro mundo de oportunas considerações.

O sr. Anibal Passos, falou pela boca dos nossos mais ferrenhos pedagogos, e este facto torna a sua conferencia singularmente curiosa, pela revelação do criterio de orientação pedagogica que determina a educação da actual geração.

Na sua conferencia, o sr. Anibal Passos, depois de um cerrado e justo ataque á organisação e estado do ensino entre nós, faz intervir uma série de raciocinios, girando todos em torno deste fundamental problema pedagógico: A repreensibilidade dos actos das crianças, e as sanções necessarias para os reprimir.

Este ponto, centro de toda a filosofia da educação, é um ponto culminante, assente sobre uma montanha de velhos erros que a pedagogia moderna se esforça por desbastar.

A sanção para os actos das crianças, admitindo a existencia de actos repreensiveis na multidão infantil, é a rigorosa demonstração da preexistencia dos

antigos defeitos das velhas escolas pedagogicas que consideravam a criança como um adulto, agindo com personalidade formada, e sobrecarregada com o dever da responsabilidade, sem inquirir do seu estado fisiologico e psicologico.

Partir da ideia de que seres ainda em formação, seres cuja personalidade ainda indefinida e confiados a vigilancia dum educador, estão aptos a assumir a responsabilidade dos seus actos, é regar a propria acção do educador, considerando-o, *ipso facto*, inutil.

O sr. Anibal Passos, sem o saber, enfermou dos mesmos vicios intelectuais de todos os pedagogos, imbuidos das teorias do Estado sobre educação. A personalidade humana da criança, o seu natural desenvolvimento, passa-lhe despercebido, na preocupação de dar á criança uma educação que se parece muito com a defeituosa educação congreganista, que apenas criava uma massa de seres obedientes, todos eles adaptados a um tipo uniforme de etiqueta humana, sobreposta sobre uma colectiva sobresiviencia ás leis defensivas dos interesses do Estado. E' este defeito, uma das maiores caracteristicas da educação jesuitica que tanto tem viciado os nossos costumes, amoldando os cerebros á cobardia de se adaptarem a um amontoado de preconceitos com o rotulo de nacionalismo. E' por assim dizer, a educação classica, avançando com todos os seus eros, sobre todas as conquistas da pedagogia moderna. A educação classica, verbal, estiolando a inteligencia numa enumeração de principios sem demonstração, expondo abstracções que partiam e finalisavam na teoria, encontra nos nossos pedagogos, a sua mais ostensiva expressão.

O despertar da ideia morta dos actos repreensivos da criança, é um bisantinismo da doutrinação absurda, em que a moral se rege por principios tortos, que anulam a personalidade e a inteligencia, e desenvolvem o medo ante o espectro dum autoritarismo metafisico e grotesco. Assim se formou a nossa geração que tanto se reflete nos nossos habitos.

18

Admitir a existencia de acto repreensivos na criança, é levá-la á convicção de que ela é estructuralmente má, induzindo-a a aceitar a obediencia afrontosa de seus mestres, como entes superiores, possuidos dum autoritarismo que, além de aviltante, desenvolve a cobardia e a dissimulação.

Toda a sciencia da educação moral se resume, no poder de persuasão de que, ainda que as crianças revelem tendencias más, por efeito da educação recebida, elas têm que forçosamente se transformarem, ao ponto de se sentirem humilhadas, quando deixam de ser, tal como o pedagogo as deve considerar. Pela educação recèbida, a criança deve adquirir o convencimento de que é um ser capaz de sentir o bem e praticá-lo, e que, sem a sanção, lhe advirá uma natural repugnancia, ao praticar o mal.

Castigar uma criança, é negar-lhe a capacidade de sentir ou compreender o bem, e aceitar-lhe os seus impulsos malevolos, como naturais, o que é um erro. O educador não deve crêr na maldade da criança, sob perigo de se tornar um inconsciente e perigoso agente de sugestão.

A criança, pela sua quasi inconsciencia, não tem ainda desenvolvido o sentimento da deliberação do mal. Todos os seus actos são reflexo de impulsos, e quando estes não são acionados pelo bem, não deve o educador presepôr o mal, como o seu mobil, porque é aceitá-lo. O papel do educador, é, neste caso, fazer sentir á criança que ela cometeu um acto fóra das suas verdadeiras e naturais tendencias, que ainda se encontram por disciplinar. Diante da criança deve colocar-se, não a natureza do delito cometido, mas um tipo ideal de perfeição, que faz parte da natureza intima da criança, que ela desrespeitou.

Lisongeando-lhe as suas virtudes e colocando-a depois diante do seu delito, a criança impressiona-se, e adquire assim a noção do bem e do mal, sem a sanção que é um absurdo que só pedagogos antiquados podem pretender ressuscitar.

Eduardo Frias

Os Teatros

O que será a critica da "Revista Portuguesa"

Porque não existe critica de teatro entre nós, porque os jornais se vendem a troco de anuncios e os criticos têm sempre uma peça a representar nesta ou naquela companhia, tem sido impossivel realizar em Portugal e sobretudo em Lisboa, uma escola de critica que se não venda, um nucleo de espiritos independentes com força suficiente para mostrar aos srs. emprezarios, caixeiros viajantes da arte, aos artistas e aos autores, que nem todos em Portugal são cegos e que o *Diario de Noticias* não póde continuar a dizer escandalosamente bem deles.

O nivel mental português não pode continuar entregue aos srs. dos jornais, aos seus caprichos e ás suas vaidades tolas. Não há em Portugal um ideal estetico, há um regime de protecção politica, de favoritismo, de emprestimo que infelizmente se estendeu já e medrou entre os artistas. No teatro essa protecção tem sido escandalosa. Quando alguem se atreve a dizer mal desta ou daquela artista, os emprezarios pagam, a tanto a linha, o desmentido dessas noticias. As amantes dos politicos são imediatamente feitas societárias do Teatro Nacional. Porquê? Porque no teatro não existe uma disciplina, porque no teatro anda tudo em desordem, anda tudo num caos.

Nós que conhecemos bem como se fazem reputações e como se vendem criticos a troco de sorrisos de actrizes gongozas, podemos escrever com ampla liberdade de acção, porque nunca nos vendemos, porque sabemos que para lá de todos os scenarios, tudo é igual e tudo se agita da mesma maneira, vida e lôdo, lôdo e vida!

20

A parte, uma ou outra tentativa de teatro moderno, nós continuamos a viver distanciados de todo o teatro moderno, de toda a evolução da arte scenica, perfeitamente entregues a conceitos gastos, á força de serem usados todos os dias.

O nosso teatro é ainda um teatro de alçapão, de surprezas, de vaidades escondidas, de odios, de ciumes. E' um teatro de ruinas, de estilhaços, de glorias passadas, de idolos de barro, de protegidos. A maior parte dos actores não admitem uma censura, julgam-se génios, quando não ultrapassam comicos de feira!

Cada actor impõe uma actriz e exige nos cartazes o seu nome em letras grandes. Chegámos a este maximo de falta de vergonha no teatro português!

O nosso teatro, é um teatro de cabotinos reles, não os apontaremos no decorrer dos nossos artigos. Nós criaremos aqui, nas folhas desta revista, uma critica honesta e sadia. Diremos as razões, quando apontarmos o mal; diremos as razões quando dissermos bem. Não nos importa que existam protegidos ou não. Não nos importa que este ou aquele actor nos deixe de estender a mão. E'-nos absolutamente indiferente. Os que me conhecem sabem muito bem as razões porque escrevo e a razão do que escrevo.

Incapaz de me vender, tambem não sei comprar ninguem e porque não tenho nenhuma peça entregue a qualquer companhia, melhor ainda, os meus braços estão livres.

As nossas criticas não obedecem a um proposito de destruição. Tentar destruir o que está destruido, é uma tolice. Nós pretendemos construir, para construir é preciso que o mau esteja do lado do mau e o bom do lado do bom. E' o que nós vamos realisar, é o que nós temos a certeza que havemos de conseguir.

Quem fizer boa arte, bom teatro, quem manifestar desejo de ser de hoje, tem-nos do seu lado, prontos para tudo. Quem pretender o contrario só pode esperar de nós, a nossa inteira censura, o nosso tacão.

Vamos ter a coragem de ser justos, abrindo áqueles que têm medo, um caminho a seguir.

Falaremos de todos e dos traductores tambem, essa variedade de negociantes, que não sabendo escrever a nossa lingua e traduzir a dos outros, saltou sobre o nosso teatro, como um bando de corvos negros!

Até ao proximo numero.

Augusto d'Esaguy

Musica

Acerca de S. Carlos e da reforma a fazer

I

A epoca da opera acabou na semana passada com a *Serrana* de Alfredo Keil, compositor português do seculo XIX.

S. Carlos é um teatro do Estado encontrando-se actualmente cedido a uma sociedade que o explora há quatro anos com pouco ou nenhum sucesso financeiro.

A epoca que atravessamos acarreta naturalmente encargos enormes a um teatro lirico como facilmente se calculará, visto os cantores, os *maestros* e as casas editoras receberem os seus honorarios em francos.

S. Carlos tem sido ruinoso para quasi todos os empresarios em epocas normais, o que aumenta o valor dos seus actuais exploradores, pessoas da maxima respeitabilidade que não têm em vista, fundamentalmente, o lucro.

E' louvavel este desinteresse em que muita gente não crê mas que eu julgo ser sincero.

A exploração de um tal teatro é arriscadissima,

ajuntando-se aos muitos perigos, o subsidio pequeno e incerto e as revoluções que se anunciam todos os dias e se realizam mensalmente.

Estes homens, que deveriam receber de todos nós o mais franco aplauso por tão arrojado cometimento, têm visto os seus esforços mal compreendidos e o que é ainda peor, as intenções boas que os animavam deturpadas, umas vezes por ignorancia, outras por maldade.

Em Portugal, não sou pessimista, ainda não se compreendeu qual seja a missão dum teatro lirico.

Os governos, principais culpados e as empresas, têm concorrido para desorientar o publico, em vez de incutir-lhe ou talvez melhor desenvolver o sentimento de beleza que existe em todos os individuos.

Repertorios organizados e apresentados sem criterio e *meneurs* da plateia que levavam os inocentes ouvintes, acenando-lhes com a bandeira *snob* do bom tom, tornaram a chamada *platea de S. Carlos*, que poderia ser culta e honesta, inconsciente e ridicula.

Esses *meneurs*, que tinham tanto de ignorantes como de ousados, eram o pavor de muitas das cantoras que não lhes caiam no agrado e o idolo dos pobres insconscientes que os seguiam.

São ainda hoje afamadas as pateadas estrondosas em que se patenteavam fortes no tacão e fracos no entendimento.

Ousadia, ignorancia e calcanhar rijo, tais eram os requisitos do bom *meneur* da plateia de S. Carlos.

Os grupos dividiam-se nos aplausos e na pateada, acabando muitas vezes as divergencias em scenas violentas nos corredores.

Esta furia de tacão aplanou-se com os anos, mas a ignorancia permaneceu.

Hoje há ainda em S. Carlos um *meneur* de via reduzida que pretende continuar as tradições.

Com a Republica o nosso teatro lirico fechou, reabrindo algumas vezes com insucesso, consequen-

cia das perseguições politicas, até que em 1918 a actual sociedade se constituiu.

Do publico bulhento e pretencioso, composto por morgados de provincia habeis em varrer feiras, passamos ao novo-rico grande apreciador do Eden, que trauteava os fados em voga.

Muitos desses bons merceeiros, que em 1914 iam ouvir os faduchos, geralmente nas noites de sabado—os estabelecimentos fecham ao domingo—envergando o fato domingueiro e os pés ajoanetados em comodas botas de cano de elastico—são hoje em grande percentagem os frequentadores de S. Carlos.

Muitos deles, coitados, só vão lá por amor das filhas, que precisam brilhar para mais facilmente serem *passadas*.

Os preços são elevadissimos e por tal forma que a muitos amadores de musica, sinceros e cultos, sucede não poderem ouvir, tanto quanto desejariam, certas obras.

O repertorio apresentado nesta temporada revela grande tendencia para modernizar-se. E na verdade é lamentavel que estejamos tão afastados das correntes modernas.

Ainda não se ouviu o *Pelleas* de Debussy, quere dizer para cá será naturalmente considerado futurismo, quando é certo que em França e em muitos outros paizes é já tido como clássico. Refiro-me apenas a esta obra para não enumerar muitas outras que se encontram nas mesmas condições.

No entanto há boa vontade da empresa e de uma parte do publico.

Nesta temporada ouvinos o *Boris Gudounof*, de Mussorgsky, e dois dramas de Wagner, *Walkyria* e *Siegfried*, por forma tal que, conquanto não nos tenha agradado, somos forçados a reconhecer a vontade de acertar.

Vê-se claramente que esta empresa sente a necessidade de reformar os velhos repertorios, em face da sensibilidade moderna e das aspirações da geração nova que se encontra instalada em pleno seculo XX

24

e que tem uma visão nacionalista. Saiba-se que, se uma maioria tem todas as enfermidades do espirito, no entanto há um nucleo com um poder irresistivel de expansão que é modernista e nacionalista.

Esse nucleo que não tolerou a *Sonambula* após o magnifico *Boris*, é o mesmo que não pode conceber uma opera cantada em varias linguas. S. Carlos corre o perigo de transformar-se numa Babel.

E' anti-artistico e sobretudo ridiculo dois personagens cantando um em russo e outro em italiano. Temos de levar em conta o desejo que os empresarios tinham de fazer ouvir o *Boris* cantado por artistas russos na propria lingua. O mesmo sucedeu com a *Walkyria* e o *Siegfried*.

Nestes quatro anos têm sido cantadas dezenas de operas interpretadas umas vezes bem, outras mal.

Operas portuguesas apenas três e poucos mais têm sido os interpretes nossos contratados.

Não teremos compositores nem tam pouco cantores?

Ivo Cruz

Sports

Box—O momento actual na Europa

E' agora o momento oportuno de examinar a situação europeia, depois das medidas tomadas pelo 5.º Congresso da International Boxing Union.

Nos *fly-weight* o campeão era o grande Jimmy Wilde, o feiticeiro do paiz de Galles, o «boxeur» mais extraordinário que tem existido na Europa.

Neste congresso afirmou-se, bem claramente, o desejo de vêr a Inglaterra aderir á I. B. U., mas como

25

não é com vinagre que se apanham moscas, a decisão tomada pelo Congresso, de tirar o titulo a Jimmy Wilde parece-me, pelo menos, impolitica. O peior é que os paizes, por assim dizer, mais importantes debaixo do ponto de vista «box»—Inglaterra e Estados Unidos—não estavam representados no Congresso e assim estas enérgicas resoluções dos congressistas podem parecer um tanto ridiculas.

Ao que parece, fica então Montreuil (campeão da Belgica, minimos) campeão da Europa, devendo num *match* contra Frankie Gennaro (campeão da América, minimos) disputar o titulo mundial. Há ainda poucos dias que Ledoux obrigou Montreuil a abandonar a «quoiquion en dise», não vejo que seja esta uma «performance» muito brilhante para o escolhido substituto de Jimmy Wilde.

As medidas tão energicamente tomadas pelos enviados das Federações fieis á I. B. U. parecem divertiri menso a imprensa inglesa.

E o que tem mais graça é que os americanos antes querem vêr Wilde defender contra Villa ou Gennaro o titulo que a International lhe contesta, mas que ele ganhou, que verem Montreuil (para eles um ilustre desconhecido) conquistar (?) à Gennaro um titulo que «malgré tout» pertence a Wilde.

Nos *bantam-weight* surge Bugler Lake que pela fórma como bateu Marrisson tem jus ao titulo de «challenger», e por certo dará muito que fazer a Ledoux (actual campeão).

Nos meio-leves o indiscutivel Criqui. E' esta a categoria mais rica da Europa, pois além de Criqui, temos Danny Frush, Mascart, Billy Mathews e Joë Fox.

Nos pesos leves, Seaman Hall conserva o titulo. Poutet (campeão de França) não tem classe para «challenge» o campeão da Europa.

Nos «welter» Hobin, o magnifico belga, continua dono do terreno, não havendo quem o posso inquietar, a não ser «Kid» Ted Lenus, se ainda fizer o pêzo

Nos médios, grande modificação; uma nova estrela aparece: Rolland Todd.

Que fará «Kid» Ted Lemis? Um novo combate com *Todd* parece-me dificil, pois apesar de batido aos pontos, Lewis foi decisivamente batido. Voltará para a sua verdadeira categoria de meio médio?

E' talvez o mais provável. Ted Lewis ainda deve fazer o pêzo, pois aqui há mezes, quando Mickey Walgánhou o titulo mundial a Jack Britton, Lewis apressou-se a desafiá-lo. Nesta segunda hipótese, Piet Hobin encontrará, emfim, na Europa, um adversário digno de si.

E Rolland Todd? Este certamente vai partir para o paiz dos «dollars» á procura do titulo mundial que, para a Comissão de New York, está nas mãos de Mike O'Dowd e para a I. B. U. e para muita gente boa nas de Johnny Wilson.

Existe tambem, nesta categoria, um certo Mic Mac Tigue, adversário sério para os azes «middle-weight».

Chegamos á categoria mais embrulhada: os meio-pesados.

Como todos sabemos, Carpentier (Georges), o «boxeur» que mais tinta tem feito gastar aos jornalistas era ainda há bem poucos mezes detentor de 4 titulos, a saber: campeão de França dos meio-pesados, campeão da Europa dos meio-pesados, campeão da Europa dos pesados e campeão do mundo dos meio-pesados

Uma bela tarde, Carpentier perdeu, duma só vez, com o espanto dos entendidos, os seus quatro titulos, que passaram todos para as negras mãos do senegalês Louis Falle que «boxa» sob o pseudónimo de Battling Siki.

O negro perdeu, porém, passados tempos, num combate duramente disputado contra a Federação Francesa de Box o direito de «boxar» por 9 mezes (estranho prazo!) e o titulo de campeão de França e via-se despojado, dias depois, dos seus outros 3 titulos pèla International Boxing Union. Isto causou, como se sabe, grande barulho. Em Portugal teria havido um assalto ao Martinho. Em França, paiz singularmente mais atrazado e com tendencia marcada para a chicana, houve 4 processos muito originais, muito *chics*,

muito parisienses; tão originais, tão *chics*, tão parisienses, que M. Diagne (deputado senegalês, amigo de Siki, de belas côres bronzeadas), Siki e a F. F. B acabaram por desistir dos processos e Louis Falle ganhou outra vez o direito de «boxar» e os titulos de campeão europeu e mundial dos *cruiser-weight*.

Por outro lado, a Federação F. B. fez disputar em privado o titulo de campeão de França entre Morelle e Piochelle.

Campeão da Europa dos meio-pesados, quer dizer o melhor europeu nessa categoria; Siki é francês e portanto, apezar de preto, é considerado europeu (o que é uma vergonha para nós brancos). Como é que um francês é campeão da Europa e não é campeão de França?

Mas ainda há mais.

Siki tem um contracto para um combate contra o irlando-americano Mic Mac Tigue, em que entrará em jogo o titulo mundial dos *light-heavy-weight*.

Supunhamos que Siki perde, o que não é nada extraordinário se atendermos á classe de Mac Tigue,—o titulo passará para as mãos dum peso médio que ainda nem sequer disputou o titulo do seu pêso!

Depois deste combate terá então lugar o famoso «match-return Siki-Carpentier», a favor (?) dos laboratórios scientificos de França.

Analisemos. Se Carpentier é vencido tira-se d'ahi o sentido. Carpentier deixa de existir. Caso Siki perca com Mac Tigue e com Carpentier, é preciso comparar as duas vitórias; se Carpentier ganha menos decisivamente que Tigue, terá que se afirmar em outros combates, isto é, refazer quási a sua carreira.

Ora Carpentier nunca foi metade do que a imaginação dos jornalistas europeus quiz que ele fôsse. Será, portanto, muito dificil que, depois das derrotas esmagadoras que ele acaba de sofrer das mãos de Dempsey e Siki e quando Georges entra em manifesta decadencia, possa ainda dar as cartas, quer nos meio-pesados, quer nos pesados.

No emtanto, se ele ganha mais decisivamente que

Tigue, decerto poderá ainda disputar o titulo mundial.

O titulo de campeão da Europa, de todas as categorias, está sendo disputado numa espécie de competição entre: Marcel Nilles, campeão de França (já foi eliminado); Spalla, campeão da Italia; Van der Veer, campeão da Holanda, e Joe Beckett, campeão de Inglaterra.

Quer o futuro campeão de Europa seja Becket, Spalla ou Van der Veer, não terá nenhuma *chance* deante de Jack Dempsey, o Imperador do «Box».

Oscar da Silva

Foot-Ball

A caça ao juiz é uma diversão frequente para os capitães dos «teams». E' já raro o desafio em que eles não vão em romaria ás bancadas, em busca de quem apite, melhor ou pior, o caso é que apite... e dê azo a uma reclamaçãosinha do vencido.

Não mereceria a pena, prestar a Associação de Foot-Ball a sua atenção para a falta sistematica dos juizes nomeados?

Está provado que os melhores juizes—apesar do coeficiente de parcialidade—são os proprios jogadores.

Porque não tornar obrigatoria a sua comparencia, e punir as faltas com a suspensão como jogadores?

Para os não jogadores, não seria possivel prescindir dos seus serviços, manifestado o pouco interesse e a pouca competencia?

* * *

Os Belenenses, irritados com a sua pouca sorte no «match» contra o Sporting, que batendo-os trepou para o primeiro logar, protestaram. Redigido com infelicidade esse protesto dispuzeram contra si muita gente. Podiam, porém, ter conquistado simpatias se tomam uma atitude diferente. A taça foi-se; paciencia. Saber perder é uma virtude.

A consciencia de se terem revelado superiores, devia ter-lhes incutido mais calma e inspirado gesto mais proprio.

Porque não lançaram os Belenenses um repto aos seus adversarios—taça á parte—propondo a receita para qualquer instituição de caridade?

Isso seria razoavel e simpatico.

Box

Alguem que *bebe do fino*, deu-nos uma noticia—que transmitimos sem compromissos de verdade indiscutivel.

Basilio de Oliveira pensa em vir este ano a Portugal, e tem projectos dum particular interesse para o meio pugilista nacional.

Pelo que nos foi contado, Basilio de Oliveira tem a intenção de abandonar de vez o «ring», onde, sempre como amador, tem colhido triunfos.

Pois quer Basilio fazer os seus ultimos combates em Portugal com um objectivo sentimental que muito o honra.

Mas contra quem combaterá?

Vamos matar essa curiosidade.

Basilio propõe-se fazer 2 ou 3 combates com os nossos melhores profissionais. Pensa em confiar o seu projecto á Federação Portuguesa de Box, para quem irão as receitas dos encontros.

Os estatutos da F. P. de B. permitem, em condições excepcionais, combates entre amadores e profissionais.

Nenhuma excepção cabe melhor do que esta, nessa disposição estatuaria. Duplamente simpatico o projecto de Basilio de Oliveira.

Querendo honrar os seus compatriotas com o espectaculo dos seus ultimos combates, não esqueceu que, beneficiando os fundos da F. P. de B., contribue, poderosamente, para lhe aumentar as faculdades de propaganda.

A ideia de Basilio não tem necessidade que á sua volta se bordem elogios banais.

* * *

Anuncia-se para um dos ultimos dias do mês um espectaculo que comporta 4 combates de profissionais. Um novo titulo, o dos meios-leves, vai ser disputado. Albano de Campos e Silva Rasteiro, abandonam a vida de amadores, lançando-se no profissionalismo. A F. P. de B. parece que autorisa que combatam para o titulo. O principio é um pouco forte. Debutar no profissionalismo combatendo para um titulo, é caso que só acontece em Portugal.

Há atenuantes para desculpar a sancção da Federação, mas no entanto melhor seria demorar um pouco mais a oportunidade de fazer disputar um titulo, até agora vago. Possivelmente a entrada de Silva Rasteiro e Albano de Campos no profissionalismo arrasta mais alguns amadores. Deixá-los combater entre si um certo tempo. Experimentados então, o momento viria em que a Federação designasse os melhores. O titulo entraria em jogo.

De certo a questão da «classe» é muito relativa. Os nossos «primeiras séries», traduzidos para o francês, dão—com certa boa vontade—homens de segunda categoria e para o inglês um pouco menos.

Fiquemos na Europa!

Em todo o caso debutar... para o titulo não deixa de ser, bastamente, estravagante.

* * *

Um dos atractivos do mesmo programa, o maior atractivo, Crespo-Gaston, é outra pequena loucura.

Os nossos profissionais, os seus «managers», lutam não só com a sua fraqueza profissional, mas, ao mesmo tempo, com a falta de senso.

Que necessidade temos de fugir aos principios elementares?

O «handicap» do peso não se rompe com a boa vontade, nem com arrogancias quichotescas.

Tavares Crespo, que ainda há pouco vimos abaixo do limite dos leves, que chance tem contra um robustissimo «meio-medio», bastante mais experiente? Salvo um desmaio inesperado, uma congestão fulminante, o «boxeur» do Porto, como certo, só pode ter uma *trépa* inutil e ingloria.

* * *

Wales é um «boxeur» espanhol de certo nome, dentro e fóra da sua terra. Foi ao Porto combater Tavares Crespo, e bateu-o aos pontos.

O que foi o encontro? Dizem uns que muito bem se houve o homem do Porto, outros, que muito mal. Nunca fiando!

Fosse lá o que fosse, o que convem salientar é a logica duvida sobre a sinceridade dos combates, negociados e organisados pelo *manager* dum dos homens.

Vai sendo tempo da F. P. de B. lançar as suas vistas para esse duplo «metier» de organisador e «manager». Bem se compreende porque briga uma função com a outra.

Falando em Tavares Crespo, vem a proposito, lembrar aos jornais que o tratam como *campeão sem titulo*, que a alcunha é ridicula, e só pode acarretar más vontades ao pobre Crespo, que não contribuiu nada para as petulancias dos que o rodeiam.

Todo o «boxeur» tem necessidade de publico. Esquecem-se disso os seus amigos do Porto. Encurralam-no na terra. De vez em quando, para se darem ares, falam em terras distantes.

Tudo isso são lérias que só o prejudicam.

Crespo é modesto e nada tem de má pessoa. São os amigos que o fazem passar por pavão e mal intencionado.

Francisco Teles

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR

VICTOR FALCAO

LITERATURA, CRITICA DE ARTE, SPORT, TEATRO, MUSICA, VIDA ESTRANGEIRA.

SVMARIO

DESENHO, de Antonio Soares; AS CONFERENCIAS DA SEMANA, por Eduardo Frias; DOS NOVOS LIVROS, por Rebelo de Bettencourt; O CINEMA, por Henrique Roldão; A ENTREVISTA DESTA SEMANA, por José Dias Sancho; OS TEATROS, por Augusto d'Esaguy; EXPOSIÇÕES DE ARTE, por Mario Domingues; MUSICA, por Ivo Cruz

Publica-se aos sabados—Assinaturas: serie de 4 numeros, 4 escudos. Avulso, 1 escudo—Edição e propriedade de V. Falcão—Oficinas tipograficas, Rua do Mundo, 116—Escritorios, Rua Nova do Almada, 46, sloja

Sabado
24 de Março de 1923

Croquis de Ant. Soares

As conferencias da semana

"Dynamica Teatral", por Augusto de Lacerda

A Associação de Trabalhadores de Teatro, iniciou no passado domingo uma série de conferencias, que tem a caracteriza-las o merito de uma tentativa ousada de colocar os nossos actores em contacto com as preocupações de estética teatral de que andam francamente arredios.

Esta tentativa, «mea culpa» que ajudará muito a aproximar o momento de absolvição das almas dos fantoches do nosso teatro, deu ensejo a que podessemos ouvir uma curiosissima confissão, de um homem que se encontra amarrado ás situações dificeis, escabrosas, de autor dramatico, professor do Conservatorio, e ensaiador do Teatro Nacional. Esse homem, é o sr. Augusto de Lacerda. A sua conferencia na Sociedade Nacional de Belas Artes, foi uma verdadeira confissão, um desabafo, de quem, sendo um estudioso e um sensitivo, vem gritar toda a sua revolta contra a estagnação, contra a ausencia de cultura, contra o espirito mercantil da arte teatral, onde, por desgraça das ne necessidades do seu talento, gosa uma situação, que lhe permite observar melhor a impotencia de reacção da minoria intelectual, detendo o avanço da mediocridade.

A conferencia, abriu com uma bela atitude de audacia, que muito deverá influir no animo dos novos que ainda não teem na vida uma situação, a desculpar-lhes a covardia.

O sr. Augusto de Lacerda, antes de iniciar a leitura do seu valioso estudo, exprimiu o desejo de o con-

3

siderarem naquele momento, liberto de tudo quanto o podesse ligar ás situações da sua vida oficial, de tal modo elas são incompativeis, com a verdadeira sendo ele de toda a actividade mental. Uma vez liberto de tão grande peso, o estudioso, o pensador fecundo, surgiu diante de nós, com toda a galhardia moça de quem, tendo a denunciar-lhe a idade, uma cabeleira grisalha, deixa transparecer o orgulho de oferecer a limpidez da alma ás reverberações dos mais entusiastas e victoriosas utupias.

Como um novo, como um torturado de inovações, o sr. Augusto de Lacerda insurge-se contra o espirito de rotina da multidão, dos teatrologos, mestres ou emitadores, fazendo uma vigorosa critica ao snobismo do teatro contemporaneo, em que as «toilettes» duma actriz teem uma importancia capital no exito duma peça.

O teatro, padece de senilidade — exclama — e o ataque prossegue sem desfalecimentos, ridicularisando os processos da manufactura das peças, com o charlatanesco uso da importancia concedida ao 2.º acto; as relações dos autores, actores e empresarios, criticando a ignorancia duns, o espirito ganancioso doutros; e a distancia das preocupações de beleza em que se encontram todos.

Extinto o desabafo, gradualmente, numa magnifica demonstração de pensamento equilibrado, a critica adoça-se em generalidades em que ha observações que muito aproveitariam aos jovens autores dramaticos, e aos actores tarimbeiros, que emprestaram á conferencia, o brilho da sua ausencia.

Todo o teatro, até mesmo o teatro escandinavo, que parece revelar-nos uma dramaturgia , independente confessou em velhas formulas, cujas receitas estão na posse dos troca-tintas franceses. A preocupação rectorica, absorve toda a dinamica indispensavel á boa estrutura duma peça. O abuso do descritivo, a prolisidade da analize, a aparição sistematica dos *raizoneurs*, reviviscencia dos coros do teatro grego, são outros tan-

4

tos elementos sobre que se apoia a estatica teatral invadindo a acção da dinamica.

Na propria estatica, os erros, as falhas, acumulam-se tonando todo o efeito da ilusão teatral. Assim o ambiente das peças é uma utupia para alguns criticos arrojados e cultos. As inflexões, o ritmo, o estetização da linguagem, e dos gestos é um motivo de estupefacção, para muita gente que tem no teatro o seu lugar marcado. A divisão dos actos e das scenas, é ainda, a obediencia a principios que já de ha muito deveriam pertencer á argueotogia da arte do comediante.

Agora a scenografia, a maquinaria, a luz...

Sobre estes pontos, obedecendo sempre a sua tese á dinamica teatral, o sr. Augusto de Lacerda, exprimiu-se como um autentico revoltado, como uma verdadeira utupista. Até agora só conheciamos, entre nós, a defeza brilhante desses pontos de vista feito pelo moço estudioso e trabalhador, Assis Esperança.

O que não seria de maravilhoso, de revolucionario na arte teatral, a possibilidade de variação de largura e altura do proscenio, consoante as scenas fossem de ar livre, ou representassem a prespectiva fechada dum interior ?

Quanto não ganharia a logica, a expressão da verdade estetica, quando se acabasse com as marcações pobres em mansardas, em que passeiam individuos como num parque, ou se comprimem figuras num bosque, como se estivessem entaipados num cubiculo de porteiro ?

Tanto isto são utupias, mas que importa isso, se como muito bem disse ao terminar, o sr. Augusto de Lacerda, um ideal é uma realidade do futuro que começa a abalar o presente ?

"A vida e obra de Dostoiewsky", pelo dr. Boris Knircha

Promovida pela revista «Contemporanea», realisou o sr. dr. Boris Knirch, uma interessantissima conferencia, sobre a «Vida de Dostoiensky, sua obra e sua filo-

5

sofia». Foi outra conferencia seca de sugestões. Boris Knircha advogado russo, exilado do seu paiz e pela convulsão politica que o agita, mostrou na sua conferencia uma cultura e poder de introspecção psicologica, admiraveis, sendo muito para louvar a atitude da «Contemporanea» que nos vem revelar o talento dum foragido, depois de lhe ter dispensado todo o agasalho intelectual.

Diante duma assistencia salpicada de valores intelectuais, a vida torturante de Dostoiensky, passou como um arrepio, como um simbolo do martirio do trabalho mental, sacrificado ás exigencias brutais da vida material.

Boris Knircha mostrou bem como Dostoiensaky, fez um proletario da literatura, não escrevendo uma obra, sem ter recebido os escassos proventos adiantadamente. Em toda a sua correspondencia a preocupação desesperada da falta de dinheiro, constitue paginas de tragedia que aniquila.

«A minha miseria! Se eu chegasse um dia a ter a vida assegurada...»

Seguiam-se apelos angustiosos implorando socorro monetario, a par de receios de exgotamento da resistencia.

—«Exigem de mim que eu faça literatura com arte pura. Atiram-me á cara com Tourguneff, e Goutehaff, mas não sabem ver em que condições eu trabalho, com que desespero arranco os cabelos, passando as noites sem produzir, consumindo-me num esforço gigantesco de deter o avanço das minhas crises.»

Eram as temiveis crises epileticas, que se sucediam regularmente com intervalos que passaram da semana a manifestarem-se diariamente.

Dostoiensky, queixava-se que fôra nos primeiros anos de trabalhos forçados na Siberia, que as crises entraram a ameaçá-lo, fazendo-o perder a memoria, a imaginação, todas as potencias espirituaes cuja ausencia atrae a loucura.

E' essa semi-loucura, é esse extraordinario poder de dinamica clarividencia, estetisando-se num misticis-

6

mo, num extasi sonambulesco em que se reflete, ou se absorve todas as minucias da tragedia humana, que determina a pujança febril do ambiente das obras de Dostoiensky.

Como muito bem disse Boris Knircha as obras de Dostoiensky, não são romances, são tragedias.

Nos personagens de Dostoiensky, não ha herois, ha vitimas.

O choque de paixões, as mais intensas, atingindo a vibratilidade da alucinação, não é a carne, o sangue, o coração que estão em luto, mas simplesmente o espirito.

Todos os personagens de Dostoiensky, sofrem um momento transcendental em que não sentem o proprio corpo, para ficarem transparentes, trespassados por uma sobrenatural espiritualidade, em que só o Eu interior, determina todas as suas suplicas.

Essa alta espiritualidade tem sido objecto de muitas discussões filosoficas, sobre a obra de Dostoievsky. Boris Knircha estuda-a com uma rara elevação e cultura que entusiasma a assistencia.

Ha quem pretenda vêr na obra de Dostoievsky, a alucinada exaltação da personalidade adquirindo louros de profeticos doutrinarismos, aceites mais tarde pelos anarquistas e sovietistas russos. Antes pelo contrario, sendo na obra de Dostoievcky, o reflexo da alma russa, sofredora, mistica, atribuem-lhe a beleza duma obra cristã, dum religiosismo com todo o segredo da eternidade.

Boris Knircha crê vêr na obra de Dostoievensky, a fatalidade arrancando os maiores clamores de desespero. O aspecto anarquista da sua obra, está em que a revolta, o desespero ante a fatalidade, é a dôr da fatalidade da submissão, que depois de resistir a todos os ambientes, a todas as paixões, sucumbe, ao mandato, imperativo do Eu. Extinto pelo sofrimento, do Eu que se recusa, ante a vontade do Deus supremo, unicamente aceite num momento de maravilhosa revelação.

Esta interpretação filosofica da obra de Dostoievnsky, é a que nos parece a mais completa das que conhe-

cemos, é talvez a mais estavel de todas quanto se tem produzido.

Pelo menos é aquela que mais se aproxima das ideias de muitos filosofos e escritores russos, dentre os quais me ocorre, Merajkovisky.

Eduardo Frias

Dos novos livros

"A religião do Espaço", por João Ameal

João Ameal envia-me o seu ultimo livro—*A Religião do Espaço*. Embora o autor sub-intitule de *novela* o seu recente trabalho literario, ele é o proprio que nos vem dizer, antecipadamente, que a *Religião do Espaço* não é uma *novela*, mas quasi um poema, um poema em que faz a apoteose da religião do dominio dos ares, que é ao mesmo tempo, a religião da Beleza e da Renuncia, do Sacrificio e da Epopeia. Os personagens d'este livro são simbolos. *Parsifal*, o heroe, é um simbolo. A *Tentadora*, é um simbolo. *Rafael*, o amigo de *Parsifal*, é um simbolo tambem. Por isso, para eles, e para que não percam a sua grandeza de simbolos, João Ameal *não empregou as palavras de toda a gente e as imagens de toda a hora*. João Ameal criou-os com a sua imaginação e a sua arte. São, por isso, talvez, inverosimeis. João Ameal confessa-nos mesmo que são inverosimeis. E explica:—*ser inverosimil, é ser superior. A humanidade só acha inverosimil aquilo que não atinge nunca.* Além de inverosimeis—os seus personagens estão fóra da nossa época. Não vivem a nosso lado. Não são de hoje, nem de ontem, nem serão de ámanhã—porque os personagens de ámanhã serão aqueles que forem tambem de hoje e de ontem. E porque não estão os personagens da *Religião do Espaço* dentro da nossa época? E é ainda

8

João Ameal que nos diz porquê. Oiçamo-lo:— *Quem está dentro da sua época—obedece á escravidão do maior numero.—Para se ser superior á sua época—é preciso estar fóra da sua época.*

Parsifal—o aviador Claudio Ermida—é um simbolo de vitorioso moderno. Ele realisa a maxima de Ibsen:—«o homem só, eis o homem forte. E porque é um homem forte é tambem um homem puro. Vive na montanha, dentro do seu lar, longe das histerías limitadoras, das civilisações sem beleza, das civilisações onde a vida se perde e se complica, só saíndo do afago biblico do Lar para os momentos epicos da Aventura.

Eis em resumo, em esqueleto—a novela ou o poema de João Ameal, que eu fiz ao correr da pena, mais com as palavras do autor do que com as minhas. Eu não farei o elogio de João Ameal. Tambem, mal d'ele não falarei. O elogio e a agressão são duas coisas tão banaes e tão comprometedoras—que eu, francamente, para não ser banal e para não me comprometer—não direi bem do livro, como mal do livro não direi. Isto não é um desejo de querer ficar bem com Deus, sem ofender o Diabo. E' uma atitude que eu tomo perante certas obras e perante certos autores. Não será uma atitude elegante. Mas as obras de arte não se discutem. Aceitam-se ou repudiam-se. Agradam ou não agradam. Discutir uma obra de arte, exaltando-a ou deprimindo-a, é banalisar essa obra de arte. Ou ha arte ou não ha arte. Mas ha arte individual e ha arte colectiva. Na arte individual está apenas o artista com a sua emoção propria, original e áparte. Na arte colectiva—dentro do artista está a multidão—por quem o artista fala e sente. Da arte colectiva pode o critico discutir—se o critico é artista e está dentro da multidão. Da arte individual—nunca o critico deve discutir—mas interpretá-la, se a sente. O critico deve ser sempre um interprete das obras de arte. Deve, se não as compreender, pelo menos *sentir* todas as obras de arte. Em cada obra de arte ha sempre uma parcela de beleza. E todos devem sentir e compreender a Beleza. O que se deve é combater a monstruosidade que se disfarça sob o manto da Beleza e por ela quere passar.

Se o critico muitas vezes e em muitos casos não

deve discutir a obra alheia—o autor não deve nunca discutir a sua obra.

A obra só pertence ao escritor, emquanto este a não publica. Depois de uma obra saír do segredo e da intimidade da gaveta—deixa de pertencer ao autor para ficar pertencendo ao publico. O escritor quando não escreve para si, escreve para o publico. E o que escreve para si—nunca deve ser publicado. E' por isso que eu não aprovo a atitude de João Ameal, em vir defender a sua obra anterior—*Nossa Senhora da Morte*. Com que direito? Se João Ameal não concede a Lourenço Cayola o direito de discutir a sua *Nossa Senhora da Morte*, João Ameal, como autor, muito menos direito teve a discuti-la.

João Ameal é um novo e é já um nome. E' um escritor que virá em breve ocupar dentro da nossa «literatura de arte» um dos mais belos lugares. Mas João Ameal está sendo prejudicado pelos elogios dos seus amigos.

João Ameal acreditou nas frases ajoelhadas que eles lhe endereçaram. Fez mal. Se os inimigos nos honram muitas vezes—os amigos prejudicam-nos quasi sempre. Os inimigos invejam-nos as qualidades. Um homem vulgar nunca teve inimigos. Os amigos lisongeiam-nos os nossos defeitos. Ora é preciso que João Ameal feche o ouvido ás palavras exageradas dos seus amigos. João Ameal tem altas qualidades, e está prejudicando a sua obra de hoje por abusar das suas qualidades de estilista. Quem aos dezasete anos escreveu *O que os meus olhos viram* e logo no ano seguinte os deliciosos dialogos do *Em voz alta e em voz baixa*, não falando na *Semana de Lisboa*, que tem paginas admiraveis de imagens e paradoxos—tem a obrigação de nos dar uma obra, se não definitiva, ao menos mais equilibrada. João Ameal complica demasiado a sua prosa. João Ameal abusa dos adjectivos e das imagens. Torna-se por vezes obscuro e incompreensivel. Mas replicar-me-ha João Ameal, que as suas obras de arte escreve-as ele para os eleitos, para os raros... Mas a obra de arte destinada aos raros e aos eleitos não é uma obra de arte. A arte deve ser para todos, deve entregar-se generosamente a todos. Diante de uma obra de arte não ha eleitos nem raros. Ha apenas um publico anonimo que vibra com a mesma emoção. Orfeu com seus acordes amansava as

proprias feras, que o escutavam, a seus pés, n'um enlêvo...

Um camponio e um bacharel em qualquer coisa devem sentir a mesma emoção, profunda e doce, ouvindo da bôca de quem os saiba dizer, com ternura e alma, uns versos de João de Deus. E é precisamente o povo quem aprecia a beleza da palavra, pois é ele o autor do nosso mais belo poema—o *Cancioneiro*.

João Ameal deve escrever com mais simplicidade. Nas coisas simples é que o artista revela todo o seu talento e toda a sua arte, porque não ha nada mais dificil e doloroso do que a aparente simplicidade.

Escrever para raros, para quê? Escrever para raros é escrever para ninguem. De João Ameal pode dizer-se o que Oscar Wilde dizia em as *Intenções*, de Meredith:—«quem poderá defini-lo O seu estilo é um cáos iluminado de subitos relampagos. Como escritor, é um mestre em tudo, salvo em linguagem; como romancista, tudo consegue, salvo contar uma historia; como artista, tem todos os dons, salvo o da harmonia».

Mas eu prometi não discutir o livro e a arte de João Ameal, e já principiava a esquecer-me...

Reblo e de Bettencourt

O Cinema

Breve analise da fita "O Primo Bazilio"

Varias opiniões sustentam que o cinema é uma expressão de arte inferior, alheia de beleza, falha de intenções, apagada de qualquer principio artistico. Admito, porém, o contrario e estou em crer que a «Arte do Silencio» como é chamada, não muito distante será uma afirmação de grande força na vulgarisação de todas as Artes.

11

Tudo depende da maneira como a cinematografia fôr conduzida, não indo na voragem doentia das paixões réles mas impondo-se como ensinamento de missões alevantadas e artisticas.

O Cinema é hoje em todo o mundo a mais facil maneira de vulgarisar. Em pouco tempo impoz-se duma forma definitiva ao gosto das multidões, tomou de assalto a predilecção de todos e alcançou lugar proeminente nas gerais atenções.

E' que numa fita cinematografica ha sempre qualquer coisa a saciar um pouco a ancia geral, ha sempre qualquer aspecto inédito para os nossos olhos, gastos e cançados de dias iguais. Arte moderna, ela intercecionа o imprevisto no bizarro, o realista no pitoresco, a beleza da forma na rudeza inculta, completando assim uma visão rapida que a nossa anciedade vai gosando na sofreguidão do desconhecido.

Arte moderna, ha poucos anos nascida, em breve lhe criaram escolas diversas em que o aperfeiçoamento foi buscádo, e entre esses laboratorios de investigação a forma americana em pouco tempo suplantou todas as outras, atingindo uma perfeição nitida, realisando o *desideratum* supremo: O maximo da sintese no minimo de tempo.

As escolas italiana e francesa, falhas de movimento, duma interpretação arrastada, cheia dos vicios de teatro, vivendo da *pose* mais do que da acção, sofreram com os processos americanos o golpe final. São hoje escolas mortas.

A America deu-nos uma realisação mais dos nossos dias, mais rapida, mais vivida. O documento passa veloz, os caracteres são recortados em breves linhas, os olhos veem só o preciso porque tudo se reduz a acção, a vida, a movimento.

Foi esse o segredo do triunfo, foi essa maneira de satisfazer os nossos olhos sem nos magoar o pensamento, esse encontro da maneira de apresentar egual a maneira de vêr, que fez com que a America seja hoje a Senhora do Mundo Cinematografico.

❖ ❖ ❖ ❖

Vem isto adrede da cinematografia portuguesa que agora começa a dar sinais de existencia. Entendo que é neste momento que essa industria deve ter em conta as graves consequencias que poderão nascer á sua prosperidade se, mal avisada, desatender o principio que a pratica mostrou como o mais perfeito.

Das fitas portuguesas já exibidas em publico — e falo apenas dessas porque só dessas é permitida falar visto que foram dadas por prontas — nenhuma teve aquela orientação que acima digo.

As fitas que se teem fabricado em Portugal pecam principalmente por serem feitas depois de 1920. Ha dez anos, quando a *Escola de Atitudes* era a unica conhecida, seriam sem favor, obras rasoaveis. Hoje a custo se veem porque já não cirrespondem á visão perfeita de fotografia animada.

E se não vejamos:

Que se tem buscado imprimir entre nós ?

Regionalismo, costumes, scenas de vida restrita em que a paisagem — o A B C da cinematografia — tem papel proponderante e é quasi a unica razão.

Depois, e ainda pela mesma causa, não se tem passado daquilo que os outros já não gastam: Arrobos amorosos entre flores, idilios ao luar, longas atitudes sobre moveis, *poses* demoradas repuxando reposteiros, um vasto rozario de coisas já mortas como sediças.

Longe de uma filiação na *Escola Rapida* as casas editoras portuguesas teem preferido a *Escola Lenta*, sem atenderem que a segunda está morta e que a primeira por ser a mais perfeita expressão da cinematografia é imposta pelo gosto do publico.

❖ ❖ ❖ ❖

Posto isto, analizemos a fita «O Primo Bazilio», edição da Empresa «Invicta», ha dias em exibição.

Neste trabalho encontramos todos os defeitos, todos os senões que venho dizendo. Não é uma fita de acção, que corresponda ao fim da cinematografia moderna. E' apenas uma colecção de fotografias com movimento que, longe de interessar, maça e aborrece.

Sabendo que ao *meteur-en-scene*, cabe toda a responsabilidade na factura dum trabalho, não posso nem devo apontar defeitos a qualquer dos interpretes. Demasiado sei que não são mais do que automatos mexidos pela vontade unica do ensaiador. Ele sim, como unico responsavel, tem direito á nossa justiça porque é o fiscal directo de tudo, desde a *découpage* das scenas á escolha das figuras, desde a boa harmonia do conjunto á factura geral da fita.

Acontece que «O Primo Bazilio», talvez a mais vulgarisada obra de Eça de Queiroz, perde tal como está filmada, quasi toda a solida factura com que o autor a cingiu.

Filiada na escola francesa, a acção é arrastada em scenas enormes, impossiveis já para os nossos olhos. Não se marca um caracter, não se define uma figura e embora ocupe o melhor de seis partes não sei em quantos metros, não tem vida, as figuras representam, fazem teatro em vez de cinematografia. O entrecho por falta de ser sintetisado, dilue-se, apaga-se inexpressivo.

Não ha um detalhe que marque uma hidiosincrasia. Somente Antonio Pinheiro, mais conhecedor da Arte do que qualquer outro interprete, conseguiu trabalhar um pouco por conta propria, fugir á garra despotica, e assim, deu ao *Conselheiro Acacio* um pouco de personalidade.

Evidentemente que nenhum dos actores e actrizes, que fizeram a fita tem culpa da má interpretação. Sujeitos á indicação do *meteur-en-scene* e filmando pela primeira vez, limitaram-se a executar o que lhe era ditado, nada mais. Ainda se tivessem mais conhecimentos praticos, poderiam escolher um ou outro gesto que lhes parecesse mais proprio, mas assim, na duvida, lidando com uma Arte quasi desconhecida, nada podiam arriscar, primeiro por ignorancia, segundo porque ao *meteur-en-scene* e sómente a ele, compete estudar tudo, de forma a conseguir os fins em vista.

E' portanto, ao *meteur-en-scene*, que ignoro quem seja, que cabem todas as responsabilidades. Foi porque ele deixou — ou mandou — que todas as figuras

gesticulam demasiadamente, e que por vezes falam sós, foi ele que não viu que junto á porta do *Paraizo* está durante meses a mesma roupa estendida, que na secretaria de *Jorge* ha uma rosa que tem uma duração demasiada, que *Luiza* dorme com relogio de pulseira no braço [illegible] que o banqueiro *Castro* traz uma cabeleira demasiado postiça, etc., etc.

Foi o *meteur-en-scene* que não soube fazer a montagem não intercecionando *ensembles* e *gros-plans*, mas apresntando scenas de igual conjunto em quadris e quadros seguidos.

Daí resulta uma lentidão na acção que cança os olhos e causa aborrecimento.

Se em vez da *Escola Lenta* se tivesse adoptado a *Escola Rapida*, se a definição de caracteres fosse dada em breves detalhes, se o trabalho fosse sintetisado, apertado, e se tivesse buscado uma maior interceção visual, a fita «O Primo Bazilio» seria uma obra cinematografica e não viveria apenas do renome do autor e da fama dos artistas que a interpretaram.

E' certo que em vez de seis partes, teria talvez tres o que não daria para uma sessão completa, mas sem favor poderia figurar em qualquer programa internacional.

Tal como está, a não ser por um preço muito inferior ou para fazer numero, não acredito que vá além do Brasil.

Henrique Rodão

No proximo numero:

VIDA SOCIAL PORTUGUESA, por Corrêa da Costa

ENTREVISTA COM TOMÁS TÉRAN, grande pianista espanhol, por José Dias Sancho

DESENHO de Christiano Cruz

A entrevista desta semana

A poetisa Judith Teixeira fala-nos da sua Arte e das suas intenções

Judith Teixeira tomou uma atitude um tanto literaria, como convinha á situação.

Afundou-se mais na poltrona de veludo verde, e começámos a falar sobre Arte.

Judith Teixeira defende calorosamente toda a literatura dos Novos.

A's vezes tem uma ironia; outras vezes a sua admiração irrompe em palavras floridas, como uma oração

Nenhum ambiente melhor para se falar de Arte de que a sua sala confortavel, tépida, acolchoada de tapetes e de almofadas, onde uma ou outra estatueta brilha, no encanto da sua nudez.

Dentro deste scenario cuidado, meticuloso, elegante, a sua figura de loura, ganha um fundo que a destaca, e dá um sabôr mais real, menos sonhado, á sua Arte exótica de decadente.

— Adoro Verlaine, Debussy, Ravel, Wagner, Eugenio de Castro, Bourdelle, Picasso,—estou, em Arte, na vanguarda.

Na escultura, na musica, na pintura, na literatura, estou sempre com as inovações.

Ha a necessidade de criar ritmos novos, de quebrar a rotina dos processos. Ser sincero dentro daquilo a que os outros, que o não são, chamam o ficticio.

— Admira-me porém, interrompi eu, que se rodeie, quasi exclusivamente, de moveis antigos, tendo esse tão grande amor pelo que é da hora que passa...

— Sou incoerente, como vê. Para que me havia eu de mascarar em palavras frivolas? Sou incoerente, mas esses moveis teem sobre mim uma influencia bem grande... Contam-me tantas historias!

— Interessa-me muito a evolução do seu espirito de Artista... Num meio como o nosso, pequeno, mesquinho, cheio de preconceitos, não é facil criar-se numa alma de mulher esse espirito de liberdade e de independencia que é o grande fundo dos seus versos...

— Espirito, redarguiu-me Judith Teixeira, que me valeu, de resto, muito graves censuras da imprensa...

— Pois bem! Eu gostava de saber, por exemplo, se desde muito cedo a preocupou a literatura?

— Desde os treze ou catorze anos. Fazia então uns versos ingénuos, que guardava...

Apareci em publico pela primeira vez, sob o incognito de um pseudonimo, no *Jornal da Tarde*, com composições em prosa.

A esse jornal, seguiram-se outros, até esta minha estreia em livro que, — parece! — tanto ruido causou entre os moralistas da nossa terra, e que intitulei de *Decadencia*.

Estão ainda os jornais a ocupar-se do assunto, e é deveras estranho o criterio com que certos jornalistas desempenham a sua função de censores...

— E' bom não nos preocuparmos com os que, em vez de apreciarem a Arte, se metem a estudar onde a sua moral de domingo, é danificada!

— V., que desenhou bem a sua atitude de Artista, deve continuar imperturbavelmente o seu caminho, que é largo, e deixar as sendas umbrosas ás mentalidades incipientes.

Tem projectos literarios?

— Vou publicar um novo livro de versos... Penso numa novela... Arquitecto uma peça de teatro...

— Do movimento moderno em Portugal, quais são os Artistas que a sua sensibilidade destaca?

— Judith Teixeira teve um movimento de hesitação. Percebe-se que receia maguar alguns dos seus amigos que não cite. Mas nós dissuadimo-la, pedindo apenas

tres ou quatro nomes que firmem uma obra que nos possa orientar sobre a delicada complexidade do seu espirito.

— Lentamente, a sua voz desprendeu-se:

— Eduardo Viana, Candido Guerreiro, Sá Carneiro, Carlos Porfirio, Aquilino Ribeiro, Americo Durão, toda essa magnifica pleiade de Artistas Contemporaneos cujos nomes eu queria que V. fixasse aí, no papel, se acaso o eu pronunciar os seus nomes alguma coisa destacasse da sua gloria... seduzem com sua Arte policroma, intensa, luminosa.

Alguem chama ao telefone.

Interrompe-se a conversa.

Vagamente percebemos que se trata de jornais, do livro novo, — de toda essa complicada engrenagem da publicidade que a toma, que a requere, que a escravisa.

Pousado o auscultador, levantamo-nos. Estava finda a entrevista.

Correndo ainda com um olhar a sala Luiz XVI, sóbria e distinta; atravessamos a sala oriental onde um baldaquino rubro sangra; percorremos a saleta onde um vago perfume de incenso boia, e damascos exibem os seus dourados ricos.

Já no vestibulo, Judith Teixeira estende-nos a mão gentil.

Chegavam visitas. E a entrevista já era para nós uma deliciosa lembrança onde se escoava um perturbante travo de saudade...

José Dias-Sancho

O presente numero da REVISTA PORTUGUESA sae com atrazo, devido a ter-se declarado em greve o pessoal da oficina tipografica onde ela é composta. O proximo numero da REVISTA PORTUGUESA publicar-se-ha no sabado, 7 de abril proximo, isto para regularizarmos a publicação.

18

Os Teatros

"Viriato", tragedia de Luna de Oliveira

Existe, rodeando o Teatro Nacional, uma atmosfera pesada, plumbea, criada e alimentada por uma intriga constante que sempre tem prejudicado o funcionamento d'aquela casa de espectaculos. O Teatro Nacional, que devia ser o primeiro teatro de Lisboa, porque é aquele que vive protegido pelo Estado e aquele que do Estado tem maior assistencia, não tem correspondido á sua missão, antes pelo contrario, pela sua marcha incerta e ação nula, só tem prejudicado o interesse dos verdadeiros artistas. Intrigas de todas as especies, teem conseguido afastar do seu palco, os melhores artistas portuguezes—atirando-os para outros palcos, quando ha muito tinham n'aquele conquistado o seu lugar, honestamente.

O Teatro Nacional tem sido motivo de muitos agravos a pessoas de bem. Porquê? Qual a razão? O favoritismo, a proteção escandalosa, o elogio facil.

O Teatro Nacional, *que fica sintomaticamente encravado entre a ilha dos galegos e o quiosque do capilé*, tem como sucursal o Martinho. E' n'este café que se fazem e se degladiam reputações. Não se conquista um lugar no palco, pretende-se *reputação* entre os frequentadores do café. Qual é o trabalho dos artistas d'aquele teatro do Estado? Que pensam? A'parte, Clemente Pinto, na personagem complicada e estranha de *Mister Wu*, qual é o outro artista que se tem imposto? Qual?

A companhia do Teatro Nacional, perante as outras companhias dos teatros de Lisboa, é uma companhia de 2.º plano, formada por dois ou tres elementos de autentico valor e mais nada, contando com o regimento numeroso de societarios!

Na parte feminina quem se evidenciou n'esta época, quem marcou pelo seu talento? Quem? E' impossivel responder.

Massa anonima que a noticia do jornal tem elevado como certos bocados de cortiça que as ondas atiram á praia!

Ilda Stichini, no Teatro Nacional, enchia essa lacuna, espalhando por aquele caseirão velho e tortuoso, sorrisos de vida, de saude. Obrigada a saír, porque asfixiava, porque necessitava de luz, não ficou ninguem para a substituir. Ninguem. Um grupo de societarias, entre as quaes só poucas teem um passado e merecem a nossa admiração! O Teatro Nacional de Lisboa vive o seu periodo maximo de decadencia. Não admira porque é um organismo do Estado e o Estado portuguez sofre n'este momento a maior das crises moraes por que tem atravessado.

O sr. ministro da Instrução tem negado esta afirmação em todas as conferencias a que tem assistido e usado da palavra. Não me espanta. E' uma opinião nota-oficiosa e nada mais.

❖ ❖ ❖ ❖

Mas vamos á Montanha do sr. Luna de Oliveira...

Ha muito tempo que o *Diario de Noticias* anunciava, quasi todos os dias a tragedia, em 3 actos, do sr. Luna de Oliveira, colaborador no genero opereta de D. José Paulo da Camara. A insistencia dos anuncios, a principio, não nos tolheu. Anunciar uma peça é coisa facil e depois podia ser que o sr. Luna de Oliveira tivesse as suas razões, os seus desejos de levar rapidamente a sua peça á scena. Teria outro fim o sr. Luna de Oliveira? Teria o autor conseguido no seu novo trabalho, algum aspecto interessante, alguma revelação sob o ponto de vista teatral ou artistico? Haveria alguma dificuldade? Consta-nos que sim, e que o autor, manifestando um grande desinteresse material, custeou a montagem da peça, entrando em combinações no que devia receber como direitos de autor. E' um sacrificio louvavel e foi sob esta optima impressão que assisti ao 1.º acto da peça. O sr. Luna de Oliveira, desprezando tudo, tinha naturalmente dentro de si, uma certeza... A certeza d'um exito artistico? Se o autor é facil de contentar, leu os jornaes e gostou da sua peça; se o não é, deve fatalmente concordar comigo...

Infelizmente enganamo-nos. A tragedia do sr. Luna de Oliveira, nada de novo representa para o teatro

portuguez. Não valia tanto sacrificio. O sr. Rafael Marques não a conseguiu representar e adoeceu. Era de esperar. Diagnostico facil. Quem declama tanto tem, fatalmente, que recorrer a um especialista da garganta!

A peça, *Viriato* é um *discurso lirico*. Não possue tres actos, possue tres intervalos, tres jornadas.

Tecnicamente é má e não me admiro, porque o autor estreou-se n'esta peça. Formada por dialogos longos, muito longos, um estendal de dialogos, paraliticos, arrasta-se pesadamente, n'uma intenção pueril de fazer literatura.

Não define caracteres, não tem ação, vida interior, silencio intimo. As personagens são mal desenhadas pelo autor e pelo sr. Augusto Pina.

Fogem a todas as atitudes, não se silhuetam, esfumam-se, perdem-se, somem-se. Não se realisam, não teem intenção psicologica, não vivem, não se recortam. A figura, Viriato, justifica a minha maneira de vêr.

Quem é, Viriato? Um heroe, um libertador, um gigante de uma só vontade. Quem é o Viriato do sr. Luna de Oliveira? Um general lirico que faz constantemente discursos á Montanha...

Não é um heroe-libertador, é um militar de opereta, possuido de atitudes falsas. Não é um lusitano nascido da serra e do granito, é quasi um poeta elegante de unhas tratadas na *manucure!*

A linguaguem, impropria algumas vezes, vem mostrar que o sr. Luna de Oliveira, apaixonando-se pela figura do Viriato, descuidou o ambiente e sabor historico da peça.

O final do 2.º acto, é absolutamente teatro de alçapão. *Fundo* de figuras mudas, processo conhecido, pouco humano e ha muito posto de lado. A origem do assassinato n'uma intriga amorosa não corresponde á verdade historica. Creio que o sr. Luna de Oliveira errou propositadamente. Já Antonio Patricio, o admiravel contista do *Serão Inquieto*, seguiu o mesmo processo no seu drama *Diniz e Isabel.*

Confessa-o no prefacio:—*quasi nada de historia e muito de lenda*...—O sr. Luna de Oliveira podia ter escrito a mesma frase, porque seguiu identico caminho. Por todos os motivos apontados a peça *Viriato* não marcou o seu lugar. Sob todos os pontos de vista,

o novo original portuguez, é mau. Literariamente é um exercicio... Teatralmente, o autor deve concordar comigo, não tem um aspecto novo. Historicamente, é falsa... Viriato tem uma unica paixão:—a Montanha; —uma unica preocupação:—fazer discursos.

Encarregou-se do papel de Viriato, o actor Rafael Marques que é alguem dentro do teatro portuguez e que já tenho palmeado justamente. Tem figura, voz, aspecto e um passado de estudo.

Não o posso citar n'este papel. Não o sentiu, não o viveu. Disse-o aos gritos, declamando muito. Mostrou uma optima memoria e nada mais. Não deu á figura o seu natural aspecto...

Criou um Viriato, general-politico. Viriato foi um barbaro-vencedor; um heroe nascido do granito, forte como a rocha, destemido como luzitano. O publiço aplaudiu-o no final do 2.º acto. Tenho a certeza que essas palmas não compensaram o seu esforço—o ilustre actor pode dizê-lo se quizer.

Clemente Pinto, actor de largo futuro, arcaboiço forte, inteligente, conseguiu fazer aquilo que lhe foi possivel. Disse com *panache* as largas tiradas amorosas.

Joaquim de Oliveira, actor muito correto, deu movimento ao seu papel; fez mais que o autor que o paralisou.

Joaquim de Oliveira tem grandes faculdades, naturalmente é por este motivo que tem sido um perseguido.

João Lopes não me agradou. Vencido pelas arrogancias do barbaro, não foi grande e a palavra Roma não evocou, não passou altiva na sua bôca. Perdeu-se...

O actor Matos Reis, n'um papel sem classificação, indefinido, vago, aparece e desaparece sem justificação. Foi correctamente.

Laura Cruz representou com lentidão. Foi pesada, vagarosa, arrastou-se, arrastou as frases, não marcou.

Maria de Vasconcelos tem todos os defeitos de quem entrou no teatro pela janela. Tem muitas incertezas. Não me agradou.

Resumo: Peça sem acção, divorciada da verdade. Má tecnica teatral; estrutura complicada e velha.

22

Manufactura de ha 30 ou 40 anos, possuindo todos os defeitos da época. Literatura de discursos. Um motivo:—a Montanha. Um unico personagem e mal esbocado:—Viriato.

Figuras sem movimentos e sem justificação; scenas paradas.

O desempenho, apezar de suficiente, foi mais feliz do que a peça.

Scenarios adequados ao ambiente da tragédia.

Augusto d'Esaguy

Exposições de Arte

A exposição de pintura Teles Machado

Abertas ao publico, encontram-se, presentemente, não sei quantas exposições. A exposição, como o longo e floreado discurso, vae-se tornando mania nacional. A mania do discurso inundou o paiz de oradores fluentes e de palavras sem conto; a mania da exposição tem feito nascer mais pintores, em Portugal, do que gascões, em França. Não se dá um passo que não se encontre um orador ou se tropece n'um pintor.

Tambem existe em Portugal um vicio formidavel, irresistivel; comer. E, caso curioso: são os oradores e os pintores que periodicamente, metodicamente se reunem em banquetes de arromba. Está explicada a razão, a alta razão que levou a *Contemporanea* a tomar sobre os seus ombros a organisação de exposições e de jantares. A *Contemporanea* está prefeitamente no espirito nacional.

Ora, se nunca fui ao *Tavares* comer os jantares da *Contemporanea* e ouvir discursos—decerto, deliciosos—não deixo, entretanto, de comparecer tão pontualmente quanto possivel, nas exposições que ela organisa. E' o unico beneficio que da *Contemporanea*

recebo—beneficio que reconhecidamente lhe agradeço.

A revista que por quatro vezes mencionei, se bem que dê jantares a muita gente que nunca deu o minimo esforço para o desenvolvimento da arte moderna, não usa de igual método na promoção de exposições. Até hoje só a temos visto patrocinar a obra que realmente se pode classificar de hodierna. E faz bem, porque tragar bons jantares e erguer brindes mais ou menos entusiastas, mais ou menos floreados, é empreza de que qualquer se desempenha. Agora, compreender e sentir toda a beleza da arte moderna, é tarefa para poucos, para raros, mesmo.

Entendeu a *grande revista mensal* que o sr. Alberto Teles Machado pertencia ao numero d'esses raros e tomou a peito revelá-lo ao publico, abrindo-lhe as portas d'uma loja de moveis por onde ele entrou com os seus setenta e tantos quadros e por onde eu entrei tambem, na cola de tres senhoras respeitaveis —duas novas, solteiras e ingénuas, e uma idosa e carrancuda—para vêr e apreciar.

Entendeu o sr. Teles Machado que, para melhor elucidação dos profanos, deveria editar um escrito seu que intitulou: *Da Arte Actual (manifesto-sintese-individual).* E antes de vêr, na boa intenção de preparar o espirito para a recpção triunfal das coisas novas que meus olhos iriam ter a ventura de contemplar.

O manifesto do sr. Teles Machado diz, em letras bem negras: «Não ha nenhuma obra d'arte má.» Na minha qualidade de critico senti-me confundido. Com uma frase tão curta o sr. Teles Machado acabava de meter-me n'um estreito beco com uma unica saída: o elogio á sua obra. No mesmo manifesto afirma-se que o artista deve «esforçar-se para andar só para dentro de si proprio». Compreendi então que para dar ao publico uma idéa da pintura do sr. Machado precisava andar em sentido inverso: de dentro para fóra do artista. Porém, para realisar tão dificil operação não encontrava plano facil. Precisava penetrar no espirito do artista até o compreender. Depois de abandonar a idéa de consultar o sr. Raul Leal, especialista n'estas questões interiormente espirituaes ou espiritualmente interiores, decidi-me olhar a obra e guiar-me apenas pelos indicios exteriores...

E quando olhei, tive a impressão de que não era

a primeira vez que travava conhecimento com aqueles qaudros. Eu já lhes havia sido apresentado. Por uma d'aquelas circunstancias frequentes na vida, não me recordei dos seus nomes, nem de quem mos apresentára—e resolvi tratá-los como pessoas que nunca se tivessem atravessado no meu caminho.

Quando entramos n'uma sala onde se encontram setenta e tantas pessoas que não conhecemos, sucede que dificilmente retemos na memoria seus nomes diversos. Um ou outro fica—os restantes passam. Lembro-me, por exemplo, de ter fixado a *Mulher-sintese azul* e pareceu-nos que essa mulher azul, que não positivamente o passaro azul, devia ser ou reminiscencia do autor ou reminiscencia nossa.

O sr. Teles Machado é subista em quasi toda a sua obra. Ora o cubismo não é hoje, não pode ser hoje considerado uma escola que satisfaça—é apenas um subsidio, um poderoso auxiliar da arte moderna. Pintar ou desenhar qualquer figura, rigidamente cubista, é como se se desenhasse um esqueleto terrificante e se dissesse na legenda: Uma formosa mulher.

Todo o pintor que na sua evolução de artista se demorou um dia encantado pelo volume e pela vida que ele dá ás coisas, nunca mais deixa de ser cubista. E o olhar experimentado do critico, por mais que o artista queira ocultar esse processo de arte que, uma vez usado se torna parte integrante do temperamento do pintor, como o sangue que lhe corre nas veias, descobre sempre, como uma tara, o cubismo diluido subtilmente nas linhas mais simples e sinteticas. Com o sr. Teles Machado, não sabemos, porque fenomeno, dá-se o contrario. Apresenta trabalhos que não são cubistas, que não teem desenho, que não são coisa alguma, que desmentem a boa qualidade por ele emprestada a todas as obras de arte, inclusivamente ás suas.

Os homens de génio, os homens de excepção, são por esse motivo quasi sempre desiquilibrados, não possuem, em regra, uma obra serena. Com a mesma inconsciencia tocam o sublime ou o ridiculo, erguem monumentos de beleza ou de fealdade. O sr. Teles Machado não é, com bastante pesar de todos nós, um homem de génio. Pois, apesar d'isso, a sua obra é desequilibrada, plena de altos e baixos incompreensiveis.

Possue desenhos d'uma simplicidade e segurança de traço que só longos anos de trabalho atingem, a par de outros que nem meros iniciados ousariam trazer a uma exposição. Dir-se-hia—estamos convencidos do contrario—que não são feitos pela mesma mão.

Em face d'este fenomeno e, dada a impossibilidade de acompanhar o sr. Teles Machado na marcha que ele encetou para dentro de si proprio, confessamo-nos incompetentes para classificar a sua obra. Limitamo-nos a registar factos visiveis a olho nu, e não sômos a mais obrigados.

E' possivel, entretanto, que no proximo jantar da *Contemporanea*, um orador de raça tudo explique a contento de todos...

Mario Domingues

CONTEM
PORANEA

grande
revista
mensal

Musica

Acerca de S. Carlos e da reforma a fazer

II

Não teremos compositores nem tão pouco cantores?

Temo-los e em numero apreciavel ainda que muita gente diga que são reduzidos e que os compositores não produzem.

Comtudo, esses que tão levianamente afirmam factos que desconhecem não se lembram de que os cantores não são contratados e que os compositores resignam-se a guardar os originaes na gaveta. Os resultados derivantes d'estes processos patenteiam-se na retirada para o estrangeiro de quasi todos eles, onde são recebidos com carinho, e na relutancia que muitos amadores com condições apreciaveis, em pisar o palco como profissionaes.

O facto de alguns estreantes falharem, nada quer dizer, porquanto em Italia e em França apresentam-se anualmente em publico muitas centenas de jovens cantores e cantoras e, no emtanto, nem todos conseguem impõr-se.

Sem que se faça vir a publico aqueles que desejem seguir a carreira artistica nós não poderemos vaticinar a inepcia dos cantores.

Nas audições que os professores de canto dão durante o ano, aparecem, por entre a chusma de vaidades, vocações definidas que poderiam constituir elementos magnificos. Mesmo para qualquer não deixa de ser vantajoso, porquanto iria preparando grupos de cantores que um dia poderiam formar, sem necessidade de estranhos, uma companhia de opera, isto é, uma empreza n'um futuro mais ou menos proximo, não precisaria comprar cambiaes para pagar honorarios.

Não vá induzir-se por isto que os cantores portuguezes não devam ser bem retribuidos. Não. O que

pretendo significar é a diferença enorme entre os honorarios pagos em francos e a nossa moeda.

Quando os compositores portuguezes apresentassem os seus originaes, não seria necessario cantá-los em italiano, como geralmente tem sucedido.

Ainda está na lembrança de todos o efeito pessimo quando se ouviu o *Crisfal*, o *Auto do Berço*, de Ruy Coelho e, ultimamente, a *Serrana*, de Alfredo Keil com interpretes que se serviam de linguas diferentes.

Se temos por ora poucos cantores, é preciso não afugentá-los. Pelo contrario a empreza de S. Carlos, qualquer que ela seja, tem obrigação de ampará-los, o que servirá de incitamento para muitos amadores que se atemorisam com a idéa de seguir a carreira artistica.

Os poucos que temos não são contratados e procuram refugio no estrangeiro.

Apresente a empreza contratos vantajosos áqueles que estejam entre nós ainda, e ver-se-ha que no ano seguinte alguns outros aparecerão. Protegendo-os com carinho e amparando-os cuidadosamente, em pouco terão surgido algumas d'essas raras estrelas que deixam o nome celebrado.

Usando os nossos processos, jámais teremos cantores. Muitas vezes tem acontecido a opereta sacrificar elementos que, com estudo, seriam bons na opera.

Uma educação artistica no estrangeiro torna-se, com a atual situação, dispendiosa, e a não ser a esperança n'uma futura remuneração, nada poderá decidir aquele que não sejam beneficiados pela fortuna a contrair encargos pesados para os quaes não ha minima possibilidade de compensação.

Quando este primeiro nucleo de cantores tivesse cedido o logar a um outro, já então muito acrescido em numero, começar-se-hia pensando n'aquilo que eu julgo importantissimo para a vida musical portugueza: a *escola de canto*.

Aos compositores acontece o mesmo. S. Carlos ainda não lhes abriu as portas, conseguindo apenas entrar, após muitos esforços e lutas porfiadas, Ruy Coelho, com o *Crisfal* e o *Auto do Berço*, e por tal fórma apresentadas que, desde o primeiro momento, a platéa ficou mal disposta. Não fali na *Serrana*, porque,

28

segundo me consta, foi um grande admirador de Alfredo Keil, o senhor Coelho e não a empreza, quem cobriu as despezas da *mise-en-scène.*

Temos alguns compositores que apenas aguardam o momento para a sua apresentação em publico. Não se compreende esta falta de proteção áqueles que tentam trabalhar. Só pela audição dos trabalhos realisados um compositor poderá corrigir certos defeitos e portanto, progredir.

Conheço alguns compositores que não produzem por que S. Carlos está-lhes vedado.

Em todos os paizes os teatros nas condições do nosso lirico põem em scena os trabalhos dos compositores nacionaes, considerando-os um prolongamento dos Conservatorios.

No Brazil, n'esta ultima temporada foram cantados tres originaes brazileiros. E' o proprio Estado que actua n'esse sentido sobre as emprezas que exploram o *Teatro Municipal.*

Um compositor novo que queira aprender, uma das melhores escolas a que poderá recorrer é um teatro lirico, sobretudo durante os ensaios e isso compreende-se facilmente pelas repetições a que são obrigados os diferentes naipes da orquestra e os córos.

A empreza que em nada se prejudicaria com a assistencia dos alunos de composição aos ensaios, não lhes permitiu a entrada.

Eu, que sou um compositor que já me apresentei em publico n'um concerto de composições minhas, necessitando fazer estudos de instrumentação e de orquestração, não consegui assistir aos ensaios de algumas obras de capital importancia para mim, como o *Boris*, *Siegfried* e *Walkyria*, emquanto que a muitos outros individuos que não são musicos se lhes dava ingresso no teatro.

Isto que se passou comigo e com muitos outros é vergonhoso e degradante.

O facto é que os aplausos que coroaram as obras de Ruy Coelho e de Alferdo Keil atestam a existencia de uma corrente nacionalista, que obrigará a empreza a apresentar originaes portuguézes inetrpretados pelos nossos cantores.

Certamente que não poderá pôr em scena todos os trabalhos que se apresentem, mas para isso fixa-

se o numero máximo que poderão ser aprovados—os melhores, naturalmente.

No ano transato abriu-se um concurso para os compositores portuguezes, nomeando-se um juri.

Appareceu apenas um concorrente, Ruy Coelho, com as *Rosas de todo o ano* e a esse unico a empreza não garantiu a representação, pelo que o autor a retirou.

Abrir-se um concurso e nomear-se oficialmente o juri, não dando garantias algumas aos concorrentes, é uma arbitrariedade inconcebivel.

Muita gente viu n'este facto má vontade da empreza, assim como na recusa á permissão de assistencia aos ensaios.

Má vontade, talvez mais aparente do que real. No fundo, mais desorientação que propriamente vontade de inutilisar os esforços dos artistas portuguezes.

Os artistas é que não devem por fórma alguma ficar prejudicado com a falta de orientação e de criterio.

Eu e todos os artistas portuguezes rendemos homenagens á empreza de S. Carlos pelas boas intenções que a teem animado até aqui, apesar de estarmos esbulhados em interesses legitimos, sob todos os aspectos.

O teatro é do Estado, para ele todos nós contribuimos; tem um fim de utilidade colectiva e serve, não para gaudio e regalo de meia duzia de beneficiados, mas para os artistas portuguezes desenvolverem as faculdades de criação e de interpretação e tambem para todos os portuguezes que o desejem gozar, durante algumas horas, cultivando o espirito.

E' vergonhoso que um teatro do Estado se tenha de alugar a uma empreza particular que nada paga pela sua posse.

Saiba-se que S. Carlos é cedido gratuitamente á actual empreza, e que um artista ou mesmo uma entidade como o Conservatorio Nacional de Musica, caso queira dar n'ele um espectaculo, tem de pagá-lo aos seus concessionarios.

Aqui não ha má vontade da sociedade arrendataria. Ha apenas desorientação e imprevidencia de quem o cedeu.

Ivo Cruz

A festa do maestro Fernandes Fão

Ha tres anos, quando Viana da Mota abandonou a chefia da Orquestra Sinfonica de Lisboa, toda a gente que se interessa pelas coisas de musica julgou findos os concertos no Politeama.

As consequencias seriam, caso tal sucedesse, funestas, pois ficariamos apenas com os concertos no S. Luiz.

O monopolio acarretaria um despotismo exercido sobre os musicos e sobre o publico. Constituiria vergonha suprema para nós, não haver em Lisboa uma orquestra dirigida por um português.

Foi então, e em circunstancias melindrosas que me abstenho de apresentar, que surgiu Fernandes Fão.

Para muita gente foi uma verdadeira revelação a segurança com que o novo chefe da Orquestra Sinfonica de Lisboa a dirigiu desde os primeiros concertos.

O maestro Fão, antigo aluno classificado na classe de violino de Conservatorio de Lisboa, era ha muitos anos regente da Banda de Musica da Guarda Republicana ,o que lhe desenvolveu extraordinariamente as faculdades inatas de musico.

De ano para ano tem-se imposto e por forma tal que, no domingo passado, a sala do Politeama encontrava-se repleta de admiradores anciosos por tributar as homenagens muito justamente merecidas.

O maestro Fão tem apresentado nos seus programas obras modernas de compositores portugueses e estrangeiros.

Muitos teem sido os pianistas que teem tido ocasião de apreciar as suas faculdades de acompanhador.

Muito teem os musicos ainda a esperar da sua competencia.

As homenagens que o numeroso publico prestou são, por todos estes motivos, justas.

Eu e todos os que trabalham nesta revista saudamos sinceramente o maestro Fernandes Fão.

I. C.
31

PIANOS BECHSTEIN

OS MELHORES
ENTRE
OS MELHORES

J. HELIODORO DE OLIVEIRA
PRAÇA D. PEDRO, 56, 57 e 58
LISBOA

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE
POR CORRESPONDENCIA

Peçam os prospectos do Instituto Nacional de Ensino por Correspondencia, L. Trindade Coelho, 6 — Lisboa, e as condições para a matricula nos cursos nele professados. Este Instituto tem alunos em todo o continente, ilhas, colonias, Brasil, Estados Unidos da America e outros paises

32

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR

VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA DE ARTE, SPORT, TEATRO, MUSICA, VIDA ESTRANGEIRA.

SVMARIO

DESENHO, por Christiano Cruz; VIDA SOCIAL PORTUGUESA, por Corrêa da Costa; EXPOSIÇÕES DE ARTE, por Mario Domingues; DOS NOVOS LIVROS, por Rebelo de Bettencourt; A ENTREVISTA DESTA SEMANA, por José Dias Sancho; REVISTA DAS REVISTAS, por Alvaro Maia; O CINEMA, por Henrique Roldão; MUSICA, por Ivo Cruz; AS CONFERENCIAS DA SEMANA, por Eduardo Frias

Publica-se aos sabados—Assinaturas: serie de 4 numeros, 4 escudos. Avulso, 1 escudo—Edição e propriedade de V. Falcão—Oficinas tipograficas, Rua do Mundo, 116—Escritorios, Rua Nova do Almada, 46, sloja

Sabado
7 de Abril de 1923

Desenho de Christiano Cruz

Da vida social portuguesa

A opinião publica

O mais alarmante dos sintomas da nossa incompetencia moral, é a ausencia dum espirito colectivo, ou antes a falta de uma consciencia nacional, que una solidáriamente todos os portugueses. Se levarmos a nossa análise mais fundo, encontramos este espirito adormecido, vitima do egoismo que cada vez mais corroe e aniquila as vontades orientadoras. E' latente o nosso desejo de afirmação e de raça. Na nossa vida contemporanea três factos recentes lhe dão a mais completa confirmação. Simplesmente o egoismo, que é a mais dolorosa das consequencias do após-guerra, tem sido o obstáculo concreto contra o sentido afirmativo, que uma das mais firmes vontades nacionais. No *Ensaio de uma moral*, Guyau confirma sintéticamente—«O raciocinio egoista está sempre pronto a intervir para paralizar os primeiros movimentos expontaneos do instinto social». Eis o que entre nós se tem dado experimentalmente.

Os factos que podemos já chamar históricos, são a apoteose aos soldados desconhecidos, a viagem aérea ao Rio, e a viagem do Chefe do Estado ao Brasil. Estes três factos, que poderiam ter imediatas consequencias económicas e politicas, marcam um alto sentido de raça e de afirmação nacional, pena é que o egoismo ambiente os tivesse quási inutilizado nas suas consequencias benéficas.

Em todo o mundo se pressente um acordar de novas fontes de trabalho e de adaptação social; a luta entre a riqueza e o trabalho, juntamente com as lutas que em todos os paizes europeus têm um fundo nacionalista, tornam concreto e real este ponto de análise

3

e observação. Entre nós, pelo contrário, a falta de uma consciencia colectiva desorienta os politicos e os dirigentes, a pontos de muitas vezes ser contraproducente e inutil a opinião publica.

Não há um sentido concorde entre os interesses e o povo. Cada vez mais metido dentro do seu egoismo e subalternisado á opressão da vida (a pior das opressões) o povo perdeu o instinto de raça, só se manifestando nos minutos heróicos em que é preciso manter a dignidade ou a efectividade nacionais. As classes dirigentes não dirigem, as universidades em vez de uma função dirigente têm apenas uma função coordenadora, as escolas e academias lutam contra a alarmante incapacidade mental e de cultura, da burguezia e das élites. D'ahi, necessáriamente, a falta de um acordar de espirito nacional que, além de ser uma alta consciencia colectiva, afirma mais do que tudo um sentido inteligente e cooperador de opinião publica. Fernando Pessoa, num admirável estudo publicado em 1919 sobre «A opinião publica», analisa concretamente:—«A vida duma sociedade é fundamentalmente uma vida de acção. E', portanto, pela acção, que o individuo é social. E', portanto, pelas faculdades que conduzem á acção que o individuo é directamente social». O que falta á consciencia nacional é, sobretudo, falta de acção ou não saber agir a tempo e oportunamente.

Nunca, como agora, se assistiu ao espectáculo raro e emocionante, de dia a dia se irem anulando todos os sintomas de categoria e ordem social, aponto de não sabermos distinguir o que seja uma sociedade contemporanea. Onde a influencia dirigente das *élites*, onde a influencia das *élites* de inteligencia e de sangue? A hora que passa é uma hora de afirmações, sobretudo materiais e de altos interesses. Um mundo novo surgiu e com ele uma nova moral, que lentamente vai tomando vulto e lentamente tambem vai sendo analizada e criticada.

Sem cultura generalizada, vivendo de meia duzia de espiritos superiores, Portugal foi sempre um campo

4

restrito de valores mentais e morais. Homens como Ramalho, Bruno e Bazilio Teles morrem num esquecimento bárbaro. E a insuficiencia mais completa do nosso espirito decadente está na falta de compreensão do que eles valham, ou do que eles representavam em valôr na nossa vida intelectual. Depois, o nosso pessimismo é deletério, não tem consequencias uteis de análise ou de escalpelização. Não criticamos para emendar, não censuramos para conseguir remédio.

O publicista económico sr. dr. Quirino de Jesus, no livro que, de colaboração com Ezequiel Campos, agora publicou, *A crise portuguesa*, depois de analizar os nossos males financeiros e de desiquilibrio económico, afirma consoladoramente que «exprimir o pessimismo dos factos não é ser pessimista». Consoladora verdade que revela a certeza de que é mostrando a verdade que se póde procurar o caminho de salvaçãoe de equilibrio nacionais. A ausencia dum espirito nacional que servisse de ambiente e de carinho aos homens representativos, eis um dos grandes e dos piores males. E' preciso crear um élo de opinião, torná-la corrente com os nossos instintos de patriotismo, que não é nem nunca foi uma palavra declamatória, antes será sempre um sentido afirmativo de raça, contra ela sorrindo ou desdenhando apenas os acéfalos ou os inuteis. Entre os dirigentes e os dirigidos, entre os poderes de Estado, sobretudo entre os poderes legislativo e executivo, há um vácuo, a falta de uma consciente opinião publica coerente com uma mais alta e superior consciencia nacional.

Mas o que é, socialmente, uma opinião publica? Melhor do que eu a define o ilustre escritor Fernando Pessoa, no já citado artigo:

«Opinião publica quer dizer a opinião geral corrente em uma sociedade. Investigar quais sejam os fundamentos da «opinião publica» quer dizer, portanto, investigar quais sejam os fundamentos de uma opinião geral corrente em uma sociedade. E isso implica que investiguemos, apenas, quais as condições mentais que

5

motivam a existencia, em uma sociedade, de uma opinião geral, ou «publica». E, como se trata de uma opinião *geral*, isto envolve, em final análise, que determinemos quais as condições que motivam, em uma sociedade, a possibilidade da existencia de uma opinião *susceptivel de generalidade*, capaz, por sua natureza, de se tornar extensiva a todos os homens que compõem essa sociedade. Tanto basta para que vejamos que a investigação, em que iamos, dos instintos sociais, deve limitar-se á constatação de qual seja o *instinto social fundamental*. E o instinto social fundamental será aquele pelo qual um individuo se sinta *mais intima e profundamente* similhante do *maior numero possivel* de individuos.

Isto posto e esclarecido, podemos regressar á linha do nosso raciocinio.

A vida social, vimos, é essencialmente acção. A constação de semelhança entre dois individuos resume-se, portanto, na constatação, entre eles, de uma semelhança de acção. A constatação de semelhança profunda e extensivel a um grande numero de individuos assenta, portanto, na constatação, entre esses individuos, da semelhança entre eles naquelas suas acções que mais demonstram uma semelhança ou dessemelhança profunda entre os individuos, e naquelas suas acções que maior semelhança ou dessemelhança estabelecem entre o maior numero possivel de individuos. Ora as acções que mais demonstram uma semelhança ou dessemelhança profunda entre os individuos são aquelas que derivam do que em cada individuo haja de mais profundo. E as acções que estabelecem uma semelhança ou dessemelhança entre o maior numero possivel de individuos são aquelas que, *por mais naturais, mais gerais, mais repetidas*, são por isso comuns a um grande numero de individuos, sendo, atravez delas, constatada fácil—imediata—e constantemente a semelhança ou dessemelhança entre os individuos. Segue, portanto, que a acção que mais implica a semelhança ou dessemelhança entre vários individuos é aquela que, sendo a mais natural, a mais geral e a mais re-

6

petida, seja ao mesmo tempo, a que represente o que em cada individuo haja de mais profundo».

Definido o que de fundamental há na opinião publica é justo que vejamos o seu reflexo nas consequencias de uma util politica nacional. O politico precisa auscultar a voz, a opinião geral, para se pôr em contacto com a chamada corrente concorde ou discorde. Sem a exstencia de uma opinião, de uma coerencia social nos assuntos de efectividade e utilidade publicas, a politica perde o seu expressivo poder social e torna-se apenas numa expressão individual dos governos. O maior mal contra a Nação e contra a grei é a luta de classes e o intuito agressivo dos lucros e dos «trusts». E' preciso acordar a adormecida consciencia nacional. Ela existe e tem um fundo, uma herança histórica, simplesmente as condições do meio a tornam cada vez mais apática e mais inutil. O nosso pessimismo é a consequencia de uma análise que nos leva directamente ao optimismo. Contra o sintoma do desinteresse do paiz, contra o próprio paiz lutam as *élites* e todas as vontades orientadoras.

Um mal surge sempre, a moral agressiva que o individualismo e o materialismo herdaram do após-guerra. Emquanto se não realizar uma politica de enérgicas atitudes e de rude justiça económica será sempre desoladora e alarmante a falta dum instinto colectivo e duma forte e fiscalizadora opinião publica.

Corrêa da Costa

Ler no proximo numero:

Critica da exposição dos trabalhos dos alumnos da Academia de Belas Artes, por Mario Domingues

7

Exposições de Arte

As paisagens do sr. Armando Lucena e os desenhos do sr. Bento Correia

Este ano vai fértil em exposições. E ainda não expuzeram todas as meninas que pintam flôres e cebôlas, alhos e alfaces, couves e panelas... E ainda não surgiram as gentis discipulas dessas senhoras respeitáveis que ensinam a pintar rosas vermelhas em almofadas de sêda azul... E ainda não apareceram os alunos da academia, bem treinados, bem amestrados, a mostrar suas habilidades prometedoras... E ainda não se realizou nos salões da Sociedade de Belas Artes o certame anual, com musica celestial e a visita do sr. presidente da Republica recebida por casacas cerimoniais...

O ano vai fértil, o ano vai fértil! A chuva não tem faltado e as alfaces dos discipulos do sr. Columbano hão de aparecer mais frescas, mais viçosas, mais apeteciveis.

Emquanto as hortaliças e as flôres não chegam vai-se entretendo o critico a visitar com a sua melhor pachorra, com a sua paciencia inexgotável, as salas que por ahi se conservam patentes aos seus olhos curiosos.

* * *

Respira-se em Lisboa uma atmosfera impregnada de tédio que amolece os nervos e peza como chumbo no nosso cérebro. Há necessidade de distracção, de movimento, de actividade mental.

Hesitante, põe-se uma pessoa por vezes a pensar com os seus botões: para onde ir? onde encontrar uma distracção?

E não sabe a gente se há de encafuar-se na *Brasileira* ou no *Imperial*, meter-se num carro e ir vêr os hungaros dar pontapés formidáveis numa bola de couro, ou

8

deixar-se ficar, para ali, arrimado a uma esquina do Chiado, a seguir com a vista s mulheres pintadas, os *bibelots* ambulantes, as misérias *chics*, o luxo mentiroso.

Um homem que arraste comsigo este *spleen* insuportável, um homem aborrecido e massacrado pela banalidade da vida que o cerca, acaba sempre por procurar uma exposição de pintura onde recrear-se...

Procurei o salão Bobone. São ali inevitáveis as exposições de pintura. Encontrei os quadros do sr. Armando Lucena, os verdes do sr. Armando Lucena, o Jardim da Estrela do sr. Armando Lucena.

Faz este pintor aquela arte preciosa que não molesta opiniões, que bem dispõe as senhoras, que provoca os elogios de todos os que vêem os quadros com os olhos, deixando o espirito dormir a sôno solto. A pintura do sr. Lucena é uma pintura de pessoa ajuizada, de pessoa que pensa muito no seu pão e no pão dos seus filhinhos. E' uma pintura que, no dizer de qualquer conselheiro ponderado, se póde afoitamente colocar numa parede da casa de jantar, porque não causa repugnancia, ou no quarto virginal da filha mais velha, porque não produz pensamentos lubricos.

E' uma pintura deliciosa, pela ausencia de ideias e de intenções. Posta-se uma pessoa em frente de qualquer daqueles quadriláteros que encerram um pedaço do Jardim da Estrela—e pregunta: qual seria o pensamento dominante do autor quando se abalançou a obra de tanto pêzo? Procura-se nos verdes, nas estátuas, nos reflexos dos lagos, nos horizontes, uma intenção, um quê, um motivo—e nada. Chega-se á conclusão de que o sr. Armando Lucena não teve um pensamento superior a norteá-lo. Quiz apenas que os seus pinceis reproduzissem como qualquer *kodak* a paisagem que se lhe apresentou.

Já vimos, pois, que o sr. Lucena pinta porque pinta, pinta por ter a profissão de pintar.

Passemos á técnica pictoral. E' académico, isto é, pinta pelos moldes velhos, pelas receitas já aplicadas por todo o mundo. As receitas são como chave de se-

gredo divulgada a toda a gente. Com elas obtêm-se todos os tons, resolvem-se todos os problemas da côr, da luz e da perspectiva. Bastam alguns anos de treino para se chegar, por essas receitas, a pintar como toda a a gente, a pintar como o sr. Armando Lucena.

Feito o balanço geral: que encontramos nós no sr. Lucena? Um profissional da pintura, um homem que aprendeu a fazer quadros como aprenderia a fazer botas bem feitas. O sr. Lucena não é um pintor. Para ele, pintar é um oficio. O sr. Lucena não é um artista— é um artifice. Como artifice não póde senão merecer os aplausos do publico e do critico que, como artifice, o admira e considera.

* * *

Na Sociedade de Propaganda de Portugal estiveram patentes os desenhos dum rapaz novo—saído há pouco tempo da Academia de Belas Artes.

Não vimos novidade que espantasse nessa exposição, mas tambem não observámos pretenções irritantes. Peca pelo academismo? E' verdade. Que deviamos, porém, esperar dum rapaz que durante não sabemos quantos anos esteve submetido á vontade dos mestres, cujo critério de ensino deixa muito a desejar?

Entretanto, vimos, ou melhor, pressentimos no sr. Bento Correia, a par duma modéstia e honestidade impecáveis, uma ancia de libertação que nos merece simpatia.

Se Bento Correia, com as qualidades admiráveis que possue, tomar a peito pôr de parte todo o convencionalismo que o domina e, estudando as modernas teorias da estética, que nos parece corresponderão melhor ao seu temperamento, procurar tomar posse de si próprio, desenhando o que sente, estamos convencidos de que brevemente poderemos contar com um artista de raro valôr.

Oxalá aquele desejo de libertação, de originalidade, de sinceridade, que notamos no sr. Bento Correia se acentuem de futuro com mais pujança e independencia.

Mario Domingues

Dos novos livros

"Noite de Natal" — Teatro de Assis Esperança

Assis Esperança, que tem em *O Rebanho* uma das melhores novelas, senão a melhor de quantas têm aparecido ultimamente, na febre da ganhuça de editores baratos, poz em letra redonda uma peça em um acto, tentativa de teatro regional — precedendo-a de um desassombrado estudo. Essa peça — *Noite de Natal* — foi á scena no *Salão Foz*. Foi á scena e caiu estrondosamente. Se para a empresa industrial foi um fracasso — para o autor foi um legitimo triunfo. De resto, era de esperar o fracasso de uma peça como a *Noite de Natal*, representada por um grupo de actores que não sendo artistas, mais pareciam amadores de sociedade filarmonica dansante.

Eu não me lembro bem do que disseram a proposito os criticos matutinos e vespertinos da capital. Mas creio que Assis Esperança — deve andar satisfeito com a bordoada que muitos deles lhe deram. Isto de cair na graça de certa gente, é coisa que muito compromete. Elogios há que dão cabo de um escritor para toda a vida.

Já Silva Pinto, a proposito de Camilo, disse uma vez que basta escrever-se mal para se ter muitos leitores.

Caiu a peça — *Noite de Natal*. Porque é má? Não. Porque foi mal representada. As peças caem sempre não por falta de compreensão por parte do publico, mas porque os actores não as sabem interpretar com inteligencia, com vida e com arte, a vida da arte e a arte da vida. Querem um exemplo? O *Amanhan*... de Manuel Laranjeira. Escrito como está não é teatro. Tem todos os defeitos. Falta de movimento, mo-

nologos longos e dialogos sem naturalidade. Se analizarmos melhor esse prologo dramatico notaremos sem esforço que os personagens são falsos, embora no fundo, em conjunto, contenham uma parcela de verdade. Pois bem, o *Amanhan*... com todos estes defeitos e com outros ainda que não vêm para o caso — teve um exito extraordinario quando foi representado pela primeira vez por esse estranho actor que foi Luciano de Castro. Esse actor que foi o maior do seu tempo, porque foi o mais dolorosamente humano — fez duma peça literariamente falsa, um acto teatralmente verdadeiro. Soube encarnar-se de tal modo no *Vagabundo*, com a sua dôr e a sua revolta, o seu desespero e a sua renuncia de vencido de si e dos outros — que o *Amanhan*... na alma, no gesto e na voz de Luciano de Castro foi um proprio farrapo de vida humana, a sangrar, cruel e alucinante, com um grito e um soluço, toda a mentira da vida, toda a mentira dos homens.

A *Noite de Natal* de Assis Esperança, é uma tragedia. Pelo menos a tragedia de uma alma. Uma tragedia que não acaba. Por isso mesmo ela fica suspensa, ao cair do pano. Está fora das regras? Mas a vida não tem regras. A vida é a vida. E o teatro que imita a vida deve ser como a propria vida, deve caminhar como a propria vida — entre uma dôr e uma interrogação.

Por ter tantas regras é que o teatro está velho e cançado. E' preciso reabilitar o teatro, acabar com os velhos moldes, com as velhas mentiras, e dar-lhe a verdade, não a verdade fotografica ou literaria, mas a verdade intensamente humana.

Leiam o estudo critico que Assis Esperança fez para acompanhar a *Noite de Natal*. E' duro, bem sei. Mas é preciso que ele provoque essas indignações. Eu, por mim, estou ao lado de Assis Esperança. Acompanho-o, aplaudindo-o na sua revolta, no seu grito de alarme, no seu gesto de beleza e de libertação.

Rebello de Bettencourt

Aentrevista desta semana

O grande pianista Tomás Téran fala-nos da musica moderna, de Portugal e dos musicos portugueses

—Portugal tem avançado muito nestes ultimos cinco anos! começou por me dizer Tomás Téran.

E os seus olhos pequenos, inquietos, lampejaram. O grande pianista espanhol, que tão bem conhece o nosso meio artistico, fala de Portugal com um carinho evidente, onde não há retórica nem frase, mas uma simpatia muito do fundo da alma, um amôr quási português.

—Senão, repare em todo esse movimento que tão brilhantemente se afirma, e nos nomes que dele se destacam: Ruy Coelho, primeiro do que todos; Fragoso; Ivo Cruz; D. Adelaide Lima Cruz...

Tomaz Teran fala rápidamente, como todo o bom espanhol.

As palavras são constantes, coloridas, e em toda a conversa que depois traçamos tive o prazer de verificar que a ironia, o humorismo, o improviso revive ainda tão puramente nos subditos de Sua Magestade Alfonso XIII, como no espirito scintilante e distante de Quevedo.

Subitamente, desfechei uma pregunta, que foi um dique naquela torrente de impressões, pregunta estranha, atrevida, singela, construida de propósito *pour épáter* um artista que se dedica á musica desde que aprendeu a andar...

—Porque gosta da musica?

Téran olhou-me surpreendido, como se eu tivesse dito uma barbaridade.

Percebi claramente que dentro do seu cérebro se levantava pela primeira vez esta pregunta, como se lhe demandasse a razão porque vivia.

A sua inteligencia buscava uma resposta subtil e clara. Mas da sua bôca apenas lhe sairam, vagamente, estas palavras:

—E' talvez a pregunta que mais perplexo me poderia deixar... Porque gosto de musica?!...

E uma frase,—desta vez foi autenticamente uma frase, reçumando literatura!—ensaiou uma explicação confusa:

—A vida está tão ligada á musica, que nunca tive ensejo de pensar nessa diferença...

Desviei a conversa.

—Do que gosta, em musica? Dos clássicos? Dos modernos? Dos ultra-modernos?

Uma palavra estalou, rápida, espanhola, firme, uma palavra que era todo um ideal estético:

—De lo bueno!

—*De lo bueno!* fiquei pensando. Mas que enorme visão artistica é necessária para se descortinar entre a imensidade de composições e de motivos aquela parte imortal, sintética e perfeita, que Téran define numa palavra unica: *lo bueno!*

—Qual é a obra que mais sente?

—Depende do momento... A nossa sensibilidade não é mais do que um reflexo do momento...

Houve um silencio.

Tomás Téran abriu a cigarreira, tomou um ponta de ouro.

E entrevistado e entrevistador recomeçaram a lutar, como dois gladiadores...

Eu:

—O que pensa do publico, Téran?

—Do publico?... preguntou o Artista, surprezo. Do publico?!... O publico varia conforme os ambientes, conforme as nacionalidades, conforme as cidades, até...

14

—Não é essa, precisamente, a resposta que eu queria. Refiro-me ao *publico*, em abstracção...

—Olhe, escreva lá, decidiu Téran: *No se puede decir...*

—Nunca pensou em compôr?

—Sim. Tenho escrito coisas, mas não me agradam... No emtanto, se eu fôsse realmente um compositor, escreveria cada meia hora duma maneira distinta. Não posso fixar mais do que impressões. E' por isso que nada consegui, apezar de o ter tentado!

—Iniciou muito cedo a sua carreira, sei-o pelos seus amigos...

—E' verdade! Dei em Madrid o meu primeiro concêrto, tinha sete anos... Foi no Palácio Real. O Rei subsidiou-me desde então...

«Aos quatorze anos tocava na orquestra sinfónica de Arbós...

Tive uma interrogação supérflua:

—Gosta de Portugal?

—Imediatamente, Téran respondeu-me, no mais puro castelhano:

—*Muchissimo*!

—Quantas vezes tem passado por Lisboa?

—Quatro; uma, quando embarquei para a Argentina. As três restantes expressamente para dar concêrtos.

—Lisboa interessa-lhe?

—Imenso. Pela camaradagem que vim encontrar aqui. *Mire usted*! Ando tão á vontade como se estivesse em minha própria casa... Pelo seu lindo sol... E,—póde afirmá-lo!—pelos pardais da praça Camões, que são dos maiores encantos desta cidade.

«Tem V. seguido, á noite, todas as manobras do milhafre que busca os pássaros escondidos debaixo da folhagem, chilreando em alarme?... Pois eu tenho levado a observar essa scena cotidiana muitos quartos de hora, e, se não fôsse o receio de ser preso pela policia, dispararia a minha pistola contra *la negra*...

Quando Téran terminou a sua longa digressão pelas belezas de Lisboa, a que não faltou a nota pitoresca dos gatos adormecidos, aos bandos, pelas escadas de

ruas solitárias, estendidos ao sol, sem que o garotio lhes bula, eu já tinha composto uma outra pregunta, ainda *pour épater:*

—Nunca pensou em ser politico?

O seu rôsto tomou uma seriedade cómica, percebendo que isto era uma *charge* á entrevista vulgar da «grande imprensa».

E foi incisivo:

—Nunca percebi a bôlsa nem a politica, meu amigo...

Como se tratava dum musico, para fechar a entrevista, pedi-lhe um acorde final...

Saiu perfeito e rápido. Ei-lo:

—De Portugal, mais do que tudo, como sintese de tudo, agradam-me as canções populares, tão coloridas e tão tipicas!

E estendeu-nos a cigarreira, de onde tirámos o *bout-dorée* que veiu encher de quimera e de caprichos ondeantes a nossa conversa amável, passada a hora inquisitorial e fria que é a pedra de toque das entrevistas...

José Dias-Sancho

CONTEM
PORANEA

grande
revista
mensal

Revista das revistas

"Contemporanea" — numero 7

«Não fazem mal as musas aos doutores» opinava sentencioso e risonho aquele Antonio Ferreira cujo nome o sr. Julio Dantas — julgando-o indigno de assinar *A Castro* — substituiu pelo seu. E' justa e acertada a frase, confessemo-lo; aberto, porém, o precedente de nos julgarmos superiores aos mestres — vidé acima o que dito fica do actual presidente da Academia — julgo do meu dever declarar que a frase em questão me parece incompleta. Não é só aos doutores que as musas não fazem dano, meus amigos; se um fabiano se põe a escabichar a sua erudição logo depara com um Hans Sachs que era sapateiro, um Gil Vicente que cinzelava maravilhas no oiro indiano, uma turba-multa de fazedores d'autos e misterios que se ia arregimentar nas velhas corporações de artes-e-oficios e, nas horas vagas, entretinha a veia conversando amigavelmente com as nove do Parnaso. E a coisa continua a verificar-se ainda nos nossos dias: os leitores sabiam que há em Paris um poeta — Charles Guérin, julgo eu — que é, simplesmente, chefe de policia? Como vêm, não há mais democratico mister que o de fazer versos: todas as profissões lhe agradam e com ele se coadunam, desde chumeco de porta de escada até discipulo de Esculapio. Minto: até gatuno e salteador: haja vista aquele celeberrimo François Villon que teve a cabeça varias vezes dependente duma corda, aquele Villon ladrão e assassino que o macabro *verger du roi Louis* se empenhava em possuir e cujos feitos no capitulo poucas vergonhas esse verborreico e brutal Richepin com tanto entusiasmo celebra:

Tu fus le père des bons drilles

Dont tu remplis le corbillon;
Et pour de telles peccadilles
Tu faillis, quittant le sillon,
Au gibet comme échantillon
Pendre, figure racornie
Dont la pluie eût fait un bouillon,
Escroc, truand, marlon, génie!

...Como V. S.as estão vendo a frase de mestre Antonio Ferreira, ex-autor da tragedia *A Castro*, peca por incompleta e neste momento, o amigo Banana por mandado do sr. Julio Dantas está-me propondo para educação das gentes a seguinte gorda e suculenta rectificação: «Não fazem mal as musas a ninguem em especial, mas a muita gente em particular.» V. S.as não podem negar que esta explendida afirmação tem mesmo cheiro ao ilustre presidente da nossa Academia. Adoptemo-la, pois, já que tributarios somos de s. ex.a pelo que respeita ao Antonio Ferreira! E dela nos socorrendo, entremos no miolo do assunto que nos sugere este artiguinho e o qual é — o ultimo numero da *Contemporanea*.

* * *

Pondo de parte o discurso do sr. Rogerio Garcia Perez que Vasquez Dias saudou com um *Olé y Maria Santissima!* tão saleroso que até parece impossivel, deparamos no numero referido — o n.º 7 — com uma salada tão esquipatica, indigesta e incongruente que, os ovos cosidos, de tragica memoria para os doentes de estomago e tripas, ficam reduzidos á mais candida e inocente de todas as iguarias. Há versos (?) do sr. dr. Henrique de Vilhena, intelectualidade da minha muita consideração e respeito; há versos (?) franceses do sr. Fernando Pessoa que põe acima da sua as linguas da estranja; e, como acepipe luculiano temos — já que a *Contemporanea* é uma *revista feita expressamente para gente civilizada e expressamente feita para civilizar gente* — as locubra-

ções filosoficas do grande escritor sr. André Brun que até parece incrivel como ainda não está na Academia.

Comecemos pelo sr. dr. Henrique de Vilhena, pois que, *à tout seigneur tout honneur*. Do trecho publicado pela *Contemporanea* se infere que s. ex.ª tem um coração de oiro visto como, ainda são as emoções puras e ingenuas aquelas que lhe sugerem comercio com as Musas. Mas, o sr. dr. Vilhena que me dizem aqui ao ouvido ser uma autoridade em questões medicas, está convencido, como afirma, de que a mãe, lá porque viu o filhinho morto, caisse logo morta tambem?

Nisto a infortunada mãe levanta-se
Aflita,
E logo cae para o lado, estertorosa,
E morre,
Nos braços o filhinho morto!

Oh, sr. doutor, eu confesso que todo o trecho me deixou ficar parvo, idiota, azabumbado... V. Ex.ª quiz escrever prosa ou verso? V. Ex.ª lembra-se daquele fabiano que preguntava ancioso a todo o mundo:

Porque é que toda a gente
Tem o habito grotesco
De dizer que o pão é quente
Quando o pão é fresco?

E' o meu caso: ainda estou para saber se a *Pobre mãe!* é verso, por as linhas não chegarem até ao fim, consoante à definição do sr. André Brun na *Morgadinha de Valflor;* ou se é prosa, visto nenhumas caracteristicas possuir de verso, segundo a minha humilima opinião. V. Ex.ª está convencido de que fez versos, sr. dr. Henrique de Vilhena? E se são versos — confesso que não sei — acha que mereciam publicação? Não lhe parece a V. Ex.ª que, dado o seu

saber medico, a sua erudição e o seu gosto pelas artes e belas letras, o que estava mesmo a calhar para o seu ilustre espirito de homem de sciencia era o de destronar — com toda a justiça — nos estudos medico-literarios o sr. Julio Dantas que tantissimas asneiras tem escrito com grave prejuizo dos caixeiros que o leem e aplaudem? Não lhe parece igualmente que é um crime não termos quem sériamente se dedique a esses estudos e nos dê obra sem facciosismos nem atrapalhado fardel de tolarias? Lembrar-se a gente do que o sr. Julio Dantas tem escrito! e de que ainda não há muito tempo li no *Arquivo de Medicina Legal* um estudo do sr. dr. Asdrubal de Aguiar sobre o *Masochismo psychico de Soror Mariana Alcoforado*, aonde a anomalia em questão era por tal forma generalizada que a gente ficava sem saber aonde é que ela começava e aonde ia acabar...

* * *

Temos a seguir o sr. Fernando Pessoa com *Trois chansuons mortes*, ás quais o ilustrador ajuntou um elegante dos tempos idos brandindo um salpicão alentejano. O primeiro reparo a fazer abona-se ainda com as tremendas censuras que o dr. Antonio Ferreira dirigiu a Andrade Caminha por este poeta se ter permitido escrever noutra lingua que não a sua. E neste momento me ocorre á memoria aquela nobilissima passagem em que o Eça afirma ser dever de todos os portugueses o conhecerem primorosamente a lingua do seu paiz e mal, muito mal mesmo, a das outras terras!... Um português para ser ilustre precisa de escrever o francês como o escreveria Boileau? Que raio de chalaça é esta de escrever em francês, lingua fanhosa e pobre por excelencia, quando a nossa é das mais belas, harmoniosas e ricas? Sabe o sr. Fernando Pessoa quantos termos há em Portugal para designar esta coisa simples — a agulha do pinheiro? Oitenta e tal, sr. Pessoa... A que diabo vêm os seus versos em francês? Não seria melhor... aprender a sua lingua natal?

20

...Mesmo porque as suas *Trois chansons mortes* — tão distantes por um leve tom verlainiano daquele sensacionismo exibido em certas composições do *Orpheu* aonde uma bola de bilhar descia e subia pelas costas dum desventurado (!!!) estas três canções têm durezas bovinas que me fizeram pensar se porventura o sr. Fernando Pessoa me não teria tomado por aficionado ou pegador de toiros do Palha Blanco. Oh! Pae da vida! que descoloridos, que frouxissimos e que duros versos os da suas *Chansons!* Aquilo tudo, pensado em português e em português redigido, não seria melhor; muito melhor mesmo, sr. Fernando Pessoa! Arre diabo! apanhei cornada até mesmo no céu da boca... Agora mesmo acabo de proceder á extracção desta esquirola, quasi assassina:

Pour que le jour
Vous sois frais, je vous fais ce sombre
Sejour.

Oh da guarda! Levem-me para a enfermaria!...

* * *

E somos chegados finalmente, depois de farta risota com o *Karma* (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9) do sr. Van Hoerter Teles Machado — oh que deliciosa panacea ó moços do meu paiz, para neurastenicos hamleticos! somos chegados aos *Pia, para e chara-doxos* do grande escritor sr. André Brun.

Mas, grande espanto me causa a *Contemporanea* só agora, ao cabo de seis numeros, se houvesse capacitado desta profunda verdade: o sr. André Brun é um dos mais ilustres escritores portugueses.

Quê? só agora *post tot tantos que labores.* Os srs. não sabiam que o sr. Pia-Brun, autor de pensamentos formidaveis — com este que a *Contemporanea* exibe no seu n.º 7:

Todos os dias pedimos no Padre Nosso que a Pro-

videncia nos não deixe cair em tentação. Ora não seria melhor que ela não no-la apresentasse, se é que tem algum empenho em nos ser agradavel?

Os srs. não sabiam que esta bestialidade filosofica de capitão de cavalos é do mesmo sr. Para-Brun que escreveu tão desgarradoras pilherias no *Sem pés nem cabeça*, e do sr. Chara-Brun que até traduzia Shakspeare no *Mercador de Veneza?* Parece impossivel, sr. José Pacheco, até parece impossivel que V. S.ª para me civilizar não tivesse há mais tempo escarrapachado na sua revista o retrato de tão ilustre personagem e conservasse de remissa, tanto tempo! pensamentos como estes — *feitos expressamente para civilizar* fabianos *renitentes.*

Os que cantam as belezas do lar inspiram-se nos esforços que veem fazer a muito idiota para ter varios (Piramidalmente espantoso este pensamento! Ah, Larochefoucauld! que estupido me saiste!)

A beira-mar é ainda um grande espectaculo para os que sabem contemplá-lo de costas voltadas para a janela e jogando o poker (Ah!!!!!!!!!!)

Ser discreto dentro da hipocrisia mundana consiste principalmente em não espalhar as indiscrições perigosas dos outros. (Oh senhores aonde é que este homem foi buscar tanto talento?)

Na sua quasi totalidade os grandes homens parecem-nos maiores porque nos pômos de cócoras para os contemplar. (tremendo! admiravel, veneravel, respeitavel!)

22

E estavam os senhores da *Contemporanea* tão calados com isto, com estas joias literarias da mais pura agua!... Mas, do mal o menos: Já cá o temos, o nosso André Brun. *Enfin, Malherbe vint...*

...Malherbe não; o sr. André Brun!...

Alvaro Maia

O Cinema

"A Sereia de Pedra", de D. Virginia de Castro e Almeida

Dizia eu, no anterior numero da *Revista Portuguesa*, que a cinematografia entre nós, estava atrazada dez anos. Gostosamente venho hoje rectificar essa afirmação e isso porque assisti há dias á passagem da fita «A Sereia de Pedra» que, pela sua factura, entrecho, cuidados de «mise-en-scene» e sobretudo inteligencia, coloca a industria dos «films» portugueses a par do melhor que no estrangeiro tem creditos de bom.

Deve mesmo dizer-se, sem receio de erro, que as fitas portuguesas principiam na «Sereia de Pedra».

Tudo o que anteriormente se tem feito, são apenas tentativas que a beleza deste «film» faz tomar em conta de boas vontades.

A sr.ª D. Virgina de Castro e Almeida, espirito de mulher superior, sensibilidade de artista já bastante afirmada em producções literarias, emprestou á direcção da «Sereia» todo o poder do seu talento e porque pela primeira vez a inteligencia foi posta ao serviço da cinematografia, resulta que a «Sereia de Pedra» marca com justiça o inicio da arte de fazer fitas em terra portuguesa.

Da minha lisura em questões de louvaminhas, é prova bastante, creio, o artigo que sobre o cinema publiquei anteriormente. Não deve, portanto, ser tomado á conta de zumbaia interesseira ou de aplauso lisongeiro a minha afirmação de que á sr.ª D. Virginia de Castro e Almeida se deve o nascimento da verdadeira cinematografia em Portugal.

Qualquer espirito de justiça poderá, com bom senso, avaliar a verdade, comparando os trabalhos já mostrados com este que agora se exibe.

Na «Sereia de Pedra» há inteligencia, nos outros «films» há apenas fotografias instantaneas, e senão analizemos em detalhes todos os prismas da obra.

Temos o entrecho, o assunto. Optimamente escolhido, portuguesissimo, cheio de beleza pitoresca e mostrando bem caracteres diferentes que uma harmonia de acção conjuga e faz viver.

As partes bizarra, documental, panoramica, são mostradas dentro da acção e vivendo mesmo dentro dela. O tema, conduzido num inteligente, quasi sucessivo interesse, não aborrece, antes motiva uma anciedade, que é o principal valor de uma fita cinematografica.

A paisagem, bem escolhida, não magôa os olhos, passa como beleza de fundo, como motivo de «décor». Mas onde o entrecho toma mais vulto é na forma como apresenta varios detalhes da vida portuguesa, tais como o jogo de pau, a feira, a festa popular, o baile, que na «Sereia de Pedra» chancelam de sangue lusitano a factura da obra, ao mesmo tempo que lhe dão o pitoresco e a documentação dum «film» moderno.

Da «mise-en-scene» tambem só há que dizer bem. Nem as «pressas» americanas, nem as «lentidões» italianas e francesas; apresenta a meia «nuance», o meio termo. Optimamente intercecionados os «gros-plans» e os «ensembles» misturam-se com inteligencia, tornando a acção rapida e vivida.

Os efeitos de luz são bem aproveitados, as belezas arquitectonicas são apresentadas como um detalhe

apenas e, por isso mesmo, se gravam mais na retina, porque não magoam.

Da interpretação só há que dizer bem. Mr. Roger Lion soube com inteligencia esconder os defeitos dos nossos actores, pouco conhecedores da arte e tirar das qualidades o maximo proveito.

E para mostrar isso é suficiente ver como Mr. Maxnudian, deu á figura de «Pedro» uma interpretação «portuguesa», como M.me Gil Clary se aportuguesou bem no fatalismo de «Leonor».

Emilia Castelo Branco é tambem, sem favor, uma admiravel interprete. Tem expressões de muita inteligencia, e Artur Duarte, que em outras fitas não nos tinha dado boa impressão, tem na «Sereia de Pedra» um trabalho de louvor, o que prova as suas muitas qualidades, que sómente Roger Lion viu e soube aproveitar.

Francisco Sena e Nestor Lopes igualmente a contento.

Tudo isto prova que temos interpretes. Ponto é que eles sejam guiados por mestres que lhes arranquem todas as faculdades.

E com a terminação desta noticia, vai a minha admiração pela sr.ª D. Virginia de Castro e Almeida, que com tanto disvelo soube vingar a direcção da «Sereia de Pedra» com um halo de inteligencia que deveria servir de base a todos os que pretendem fazer alguma coisa de bom na nossa terra.

Henrique Roldão

A REVISTA PORTUGUESA publicará no proximo numero um artigo de Augusto da Costa sob o titulo: — OS DIREITOS DA INTELIGENCIA EM PORTUGAL

Musica

Acerca de S. Carlos e da reforma a fazer

III

Saiba-se que S. Carlos é cedido gratuitamente á actual empreza, e que um artista ou mesmo uma entidade oficial, como o Conservatório Nacional de Musica, caso queira dar nele um espectáculo, tem de pagá-lo aos seus concessionários.

Aqui não há má vontade da sociedade arrendatária. Há apenas descrientação e imprevidencia de quem o cedeu.

A Empreza, naturalmente, que procurará tirar do teatro tanto proveito quanto lhe seja possivel.

Ao govêrno, sobretudo, competia, no contracto que fez, salvaguardar os interesses do Estado que são, afinal, os de todos nós.

O aluguel do teatro deveria ser feito aos artistas nas melhores condições.

Em S. Carlos apenas se deverá fazer musica; foi construido para isso e a ninguem é licito cedê-lo para outro fim que não seja este.

As dificuldades com que um artista se defronta para dar um concêrto são por tal fórma pezadas, que serão sempre poucas as facilidades que o Estado lhes dê. O Salão Nobre do teatro, impropriamente assim chamado, dificilmente poderá servir, pela falta de condições e pelos encargos que acarreta um concêrto que nele se dê.

E' na verdade lamentável este estado de coisas. As poucas salas pertencentes ao Estado, na posse de particulares que, pela sua cedencia, exigem quantias fabulosas!

26

O Estado não protege os artistas. Quem quizer dar um concêrto vê-se obrigado a escolher a Liga Naval, sala que por ser acanhada e cara, não garante o mais pequeno lucro.

A Empreza de S. Carlos está aproveitando, e n'isso dou-lhe toda a razão, o desleixo, a incuria e a ignorancia dos ministros que têm tratado deste assunto.

Os musicos e os criticos são coniventes pela inércia ante factos que só os prejudicam.

O musico português, é triste confessá-lo, salvas algumas excepções, não tem por ora uma orientação definida, não sabe o que pretende e arreceia-se de expôr opiniões publicamente, umas vezes porque as não tem e outras ainda para não ferir amizades. O compadrio entre os musicos, como na politica.

Os principais prejudicados são os que abraçam a carreira musical e, em seguida, o publico.

No tempo da propaganda republicana, nos jornais e nos comicios dizia-se ser *necessário instruir o povo, que o povo tambem tinha direito ás emoções de arte elevada,* e muitas outras coisas deste mesmo jaez.

Falava-se em povo a todo o momento, prometia-se-lhe todos os regalos espirituais.

Afinal não temos escólas confortáveis e todo o ensino artistico, com uma orientação popular, ministrado pelo Estado, não tem passado de *blague*, infelizmente muito triste.

Todos contribuem para o teatro de S. Carlos manter-se, mas rarissimos são aqueles que podem gozá-lo, porque nem toda a gente está em circunstancias de poder pagar 30$000 réis por uma cadeira. No emtanto, pagam, ainda que pequena, uma quota para a sua conservação.

Pois a Republica Portuguesa, que é democrática, que se fez para o povo, ao ceder o unico teatro lirico que possuimos, esqueceu-se de obrigar a empreza arrendatária a dar alguns espectáculos com preços populares.

De modo bem diferente procede-se nos paizes onde as

classes populares são chamadas a participar, com certas restrições, da vida intelectual e artistica.

Aqui, excepção feita da Banda de Musica da Guarda Republicana, que executa programas artisticos, do Coliseu dos Recreios com as companhias de óperas e alguns orfeons, não há agremiações que procurem dar ao povo uma cultura musical, razoável que seja.

Devemo-nos opôr, por todos os meios, que S. Carlos seja cedido sem a obrigação, para quem o explore, de dar algumas récitas populares.

Ivo Cruz

No proximo numero:

Entrevista com o maestro Ruy Coelho por José Dias-Sancho

As conferencias da semana

"A função do teatro atravez os tempos", pelo dr. Agostinho Fortes

Erudita, carregada de preciosos materiais a atestar a copiosa soma de conhecimentos da historia do teatro e a sua evolução até ao inevitavel «Frei Luiz de Sousa», a palestra do sr. Agostinho Fortes, na Sociedade Nacional de Belas Artes, teria sido uma magnifica conferencia, se não tivesse a prejudicá-la

28

a avalanche de vicios intelectuais da analise positivista da historia, e a feição didatica, obsoleta, por que se regem ainda os nossos cursos superiores.

Essa avalanche, caindo pesadamente sobre tão fortes materiais de elucidação historica, reduziu-os a uma nuvem de poeira, envolvendo o rolar monotono de um edificio em estilhaços, tal era a nitida impressão do deslizar de factos, de nomes e ciclos, em que a historia se confundia com arqueologia, a arqueologia com a tecnica primitiva, numa prolixidade difusa, que afastava para as regiões da hipotese o assunto esencial, a ideia fundamental que deveria orientar o estudo da função do teatro através os tempos.

Esta desorientação fez que o conferente se perdesse, e dois terços da conferencia fôssem ocupados com a analise do teatro grego, relegando para um espaço de meia hora, o estudo do teatro moderno, muito mais apropriado para a fixação do verdadeiro papel do teatro, como função estetica, pedagogica, pela revelação mais nitida dos caracteres, e por uma mais intensa luta pela reabilitação humana.

Sem duvida, o teatro grego é um campo vastissimo de ensinamentos, ainda que o limitemos ás origens da tragedia, com as audacias formidaveis da sua simbologia, que palpita ainda na obra de Ibsen e Shakespeare.

Para o estudo da função do teatro através os tempos, que tal era o tema da conferencia, era este o assunto verdadeiramente a destacar, já porque era o mais empolgante, e logo mais objectivo, como ainda, porque é na tragedia grega, que sob a forma de deuses, herois e sombras, o teatro sai das suas formulas ingenuas de festejos cultuais, para entrar na acção conflituosa do homem com os elementos, as leis, as paixões, encadeando-se sob os mais tiranicos aspectos, encobertos com o eufemismo da Fatalidade.

Resultaria assim, a conferencia, uma analise expressiva, atraente, que revelaria aos trabalhadores de teatro e aos *mirones* das *premières* a função do

teatro, nas suas origens, e a responsabilidade que lhes cabe de em pleno seculo XX, fazerem do teatro, lhes cabe de, em pleno seculo XX, fazerem do teatro romano, em que a plebe, ignorante e grosseira, aplaudia as chufas e momices de uma literatura falada, que muito se assemelha á exibição das nossas revistas.

O sr. Agostinho Fortes nada nos disse da simbologia do teatro grego, e não aproveitou como devia a sua cultura, a analise sociologica da tragedia grega, que deu a Nitzche, talvez as mais curiosas paginas da sua obra.

Rica, embora, de detalhes, esta parte da sua conferencia, perdeu-se em minucias que muito aproveitam ao estudo de enscenação, da tecnica e até da sociedade do tempo em que floresceu Pericles, Socrates e Aristofanes, mas em que amortece a interpretação das correntes, das tendencias e do papel do teatro na antiguidade.

A ideia de unidade nacional que os gregos transplantaram para o teatro, fazendo da literatura dramatica um veiculo de propaganda; ou o poder combativo da comedia, que levou Socrates á morte, por influencia duma comedia de Aristofanes, factos que o conferente apresentou no decorrer das suas elucidações, não tiveram o efeito que seria justo iluminar uma tão solida envergadura de erudito.

Onde a sua conferencia é mais interessante, é nas fugas á cerrada demonstração de factos historicos, para uso dos alunos da Faculdade de Letras. Entretanto no teatro romano, o conferente deixou escapar esta curiosa afirmação:

«O teatro não é para todos os povos. Ele requere um povo com acentuadas tendencias esteticas.»

Muito bem.

O teatro em Roma, só viveu de imitações, dos gregos. Roma não teve teatro seu. Não fôra o teatro grego estar em moda, e Plauto e Terencio não teriam sido representados, chegando até nós como marcos

30

assinalando a existencia duma literatura teatral entre os romanos.

Esta afirmação é valiosa, mostrando-nos bem como entre nós, a falta de cultura estetica, explica a avalanche de traduções e decalques do teatro francês. Segue-se a analise do teatro da idade média e ahi voltamos á leitura lenta, ás narrações de compendio, numa sucessão de factos sem apreciação, sem vida, olhando apenas a parte cronologica. Gil Vicente, as suas ideias, o caracter da sua obra, a sua influencia na arte, a sua luta pela defesa da lingua e de todas as tradições, os seus sarcasmos demolidores, a sua alegria leve, que a invasão pratica amorteceu, seria tambem uma explendida demonstração do extraordinario poder da literatura dramatica. Com a preocupação do relogio, o sr. Agostinho Fortes, saltou sobre o caracter social do teatro vicentino. Antonio José da Silva não lhe merece referencia.

O romantismo, a revolta dos sentimentos contra a razão, posta ao serviço do culto da liberdade, correspondendo, entre nós, a um periodo de renovação da sociedade portuguesa, agitada por um sôpro de liberalismo, áparte as eruditas e compactas citações, arranca-lhe uma afirmação que merece a atenção de quantos se interessam pela evolução do teatro português e a sua função, como elemento de elevação e criação de caracteres: «A renovação teatral, iniciada com Garrett, padece de um defeito de origem. Apoiou-se em convenções, em vez de fixar a vida. Os seus continuadores fizeram polemica, comicio, não olhando ás realidades da vida nacional.»

Saindo dos limites impostos pela acumulação dos factos sem a ideia correspondente, a conferencia fechou, com muito brilho, afirmando o conferente que entre nós o teatro tem uma função imediata: a criação de caracteres, como principio de renovação duma sociedade que se decompõe.

Sempre que o sr. Agostinho Fortes exprime uma opinião, ela é sempre a expressiva afirmação do con-

traste entre o pensador e o professor embuido dos velhos vicios intelectuais, que são afinal um defeito de classe.

Quanto á exposição das ideias do teatro livre, o teatro filosofico de Curel e Ibsen, não houve a minima referencia, porque o relogio estava na verdade, ameaçador...

Eduardo Frias

A REVISTA PORTUGUESA publicará no proximo numero um desenho do pintor Carlos Porfirio e a VIDA INTELECTUAL BRASILEIRA, nova secção pelo Dr. Ruy Gomes

---

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE
POR CORRESPONDENCIA

Peçam os prospectos do Instituto Nacional de Ensino por Correspondencia, L. Trindade Coelho, 6 — Lisboa, e as condições para a matricula nos cursos nele professados. Este Instituto tem alunos em todo o continente, ilhas, colonias, Brasil, Estados Unidos da America e outros paises

32

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR

VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA DE ARTE, SPORT, TEATRO, MUSICA, VIDA ESTRANGEIRA.

SVMARIO

DESENHO, de Bernardo Marques; OS DIREITOS DA INTELIGENCIA EM PORTUGAL, por Augusto da Costa; A ENTREVISTA DESTA SEMANA, por José Dias-Sancho; AS CONFERENCIAS DA SEMANA, por Eduardo Frias; EXPOSIÇÕES DE ARTE, por Mario Domingues; VIDA INTELECTUAL BRASILEIRA, por Ruy Gomes; MUSICA, por Ivo Cruz

Publica-se aos sabados—Assinaturas: serie de 4 numeros, 4 escudos. Avulso, 1 escudo—Edição e propriedade de V. Falcão—Oficinas tipograficas, Rua do Mundo, 116—Escritorios, Rua Nova do Almada, 46, sloja

Sabado
14 de Abril de 1923

esenho de Bernardo Marques

Os direitos da inteligencia em Portugal

I

A *Opinião Publica* é a base sobre que assentam todos os governos de origem democratica-revolucionaria, com o nosso. Os partidos, organizados para a disputa do governo do paiz, dizem-se representantes dessa opinião, nas modalidades varias e complexas que ela possa revestir. Os jornais, por seu turno, pretendem tambem interpretar o seu sentido e os seus desejos. E assim seria, na verdade, se por uma estranha contradição essencial de principios e conclusões as coisas se não passassem da maneira mais contraria: a Opinião Publica, longe de informar os partidos e os jornais, *é feita* precisamente, tanto por uns, como pelos outros. O feitiço volta-se pois, contra o feiticeiro.

Este preambulo conduz á demonstração seguinte: a influencia dos jornais, e a reflexão das suas opiniões na massa do paiz, são enormes. Para o bem, como para o mal, a imprensa tem um largo campo aberto á sua actividade: as ideias por ela expendidas podem depressa transformar-se em fermentos de reconstrução ou de dissolução nacional, conforme a sua natureza, boa ou má. E é precisamente por isso que a Plutocracia procura assenhorear-se por toda a parte dos grandes orgãos de informação, segura de que por eles conseguirá conformar a Opinião Publica á maneira dos seus desejos de exploração nacional. Precisamente pelo valor da força de que dispõe, a imprensa torna-se escrava do Oiro, visto não ter hoje por si qualquer sistema de defezas intelectuais e espirituais. *Independentes*, libertos por completo de qualquer tutela financeira, quantos jornais temos

3

nós? Dois ou três, se tanto. Todos os outros, existem apenas como instrumentos passivos de corrupção e de exploração das forças e riquezas nacionais. E como, para o mercantilismo das emprezas jornalisticas, —desdobramento de emprezas comerciais e financeiras—não é preciso que os seus orgãos se preocupem com problemas de ordem intelectual, moral, espiritual, e, ás vezes mesmo, nacional,—o nosso jornalismo limita a sua acção ao noticiario dos crimes da Mouraria, ás noticias telegraficas do estrangeiro, e ao negocio rendoso do anuncio, moral ou imoral, que importa? como fonte primacial de receita.

Desta fórma, o jornalismo entre nós, salvas honrosissimas excepções, é uma coisa miseravel: miseravel sob o ponto de vista moral, porque é um jornalismo *vendido*, e miseravel sob o ponto de vista intelectual, porque é um jornalismo *ignorante*. Para o primeiro caso, *O Seculo* serve de expoente maximo, com os seus varios e sucessivos louros. Para o segundo, repare-se na figura tristissima que o *Diario de Noticias* fez há tempo, a quando da morte de Marcel Proust: um jornal que pretende ser o primeiro do paiz, dirigido por um academico, não se envergonhou de afirmar que não existia em França qualquer escritor com aquele nome (Proust, considerado, pela vastidão da sua obra *A' la recherche du temps perdu*, como o Balzac contemporaneo!), confundindo-o com Marcel Prévost, romancista de costureiras, de quem o *Noticias* publica folhetins. Reconhecido o erro no dia seguinte, o *Noticias*, rectificou-o por uma fórma ignorante e malcreada: Proust era um romancista insignificante, e não valia a pena o telegrafo ter-se ocupado da sua morte!

O que atraz fica, em relação ao *Noticias*, não quere dizer que ele seja mais honesto do que *O Seculo*, ou *O Seculo* mais inteligente do que o *Noticias*. Equivalem-se bem na ignorancia como na deshonestidade. E afóra as pequenas excepções a que acima aludi, todos os outros jornais portugueses se podem medir pela mesma bitola. Algum deles tem, sequer, uma cri-

4

tica teatral digna? uma critica literaria digna? Não. A critica literária e teatral costuma estar nas mãos do pouco que nos resta dum *gá-gaismo* literario moribundo. Nas peças, os criticos costumam vêr apenas o scenario e as caractrisações; nos livros, apenas as lombadas, com os nomes dos respectivos autores: o *cliché* está já feito há anos, para dizer bem do autor, e escrevem-se duas palavras apenas, se é necessario dizer mal. Quanto ao que a obra—literaria ou teatral—vale em si, pelo que é *(forma)* e pelo que pretende ser *(essencia)*, já alguem leu nos nossos grandes jornais qualquer coisa parecida com uma critica a sério? Os jornais gastam quatro colunas de primeira pagina para descrever duas facadas que um fadista, no Bairro Alto, deu noutro fadista, ou numa mulher: já alguem viu quatro colunas de primeira pagina consagradas á critica dum livro de ideias, duma conferencia onde há ideias, dum assunto de interesse intelectual ou artistico? Publica-se uma revista, onde são tratados, porventura, assuntos de interesse nacional. Que faz a nossa imprensa? Discute-a, discute ou comenta esses artigos? Pelo amor de Deus! O talento não lhe chega para tanto: a nossa imprensa limita-se, mais por uma questão de favor pessoal a este ou áquele amigo, do que por interesse intelectual, a dar, em corpo pequenino, quasi entre os anuncios, o sumario da revista. Eis as tristes condições a que a Inteligencia em Portugal se encontra reduzida; eis a triste situação criada aos artistas e aos escritores pelos orgãos da *Opinião Publica!*

II

Pergunto:—não haverá uma maneira prática de reagir contra esta deprimente situação? se não pudermos dignificar o jornalismo pela inteligencia, não poderemos, ao menos, conseguir uma acção de conjunto que permita a todas as publicações de caracter intelectual ou artistico compensar as campa-

nhas de silencio de que são vitimas, por banda dos jornais?

O problema cabe bem nas paginas da *Revista Portuguesa*. E' preciso reagir contra a ignorancia comum aos jornais das côres mais variadas. E' preciso criar uma critica teatral, artistica e literaria, que seja honesta e competente. E' preciso criar uma critica das ideias, que seja o começo dum largo intercambio intelectual—e porventura, até, o *germen* embrionario duma futura corporação de todos os trabalhadores intelectuais. Mas para isso é necessario, primeiro que tudo, dignificar a Inteligencia. Dignificá-la, para melhor, depois, a podermos defender das quadrilhas financeiras que pretendem subordiná-la aos seus interesses. E o momento, creio, é mais do que qualquer outro propicio para se lançarem os alicerces dessa vasta obra.

Se em Portugal há manifestos sintomas duma acentuada degenerescencia de inteligencias e de caracteres, tambem, por outro lado, podemos já encontrar, aqui e além, sinais dum proximo ressurgimento colectivo. Os valores individuais até aqui dispersos começam a reunir-se, aglutinam-se energias, e procura-se realizar uma obra de reconstrução de todos os valores morais e intelectuais da nacionalidade. Indices desse movimento, ainda não claramente definido e concretisado: começa a lêr-se em Portugal: haja em vista a multiplicação de publicações de caracter literario, revistas, novelas e livros; no teatro, toma-se amôr ás coisas portuguesas: repare-se que em Lisboa, actualmente, todos os teatros representam peças portuguesas, e repare-se ainda neste sintoma de bom gosto: nenhuma dessas peças é genero *revista*. Uma acção complementar se torna aqui, porém, necessaria: que os nossos escritores escrevam *bons livros*, e que os nossos dramaturgos façam *bom teatro*. No dominio propriamente artistico, o mesmo ritmo é seguido e o mesmo favor do publico o acompanha. E se esse favor é grande, se o terreno está preparado para receber uma boa semente, torna-se necessario

que a semente seja de facto boa, que a qualidade não seja sacrificada á quantidade, para que este prenuncio de renascimento em que vivemos se converta dentro de pouco tempo num real e verdadeiro renascimento da nacionalidade.

Para esta obra comum quem, melhor que os homens do Pensamento e da Arte, poderá trabalhar? Se todos nós temos um interesse particular em pôr a dignidade da Inteligencia ao abrigo dos homens do cosmopolitismo financeiro, temos tambem um interesse mais geral a defender e um objectivo mais alto a realizar: erguer o nivel mental da nacionalidade, que nestes tempos tão profundamente desceu... Até agora tem havido a mais disjunção de esforços: porque não haverá, daqui por diante, uma congregação desses mesmos esforços, para o bem comum? Até agora, os nossos artistas e homens de letras, ou vivem num isolamento sistematico, ou em grupinhos familiares, em *capelinhas literarias* com todo o ar de centros de intriga e de *ga-gaismo* feminino, mais do que de centros de cultura e de arte. Porque não há-de, daqui para o futuro, criar-se um ambiente intelectual largo, realizando-se e estreitando-se uma perfeita camaradagem entre todos os que defendem os mesmos sagrados interesses do Espirito? Até agora, nós ignoramos tudo quanto se escreve em Portugal. Porque não haveremos, daqui por diante, de desenvolver o nosso movimento editorial, pela difusão e pelo comentario de ideias, quer em livros, quer em revistas, quer mesmo em conferencias?

Submeto o problema á apreciação e ao juizo de todos os ques vivem do pensamento, em qualquer das suas modalidades. E sobretudo, á iniciativa dos directores da *Revista Portuguesa* e da *Contemporanea*. Será dificil fazer qualquer coisa de pratico neste sentido? Será dificil estabelecer o inter-cambio intelectual entre todas as nossas revistas e publicações de ambito mais largo do que o ambito do simples jornal noticioso? Não se trata de dar categoria inte-

7

lectual a quem a não merece: trata-se de aproximar valores dispersos, de dar unidade aos seus esforços, de maneira a resguardá-los dos ataques da imprensa vendida aos financeiros e de lhes dar resistencia para continuarem na sua obra de renovação nacional. Quando isto se fizer, as condições de vida do artista e do escritor serão outras; e só nesse momento, então, ele poderá conseguir uma independencia mental que hoje não consegue realizar, e que será para a sua obra um pouco o que a chuva é para a terra...

Augusto da Costa

A REVISTA PORTUGUESA publicará no proximo numero um desenho de Jorge Barradas.

A entrevista desta semana

Rui Coelho fala-nos da finalidade da sua Arte, do renascimento musical na peninsula e da sua vida...

Puz-me a olhar Rui Coelho, emquanto ele falava nervosamente. Ruy Coelho é um combativo. Violento, audaz, consciente de si proprio, contra todos arremete, a todos increpa, de tudo escarnece, sem cuidar se é injusto, sem pensar se é escusadamente irreverente: tem confiança em si, uma confiança cega, o seu *eu* transborda, incontinente,—e as criaturas assim ou se destroem, ou triunfam!

Rui Coelho triunfou. Podemos dizê-lo já, sem receio de contestação.

Acima de inimizades, acima de desiquilibrios, acima de todas as contingencias da sociedade, o seu nome de Artista explende belamente.

Ele proprio nos confessa as dificuldades que se lhe têm levantado, no largo caminho que segue,—desde que aos vinte anos veiu para Lisboa: *vencer!*

Fala-nos de pugilatos, de panfletos, de ódios, da propria imprensa onde foi proibido publicar-se o seu nome, até...

E o seu rosto sério, quasi imovel, na plástica atitude de concentração que a musica molda em todas as mascaras de compositores, como se a sua vida fosse apenas interior, e se ficasse a ouvir longinquas harmonias, há um movimento tempestuoso, violento:

—Pode dizer que tenho subido a murro, a pontapé, á dentada!

Que o que sou, o devo a mim mesmo! E é por isso que marquei bem o meu logar...

De vez em quando erguia a mão aos oculos, num tic nervoso, para os ageitar.

Quando fala, percebe-se que há uma força dentro do seu cerebro.

Instantes depois, a conversa serenou:

—Nota-se um grande renascimento musical em toda a peninsula, explicou-me Rui Coelho, mas entre nós e a Espanha existe uma funda diferença... Nós só temos interpretes. A Espanha tem interpretes e compositores.

Senão veja: quem poderemos nós opôr aos nomes de Breton, Albenis, Granados, Turina, Unzandizaga e André Yzassi?

—E a que atribui V. essa diferenca, Rui?

—A ter-se ensinado em Portugal sempre instrumentos e nunca propriamente musica, replicou-me Rui Coelho. Concretamente: não se tem orientado a nossa cultura nacional no sentido do fortalecimento do nosso estilo musical.

—Mas a quem compete estabelecer essa orientação?

—Ao conservatorio, naturalmente, porque é o estabelecimento oficial da especialidade.

Falta um professor que estude os motivos populares e conjuntamente com a fixação do portuguesismo de certas obras eruditas, relacione esses elementos, de fórma a estabelecer o ambiente de lusitanismo musical de que sairiam as futuras obras dos nossos Artistas.

Para mim existe, sem qualquer duvida, a tonalidade lusa duma maneira indiscutivel nas canções populares de todas as regiões do paiz.

—Qual é a finalidade da sua Arte?

—E' fazer musica que na audição se diga que não é nem espanhola, nem francesa, nem alemã, nem italiana, mas sim portuguesa!

Ao espirito acorreu-nos a mesma pregunta que já fizéramos a Teran, talvez pelo desejo muito intimo de sabermos o que sobre o mesmo assunto pensavam um compositor e um interprete.

—O que pensa do publico? dissémos de chofre.

—Há pessoas que se colocam entre mim e o publico, mas eu, quando trabalho, é sempre para o publico da minha rua, para o publico português, que sempre me tem recebido (permita-me a expressão), como se fosse eu proprio a receber-me...

Mas essas pessoas morrem, e o publico fica...

—Repare, porém, ó Rui, que, para alguns, V. representa essas pessoas de que fala... V. é, afinal, um orientador, que é o que os outros se podem julgar, tambem...

—A minha obra, e não eu, pessoa, emendou Rui Coelho.

Desde o momento que os orientadores representem uma obra, compreende-se. Mas se são apenas pessoas, meu amigo...

—Toda a Arte tem uma fórmula, ou melhor, um *processo*...

A que fórmula de Arte mais se dedica V.?

—Faço de tudo. Não estabeleci limites para a minha emoção...

10

Em Portugal falseia-se a musica popular, arrebicando-a com debussismos horriveis. E' como se vissemos maquilhada uma mulher do povo...

—Agora, depois de V. tanto se ter excitado contra a imensidade de factos que o irritam, fale-me, meu caro Rui^a dum dia alegre da sua vida...

O autor da *Camoneana* recordou então:

—Olhe: um dia alegre da minha vida, foi aquele em que ouvi uma opera, (*Auto do Berço*), cantada em português, por artistas estrangeiros,—a primeira vez que isso aconteceu em Portugal, e devido ao meu esforço...

Rui Coelho põe-se a evocar figuras, a desenhar anedocta, a queimar, na sua ironia, nomes conhecidos, talentos de cartaz...

—Inéditos, tem-nos, com certeza...

—Tenho realisada uma obra para orquestra sinfonica: *Alcácer*.

Precisamente agora, vai ser cantada no Porto a minha opera *Rosas de todo o ano*, que com *Crisfal* e *Auto do Berço*, compõe o triptico em que sintetiso a Raça.

Já na despedida, o Artista estende-me a mão, acrescentando ainda:

—Não se esqueça de dizer que o *libretto* das *Rosas de todo o ano* não é em verso, segundo o uso, mas em prosa...

Creio que esta será uma curiosa nota para a sua entrevista...

Quando deixámos o *Tavares*, esmorecia o ruido desta Lisboa ruidosa do Chiado. Tiniam umas vagas campainhas de electricos. Passava um automovel onde entrevi um rostosinho mimoso a florir sobre um montão de peles.

Dois pares noctivagos cruzaram por mim. E eu segui a pensar neste extraordinario Rui Coelho, que numa conversa tão curta tanto me tinha mostrado da sua alma...

José Dias-Sancho

11

As conferencias da semana

"La alma de la raza y sus valores espirituales", por D. Eugenio Noel

Eugenio Noel, uma das figuras de primacial valôr da Espanha moderna, fecundo escritor e jornalista que conta os seus volumes pelos anos da sua edade, mostrou-nos há dias, no Centro Espanhol e na Juventude Galaica, quanto póde a fogosidade de um orador artista e culto, impetuoso e destemido, que sabe e póde colocar numa conferencia de 3 horas, uma intérmina sucessão de fascinadoras imagens, num arrebatamento, numa incansável veemencia, que alcança deslumbramentos nos mesmos detalhes das suas esplendidas elucidações.

O magnifico artista da *Vida de Santos y Diablos*, *Aguas fuertes ibéricas* e de tantas outras obras que perfazem uma rima de 33 volumes, ofereceu-nos, no momento em que o escutámos com o máximo enlêvo, o modêlo impecável da verdadeira conferencia, pródiga de elucidações encadeadas com ritmo, rica de imagens e simbolos em que a deducção acompanha com entusiasmo os elevados vôos da imaginação, concluindo por demonstrar-nos os seus pontos de vista, com um brilho, com nitidez expressiva, em que as ideias acompanhando os factos, impressionam a visão pelo colorido e se gravam na memória pela sua musica.

Foram 3 horas, três horas soberbas de audição duma sinfonia de concêrtos, que arrebataram todos, intelectuais e pacatos comerciantes de alma endurecida na febre do lucro.

Falando da alma espanhola, Eugenio Noel não em-

12

polga a assistencia com mentirosos lirismos. Com dramáticos, com expressivos exemplos, pinta-nos a alma espanhola apaixonada e violenta, com uma irreverencia de opiniões, com uma galharda altivez de quem não teme consequencias da directriz dos seus pensamentos. Com um admirável desassombro, ao mesmo tempo que nos descreve as maravilhas da Espanha moderna, aponta-nos, num violento contraste, os defeitos enormes da sua população, chegando á audácia de afirmar que a generosidade espanhola é uma linda metáfora, porque afinal os ultimos generosos da Espanha ainda são os bandidos da Serra Morena.

Reagindo contra as tendencias ancestrais da alma do seu paiz, amando-o muito para não consentir no prosseguimento dos seus males, uma geração ousada de pensadores e artistas luta encarniçadamente para rehabilitar a Espanha, para a transformar, integrando-a na senda do progresso e da civilização, e é então que o conferente passa a demonstrar o valôr das altas cerebrações da mentalidade espanhola contemporanea, por uma fórma superior, que mantém até final o interesse arrebatado do inicio das suas palavras.

Poderia o conferente ter feito uma ditirambica exposição da intelectualidade espanhola, para uso das academias, com a congelação de nomes numa catalogação insipida, como quási todas as conferencias de análise ao valôr mental duma nação.

Eugenio Noel faz interessar vivamente a assistencia, embora falando de artistas e pensadores, junto de representantes duma pátria que deixa os seus intelectuais num isolamento que os entristece, pela espantosa revelação da mais absoluta falta de cultura.

Os valôres mentais da Espanha moderna fulguram sobre o verbo incandescente do ilustre escritor e conferencista, agigantados por uma fórma tão violenta, que o auditório jamais os esquecerá, e o remorso de os ter ignorado, aliviado em parte ficou, naquelas três horas de emoção intensa, em que brilharam lágrimas.

Eugenio Noel vai-nos falar deslumbrado dos livros

desses grandes homens da Espanha de hoje. Ele mostra-nos, num extraordinário poder de revelação, o sábio Ramon y Cajal, praticando a histologia com navalhas de barba, porque não tinha dinheiro para comprar os utensilios necessários.

Galdoz, o grande Galdoz, que aos 75 anos de edade se encontrava em poder dos usurários, sendo um deles um toureiro milionário.

Torres Quevedo, que no fim da vida chorava por a glória lhe ter chegado tão tarde. Julio Antonio, o genial artista da escultura moderna, que morreu de fome, para vergonha eterna da Espanha. Rey Pastor, que com 25 anos alcançou um nome como matemático, que se impõe ao mundo, e que quando regressou ao seu paiz, não encontrava a recebê-lo meia duzia de curiosos, a simularem uma admiração que o mundo já lhe havia tributado.

Ortega Gasset, um catedrático de 32 anos, que se viu isolado de todas as demonstrações de apreço e tantos, tantos outros, que precisam de sair fóra do seu paiz para impôr o seu valôr.

Emfim, D. Eugenio Nóel fez uma magnifica conferencia á altura do seu altissimo valor de escritor fecundo e pensador ousado.

A comprová-lo, bastaria a falta de carinho, de cortezia, ao menos, dos intelectuais portugueses, que poderei dividir em três categorias. Snobs ricos, burocráta e politicos, e desgraçados que se queimam no labôr escravizante do jornalismo.

"Anatole France", por Aquilino Ribeiro

No salão nobre do Teatro Nacional realizou a sua tão anunciada conferencia, o sr. Aquilino Ribeiro á qual assistiram muitos dos nossos literatos e artistas, e senhoras da nossa primeira sociedade.

A conferencia do sr. Aquilino Ribeiro foi um verdadeiro acontecimento mundano. O salão nobre do teatro onde mais se maltratam os originais portugue-

14

ses, oferecia o aspecto duma pequena academia, onde se efectuasse uma *matinée* politica.

Isto prejudicou um pouco a verdadeira interpretação da personalidade de Anatole France, obscurecida nas caracteristicas dominantes da sua obra, naquilo em que ela poderia chocar o académico ambiente da assistencia.

Em Anatole France, muitas vezes, o sceptico cede o lugar ao combativo, quando a vida o chama á defeza dos principios justos, tomando lugares proeminentes no ataque, como nas agitadas campanhas da questão Dreyfus.

Ainda não há muitos anos Anatole France, falando aos estudantes, aconselhava-os a olhar menos os gestos dos reis e dos dirigentes das republicas e a meditar mais nos movimentos obscuros e mais profudamente significativos da grei laboriosa.

Uma das mais decisivas caracteristicas da obra de Anatole France, é a coragem de pensar livremente, de falar e escrever resolutamente, apontando-nos uma montanha de erros, de preconceitos, atraz da qual se escondem os horizontes duma vida mais humana e mais justa. Todas as intenções da sua obra, tão impregnada duma superior beleza, é colocar continuamente a moralidade comum, desconcertar as práticas e as crenças comuns, condensar os usos e normas comuns, sobre a verdade, a justiça e a bondade, fustigando impiedosamente tudo o que se opõe, tudo o que torce o verdadeiro significado humano da existencia.

Aquilino Ribeiro mostra-nos um Anatole France sem ideias, sem intenções. Receioso de levar ao selecto auditório uma confidencia do autor da «Revolta dos anjos», não quiz ouvir-lhe os seus sarcasmos, e como um artista, contentou-se em nos mostrar o homem a distancia, descrevendo-o com uma pericia de verdadeiro pintor.

A conferencia do sr. Aquilino Ribeiro não foi a apresentação dum estudo sobre a obra de Anatole France, mas uma interpretação artistica da sua estética.

Sob este ponto de vista, a sua conferencia foi impecável, impregnada duma beleza, digna da beleza do mestre. Ainda mesmo quando ela derivou para a análise erudita das fontes inspiradoras da obra de Anatole, Aquilino Ribeiro fê-lo com uma rara pericia, de erudito e de artista.

E' assim que, numa admirável interpretação artistica da cultura de Anatole, ele nos aparece precedido dos hagiografos que vão de Vasogne aos Rolandistas, de Homero a Tilulo, de Rabelais a Ferelon, e por ultima a Renan.

A amalgama dessas fontes, completando-se numa poderosa perfeição, deram a Anatole os mais sólidos elementos da sua tolerancia, a compreensão subtil dos filósofos do paganismo, dos doutores do deserto a ironia delicada dos seus paradoxos, e a graça primorosa dos combates galantes do século XVIII.

Há três anos, realizou o sr. Aquilino Ribeiro, na Société Amicale Franco Portugais, uma conferencia— tambem sobre Anatole France.

Se não foi tão erudita, tão académica como a conferencia no Teatro Nacional, foi certamente mais viva, mais intensa. A personalidade de Anatole France, aparecia-nos mais completa, estudada sem rebuço em todas as suas caracteristicas.

Eduardo Frias

A REVISTA PORTUGUESA publicará no proximo numero uma entrevista com o pintor Carlos Porfirio, escrita por José Dias-Sancho.

A REVISTA PORTUGUESA iniciará brevemente uma nova secção — VIDA ARTISTICA DE PARIS, que será redigida pelo escultor Diogo de Macedo.

Exposições de Arte

Os trabalhos dos alunos da Academia de Belas Artes

Serenamente, sem paixões, no intuito apenas de bem elucidar o publico desta revista e de sér util aos rapazes novos que chegam agora á vida com as suas ilusões intactas, vamos apreciar a exposição dos alunos da Academia de Belas Artes. Esta exposição tem para nós um especial interesse. Pedimos, portanto, aos criticados que nos perdoem qualquer excesso de linguagem que, não sendo ditado por falta de delicadeza, pode ser tomado á conta da rude franqueza com que falamos de tudo e de todos.

Discordamos em absoluto da maneira como presentemente se encara o problema de ensino, muito especialmente na parte que respeita ao ramo de arte. O homem pode nascer naturalmente artista, como pode nascer literato ou engenheiro. As escolas e academias deviam servir apenas para aperfeiçoar as expontaneas qualidades do individuo. Infelizmente, há quem julgue que a nossa Academia de Belas Artes é uma espécie de maquina maravilhosa, na qual se mete um burro que, após umas tantas voltas na engrenagem, tem de sair fatalmente artista. Este criterio tem determinado a certos pais de familia resoluções originais.

O papá, quando o pimpolho nasce, já tem na gaveta da sua secretária um plano de vida para lhe aplicar. O petiz surgiu gordo, amigo de mamar á farta, um pouco chorão durante a noite, e logo o pai, cofiando a barba, julga descobrir-lhe na entoação do choro ou na fórma a abocar o peito maternal, uma decidida vocação para a pintura. O pequenito começa a crescer, e vai dahi, como mais tarde será pintor, põem-lhe o nome de Rafael. E o Rafael a gostar imen

17

so de brincar aos cavalos; e o futuro artista a mostrar uma vocação extraordinaria para cocheiro... Cresce ainda. Metem-no em qualquer escola para ambos os sexos, onde aprende a lêr e escrever. Feito o exame de instrução primaria, assimilado um pouco de francês, ahi temos o rapaz, que sempre mostrou uma forte inclinação para cavalos, enfiado na maquina maravilhosa de fabricar artistas.

Passam os anos e os metodos sobre o aluno, que o amoldam a um determinado feitio, que não é o seu, que é apenas um capricho dos moldes. E o rapaz aparece em publico a pintar quadros que parecem bons. Sua *entourage* sopra-lhe elogios pelos ouvidos e o pseudo-artista incha de vaidade, porque, a mão habituada pelo treino que o mestre lhe dá e pelas receitas que aprende, faz umas cousitas que têm toda a aparencia de quadros.

A maioria dos artistas em Portugal são assim, desta marca, marca registada d Fabrica Academia de Belas Artes.

* * *

Sabem os leitores e sabem os alunos da Academia o que pensamos ácerca do ensino ministrado no casarão de S. Francisco. Portanto, se nos preguntarem a nossa opinião formada sobre a exposição, facil-se-rá deduzir a nossa resposta: a exposição, duma maneira geral, vale muito pouco, quasi nada.

Vejamos, entretanto, se integrando-nos no ambiente da Academia, embòra isso nos custe um pouco de sacrificio, conseguiremos traçar, em relação aos pequeninos objectivos da pintura académica, o valor de cada um dos futuros artistas. Se não se tratasse de jovens, nos quais devemos ter alguma esperança, talvez não tivessemos tanta paciencia para fazer tam minucioso exame.

Comecemos pela pintura. Quem melhores qualidades revela é indubitavelmente D. Sara Afonso, aluna de Columbano Bordalo Pinheiro. Este professor da Academia é dos que mais influe no animo dos seus discipulos. E' preciso que estes tenham uma resis-

tencia invulgar para não se deixarem lominar por completo. Sara Afonso, embora ao primeiro golpe de vista nos recorde imediatamnte a pintura mole de Columbano, possue entretanto qualidades suas que deve lutar por conservar ou desenvolver. Os retratos que apresenta são tecnicamente bem feitos—academicamente falando. Possuem, entretanto, um quê de impalpável que só consegue fixar nas obras de arte quem tem alma para sentir. Desses retratos ressalta ainda uma qualidade que não se assimila: o caracter. Há um certo á vontade nos seus trabalhos que só obtêm aqueles que têm um pensamento superior a nortear-lhe o pincel. Porém, aconselhamos D. Sara Afonso a sair imediatamente da escola—porque de hoje em diante todo o tempo que lá estiver representará a perda gradual dos seus méritos naturais. D. Sara Afonso devia—que nos seja permitido dar conselhos—fazer as suas malas, meter-se no *sud-express* e desembarcar em Paris. Nessa cidade entregar-se-ia ao estudo dos pintores modernos e antigos, classicos e bizarros. Veria tudo com olhos de vêr, examinaria sem *parti-pris*, abriria a sua alma ás mil almas de artista que, por intermédio da arte, pudesse conhecer. Ao cabo de seis meses ou um ano de permanencia em Paris, não andaria mal D. Sara Afonso em empreender uma viagem até á Alemanha. Ahi completaria a sua educação artistica, analisando toda a pintura moderna alemã e russa, convivendo em Munich com os artistas que naquela cidade se acolhem. Depois de respirar a plenos pulmões as mais diversas manifestações de arte moderna, regressaria D. Sara á sua casa sossegada de Lisboa, consultaria a sua alma e tentaria fixar nas telas com toda a pureza, com a maxima sinceridade, sem temer preconceitos, nem leis, nem metodos, nem escolas, nem criticas, o que sentisse e o que visse.

D. Carlota Rocha, discipula de Salgado, expõe uns nus agradáveis á vista. Mas está de tal fórma integrada nos processos do mestre, que não sabemos se o seu temperamento, por um fenomeno assombroso,

é absolutamente igual ao do sr. Veloso Salgado. Não há possibilidade material de descobrir, nos quadros de D. Carlota Rocha, o que realmente lhe pertence. Em pintura, exceptuando o principiante sr. Campos, que talvez venha a ser alguem num futuro proximo, se tiver o bom senso de defender-se da influencia dos professores, D. Alda Pereira Leite, muito influenciada por Salgado e o sr. Capucho que apenas tem um quadrosito pequeno de colorido quente e factura simples, nada mais de notavel temos a registar.

Em desenho, destacam-se Tagarro, Veloso Reis, com o seu *Arraial* feito com certa expontaneidade e composição; Barrias, um tempermento interessante se não estivesse quasi estragado por um academismo absorvente; Jorge Pinto, nos três quadros de varinas e D. Elisa Bermudes.

Com D. Elisa Bermudes temos de conversar um pouco. Esta senhora, perdão, esta menina, possui um temperamento de rebeldia que muito apreciamos. De todos os alunos da escola que este ano expõem, é Elisa Bermudes quem melhores provas de resistencia contra o mau ambiente que respira, nos deu. Os seus desenhos, duas cabeças despretenciosas, são de factura simples, de intenção admiravel, de caracter bem acentuado, de personalidade marcada. Mais requisitos não se podem exigir duma donzela, em cuja bagagem tecnica deve pezar mais o sonho, e a ilusão do que a sabedoria. Se nos fosse dada a possibilidade de roubar á Academia esse temperamento precioso, embora levemente enunciado nesses desenhos, levariamos Elisa Bermudes para outro ambiente mais sadio, pô-la-iamos em contacto com a vida e dir-lhe-iamos: «Esquece tudo o que de mau aprendeste nos subterraneos da Biblioteca, abre os olhos e observa, toma o teu lapis e desenha, desenha com toda a tua sinceridade. Temos a certeza de que a tua imaginação fecunda terá construido imagens que temes reproduzir no papel, receando que o mundo dos *competentes* te chame louca. Tapa os ouvidos aos maus conselhos, desenha o que te apetecer».

20

E' possivel, porém, que Elisa Bermudes, concorde com as nossas palavras e não as siga, por temer a luta sobrehumana que teria de empreender para romper com todos os preconceitos do meio que a envolve e asfixia. Se fôr fraca, se não lutar, podemos desde já afirmar que a guilhotina afiada do ensino oficial contará em breve mais uma vitima.

Em escultura, cousa alguma vimos que mereça referencia.

Mario Domingues

No proximo numero:

REVISTA DAS REVISTAS, por Alvaro Maia.

Vida intelectual brasileira

Os grandes desconhecidos

Encontrei há dias num artigo de critica literária dum jornal fluminense a observação justa de que, emquanto no Brasil é bem conhecida a literatura portuguesa, mesmo as obras dos escritores novos, em Portugal não se mostra o merecido interesse pelo conhecimento da literatura brasileira. Por diversas vezes já, em artigos de jornais e revistas do Brasil, tenho lido a mesma obsevação, sempre escrita num tom de amorável censura.

De facto, em Portugal apenas se conhece Coelho Neto e Olavo Bilac, e alguns outros de conhecimento mais limitado—Machado de Assis, Euclydes da Cunha, Raimundo Correia e poucos mais. Chegamos até, por vezes, a ter uma ideia falsa e injusta da literatura brasileira.

E, no emtanto, o Brasil possue uma literatura rica, duma riqueza de que nem suspeitamos.

A nova geração é mesmo fulgurante. E tem as suas filas completas, todas as posições dos diversos ramos e tendencias literárias bem guarnecidas. E' uma geração enebriada de entusiasmo e de audácia, de imaginação e de sonho; é uma geração que, em Portugal sobretudo, importa conhecer.

Afastado, como tenho estado, de colaborar em jornais e revistas, não era a mim que competia vir gritar aos que em Portugal se dão á massada de cuidar do espirito que é preciso que os portugueses *descubram* a literatura brasileira, pois que tal descoberta, bem mais fácil e cómoda do que o empreendimento de Alvares Cabral, em muito os maravilhará e em muito póde servir de estimulo á nossa nova geração.

Como, porém, ninguem aparecia a levantar esse brado, cedi a instancias amigas para alguma coisa escrever nesse sentido.

Não me vou, porém, ocupar agora dos escritores da geração que passou. Esses devo-os presumir conhecidos. Vou apenas ocupar-me, se bem que ligeiramente, dos *grandes desconhecidos* da magnifica geração literária que acaba de surgir. A ordem porque a eles me irei referindo, nada mais significa do que um acaso das minhas predilecções ou do desarrumado das minhas estantes.

LIMA BARRETO é dos escritores da minha maior predilecção. O seu espirito livre, duma liberdade a que se não encontra restricções, e a sua critica arrojada e sangrenta deixaram-nos muitas páginas onde os seus compatriotas, e a sua própria pátria, são comentados, umas vezes com mordaz ironia e a maior parte das vezes com gargalhadas amplas e francas, com amplas gargalhadas de troça.

Não são, pois, os livros de Lima Barreto os mais próprios para exportar, e, por'isso não admia que, em Portugal, ele seja quási completamente desconhecido.

Ele é o escritor mais livre e irreverente de toda a

22

literatura brasileira. Chega a surpreender-nos tanta liberdade, e não só pelas qualidades necessárias a quem dela faz uso, mas, muito pincipalmente, pelo meio social que teve de a supotar e não a repeliu.

Apontado como continuador de Machado de Assis, ele ora o suplanta ora lhe fica muito abaixo. Os seus livros não têm a serenidade, nem a doçura dos de Machado de Assis. Nas páginas mais vibrantes, de critica mais mordaz e mais certeira, a fórma é descuidada, quási desprezada como uma coisa subalterna.

Outras vezes, quando o assunto é mais calmo, não tem tanta veemencia, a sua prosa é mais cuidada, elegante, mesmo com preocupações de purismo, lembrando um pouco Machado de Assis e, por vezes até, uns longes de Anatole.

A sua obra é desigual, mas sempre superior. Consta de seis volumes e a todos admira como ele os conseguiu escrever na constancia da vida de boémio impenitente que sempre levou.

Mestiço, lutavam no seu sangue as tendencias mais opostas. Teria realizado uma obra de maior altura e de maior beleza se ao iniciar a vida não tivesse sentido a hostilidade dos seus compatriotas. Renunciou a vencer fóra da literatura. A sua sensibilidade de artista exagerou para desprêzo todos os olhares e todos os gestos dos seus compatriotas, para ele e para os mais individuos de côr. Atribuiu a esse pretendido desprêzo a sua derrota na vida. E soube-se bem pagar dele. Um vencido que leia a sua obra, sobretudo o seu ultimo livro—*Os Bruzundangas*—,sentir-se há vingado. Recordo as páginas de impiedosa troça desse livro, cada capitulo é uma gargalhada, e, das suas páginas, a vida politica, económica, social, intelectual e artistica do Brasil sangra, achincalhada.

Mas, vendo apenas sob este aspecto a obra de Lima Barreto, obteriamos uma ideia errada e nada justa do que ela é e do que ela vale.

Não se póde deixar para um plano secundário a sua obra como contista, como novelista e até mesmo como romancista, porque ela é, simultaneamente, uma

obra de audácia, uma obra de perfeição e uma obra de perdurável beleza.

Os livros de contos e novelas—*Triste fim de Policarpo Quaresma, Numa e a Ninfa* e *Histórias e sonhos*—são livros que não esquecem, livros que não passam. Dos três é, porventura, o primeiro o de maior valôr, o mais caracteristico. E de entre todos os contos e novelas que deles fazem parte, uns e outras versando motivos de arte, superiores e novos, realizados por entrechos e por uma técnica duma perfeição inexcedivel, eu saliento o magnifico conto—*O Professor de Javanez*—que faz parte do primeiro. Intitulam-se os seus dois outros livros—*Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Recordações do escrivão Isaias Caminha.* Aquele é o seu livro mais sereno, aquele em que a fórma lhe mereceu maiores cuidados. Dizem que é o seu melhor livro, mas eu inclino-me pelo *Triste fim de Policarpo Quaresma.* As *Recordações do escrivão Isaias Caminha* podem-se considerar um romance. Tem algumas falhas no entrêcho e a sua fórma é, em muitas páginas, descuidada. Mas, este livro, entre nós desconhecido, foi impresso em Portugal, sem a revisão do seu autor. A acção principal deste romance, quási todos os seus episódios, são passados a dentro da redacção dum jornal diário. Nunca a imprensa sofreu tão rude ataque, nunca a imprensa foi tratada com tão grande e superior desprêzo. E esse desprêzo revive mais tarde em algumas páginas dos *Bruzundangas.*

Há pouco mais dum mez, quando o maetro Ruy Coelho regressou da sua ultima visita ao Brasil, perguntei-lhe se tinha travado relações com Lima Barreto. Disse-me que estivera com ele uma vez apenas e contou-me como com ele se relacionara. Uma noite, ao entrar num dos melhores cafés do Rio, reparou que a uma meza vários artistas e literatos de destaque escutavam com grande consideração um individuo ainda novo, mulato, e que revelava logo á primeira vista um grande descuido no vestuário. Do grupo chamaram-no, e, depois dos cumprimentos aos conhecidos, um deles fez a apresentação de quem com tanta

24

consideração era escutado:—«*O senhor Lima Barreto, o maior escritor brasileiro!*»

Escevi eu que a liberdade do seu espirito e da sua critica não tinha restrições. Mas, ele próprio confessa uma, nos Bruzundangas, quando trata das riquezas económicas do seu paiz:—«O cultivo da cana e o fabrico de aguardente e açucar são matérias de que me abstenho de tratar. Abstenho-me porque lá diz o ditado que, com teu amo, não jogues as pêras».

Lima Barreto morreu há poucos mezes. Muitos desconhecidos foram velar o seu cadáver. Fala-se bastante em lhe erigir uma estátua. Mas, o Brasil não lh'a dará... Mesmo, porque não há escultor que, em mármore ou em bronze, consiga marcar as suas gargalhadas...

GILKA MACHADO (Gilka da Costa Melo Machado) é incontestavelmente a maior de todas as poetisas que escrevem em lingua portuguesa. Ela está, com *Pereira da Silva* e *Catullo da Paixão Cearence*, no cume da magnifica montanha da poesia brasileira. De *Catullo da Paixão Cearence*, o meerencoreo cantor do sertão, e de *Pereira da Silva*, o poeta da tortura do pensamento e da sensibilidade, de cada um deles, terei de me ocupar em lugar áparte. Mas, dos três, tem Gilka Machado a minha especial predilecção, talvez porque, fazendo como este poesia subjectiva, a não oprime, como ele, de sombras e de angustia, antes as suas poesias traduzem uma resignada e sábia aceitação da vida.

A poesia chamada subjectiva, mesmo que realizada por bons versos, se é feita por quem possue apenas uma alma vulgar, fica uma poesia mesquinha, uma poesia deplorável. Póde o verso ser bem composto e a combinação das palavras e até das situações dar-lhe um aspecto de agradável ao ouvido, mas não deixa de ser uma poesia mesquinha e deplorável.

Quási todos os que versejam, julgam que as suas emoções e as suas sensações têm grande interesse para o publico postas em verso, constituem motivos de

beleza. E dahi o descrédito da poesia subjectiva. O amôr, o maior tema dos poetas, o grande tema da vida, versejado por uma alma mediocre, aparece-nos sem grandiosidade, miserandamente reduzido a ridiculos episódios de namoricos.

Mas, o amôr, nos versos de Gilka Machado, tem uma tal grandeza, uma tal fulguração que perturba o nosso espirito. E se assim no amôr, assim em tudo que lhe serve de motivo: o silencio, as vibrações do sol, os sons, as côres, os perfumes, o sôno, o mar, a paizagem, a vida... E 'que Gilka Machado tem uma alma superior, uma alma de invulgar compleição. As suas emoções e as suas sensações têm beleza, têm altura, porque não são as emoções e as sensações de toda a gente, mostram-se-nos tão melindrosamente acuradas que nos dão bem o seu radioso temperamento de artista.

Quer tratando motivos fortes, quer simples particularidades, a elevação dos seus versos não tem baixas. Bem seguro de si, o seu temperamento de artista tem audácias superiores, emancipa-se do seu sexo, paira mais alto. Outras vezes, um perfume forte de sensualismo derrama-se nos seus versos...

Não cultiva exclusivamente o soneto. Todos os seus versos são impecáveis. Nota-se-lhe bem a influencia clássica, mais, o próprio culto dos clássicos. A perfeição dos seus sonetos é completa. Nem lhe falta a unidade indestrutivel, pois ficaria o môtivo truncado retirando-se-lhe um só verso que fôsse. E este atributo do soneto tem sido entre nós bastante esquecido, pois que mesmo alguns dos sonetistas de maior nome incluem nos seus sonetos um ou dois versos e até um terceto ou uma quadra apenas para encher, para completar a conta dos quatorze.

Reproduzo um dos muitos belos sonetos de Gilka Machado:

Symbolos

Eu e tu, ante a noite e o amplo desdobramento
do mar fero, a estourar de encontro á rocha nua.

26

Um simbolo descubro aqui, neste momento;
esta rocha e este mar... a minha vida e a tua...

O mar vem... o mar vai... nele há o gesto violento
de quem maltrata e, após, se arrepende e recúa...
Como eu compreendo bem da rocha o sentimento!
são muito iguais, por certo, a minha mágua e a sua!

Simbolisa este quadro a nossa própria vida:
tu és esse dubio mar que na sua inclemencia
tem carinhos de amôr e furias de demencia;

eu sou a mágua estanque, a dôr empedernida,
eu sou aquela rocha encravada na areia
á inconstancia do mar fria, serena, alheia...

Mas, antes de passar a outro escritor, quero ainda transcrever um trecho duma poesia sua que nos dá bem a ideia da elevação do seu pensamento e a medida da sua sensibilidade:

Exausta, na existencia eu as armas deponho,
e, ao invez de lutar,
distraio-me a sonhar,
faço do próprio mal um motivo de sonho.

Foi em 1915 que Gilka Machado publicou o seu primeiro livro—*Crystaes partidos*. No ano seguinte publicou uma conferencia literária, sob o titulo—*A Revelação dos Perfumes*. E em 1917 o seu segundo livro de versos—*Estados de alma*. Deste e do primeiro fez a autora uma segunda edição, com ligeiras alterações, num só volume, intitulado *Poesias* e publicado em 1918. Não tem este livros mais edições... porque tanto as primeiras como a segunda foram de larga tiragem.

J. A. NOGUEIRA (José António Nogueira), magistrado e escritor, tem dois livros publicados — *Amôr Imortal* e *Paiz de Ouro e de Esmeralda*. Foi este ul-

timo que o tornou mais conhecido. Preocupou a critica, quási sempre hesitante, e a sua venda já vai no 4.º milhar. Modestamente, chamou o autor *ensaio* a essa luminosa novela, tão cheia de interesse espiritual na calma e na bondade que todas as suas páginas resumem. Há neste livro um grande sentido de equilibrio e de beleza. Grande equilibrio na efabulação, na pureza e elegancia da fórma. Grande equilibrio na observação e na critica, uma e outra duma amplitude, fóra do vulgar, para mais numa leitura que não cansa, numa leitura que encanta. O entrêcho tem um fundo enorme de beleza—a luta inconsciente entre os povos das mais diversas origens na formação da nacionalidade brasileira, a despertar energias e ancie dades a caminho da visão de esplendor da nacionali dade definitivamente formada. E atravez do singelo drama de amôr que se desenvolve neste fundo, no desenho dos personagens ou na condução dos episódios, a questão social, a metafisica pura, a filologia e os estudos clássicos, o ambiente politico, o nacionalismo, o problema do amôr livre, surgem-nos em páginas de leveza, mas de sentido profundo, apenas em esboços que fascinam o nosso pensamento a desenvolver o aspecto traçado.

Mas, o que de tudo mais me encantou no *Paiz de Ouro e de Esmeralda* foi a sua fórma; a simplicidade e a elegancia da construção, aquele português correcto de sintaxe e expurgado de palavras que não sejam comuns ao português de Portugal e do Brasil, um português mais português... do que aquele que já quási nos habituámos a encontrar sempre nos artigos dos jornalistas pedantes e nos livros de manipulação forçada.

Em continuação deste artigo tratarei das obras de outros escritores brasileiros, começando por Pereira da Silva, Monteiro Lobato, Catullo da Paixão Cearence, Anibal Matos, Romeo de Avellar, etc.

Ruy Gomes

Musica

Acerca de S. Carlos e da reforma a fazer

IV

Num próxima reforma que se faça, as récitas populares e o aluguel do teatro devem ficar bem esclarecidos, sem subterfugios.

Sempre desejaria saber em que condições a sociedade arrendatária cedeu o teatro ao sr. Ercola Casali que, por sua vez, o aluga a uma companhia de declamação.

Quem recebe os proventos do arrendamento?

Será o Estado, a sociedade de concessionária ou o sr. Ercole Casali?

Este facto importante necessita esclarecimentos insofismáveis para honra da empreza e proveito de todos os artistas, principais vitimas desta *bambochata*, que é a administração da Direcção Geral de Belas Artes.

Um artista tem que pagar pelo aluguel de S. Carlos dois contos e quinhentos que revertem a favôr de entidade que se ignora por ora.

Em compensação, o Estado, isto é, todos os portugueses, concorre para a conservação do teatro. Ainda há bem poucos dias *foram concedidos* 3.608$000 *reis para ocorrer á urgente reparação de que carece o teatro de S. Carlos de Lisboa*, segundo rezam as gazetas. Preços elevadissimos, compositores e cantores escorraçados e os artistas impossibilitados de alugá-lo, eis o lindo quadro para que todos nós temos contribuido com a nossa inércia e com a nossa cobardia.

Repito. para interesse da empreza e de todos nós é indispensável uma explicação clara e sem rodeios.

O teatro Municipal do Rio de Janeiro, subsidiado pelo Estado, apresenta anualmente obras brasileiras cantadas por alguns cantores tambem brasileiros.

O corpo docente do Conservatório, com o seu director e sub-director, srs. Viana da Mota e Luiz de Freitas Branco deveriam tomar a iniciativa de agitar a questão e certo estou que o prestigio que disfrutam é uma garantia de que a causa seria ganha.

O Conservatório de Lisboa, o primeiro instituto musical do Paiz, é composto ou, pelo menos, supõe-se que assim seja, pelas maiores notabilidades que deverão ter, pela situação em que se encontram, autoridade artistica e moral.

O prestigio do Conservatório acha-se muito abalado pela indiferença com que tem acolhido os atentados aos direitos dos musicos portugueses, que lhes competia defender.

Os senhores professores para mostrarem que têm uma noção nitida das responsabilidades que lhes incumbem como preparadores dos futuros musicos, têm que desenvolver uma maior e melhor actividade. Neste sentido deverão começar por instituir uma classe de córos que prepare aqueles que desejam ser coristas de ópera. Seria o primeiro passo para a solução de um dos mais dificeis problemas a resolver para a instituição da ópera portuguesa cantada em português.

A acção pró-S. Carlos, iniciada nestas condições, seria benéfica e os seus resultados seguros.

Os senhores criticos dos jornais de Lisboa, Alfredo Pinto (Sacavem), Dom Modesto, Gastão de Bettencourt, Luiz de Freitas Branco, D. Luiz da Cunha Menezes, João Botto de Carvalho e a cronista brilhante do *Diário de Lisboa*, a sr.ª D. Oliva Guerra, muito de interessante poderão dizer ao publico sobre este tema, que ameaça dar-nos lindas variações.

Como orientadores do publico, têm obrigação de versar esta questão, segundo o critério que melhor lhes pareça.

O silencio será tanto menos explicável quanto é certo que se trata de um caso de importancia capital para a musica portuguesa.

Ivo Cruz

Concerto Carolina Peczenik-Ilse von Hentig

A sr.ª Carolina Peczenik era já conhecida do nosso publico como pianista de grandes recursos, aliando a uma técnica impecável uma noção rara dos efeitos que se podem tirar do piano.

O programa, composto por obras de Haendel, Beethoven, Schubert e Chopin, teve uma execução maravilhosa.

No emtanto, quero destacar, pela honestidade de interpretação e intima elevação, o *Adagio*, da *Sonata em ré maior*, de Beethoven, o *Impromptu*, de Schubert, e o *Scherzo*, de Chopin.

A sr.ª Peczenik mostrou-se uma compositora muito interessante em duas composições que executou. o *Nocturno* e a *Cavalgada diabólica*. A primeira, sobretudo, muito regular na fórma, revela o temperamento acentuadamente modernista da sua autora.

Ao publico português apresentou-se, pela primeira vez, a sr.ª Ilse von Hentig.

Cantar *lieder* não é facil, porquanto além de uma boa escola de canto é necessária uma inteligencia clara e uma cultura requintada. A cantora de ópera póde levantar as plateias numa «ária» brilhante, ainda que falseie a intenção do autor; a cantora de *lieder*, se não se identificar com o pequeno poema que vai interpretar não poderá comunicar aos ouvintes emoção. A arte do *lied* é intima e recolhida.

A sr.ª Ilse von Hentig tem escola, é inteligente e frasela com justeza. Não exagera, o que é condição essencial para uma interpretação com verdade.

A escola alemã de canto, ainda quási desconhecida entre nós, patenteou todas as belezas no concêrto da Liga Naval.

Tive a alegria de ouvir em alemão *lieder* de Schumann, que me deixaram magnifica impressão e que mais acentuou a pobreza das traduções francesas

que desnaturam toda a beleza que a união intima da letra com a musica, nos dá.

Tiveram a honra de primeira audição dois adoráveis *lieder* de Strauss, *Sonho ao Crepusculo* e *Serenata*, nos quais a distinta cantora nos mostrou os seus recursos vocais.

Dos quatro *lieder* de Brahms, *Pensei poder passar sem te vêr*, *Domingo*, *Noite de Maio* e o *Ferreiro*, e interpretados com muito sentimento estes dois ultimos. Os acompanhamentos foram bem feitos pelo sr. Eduardo Burnay. A's senhoras Ilse von Hentig, que muito desejaria ouvir num outro concêrto, e Carolina Peczenik, as minhas felicitações pelo exito obtido.

I. C.

Ler no proximo numero:

Artigo de Rebello de Bettencourt sobre os livros: ESPANHA, de Antero de Figueiredo e CHUVA DA TARDE, de Antonio Sardinha.

CONTEMPORANEA

grande revista mensal

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR

VICTOR FALCAO

LITERATURA, CRITICA DE ARTE, SPORT, TEATRO, MUSICA, VIDA ESTRANGEIRA.

SVMARIO

DESENHO, de Jorge Barradas; A SUPERSTIÇÃO DO ESTADO-PROVIDENCIA, artigo de Cristiano Lima; A ENTREVISTA DESTA SEMANA, por José Dias-Sancho; REVISTA DAS REVISTAS, por Alvaro Maia; EXPOSIÇÕES DE ARTE, por Mario Domingues; DOS NOVOS LIVROS, por Rebello de Bettencourt; O CINEMA, por Henrique Roldão; MUSICA, por Ivo Cruz

Publica-se aos sabados—Assinaturas: serie de 4 numeros, 4 escudos. Avulso, 1 escudo—Edição e propriedade de V. Falcão—Oficinas tipograficas, Rua do Mundo, 116—Escritorios, Rua Nova do Almada, 46, sloja

Sabado
21 de Abril de 1923

Desenho de Jorge Barradas

A superstição do Estado-Providencia

Povo que não acredita no seu proprio esforço e tudo aguarda do sobrenatural, não vive, morre, não evoluciona, imobilisa-se. Em Portugal, a crença no que está fóra e acima de nós, seja Deus em pleno ceu, seja o Estado em toda a extensão do Terreiro do Paço e dos craneos dos estadistas, tem sido mais do que uma determinante orientadora do espirito uma para nada fazer e um refugio para perpetuação da inercia. Embora se constate a existencia duma minoria, duma reduzida minoria, sempre apta a agir, a maioria, uma esmagadora maioria, considera todas as religiões desde as que colocam Deus no mais celeste e elevado dos degraus ou as que coloquem o sr. Magalhães Lima na presidencia suprema da terra—com Maria Arade por sacerdotiza—como uma força acionadora que tudo oferece e tudo dá. Esperar D. Sebastião ou esperar simplesmente o numero premiado da loteria—eis toda a vida do português. Imaginemos o pior dos absurdos: um ciclista pedalando no mesmo terreno, um cavalo galopando, sem avançar um centimetro, um automovel voando sem nunca arredar da *garage*. O português, por muito que isso confranja os nossos patriotas, os roufenhos gritadores do esforço da raça, é, simultaneamente, esse ciclista, esse cavalo, esse automovel. Por ser um povo incapaz para a acção? Não. Por ser crente e tudo esperar da sua crença. Habituado aos lucros das descobertas maritimas, convencido dos lucros provaveis da benevolencia do ceu, confia plenamente ao sobrenatural a prodigiosa função de pensar pelo seu cerebro, agir pela sua energia e de realizar todas as suas ambições, das mais inferiores ás mais elevadas. Espera,

3

espera eternamente, sem que as mais aviltantes miserias, os mais energicos desmentidos, o desiludam, o convençam a nada esperar que não saia dum movimento dos seus braços, dum pensamento do seu cerebro, duma exuberante manifestação da sua vontade. A Deus, qualquer Deus, sobre cuja existencia não refletiu, ele entrega totalmente o seu destino. E, por mais que a experiencia lhe demonstre que nenhuma entidade divina encarna os seus interesses humanos e os resolve a seu contento, tudo espera dela. Se é catolico, aceita a fantasmagoria dum paraizo onde a felicidade brote com a expontaneidade duma asneira dos labios dum orador; se é republicano, livre pensador, ateu, acredita no emprego do Estado, uma especie de paraizo com porta para o inferno do coeficiente 9. Só num povo assim era possivel conceber se um Deus providencial que tudo inventasse: desde o avião para ir ao Brasil até ao aviador que não receasse o caminho.

De maneira que ele confia, perpetuamente, a sua vida, num rei que nunca chega, numa cautela eternamente branca, e num Deus que nunca irá pôr-se em mangas de camisa a fazer-lhe a cozinha para o estomago e o petisco saboroso para o espirito. Por isso, neste paiz se verifica um polulamento de redentores que multiplicam as suas promessas quasi tantas vezes como as necessarias para colocar 16 centavos em equivalencia com uma peseta. Podem os redentores nada redimir, e esta tem sido a sua unica função, que o português, o bom português, espera outro rendentor, outros redentores, e, continua não prestando atenção aos que honestamente o aconselham a nada esperar, nem do céu, nem do Estado, sem que o seu esforço dê á vida o movimento que ela reclama.

Não são os que pensam em Deus, como um sabio e complicado motor, apto a tudo acionar, desde o crescimento dos recemnascidos ao das espigas de trigo, os unicos culpados, os unicos inertes. São tambem, com as mesmas culpas, a mesma inercia, uma chusma de ateus, de bons ateus, capazes de não

4

pensar senão em Deus, na sua fanatica e histerica furia de o negar. Do mais catolico ao mais ateu, todos se irmanam na mesma crença, no mesmo poder do alto de quem tudo esperam e em quem tudo confiam.

Há um Deus, explendidamente providencial que congraça catolicos e ateus. Esse Deus providencial é o providencial Estado. Por mais que o cubram de invectivas, que o fulminem de soberanos ou republicanos desdens, ele é sempre o alvo supremo dos seus sonhos, o padroeiro das suas ambições. Podem os Transportes Maritimos obstinarem-se em se afundar, os Bairros Sociais teimarem em se não construir, a Exposição do Rio de Janeiro insistir em se desacreditar, que os crentes no Estado, não deixarão de lhe atribuir as funções de navegador, construtor e expositor — supremos.

A vida é feia, duma sombria e tragica realidade? A culpa é do Estado. E' preciso que ele faça uma lei que decrete e legisle com um decreto o sol que a fecunde e ilumine. Se a lei se fez, e a beleza não surgiu, o sol não resplandeceu, o Estado, nem mesmo assim, faliu nos seus espiritos. Era a lei que não era boa, oportuna, inteligente.

Esquecem-se esses crentes, esses obstinados crentes, que não é a vida que se adapta ao Estado mas o Estado que evoluciona por determinação da vida. O Estado e a vida, são entidades diferentes e antagonicas. O Estado alimenta-se da vida, regulamentando-a, até onde a sua fraqueza lho consente, e, desapareceria quando ela, multiplicando a sua energia criadora, o derrubasse.

Se afirmassemos que o Estado nos deu a vida, que faz parte do integrante do nosso ser e, simultaneamente, a nossa carne e o nosso espirito, ninguem nos acreditaria. Apesar disso a maioria, seja uma maioria composta por fotografos, porteiros, advogados ou artistas, age e procede como se a afirmativa repelida fôsse uma verdade aceita e incontestada. Essa maioria, não vê, não quere ver que o Estado é monar-

quico ou republicano, ateu ou catolico, consoante a força que o determina e o cerebro que o insufla. Por maior que seja a ignorancia dum ministro da Instrução, essa maioria acredita que o analfabetismo se extinguirá ou que a arte terá uma magnifica ressurreição, se esse falivel mortal, sentado a uma secretaria, de dedo no nariz e caneta entre os dedos, elaborar um decreto, matando os analfabetos com a cartilha João de Deus, e ressurgindo a arte por meio de injecções de genio artistico aos pausados e submissos rapazes da Academia das Belas Artes.

Em vez de nos resignarmos a ver o Museu de Arte Contemporanea isolar-se da arte contemporanea, os ministros da Instrução condecorando o genio ou louvando a mais descaroavel ambição, não seria melhor agremiar as forças do espirito e do coração e restituir-lhes a sua funçãon obremente criadora? Não seria mais util, pensarmos, unicamente, em viver com o concurso da nossa iniciativa e com o auxilio da nossa inteligencia e energia, a entregarmo-nos de braços cruzados, cerebro parado, coração tranquilo, á crença de que o Estado tudo faz, deixando assim tudo por fazer?

Cristiano Lima

A REVISTA PORTUGUESA publicará nos seus mais proximos numeros artigos de Corrêa Marques, Julião Quintinha e Antonio de Monsanto.

6

A entrevista desta semana

Carlos Porfirio, diz-nos que para a sua sensibilidade não ha limites e que para vencer põe toda a sua alma na sua Arte

Carlos Porfirio recebeu-me na intimidade deferente da nossa amisade velha, em pijama de seda roxa, um cigarro egipcio brincando-lhe nos dedos, um sorriso claro para a minha face inquiridora.

—Uma entrevista? E' dificil! Que diabo... O que lhe hei-de dizer?

—Eu sei... Muitas coisas interessantes...

—Por exemplo...

—Por exemplo que sugestões o levaram para a pintura...

—V. sabe tão bem como eu o que penso da Arte e toda a minha evolução, mas o que talvez não conheça é que o que me chamou para a Pintura foi o desejo de dar forma a sonhos estranhos que me tomavam, sonhos fantasticos, delirios de côr e movimento, que eram (estou em crê-lo) alucinações.

«O primeiro desenho que fiz, foi um dragão!

—Ora ahi está, meu caro Porfirio, uma curiosissima revelação do seu espirito...

—Em seguida peguei-me ao oleo (era criança...) copiando telas, postando-me já diante da paisagem para a surpreender em qualquer coisa que pressentia, e notava que os outros não tinham revelado. A paisagem tem sido para mim, sempre, uma grande preo-

7

cupação. Falar da sua alma, é falar da minha alma. A paisagem é sempre, nos meus quadros, um estado da minha alma.

—Há um pensamento celebre de Amiel que expõe isso mesmo como generalidade.

—E' possivel. O que digo, porém, é por dedução propria.

«Recordo-me, todavia, que um dos quadros que mais me apaixonaram nessa época primitiva da minha sensibilidade foi um grande aspecto da vida dos palhaços.

«Essas figuras de palhaços, têm tido sempre, para mim, um sortilegio extraordinario.

«Olhe: um dos meus mais lindos sonhos de criança, foi ser palhaço, vestir o *maillot* verde de certo atleta que me encantava, correr mundo, ver cidades estranhas ao lado daquelas figurinhas de mulher que pintavam tão mal o rosto mas tinham uma graça nos movimentos e nos olhos fundos que até hoje as não esqueci.

—Ainda há poucos anos o acompanhei varias vezes aos circos das feiras...

—E' verdade. Em Faro...

«Descoberta a minha *mania* (chamava-lhe assim um vizinho barbeiro) pela pintura, vim para Lisboa espartilhar-me nas Belas Artes.

«Três anos depois deixava, por inutil, o ensino de tanta geometria e a cópia de tantos gessos.

«Meti-me, de olhos abertos, pela vida. E fui pintando...

—A's vezes com *blague*...

—A's vezes com *blague*... Mas já lá se foi o tempo do *Portugal-Futurista*, essa revista de que saiu só um numero e que eu dirigi...

«A *blague* é necessaria quando representa mocidade.

—Tudo tem seus limites. Rir, faz bem. Depois, deve-se trabalhar, e V. tem trabalhado como poucos.

—Sim. Eu trabalho bastante.

—Dahi o seu triunfo pleno...

8

—Não me entontecem aplausos. Se não sei o que sou, sei o que desejo ser, e isso não me deixa fossilizar nem embriagar-me com felicitações.

«Descobri uma grande fórmula para vencer: pôr toda a minha alma na minha Arte!

—A segunda exposição que V. fez em Lisboa marca um campo diametralmente oposto ao que V. pisava.

«V. deixou as nevoas para se extasiar diante do sol.

—Tenho diante de mim tantos Artistas diferentes que nada me surpreende! Para a minha sensibilidade não há limites. Antes de pintar, faço por me integrar no assunto absolutamente, ou melhor, o assunto é que me toma, me requer, embebendo-se-me na sensibilidade, de forma que tudo depois varia, — até a tecnica.

Carlos Porfirio tinha a faulhar nos olhos negros e grandes uma forte chama de inteligencia e de fé nos seus sonhos.

A cabeleira negra e desmanchada tingia-se, nas curvas, de tons de aço.

A mão buscava na caixa verde outro cigarro.

E entre o cigarro que ele acendeu, deliciadamente, erguendo o *store* da janela ampla que deita para o azul purissimo do céu, e o cigarro que eu acendi, namorando com os olhos o sol, a conversa desprendeu-se da convenção da entrevista para abarcar longinquas historias da nossa viagem a Sevilha, num mês de Abril já florido de cravos nalguns balcões andaluzes e certas silhuetas de mulher que em saudade se esvaem no Passado, ainda recente e já distante, da nossa mocidade e dos nossos amores...

José Dias-Sancho

A REVISTA PORTUGUESA publicará no proximo numero um desenho do escultor Diogo de Macedo.

Revista das revistas

A proposito das revistas—"Seara Nova" e "Nação Portuguesa"

...O mau será que, á mesa do café, uns quatro ou cinco mocinhos esperançosos, sentindo corvejar-lhes o peito a paixão da literatice, adreguem pôr de acórdo a sua má lingua e, em plena apojadura da discorrencia, resolvam marinhar pelo mastro de cocanha da celebridade. Liquidadas, emquanto o diabo esfrega um olho, todas as reputações literarias e artisticas, estabelecido como axioma que todo o existente é pura bagatela, urgindo propinar a leitores, visitantes e pagantes, novos credos, novas artes, novas esteticas, os quatro ou cinco esperançosos e cabeludos mancebos, entreolham-se, coçam o cocuruto da misera cabeça e, á uma, ei-los a proclamarem, num lampejo de esperança:

—O que nós precisavamos, para civilizar isto, era uma Revista!...

Como a sua ignorancia enciclopedica se tinge dum grande desprezo pela politica, esses quatro ou cinco mocinhos, dignos heroes de certo poema celebre do Padre José Agostinho, logo assentam que a Revista só de coisas de arte e letras se preocupará: esses tarameleiros de má morte fingem acreditar que a Arte é a primeira necessidade vital dum paiz, e não um simples aspecto da vida geral condicionado por mil e um factores. Em boa verdade, o desprezo que nutrem pela politica é simplesmente temporario porque, o decorrer da vida e as suas urgentes necessidades os farão entrar no seio do partido politico mais rendoso. No momento porém, e a acrescentar ao caracter temporario que já deixamos asinalado, há tambem a consi-

10

derar o torpe comodismo dessas creaturas, o seu pseudo-patriotismo e a mania literata que tudo invadiu, de gorra com a mais espantosa ignorancia e a mais completa verborragia de todos os tempos. E como, ás vezes, calha vir á cidade um fabiano pouco experiente da vida, lá vão parar ás mãos dos novos salvadores os cobres necessarios para a nova panaceia. Temos pois uma nova Revista. O certo porém é que, sendo a ignorancia dos nossos salvadores um poço sem fundo, saindo em geral das escolas todos eles com a mais espessa de todas as crôstas — a da asneira bacharelada — os quatro ou cinco mancebos, incapazes de proceder á departição do belo e do reles; das maravalhas da literatura encruada e das paginas eternas; dos charlatanismos artisticos e dos produtos de pura arte, enfiam de cambolhada pelo abismo da grafomania chavelhenta e da burundanga farronqueira, e, arrotando furibundas inovações — que não passam de encardidos plagiatos — conferem diploma de apocaliptice besta aos que ousem sorrir da filaucia dos mestres em vasconço e dos pintamonos chambões.

A coisa, a principio está séria, raio! A gente, na verdade, será tão besta como querem os mestraços? Realmente, tratar-se-há por nosso lado duma deficiencia mental, duma absoluta impotencia para altas cavalarias, capazes de nos fazerem sair pela cabeça da alimária? Lido o novo Alcorão aonde citaredos farfalhudos nos contam em desconchavos de francesia os seus deslises em alcovas de cocainomanas e um pintor bordalengo nos impinge uma farelagem que o levou a uma raposa em desenho elementar, a gente constata que ainda não é desta vez, desgraçadamente, que a patria se salva e que, as bestas não somos nós, são eles, o que é dum grande consolo, concordem, se excluirmos o facto tremendo de termos ido no vigario com os escudos que demos pela Revista — como os palurdios dos arredores que largam a corrente e o relogio pelos massos de papel em branco... Sirva-nos porém ainda de consolação extrema o facto de a Revista, após uns numeros mais, de puras imbecilidades

11

em prosa, verso e desenho, se ir das pernas abaixo *mortus est pintus in casca*, felizmente!

* * *

Os motivos duma tal falencia residem sem duvida não só na espantosa incultura das gerações saidas das escolas, na sua preguiça em corrigirem pela auto educação as deficiencias que os ilustram, como tambem na absoluta falta duma intensa preparação moral. Quem se der ao trabalho exaustivo de percorrer as revistas portuguesas logo deparará com uma legião brutal de poetas, versejando de tudo com uma fecundidade que deixa a perder de vista a das coelhas; um acervo de prosadores discorendo *de omne re scibili et quibusdam alüs*, quasi todos eles dados á critica — e falando de tudo com uma tão arrogante ignorancia que o leitor acaba por descrer da eficiencia das escolas para tornar melhor a humanidade; a estes ajuntaremos os pintores e arquitectos falhados que apostaram meter-nos pelos olhos dentro verdadeiras teratologias da côr e do desenho. Nesses repositorios de imbecilidades em prosa, verso e desenho, não há lobrigar um plano, um ideal firme e decidido a atingir: os quatro ou cinco mocinhos esperançosos só numa coisa estavam de acôrdo: na sua ignorante má lingua. Repelem em absoluto a politica porque são apenas literatelhos, sempre de nariz no ar á primeira asnidade nova; repelem a Tradição porque, á semelhança de certos encartados na livre-asneira a consideram, não um ponto de apoio, mas sim uma gaiola de ferro. A gente sabe muito bem que facil tecnica e de seguro efeito garante o exito passageiro mas incomodativo desses moedoiros de musas gafadas e podricalhos de pintura: a exploração dumas tantas ou quantas abstrusões e tolarias fantasticas comboiando a declaração arripiante de que será besta e besta sem remissão possivel quem se não deixar arreatar pelos novos sabichões... Dum lado, falta de sinceridade; de outro falta de coragem: eis o acolhimento que logram

12

certas revistas de artes e letras, no meio da decadencia judaizante em que nos vamos afundando. E com uma ganga monstruosa donde o extrair um grão de minério puro se torna em tarefa esmagadora, as revistas apresentam a nossos olhos e aos nossos ouvidos um sarapatel borbulhante de burundangas vis, de cambolhada com exiguas inovações logicas e justas. Ajunte-se ainda a isto o termos uma imprensa baixissima, aonde a critica é charlada miseravelmente pelas mais completas nulidades com doutoramento retumbante na Faculdade da Asneira e que não critica: insulta, louvaminha ou cala-se, na mais bruta e desoladora das inconsciencias, na mais venal de todas as verborreias.

Falta de cultura, falta de caracter, falta do sentido dum ideal perfeitamente definido — eis as caracteristicas dominantes das nossas revistas, repositorio da cacarada dos literatelhos da pena e do pincel e provando que, afinal de contas, o nosso grande mal ainda: é a literatura!

* * *

No meio de tamanha balburdia de Mouraria, ha ainda por vezes uma ou outra voz que se eleva acima do concerto de insanias literarias e artisticas, forcejando por fazer obra acertada de cultura nacional. Os dois unicos exemplos que conheço são a *Seara Nova* e a *Nação Portuguesa*. Ambas compreenderam, e bem, que, hoje em dia, ninguem pode desinteressar-se da politica do seu paiz, quando se tome o termo *politica* num sentido muito mais alto que o de *partido*. Já por esse facto ambas se afastam do conceito literatoide que domina todos os nossos revisteiros, e eu folgo de reconhecer tal qualidade em ambas as revistas acima citadas, da primeira das quais me afastam profundas divergencias quanto á solução de certos problemas nacionais. Mas, se a gente pode discordar das ideias da primeira — e é o meu caso — ou não achar exequiveis as pretensões rasgadamente nacionalistas da se-

gunda — e é possivelmente o caso do leitor — vá a justiça a quem a merece porque, ninguem de são espirito, ninguem inimigo de testilhas facciosas será licito negar o esforço por ambas as revistas dispendido em favor duma causa que exige todos os sacrificios e é portadora de todos os dissabores. Uma coisa sobremaneira as dignifica a ambas: a impenitente rebeldia com que se negam a ser tuteladas pelos altos organismos da finança — nesta epoca vilissima em que toda ou quasi toda a grande imprensa trabalha ás ordens de Moagens variadissimas — e procurando mesmo estabelecer o necessario ambiente nacional para que a esses organismos empobrecedores da economia nacional seja para todo o sempre chumbada uma grilheta inquebravel... Não sei eu bem o que aos olhos do leitor possa valer uma tal rebeldia, porque é muito possivel que o leitor seja bastante moageiro: aos meus olhos sei eu porém que muitissimo vale! Não concordo com a gente da *Seara Nova*, a muitos respeitos, e, mormente, na solução proposta para as questões politica e religiosa, porque sou integralista e catolico, convicto e pratico. A verdade porém é que, eu não sei negar justiça a quem a mereça: a *Seara Nova* é tudo quanto de melhor até hoje produziram prelos republicanos. A *Seara Nova* procura aproveitar a republica, desatascá-la do enxurdeiro em que ela mergulhou, limpá-la, torná-la sociavel, provar que com tal regime são compativeis a prosperidade e a honra nacionais e, para isso, apresenta-se com um plano, propõe reformas, estuda os problemas actuais do nosso paiz. Não é para aqui discutir a razão ou sem razão dos seus argumentos, a utilidade ou mesquinhez das suas propostas, afirmar puras egorreias, ou verdadeiras soluções nacionais tudo quanto nessa revista se escreve e apresenta. Por mim, e á semelhança de muito boa gente, discordo, o que talvez se deva á minha possivel miopia intelectual, a qual atribue a prosa da *Seara Nova* a méra teimosia caturra de quem, perante uma incoerencia, não quer, nem á mão de Deus Padre, dar o braço a torcer! Em todo o caso,

14

se o leitor é republicano sincero, eu não terei duvida em lhe repetir que a melhor coisa produzida pelos prelos republicanos, a unica tentativa — ingloria, inutil, ilusoria, dirão muitos! — para salvar e limpar o regime é a *Seara Nova*...

...Mas se o leitor é monarquico, ou, pelo menos, deseja saber o que isso significa, valer-lhe-há a pena realmente ler a *Nação Portuguesa*. O silencio quasi geral que a grande imprensa fechou em redor desta magnifica e patriotica Revista é uma prova da espantosa incultura e da extraordinaria cobardia dos grandes mentores da chamada opinião publica. A nossa imprensa é na sua quasi totalidade um atascadeiro de imundicie do qual se tornou eco esse nunca assás cantado *Congresso Moageiro-jornalistico de Lyon*. Vive arrotando republicanismo mas não secunda a campanha dos rapazes da *Seara Nova*, o que de modo algum significa desejar a pratica das soluções propostas pela *Nação Portuguesa*, é claro!... Para essa imprensa, o ideal seria uma republica ainda mais viciada do que aquela que a *Seara Nova* pretende curar e renovar; ou, na queda dessa republica, o advento duma monarquia como a que 1910 viu cair sem honra nem dignidade; um ideal que marca a fogo a cobardia intensa de muitos e a profunda incultura de quasi todos. O advento duma Republica como a sonham os homens da *Seara Nova*, ou duma monarquia como a querem os da *Nação Portuguesa* seria para a videirice nacional uma perfeita calamidade.

E é certamente por isso que, nem os republicanos ajudam a primeira, nem os monarquicos a segunda...

...O que uns e outros porém estão concordes em ajudar é o *Monumental* e a Moagem. Lá nisso não há desacôrdo possivel!...

Alvaro Maia

No proximo numero — L'ENFANT PRODIGE, artigo de Mario Domingues.

15

Exposições de Arte

Na Sociedade Nacional de Belas Artes

A confirmação plena das considerações severas que ácêrca do academismo fizemos na critica anterior, encontra-la-há quem, munido de um pouco de paciencia, visitar a exposição anual que na Sociedade Nacional de Belas Artes presentemente se patenteia.

Dois motivos apenas nos obrigam a escrever ácerca dessa exposição algumas linhas amargas: a necessidade de bem elucidar o publico desta revista e a urgencia de defender com mais vigor as teorias modernas de arte plástica. Não fossem esses motivos, e nós não diriamos uma só palavra, porquanto o apreciador deve ter o cuidado de referir-se apenas áquelas manifestações de arte sã, de arte verdadeira, de arte que mergulhe suas raizes na época em que se produz e seja realmente a expressão de beleza em harmonia com aspirações sinceras do homem.

Tem apenas uma utilidade a exposição anual da troupe academica, defensora de velhos processos: mostrar-nos que a sua decadencia é cada vez mais acentuada e que essa arte, a despeito do ambiente de estufa que á sua volta se cria para obrigá-la a viver, se encontra agonisante.

Os sintomas alarmantes de agonia, o estrebuchar tragi-comico que observámos, levam-nos a vaticinar para muito breve a queda completa do academismo, que fez a sua época, é certo, mas que presentemente, pretendendo viver e perdurar, vai contra os sentimentos e novas sensações que o homem experimenta.

O facto de terem arvorado o sr. Alves Cardoso em representante maximo do seu genero de pintura, re-

16

vela que os velhotes teimosos contam com uma falta absoluta de gente, de inteligencia e de espirito.

Alves Cardoso, a despeito de terem adquirido para o Museu de Arte Contemporanea, um quadro seu que revela a sua completa ausencia de espirito, a sua chateza intelectual, a sua pobreza de sentimentos de estética, é, mesmo encarada a sua obra pelo criterio academico, uma autentica nulidade. Que possue Alves Cardoso que mereça a atenção oficial? Um preciosismo reles, servido por *trucs* muito velhos, muito descarados que saltam á vista do mais ignorante em materia de arte. Será possivel que o sr. Cardoso tenha da côr uma visão tão pobre, que não lhe permita descobrir na paisagem senão duas côres, sempre as mesmas: um verde artificial e um amarelo de fezes de menino pequenino?

O quadro que o Museu lhe adquiriu por seis contos é uma verdadeira miseria: uma camponesa sem caracter, sem verdade, que se sabe ser camponesa por trazer um pauperrimo trage regional; uma camponesa a *posar* para o pintor — vê-se mesmo que está em *pose* — colocada no tal ambiente de verdes artificiais e amarelos obscenos.

Pois, este homem é o artista representativo das fôrças academicas deste ano. Este homem é, no entender de quem organizou a exposição, o artista que reune em si as qualidades maximas da pintura academica. Estão bem servidos, coitados...

Com este cavalheiro á frente, segue a multidão de expositores, aos quais não fazemos referencia especial, por a amostra ser bastante elucidativa.

Entre essa multidão destaca-se, entretanto, um homem, um artista, que nos parece impossivel não tivesse sido asfixiado pela vulgaridade que o rodeia. Esse artista é Ortigão Burnay. Destaca-se da multidão. Possue espirito, possue intenção. Os retratos que expõe revelam vida intensa. Quasi podemos conversar com as retratadas. Se na tela grande que apresenta não tivesse vestido á figura, que fixou com tanta arte

e espirito, um fato de papel verde, bem melhor seria. Devemos, no entanto, citá-lo como artista porque o é realmente. O colorido que emprega, a pincelada larga e vigorosa com que trata os seus assuntos, o ambiente de que os rodeia, impõem-no como retratista moderno.

A nota triste da exposição encontrámo-la no sr. Luciano Freire que, talvez influenciado por maus conselheiros, abandonou por momentos a arte de restaurar quadros antigos, profissão que sendo nobre aniquila todas as qualidades naturais, e pintou um retrato original que é uma verdadeira desgraça.

Quanto ao resto — exceptuando um quadro de H. Nunes, pleno de espirito e de intenção, que aqueles senhores das Belas Artes colocaram no alto duma parede, quasi escondido — não merece menção. E' tudo a mesma amalgama de vulgaridades e de ficções artisticas.

E' possivel que alguem se admire de uma exposição nacional nos merecer tão poucas palavras e que não façamos referencia á escultura, ainda mais pobre do que a pintura. A esse alguem responderemos que nos falta a visão critica de extraordinaria extensão que levou o sr. A. P. do *Diario de Lisboa* a encontrar assunto para uma série de artigos formosos como bexigas de porco plenas de vento...

Mamia Gameiro

Mamia Gameiro que expoz seus trabalhos no seu *atelier* da rua D. Pedro V, é um dos mais puros temperamentos de artista que temos encontrado. E se afirmamos que esse temperamento é realmente puro é porque estamos convencidos de que pouca gente encontraria em si forças tão poderosas, como ela possue, para resistir, e vencer até, o ambiente desfavoravel que respira.

Nada há mais prejudicial para um artista novo do que possuir um pai igualmente artista. Dificilmente

o temperamento que principia a revelar-se consegue furtar-se á influencia enorme que exerce uma pessoa de familia. O contacto constante, a troca de impressões, o convivio estreito levam quasi sempre o filho a perder por compelto a sua personalidade. Temos entre nós alguns exemplos. Basta citar-se o de Carlos Reis e João Reis para que ás nossas palavras seja atribuida a verdade que contêm.

Mamia Gameiro, vive paredes meias com seu pai e sua irmã Helena Gameiro. Seria natural, pois, que sua arte se assemelhasse á de seus parentes tão proximos. Pois dá-se positivamente o contrario. Mamia possue uma originalidade, uma graça toda sua. Se abandonasse aqueles assuntos de *natureza-morta* — encanto das meninas *Soizas* — e olhasse a vida mais de perto, Mamia Gameiro impôr-se-ia, em breve, como uma das senhoras de mais formoso espirito da nossa geração. Não queremos dizer que esses assuntos não sejam tratados por Mamia com certa originalidade. Mas estamos convencidos que sua alma, sua sensibilidade requintada vibra mais intensamente perante aquelas paisagens tão caracteristicas da Ericeira do que perante um pero ou uma maçã .

A tecnica de Mamia Gameiro é cheia de personalidade e o colorido muito seu. Pareceu-nos notar nos seus trabalhos marcada tendencia para a estilização. Devia aproveitar e conduzir essa tendencia de forma a melhor fixar o caracter das cousas que já consegue compreender com rara facilidade.

Joaquim Guerreiro

O caricaturista Joaquim Guerreiro, que expoz no Gremio Literario, não conseguiu ainda marcar com vigor a sua personalidade. Revela, é certo, algumas qualidades, como a visão risivel das cousas e, por vezes, uma certa sobriedade de traço. Mostra-se Joaquim Guerreiro um critico desassombrado em certos

trabalhos. Simplesmente a desegualdade de valor que se encontra de quadro para quadro, provam que Joaquim Guerreiro precisa trabalhar muito ainda para conseguir alcançar certa estabilidade de traço que ponha em destaque sua graça de humorista.

Mario Domingues

Dos novos livros

"Espanha", de Antero de Figueiredo—"Chuva da Tarde", de Antonio Sardinha

Esta *Espanha* de Antero de Figueiredo, não é a Espanha dos espanhoes nem a Espanha que nós vemos. E' a Espanha que Antero de Figueiredo vê através da sua emoção de artista e da sua saudade portuguesa. Não é um livro de viagens comuns — é um livro de viagens dum coração que vibra «*ante a beleza-novidade exposta aos olhos viandantes*» para aprender a sentir melhor, com mais fina ternura, a beleza «*bemdita e louvada da terrinha de Portugal.*»

> «Fui á França e *não* voltei francês;
> Fui á Espanha e *vim* português.»

Depois das suas admiraveis *Jornadas em Portugal* — Antero de Figueiredo escreve a *Espanha*, que é não mais do que a continuação desse livro.

Sim, a *Espanha* é a segunda parte das *Jornadas em Portugal*. E' a mesma emoção que aquece as paginas desses dois livros; é a mesma *paisagem interior* que nós vemos diante das duas paisagens — a portuguesa

20

e a espanhola. E' o proprio Antero de Figueiredo que nos vem confessar a sua sensibilidade nacionalista, primeiro com um terceto da *Côrte da Saudade* de Antonio Sardinha:

> *«Em todo o mundo há terra portuguesa,*
> *desde que a alma a tenha na lembrança*
> *e a sirva sempre com fervor igual.»*

Depois com as palavras saidas da sua pena, dizendo-nos que *«continua a ser, neste novo livro de «Jornadas» um faccioso português que viaja na sua terra, ainda quando viaja na mais linda terra alheia.»*

Antero de Figueiredo é um dos mais altos e mais belos prosadores portugueses no mais largo e mais nobre sentido. Não escreve mecanicamente, alinhando palavras mortas, que são sempre mais belas aos nossos olhos do que aos nossos sentidos. Para Antero de Figueiredo, escrever é sofrer a comoção de um povo, que é o nosso. Cada palavra portuguesa é um ser vivo, arancado, a sangrar, do nosso proprio ser, morrendo... Em cada palavra da nossa lingua está um pouco de nós — não o nosso corpo, mas a nossa alma, e se não a nossa alma, a nossa dôr... A palavra portuguesa é o nosso corpo imortal, porque é espirito. O corpo em que a nossa alma vive aprisionada e escrava — morre e apodrece, é barro e torna-se em cinza, e a cinza em nada. O nosso corpo é pó, que a nossa alma move por instantes, na fragil e curta vida, para ser arrastado, mais tarde, na morte, pelo vento — que talvez seja a alma das coisas...

Mas o corpo da palavra não morre, nem apodrece, nem o arrasta o vento. Nasce para não morrer. Nem é argila, nem é carne, embora, como em carne viva, dentro dele se ramifiquem veias, e dentro das suas veias gire e palpite, com o calor duma brasa, sangue vermelho—o nosso sangue, a arder na brasa da nossa dôr.

Só escreve bem português—não quem fôr procurar com cuidado e arte, aos nossos dicionarios, as pala-

vras mais belas, mas quem fôr buscar numa hora alucinada e inspirada de sofrimento e ternura—ao coração do povo, as palavras mais magoadas de dôr e alegria (que alegria verdadeira só a experimenta e ama quem sofreu uma vez...)

Porque é que quasi todos os livros morrem e esquecem logo que morrem os seus escritores? Porque foram escritos e pensados com as palavras dos *dicionarios*, e se muitos deles o não foram, foram somente molhados com uma emoção *pessoal*. Só ficam os livros em que as palavras não foram procuradas *materialmente* nos catalogos, mas aquelas que foram achadas *espiritualmente* na alma e na emoção do povo.

Cada palavra é um ser vivo. Cada palavra é um corpo imaterial, espiritual. Materialisar a palavra é matá-la. E cada palavra que morre é um pouco de nós mesmos que vai morrendo—porque nós quando morremos ressuscitamos para uma vida imortal na palavra que não morre.

Dos prosadores de hoje que eu mais amo, por neles, em cada palavra sua, sentir Portugal no povo, na dôr e na paisagem—são Afonso Lopes Vieira, em cada palavra é um ritmo, e cada ritmo o eco duma voz; Aquilino Ribeiro, em cujas paginas, ora crueis e amargas, ora alucinadas, ora liricas, tumultua e delira, escaldante, o sangue sensual, perverso, bravio, mas humano, da gente da Beira, e Antero de Figueiredo que acaba de completar e apurar todas as suas faculdades de prosador e toda a sua sensibilidade portuguesa. Escrever português não basta. E' preciso que dentro de cada palavra se sinta a alma portuguesa. Mesmo na mais pequenina palavra deve sentir-se sempre um bocadinho de Portugal.

Antero de Figueiredo escreve para os nossos ouvidos e para a nossa alma. A sua prosa perturba-nos, enleva-nos, com a musica das palavras e com o *interior* dessas palavras. Lêr as suas paginas desta adoravel *Espanha*, em que perante a beleza enlevadora e alheia, se sente sempre a saudade de Portugal—é

pôr o ouvido na nossa paisagem e ouvir, comovida e estranha, a voz do nosso povo.

Dois trechos da *Espanha* maior alvoroço, inquietação e doçura puzeram na minha sensibilidade:—*A vala dos mortos*, em Roncesvales, e a procissão do *Viatico* que Antero de Figueiredo viu, em Penajoia, do terraço dum solar.

A Vala dos Mortos e uma pagina alucinante. Filho que escreveu a *Ruiva* e *Os Ceifeiros*, se fosse vivo, invejá-la-ia. Salta aos nossos olhos como uma agua forte. Alucina, esmaga-nos, enche-nos de terror e espanto. Perturba e domina. Quando acabamos de lêr essas paginas formidaveis—sentimos a nossa alma armafanhada, contorcida de pavôr misterioso.

Já a Procissão do *Viatico*, numa noite calma e enternecida, põe uma nota de ternura e religiosidade no nosso coração. Antero de Figueiredo enche de poesia e perfume essas paginas do mais puro lirismo. Mais do que nunca Antero de Figueiredo é o escritor português, porque o escritor dum povo é sempre o seu interprete. Pela pena dum escritor deve passar sempre a voz e a alma da sua gente.

E é a alma da nossa gente, é a *terrinha* louvada e bendita de Portugal—que nós sentimos vibrar perante a beleza alheia.

As *Jornadas em Portugal* são Portugal visto em Portugal. A *Espanha* é ainda Portugal, mas visto do nosso paiz visinho e irmão.

* * *

Antonio Sardinha é um dos raros mantenedores do do nosso mais puro lirismo. Os nossos melhores poetas não são os poetas artistas, que os há excelentes, mas os poetas que põem em seus versos e em suas rimas—o nosso amôr português, tão nobre e espiritual—que mesmo na beleza escultural e quente dum corpo de mulher, beija sempre, com enlevo quasi mistico— a alma da mulher!...

Ser poeta não é escrever versos com eloquencia—

mas compôr poesia em cada verso. Os poetas mesmo não devem escrever versos, mas pôr ritmos em verso. Em cada verso deve vibrar um pouco de nós. Como num espelho, nós devemos *vêr-nos* nos versos dum poeta. Quando os versos cantam apenas nos nossos ouvidos—quem os fez não é um poeta, mas um escritor do verso. Poeta é aquele que sofre os seus versos—e não aquele que os faz, friamente, com a inteligencia. Num verso bem escrito, pode deixar de haver um poeta.

Mas quantos versos mal feitos, desmanchados, não nos revelam um grande poeta—só porque trazem a comoção do povo?

Antonio Sardinha foi sempre um poeta, mesmo antes de escrever o verso como o escreve agora. Na *Epopeia da Planicie*, de 1915, os seus versos não têm ainda o recorte perfeito de quasi todos os seus versos mais recentes. Há versos desageitados que não parecem versos. Mas apesar da factura imperfeita, quasi grosseira, dos seus poemas—a sua inspiração cachoante, tumultua, corre como as aguas cantantes das ribeiras—que lá por correrem por entre pedras não interrompem o seu canto e o seu chôro... Ou talvez cantem mais e melhor, por isso mesmo, por andarem sobre os seixos...

Eu mesmo não sei dizer se o que mais admiro e amo são os barristas populares como os de Extremoz —se os nossos escultores mais perfeitos. Não sei. Talvez prefira os barristas. Sim, certamente estes. São estes que têm mais poesia...

Pois Antonio Sardinha—alemtejano legitimo, é assim á laia dos barristas da sua região. Nos seus versos mal acabados é que há mais poesia.

Qual o melhor livro de Antonio Sardinha?

O que tem mais equilibrio e unidade é aquele—*Quando as nascentes despertam*. Mas o que evoca melhor a terra alemtejana, é a *Epopeia da Planicie*. Deve ser este o seu melhor livro—porque é o livro da sua terra.

Este livro de agora—*Chuva da tarde*—(*Sonetos de* 24

Amor) vem revelar Antonio Sardinha como poeta do amor e como artista. São os sonetos mais perfeitos que têm saido da sua pena. Transcrevo este, para exemplificação:

NO DESERTO

Chegaram os camelos junto ao poço,
quando Rebeca tinha a urna cheia.
Foram momentos esses de alvorôço,
bem raros de encontrar em terra alheia!

Tambem meu coração, menino e moço,
nos cardos do caminho se golpeia.
Ouço-te os passos, dentro de alma eu ouço
o eco dos teus passos sobre a areia!

Busquei-te no deserto longamente...
Como Rebeca outróra, condoida,
surgiste, calma, na poeira ardente.

De anfora baixa, á boca da cisterna,
ficáste assim p'ra toda a tua vida,
matando a minha sêde, que é eterna!

Outros sonetos de uma factura equilibrada e perfeita, e dum lirismo delicado e português, merecem atenção. Dos mais belos, dos mais bem acabados, aponto estes: *Elegia da Boneca, Responso, Melodia simples, Vesperal, Hora Sexta, Ouvindo a chuva* e *Perfume errante.*

Se Antonio Sardinha perante a perfeição da fórma que vai atingindo, não fôr perdendo a sua perturbada e estranha sensibilidade que nos revelou na *Epopeia da Planicie* e no *Quando as nascentes despertam...* quando voltar a cantar o seu Alemtejo de sol e de exorcismos, de lendas e bruxedos,—que grande livro ele nos dará um dia!

Rebello de Bettencourt

25

O Cinema

"O Destino", edição da "Invicta-Film"

Como se tratava de uma fita de arte (segundo dizem os reclamos) buscou a empresa, para interpretes alguns dos mais apreciados nomes de teatro e, segundo dizem informações amigas, não se poupou dinheiro nem houve restrições avarentas em qualquer melhoramento que pudesse embelezar o trabalho.

Com o *Destino* queria dizer a Empresa que nem tudo eram produções comerciais, encostadas a este ou áquele romance conhecido, de exito seguro á sombra do nome do autor, e assim, sobre um argumento inédito, concertou o melhor dos esforços e começou a obra que, com certeza, viria garantir o bom nome da fabrica produtora e abrir novos mercados ás fitas portuguesas.

Boas contas que já deitava o preto da historieta.

Infelizmente o trabalho não correspondeu as intenções da empresa e, mau grado os reclames e nomes dos interpretes, a fita não obteve o agrado que todos esperavam. O publico, atraido pelas figuras que formavam o *elenco* foi, mas não gostou, antes veiu dizer mal, como se fôsse roubado nas suas intenções.

E que o *Destino*, tal como o vi no *ecrain* do *Central*, não interessa ninguem, vê-se com aborrecimento, cança, não prende qualquer atenção.

E porquê? Porque o entrecho é fraco? Talvez um pouco, porque as figuras não são bem interpretadas? Talvez um pouco, porque a acção esvai-se em repetidas scenas iguais? Talvez um pouco e, juntando todos estes poucos ao muito que da *mise-en-scene* aqui disse da fita *Primo Basilio*, pois os defeitos são os mesmos, teremos a razão do fracasso.

26

Fazer fitas em 1923 não é o mesmo que fazer fitas em 1922. Hoje, na vida que passa, a nossa sensibilidade galga minutos, devora dias. O que ontem era novo, é hoje usado. O presente é só o segundo em que vivemos, o resto é já tudo velho.

Não estará muito certo, não será rasoavel nem logico, mas é assim e, como não podemos travar esta corrida louca do *ámanhã* em que se despenhou a humanidade, temos de nos curvar á evidencia e constatar que assim é.

A maneira como a «Invicta-Film» faz as suas obras, é a maneira de ontem. Só quando puzer o trabalho *em dia* poderá alcançar um exito seguro.

Primo Basilio, *Amor de Perdição*, *Rosa do Adro* e *Destino*, são absolutamente iguais, foram feitas com identicos pontos de vista, impressas sob o mesmo prisma. Não há diferenças. Os mesmos *ensembles* seguidos, os mesmos efeitos de luz, a mesma marcação de figuras, o mesmo *bilhete postal ilustrado* a fechar antes da palavra «Fim».

Isto é, o criterio da *mise-en-scene* do *Amor de Perdição*, cuja acção decorre no seculo passado, é o mesmo que serviu para o *Destino*, que se passa em nossos dias.

Ora uma empresa que segue este caminho não pode, por maior boa vontade possivel, dar com o gosto do publico. Tem fatalmente que caminhar na rectaguarda da produção cinematografica e, o que é mais lamentavel, de continuar editando coisas de romances e de seguir encostada a nomes de actores e actrizes para ver os seus trabalhos estampados no *ecrain*.

Henrique Roldão

A REVISTA PORTUGUESA publicará, num dos seus mais proximos numeros, o segundo artigo de Augusto da Costa sob o titulo — OS DIREITOS DA INTELIGENCIA EM PORTUGAL.

Musica

Acerca de S. Carlos e da reforma a fazer

(CONCLUSÃO)

Eu sei que é desagradavel tratar em publico de casos, como este, que afectam interesses que se encontram em jogo.

O critico que o seja *de verdad* necessita, além de conhecimentos tecnicos, uma independencia absoluta que o coloque muito acima das amisades e dos interesses dos amigos. O critico, mais ainda do que o artista, é vitima do meio, e compreende-se que assim seja, porque a sua missão é julgar as obras de arte e os seus autores, conforme melhor lhe parece.

Ou a opinião é sincera — e como nem sempre as obras de arte a julgar são boas, por vezes irá ferir os seus autores; ou então tudo é *bom, delicioso, magnifico, admiravel*, e o critico que não arranjou inimisades pela sinceridade rude, vai cair no descredito publico.

O apêlo que faço aos criticos e aos senhores professores do Conservatorio julgo que será correspondido, visto tratar-se da honra propria e de interesses sagrados, porque são licitos e justos.

Os artistas conscientes que pensam e que sabem o que pretendem, certamente farão côro com este protesto, que todos sem excepções iremos levantar, e que obrigará o sr. ministro da Instrução a rescindir o contrato e a abrir um novo concurso em bases que deem garantias plenas á Sociedade arrendataria e áqueles que dediquem os seus esforços ao desenvolvimento da arte portuguesa.

Um dos pontos capitais a frisar é a importancia

que poderá ter, no integral cumprimento das clausulas contractuais, o comissario do governo. Pelo prestigio que tem, e pelo alto cargo que desempenha, e ainda pela intima ligação que deverá existir entre S. Carlos e o Conservatorio, será o director deste instituto musical quem naturalmente está indicado para exercê-lo.

Como sintese do meu pensamento sobre S. Carlos, vou apresentar os tópicos mais importantes das bases dum proximo concurso.

I

S. Carlos será cedido a uma empreza portuguesa ou estrangeira que dê garantias de bem cumprir com as clausulas impostas pelo Estado.

II

O teatro receberá um subsidio dado pelo governo, cujo montante será fixado, atendendo ás circunstancias do momento.

III

Emquanto não seja construido um outro teatro mais adequado, será S. Carlos considerado prolongamento imediato dos Conservatorios de Musica de Lisboa e Porto.

IV

O cargo de comissario do governo junto de S. Carlos é inerente ao de director daquele instituto musical.

V

Em cada epoca serão apresentados originais portugueses em numero de antemão fixado.

VI

Os originais portugueses devem ser cantados em português.

VII

A sociedade obriga-se a contratar cantores portugueses que estejam nas condições requeridas.

VIII

Para um dos logares de chefe da orquestra do teatro abre-se um concurso, cujo juri será nomeado por indicação do Conservatorio Nacional de Musica.

IX

A sociedade obriga-se a pôr em scena originais modernos em numero tão elevado quanto possivel.

X

Aos artistas que o requeiram, para espectaculos musicais, será o teatro cedido mediante pagamento fixado numa tabela imposta pelo Estado.

XI

O Conservatorio Nacional de Musica e todas as agremiações musicais com organização estavel ficam com direito á cedencia gratuita do teatro, a fim de organizar grandes festivais.

XII

Todos os compositores e os alunos de composição dos Conservatorios terão ingresso nos ensaios, sendo a estes ultimos permitida a entrada aos espectaculos.

Aos musicos e aos criticos peço que exponham

30

opiniões que divirjam da minha, se lhes parecer assim melhor. O silencio neste caso seria cobarde e indigno.

A' Empreza, mais uma vez o digo, não tem faltado boa vontade, mas, no entanto, eu prefiro más vontades e boas realizações!

Ivo Cruz

No proximo numero publicaremos um artigo de Rodrigues Alves sob o titulo—EMOÇÃO ESTETICA E EMOÇÃO SENTIMENTAL.

CONTEMPORANEA

grande
revista
mensal

REVISTA PORTUGUESA

(edição semanal de critica)
anuncia a proxima sahida
de uma edição literaria,
mensal, com o mesmo titulo

REVISTA PORTUGUESA

32

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR

VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA DE ARTE, SPORT, TEATRO, MUSICA, VIDA ESTRANGEIRA.

SVMARIO

DESENHO, de Diogo de Macedo; EMOÇÃO ESTETICA E EMOÇÃO SENTIMENTAL, de Rodrigues Alves; VIDA ARTISTICA PARISIENSE, de Diogo de Macedo; REVISTA DAS REVISTAS, de Alvaro Maia; A ENTREVISTA DESTA SEMANA, de José Dias-Sancho; VIDA INTERNACIONAL, de Correia Marques; EXPOSIÇÕES DE ARTE, de Mario Domingues; MUSICA, de Alfredo Pinto (Sacavem); O CINEMA, de Henrique Roldão

Publica-se aos sabados—Assinaturas: serie de 4 numeros, 4 escudos. Avulso, 1 escudo—Edição e propriedade de V. Falcão—Oficinas tipograficas, Rua do Mundo, 116—Escritorios, Rua Nova do Almada, 46, s|loja

Sabado
28 de Abril de 1923

Desenho de Diogo de Macedo

Emoção estetica e emoção sentimental

Notas incompletas

E' insubsistente um ideal de perfeição humana, que ignore ou esterilise as fontes genesicas da espécie. Não póde haver perfeição humana sem haver humanidade. Mas seria tambem inconcebivel uma humanidade reduzida á perpetuação da vida animal, privada dos fermentos ideais, perdendo por degradação as faculdades que lhe dão carácter humano. Não póde haver humanidade sem ideal de perfeição humana. Entre estes dois polos está colocada, numa oscilação perpétua e pendular, a solução de todo o problema de cultura, que condicionando a vida superior da espécie, a depure sem a aniquilar.

Ora um ideal artistico, moral ou filosófico póde ser deletério por tender a violentar os caracteres da humanidade, ou por lhe exceder as forças. Egualmente um ideal póde ser deletério por ser nulo, não despertando, movendo e dirigindo as potencias espirituais, que são *substratum* de vida e sua condição. E de qualquer maneira, pela aplicação de fórmulas e de sugestões creadas por ideais assim, se caminharia para a destruição da espécie, quer por esterilização ou abandono das suas essencias vitais, quer pelo seu esgotamento, que todas estas coisas são apenas uma e tudo vem a dar na mesma.

Tudo vem a dar na mesma e é por isso que, analizando o profundo sentido das expressões «arte pela arte» e «arte pela vida», não logramos encontrar entre elas diferença essencial. E' claro que esta identificação fundamental supõe nos dois conceitos finalidades superiores e exclue em cada um deles o sentido secundá-

3

rio de virtuosismo artistico ou de moralização publica.

A obra de arte para ser um agente de emoção—isto é, para ser verdadeiramente uma obra de arte—tem de conter em reprodução ideal as essencias sentimentais de que é feita a vida. As noções de equilibrio, ritmo e harmonia são inseparáveis de «qualquer coisa» sobre que se manifestam. Toda a arquitectura ideal tem uma matéria prima, que é a razão de ser da obra de arte.

Toda a coisa viva está colocada em estado sentimental, pelo qual conhecemos que está viva. Os estados sentimentais revelam-se por aspectos que lhes são próprios, por fórmas dependentes do sentimento que as modelou.

Um ideal estético é imperfeito—é inestético—se não considerar a fórma e condição do sentimento que exprime ou se não considerar o sentimento condição da fórma que lhe é implicita e na qual vive. A fórma só é bela pelo seu substratum sentimental, assim como só reconhecemos belos os sentimentos em fórmas de beleza—fórma plásticas, fórmas ritmicas, fórmas ideais—materiais ou imateriais.

A estética trata de ordenar e proporcionar os sentimentos, eliminar em cada um os detritos e manifestações parasitárias, extrair-lhes as essencias puras, para compôr expressões simples ou complexas de vida.

A variabilidade infinita das fórmas e das essencias vitais não suporta uma definição estática. Uma coisa só póde ser expressa por uma definição imóvel, em determinado instante do seu perpétuo movimento. Assim podemos conceber que um sentimento só o é em determinada colocação. O mesmo sentimento perderá imediatamente a sua natureza fóra da colocação ou do conjunto de factores que determinam o seu aparecimento, e que lhe impõem um carácter.

4

Na obra de arte só abstractamente se póde distinguir a fórma da essencia—o carácter estético da natureza sentimental. A obra de arte só é um perfeito agente de emoção, relativamente aos sentimentos que figura. E toda a obra de arte realizou o seu objectivo estético, atingindo a figuração sugestiva do sentimento inspirador. A obra de arte merecerá tanto mais esse nome quanto maior fôr a sua eficiencia emocional—independente de qualquer fórmula estética ou de qualquer convenção sentimental.

Rodrigues Alves

Vida artistica parisiense

A abertura dos "Salons" oficiais —O que é o novo grupo de Arte—"La Jeune Peinture Française"

Paris da Arte!... Mostruario geral do *Grand Magasin du Monde*... Manicómio colossal de génios, ladrões e mulheres... Grande feira de ciganos, de cavalos e de saloios... Exposição universal de ambições, belezas e reclames... Casa de tavolagem onde se arruinam os *ratés*, enriquecem os *snobs* e jogam nos mortos os judeus... Vida artificiosa de mirabolancias e sonhos, vida de verdade que é a fálsidade humana... Procissão dos milagres, com aleijados cheios de Fé, intrujões cheios de manha e lutadores cheios de Ideal!...

Suicidio... loucura... vida!

* * *

Chegou a primavera anunciada pelas côres dissonantes das modas, e os jornais participam-nos a aber-

5

tura para breve, dos *Salons* oficiais. Nada menos de três, no proximo Maio se escancararão ao publico; o dos *Artistes Français*, o da *Nationale* e o das *Tulheries*. Os dois primeiros tentam fundir-se e talvez lhes suceda o que o Brito Camacho deixou a perceber no feixe de certo artigo de fundo, falando de dois partidos politicos... O ultimo, é um rebento espurio provocado por umas dissidencias de vaidade e ganha-pão, filho da *Nationale* e enteado do *Salon d'Automne*. O pai é incognito. Sabe-se, todavia, que Aman Jean, Besnard e Bourdelle tiveram relações com a mãe. Ciumento, Bartholomé, «o morto dos mortos do Pere-Lachaise», terçou armas pelos conservadores, e os *fauves* correram a abrir tenda noutra freguesia.

Arte e artistas ficaram ás aranhas. Houve protestos, comicios, artigos de bota-abaixo. Novos e velhos, á porta do *Grand Palais*, não sabiam para que lado da ponte cairem. Era preciso expôr e ninguem percebia nada. A questão fôra na cosinha e entre as comadres. Reuniram-se todos os *rapins* e tomaram, cada um, a sua melhor resolução para o seu melhor comercio.

Judeus, todos judeus, fazem da Arte o mercado das ambições, coscovilhando e intrigando, como rameiras com zelos, não do amor mas do pagamento!... A zarzuela é já antiga; para que o publico ainda venha, mudam-se alguns quadros, maquinam-se efeitos novos na maçonaria e lava-se a sêco o estafado guarda-roupa da *rue de la Boëthie*.

Os humoristas no seu Salon, aberto há dias tambem, riem do caso, e os *chansoniers* ridicularizam-no. O Zé Povinho boceja... e toma mais uma cerveja...

A mais genial filosofia de Paris, resume-se na frase habitual da rua: «*Je m'en fiche!*»

* * *

Aproveitando o titulo do livro de critica de André Salmon, «*La Jeune Peinture Française*», acaba de se fundar em Paris um grupo de Arte, que tem por fim mostrar em separado dos *metéques*, o cume da montanha em que tão altos valores nacionais se elevaram. A luta aqui é titanica e quasi sangra. *L'art negre*,

6

que tanto em voga esteve, introduzida na sua maior pureza e beleza pelo instinto genial de Modigliani e apregoada pelo mercantilismo senobe de Paul Guillaume, foi por assim dizer uma lição de canibalismo a dentro da estetica, que os jovens pintores apenas aproveitaram nos processos tecnicos e activos. De novo, como lobo que na serra encontra ovelha indefeza, o francês ataca o estrangeiro, dizendo-o joio do seu trigo e acusando-o de lhe turbar a agua da corrente comercial, que o pobre *metéque* apenas aguarda na parte mais funda do barranco.

Mètéque!

Há palavras que, como pessoas, têm o seu fisico onde o caracter se revela. Esta é antipatica pelo seu ar selvagem, inferior, de preto. E' uma ofensa fisica. Degrada a sua côr africana. Há o quer que seja de repugnante neste baptismo. Em Paris, para um *boulevardier*, *metéque* é sinonimo de antropofago. Tem seu quê de ignobil o modo como nos alcunham... E nós, os *metéques* sonhadores e loucos, sorrindo á vaia, passamos, pousamos e marcamos o nosso lugar, uns com dinheiro e outros com talento. O francês pula, bufa e berra, mas fica a estrebuchar no meio da arena. Nós sorrimos-lhe, gosamo-lo e deitamos-lhe a esmola Foi com este sorriso que assistimos á abertura da exposição na Galeria Barbazangues. Fizeram reclame, mostraram o melhor da casa, badalaram rijo á porta, como palhaço em feira, e logo toda a gente em tropelão correu á festa, tal uma *concierge* a refastelar-se nos *faits-divers* do «*Matin*», ou um recemchegado da America a devorar em jejum os anuncios de *appartements à louer* nas montras do P. S. P.

Quando vejo um *camelot* no bulevar, paro e goso; quando vejo aberta uma porta de exposições, entro e goso. Venho agora da Barbazangues. Dezenas de quadros na *cimaise*, todos os nomes da vanguarda e apenas quatro esculturas. Bourdelle, apesar de haver prometido expôr, perdeu o ultimo *metro* a negociar o numero especial com o director da revista «*L'art et les Artistes*». E uma pregunta me lembrou de fazer

ao chefe do *rayon* da galeria: — então só há cinco escultores novos em França, meu Senhor? Será possivel que não dê resultado a promessa de recompensa ás mães criadeiras, de uma pensão de mil francos por cabeça e a legião de honra por manada? Ainda se o dr. Voronoff pudesse emprestar algum talento aos estatuarios oficiais, arrancando-o a qualquer parte!...

Mas não... Paris escolheu cinco nomes e os melhores. Bourdelle, Despiau, Bernard, Maillol e Poupellet. São os dedos da mão direita da estatuaria francesa. Os das outras mãos, perderam-se na guerra a puchar os gatilhos...

Maillol apresenta um busto em pedra mole e de talhe directo — praga muito em moda cá no meio — que é indigna do seu grande talento; Joseph Bernard expõe umas dançarinas, simples de formas, sinteticas de movimento, graciosas, esquematicas um pouco, muito Bernard; Poupelet tem um roliço nu, calmo, com um jôgo de planos academicos, de perfis estudados em contraposição e com uma bonita patina; Despiau, discipulo e amigo de Rodin, como todos os seus colegas, mostra-nos um busto de mulher, que é peça rara como desencontro de volumes, convergindo em massa sobre a arcada do nariz, amplo e severo, numa dificilima deformação eterna, busto que fica sem data a marcar um nome de grande artista .

Na pintura têm os criticos falado de mais sobre o que os artistas fizeram de menos. Muitos quadros, muitos nomes, nomes muito celebres, mas nenhuma pintura superior a aquelas que trouxeram a celebridade aos seus autores. Nenhuma afirmação nova; nenhuma escola a mais e pouca escolha para esta demonstração do valor nacional. O individualismo na pintura francesa fracassou após a guerra, mas o colectivismo por emquanto... está algo gazeado.

As escolas de pirotecnica, de *jonglerie*, emigraram. Os seus chefes eram *metéques*. Ficou a França sisuda a reunir capitais na *Caisse d'Epargne*. O proprio cubismo arredou caminho da *impasse* em que Picasso

8

o metera. Foram ambos para o classicismo e para a America.

O francês tomou o trilho, não corre mais a foguetes e desdenha do espiritualismo que Caro-Delvaille importou dos meios chineses de New-York.

* * *

A França, a revolucionaria de 93, a que se bateu ontem em defesa da pele, deu nisto:—boa conversadora, boa conservadora! gosta da musica dos cafés, adora o cinema, arrasta-se ao domingo pelos bulevares e acha delicioso o jantar a preço fixo. Em arte... gosta muito de ir ao Louvre para ver as joias, e ao Salon para rir das mirabolancias da Picabia. Se alguem corre ao atravessar uma rua ou grita mais alto a chamar um cocheiro, apelidam-no de *metéque*. A *Jeune Peinture Française* tem o ar de ir para a *mairie* servir como testemunha no casamento de Forain com a Escola da rua Bonaparte. Amanhã veste-se de escuro e vai no seu enterro com o mesmo ar. Só muda as côres da fatiota. De resto um casamento, uma exposição ou um enterro, para um francês, logo que seja de graça o espectaculo, é sempre um passatempo e um pretexto para dizer duas piadas. Ainda há dias, quando o pauperrimo cortejo que levava a Sarah Bernhardt ao cemiterio, passava na rua Royal, ouvi varias pessoas comentar o préstito comparando-o á festa da *mi-careme*... E quando se enterrou Saint-Saens, com tropa e clarins, dizia uma mulhersinha que era tal e qual a revista de Vincennes...

Paris, 15 Abril 1923.

Diogo de Macedo

A "REVISTA PORTUGUESA" publicará no proximo numero um artigo de Augusto da Costa com o titulo—"A INTELIGENCIA EM FACE DO OIRO".

Revista das revistas

"De Teatro"—Revista de Teatro e de Musica

De Camilo sei ter ele escrito algures—perdôem os srs. camilistas, mas totalmente me esquece o nome do livro aonde se acoita a frase em questão!—: «Faço pouco finca-pé em titulos e não dou nada pela coisa que traz um rótulo de negócio no modo como se intitula». Camilo, porém, ficaria perplexo no caso desta revista do sr. Mário Duarte: é que, nem o titulo chama ninguem ao engano, nem tão pouco o continente abona o conteudo. Esta revista do ilustre ex-galã chama-se, anodinamente, *De Teatro*, frase que se repete no sub-titulo entre as palavras *revista* e *musica*. E' um titulo pandego, saudavelmente pandego, embora deixe pela raza o senso estético de quem o inventou e o amôr que se deveria ter pela formosa lingua lusitana: é um titulo que a pena ilustre da minha creada não desdenharia. Quanto ao objectivo da prosa por ele abrangida, não há descortiná-lo: a minha excelente boa vontade só conseguiu, depois de muito trabalho, encontrar este: «noticiário de coisas e loisas passadas no mundo das bambolinas e repregos». E' muito pouco, mas nada mais pude descobrir. E mesmo assim foi preciso muito boa vontade! Porque, a verdade é esta: a revista do sr. Mário Duarte ignora, como muita creatura, de resto, o porquê da sua vinda a este mundo de Cristo. Nem educa, nem distrae: é simplesmente um estendedoiro de banalidades posto ao sol do Páteo das Osgas. Tipográficamente é simplória: quanto a colaboração, valha-me Deus! mas deixa ficar muito mal parados os créditos daqueles que, entre nós, escrevem de coisas de teatro. Se não fôra o expediente que esta revista do sr. Duarte lançou mão, isto é, a inserção duma peça já representada, quero acredi-

tar que a *De Teatro*, quer por absoluta carencia dum plano, dum objectivo, dum ideal, quer pela sua inteira pobreza de originalidade, já teria ido parar ao sorvedouro tremendo aonde se precipitam as coisas inuteis. Afinal de contas, que demónio pretende esta revista? Dar noticias teatrais? Mas, o *Diário de Noticias*, o *Século*, o *Diário de Lisboa*, etc., desempenham-se dessa tarefa quotidianamente o melhor que podem e andam sempre a esgatanhar-se por môr duma «caixinha»! De modo que, noticias, há que lê-las—e não levo nada pelo réclame!—há que lê-las nos citados periódicos. Mesmo porque, sendo a curiosidade uma das prendas com que a mamã Eva nos presenteou, isto de estar a esperar um mez para as lêr é obra, senhores! Quer, portanto, a *De Teatro* fazer critica? Mas, a verdade, a pura verdade é que, de todas as vezes que a revista do ilustre ex-galã se tem metido nessas altas cavalarias, raio! eu sinto logo um tique, sinto logo um taque, um tique-taque no coração: «Alto lá meninos — digo eu para os meus olhos:—vocês já lêram esta prosa! Foi no *Século*? no *Diário de Noticias*? Sei lá! se calhar foi em ambos!»

E notem vossas senhorias que não se trata de modo algum dum plágio: trata-se, simplesmente, da acomodação de espiritos a outros espiritos. Há creaturas que nasceram para discipulos da *Escola de Critica Eduardo de Noronha*; outros frequentam a escola de primeiras letras do sr. Cristovão Aires, ali no *Diário de Noticias*; há-os ainda que, não percebendo nada de nada, escaqueiram este mundo e o outro e declaram falar em nome de ideias novas: vai-se a vêr e duns e de outros, saem palavras boas p'r'os amigos, e tapona p'ra quem não tiver lampada acêsa na Méca dos citados pandegos!... Trata-se, pois, duma acomodação de espiritos, o que dá em resultado os procesos serem os mesmos e a prosa ter o selo Viteri de garantia de proveniencia. A critica (?) da revista do sr. Mario Duarte é filha espiritual do pensamento (?) dos srs. criticos (?) do *Seculo* e do *Diario de Noticias*. E' a mesma maneira de pensar (?) e até de escrever... *Je te connais beau*

masque!... E fica a gente sem saber que diabo de utilidade tem uma revista destas aonde tudo é feito no sentido não de levantar o nosso teatro, mas de viver em paz e socego com gregos e troianos! Ideias, não ha; independencia, tirem-lhe o *in* e bate certo; originalidade nem falemos nisso. O que se vê nela é reclamos, noticias caindo de maduras, e chuchadissimas reportagens. Seria para desejar antes que nos desse uma ideia do que se passa lá fora e cá dentro; do que ha a fazer no campo da literatura dramatica, da scenografia, da indumentaria; dos mil e um assuntos palpitantes que se prendem directamente com a vida do teatro. Infelizmente não é assim e este numero 7, então, é mesmo uma desgraça. Se exceptuarmos um artiguinho nem carne nem peixe do sr. Avelino de Almeida, a *De Teatro* não difere, senão no formato, dos mil e um jornalecos que os teatros veem surgir na porta da tabacaria para gaudio da actriz B e para conforto do director do papel que assim abicha de quando em quando a sua bórlasita. Este numero 7!... Logo de entrada anuncia-me na colaboração um artigo inédito do sr. Matei Rousson, que, para mim era e é um ilustre desconhecido. Bem: corramos a lêr o sr. Matei! Ora cêbo! é um amontoado de ninharias banalissimas como réclamo á Vera Sergine!... E eu a julgar—nunca mais deixo de ser ingénuo!—que o sr. Rousson me iria dizer coisas novas ácêrca da artista gauleza! Esta mania que tem o portuguesinho valente de acreditar que o lá de fóra é melhor sempre que o cá de dentro!

Pronto: vamos lá aos compatriotas, já que os sujeitos lá da estranja tão mal acabam de provar. Aqui temos nós o sr. Carlos Alberto Ferreira perorando ácêrca do Pierre Renoir. Mas, esperem lá: tambem não diz nada! Parece que os colaboradores se apostaram em entrar mudos e sairem silenciosos!...

...A verdade, porém, é que, tolo será quem esperar coisa de geito do dito senhor: o compatriota em questão, quem lhe tirar a enumeração dos objectos pertencentes á Maria Duplessis, tira-lhe tudo. Passemos ao

12

sr. João Bastos... Aqui me quedo, porém, boquiaberto: a revista do sr. Mário Duarte é *De Teatro* ou *De Tolices*? Então lá pelo cérebro do sr. João Bastos não há coisa melhor do que a história arquitola do Lucas autor dramático? O «humorista scintilante»—como a *De Teatro* lhe chama,—bem espremidinho só deu aquilo? Pois estamos governados com ele! Com ele e com todos os outros: o sr. Garcia Perez discorre inutilidades ácêrca de Linares Rivas e *La mala ley*, ficando os leitores a fazer cruzes na bôca pelo que respeita á peça e ao autor; um anónimo publica uma noticia sobre a Guilhermina Suggia: há mais noticias ácêrca do Teatro Lethe-, de Faro, e de coisas sem interesse: há tambem a transcrição das apreciações chuchadas da imprensa portuense, a respeito da *Casaca Encarnada* do Vitoriano Braga. E disse. O resto é ocupado pela peça de Rodrigues Alves, *O colar*, três actos em prosa. Minto: há tambem o retrato do sr. Mário Duarte pousando para a familia e mostrando á gente que é director da *De Teatro*: lá tem a revista nas mãos, e, senhores! até parece impossivel como o raio do fotógrafo lhe não disse que isto dum fulano tirar o retrato com um papel na mão indica haver no primeiro andar urgencias inadiáveis, um imperativo categórico, muito mais categórico mesmo que o de Emanuel Kant!...

Diabo! as saudades que isto me faz da *Revista Teatral* do Colares Pereira! Porque, emfim, se o fim da revista é publicar peças, para que diabo servem os livreiros, entre os quais tem já direitos adquiridos, por exemplo, o Franco da travessa de S. Domingos?...

...Diabo, diabo! As saudades que isto me faz da *Revista Teatral* do Colares Pereira!

* * *

O autor misérrimo das linhas que acima ficam e das que, se Deus quizer, vossas senhorias irão lêr, não é o critico teatral da *Revista Portuguesa*, nem é, sequer, critico de coisa alguma. De fórma que, a bem dizer, quási se encontra impossibilitado de escrever aqui duas coisas ácêrca da unica colaboração aproveitável

deste numero 7—a peça do sr. Rodrigues Alves. Se a peça em referencia fôr um dia á scena aqui em Lisboa, o nosso critico teatral então dirá da sua justiça. Que esse futuro colega, entretanto, me releve o ousio de, desde já, dedicar duas mal notadas regras a *O colar*: a peça é me apresentada como colaboração da *De Teatro* e eu que tenho de analizar as revistas lusiadas e o que elas inserem, se porventura passo adeante a pretexto de que o caso não é comigo, tenho de fechar a revista do sr. Mário Duarte: não dá assunto para mais!...

Salvo opinião em contrário de quem melhor saiba vêr, a primeira impressão que nos deixará *O colar*, quer na audição quer na leitura, é a de que o seu autor se não quiz meter em altas cavalarias, apenas visando mostrar que bem conhece como se carpinteira uma peça. Lá isso, honra lhe seja, pode-se ele gabar de que o conhece. Este *colar* é muitissimo Béra como psicologia, o seu entrecho não apresenta beleza séria e tem scenas, a meu vêr, bastante forçadas—a do poeta, por exemplo, no 3.º acto. E' um edificio como esses que se improvisam para as feiras, ou exposições, destinados a pouco tempo servirem, armados para a ocasião e para os olhos, com réguas e lonas. São três actos em que o sr. Rodrigues Alves se entreteve a brincar com os nervos e as sensações mórbidas do bicho espectador: no fim dos dois primeiros actos o fabiano sente-se interessado por toda aquela ninharia e a sua curiosidade vai subindo de ponto até ao final do 3.º, aonde lhe é dado o sacão final. Se o processo é de excelente técnica, visto o teatro viver de mil e um convencionalismos, o caso porém é que não basta para os dias de hoje, e o sr. Rodrigues Alves de modo algum me logrará convencer de que a função do teatro seja lançar poeira nos olhos do espectador. Para os tempos de hoje é pouco: já o malogrado António Feijó afirmava nas *Bailatas*:

A arte moderna é uma couve:
Requer tropos fundos na raiz.

14

A definição de António Feijó é, talvez, imprecisa e em demasia irónica, mas a verdade é que a Arte se não basta a si própria, não podendo nós de fórma alguma descer a considerá-la como um simples entretenimento. E o teatro-para-entreter está nos casos: não me parece que seja das coisas mais nobilitantes para o homem. Ora, a peça do sr. Rodrigues Alves, tão bem carpinteirada que conseguirá ter presa durante algumas horas a atenção de quem a lêr ou escutar, não tem uma ideia, um nobre sentimento, um impulso generoso, destes impulsos que nos reconciliam com a nossa categoria de animais pensantes. E' uma peça para entreter, para matar o tempo, conseguindo tornar aceitável um género infimo—a peça policial: chegados, porém, ao fim da leitura, ou caid o pano sobre o ultimo acto, a gente espaireceu é certo, mas debalde vascolejará isto a que se convencionou chamar cabeça: não há sacar de lá uma ideia, ou sentir sequer os seus destroços baterem de encontro ás paredes do craneo, porque nada nos ensinou, nada nos deu que pensar, não nos agitou as ideias: apenas nos sacudiu os nervos. O sr. Rodrigues Alves sabe na ponta da lingua os preceitos de Sarcey, conhece os cordelinhos que agitam o titere da plateia, mas isso não basta, é mesmo muito pouco. Os personagens, mesmo quando a sua psicologia é retorcida e falsa, como a *Carolina Azevedo*, interessam; as scenas ligam-se sem esfôrço; o diálogo é bem trabalhado e vivo; simplesmente, o entrecho é que não merece encómios porque é fumo de palha. Toda a arte do sr. Rodrigues Alves esteve em armar com pericia as réguas e lonas, de modo a iludir o espectador, fazendo este caminhar de suposição em suposição sem que de fórma alguma acerte e deixando-o, no desfecho, muito admirado de ter caido em tantas e tão erradas conjecturas. A técnica, pois, não é desconhecida deste moço escritor; unicamente, porém, a peça redundou num pretexto em três actos bem carpinteirados, durante os quais o autor jogou a cabra cega com os nervos do espectador, deixando estes por fim marasmados de espanto. Eis o que o sr. Rodrigues Alves tentou e

15

conseguiu fazer. E conseguiu-o, repito, porque, em torno dum asunto sem interesse, borboleteou á vontade e levou o espectador pelo nariz a tudo quanto lhe apeteceu que ele supuzesse. Como arte é pouco, é menos como moral, e é nada como pensamento; a peça apenas nos serve para convencimento de que o sr. Rodrigues Alves póde fazer muito melhor desde que tome a vida a sério, encarando o teatro não como um pretexto para espairecer um cidadão, mas como uma das mais belas fórmas de expressão do pensamento humano...

...E não me parece que para tal fim estejam expressamente indicadas as peças de assunto policial, muito embora o autor possua as inegáveis qualidades do sr. Rodrigues Alves...

Alvaro Maia

A entrevista desta semana

Candido Guerreiro, o grande poeta algarvio, define a sua Arte e revela-nos os seus projectos literarios

Cofiando a sua barba negra, o poeta dos *Sonetos* hesitava em conceder-me a entrevista.

—E' dificil, sabe V.? O que lhe hei-de eu dizer que valha a pena?...

Calado, eu atendia.

E, como se não tivesse na frente o jornalista, Candido Guerreiro poz-se a falar da sua Arte e da sua vida, alheado por completo daquele suposto grave problema de vir depôr em publico:

16

—O Algarve nem sempre foi o que hoje é: uma provincia distinta, entre todas, pelos seus Artistas, com um publico acolhedor e culto, fomentando o progresso intelectual, servindo-se do nome dos seus poetas como dum estandarte glorioso...

«Quando eu comecei a escrever versos, escondia-os, como se fôssem um crime.

«O poeta era tomado como um maniaco, um excentrico, um pobre diabo...

«Nada encontrei, pois, que me estimulasse: nem leituras, nem aplausos, nem exemplos.

Só a minha forte e inconsciente tendencia literaria me levou a prosseguir na versificação de todos os motivos, dos mais altos aos mais insignificantes: desde um olhar de mulher á ideia sublime de Deus...

Puz-me a reparar no desenho da sua cabeça moira, —sobre uma face escura de berbere, uma barba compacta, longa e negra como a dum rajah.

Candido Guerreiro tem um belo tipo de arabe, alto, desempenado, e em todas as linhas do seu rosto há a curva voluptuosa, a denuncia flagrante de um temperamento abrazado.

A sua voz continuava a evocar, todavia:

—Meu pai entendeu que o meu futuro estava no seminario... Fui para lá! Mas dois anos depois, uns versos em que eu negava Deus e outros em que atacava o celibato dos padres, atiravam-me de novo para a liberdade do amor e do pensamento.

«Então, a Mulher tornou-se, para mim, numa obcecação.

«Tinha versos para todas: para as morenas, para as loiras; para as magras, para as gordas; para as alegres, para as tristes; para as enamoradas e para as desdenhosas...

—Foi assim que nasceram as *Rosas Desfolhadas*...

—Foi. Poesia expontanea e simples.

—Contesto. Já ahi se pressente o poeta forte, ardente, adorador das formas concizas...

—Talvez. Em Beja compuz as *Avé-Marias*, sob a

influencia dos decadentes. Tinha acabado de ler com muito interesse o livro *Horas*, de Eugenio de Castro.

—Depois (já em Coimbra, a cursar Direito) encetou, então, a fase filosofica dos *Sonetos*...

—Sim. Em Coimbra enveredei definitivamente pelo soneto, mas já o cultivava no Algarve, até como forma preferida. E devo esclarecê-lo de que os criticos me assacaram grandes influencias de Antero... Todavia só mais tarde vim a ler Antero.

«Apenas em Faro, no liceu, alguem me tinha mostrado um soneto dele em certa selecta.

«Seria o suficiente para essa influencia se estabelecer?!...

—E' curioso esse esclarecimento... Porque prefere V. o soneto?

—Não lho sei explicar. Sei que o soneto é a minha finalidade.

«Forma alguma me satisfaz mais.

«Ela é sóbria e aristocratica.

«A Arte deve ser sempre elevada, concreta, luminósa.

«As palavras não se criaram para desfigurar as imagens e o pensamento... Elas são a argila de modelação docil. As palavras fizeram-se para exprimir exactamente os nossos sentimentos...

—Não era essa a opinião de Diderot, avancei eu em ar de *blague*. O grande homem da *Enciclopedia* entendia que a palavra foi dada ao homem para ocultar o seu pensamento...

Candido Guereiro riu-se da ironia do sabio, e a conversa descaiu nos seus projectos literarios.

—Penso num novo livro...

—Um poema?...

—Não sei! Talvez sonetos... Talvez poesias dispersas...

«Não tenho meditado em poema algum. Não consultei ainda a minha imaginação para concluir se possuo as qualidades de efabulador que o poema requer. Todavia atribuo a dispersão pelos sonetos soltos

á minha vida intensa de trabalho, que me não permite tranquilidade.

«O ete 1o conflito economico, meu amigo!

Na verdade o escritorio de Candido Guerreiro notario está cheio de gente que o espera e deve amaldiçoar a demora do jornalista.

O Poeta, todavia, continua falando:

—A verdade tambem é que só trabalho quando o meu espirito quer e não quando eu quero.

«Há uma voz interior que escuto e a que obedeço mais do que á minha vontade. Quando ela não fala, o que valho eu, homem, diante do seu silencio? Continuo, pois, a escrever sonetos dispersos, e hei-de coligi-los, certamente...

—Fala-se numa segunda edição do *Eros*... E' verdadeira, a noticia?

—Penso efectivamente em tornar a publicar o *Eros* refundido e ilustrado...

E chegamos assim ao campo das novas correntes da Arte:

—Estou de acôrdo com todas as inovações, contanto que tragam equilibrio, galhardia e clareza.

A gente que se aborrecia no escritorio, esperando, inquietava-se mais.

Apesar de tudo o Poeta quiz ler-me versos seus, — sonetos inéditos, coloridos, maravilhosos, onde mais e mais se acentua a tendencia decorativa e pictural do Artista.

Abril explodia em azul e oiro pelas janelas escancaradas.

A sua silhueta tinha um aprumo distinto.

Num dos dedos surpreendi a nota heraldica de um brazão.

De vez em quando a suá mão amimava a barba longa, apartando-a, cuidando-a e se não fôsse eu despedir-me, atento á angustia da gente que se inquietava sentada pelos bancos, ainda o grande cinzelador da palavra colorida e sonora estaria discreteando sobre anedotas, sobre livros, sobre amores...

Para melhor evocar a sua fina e quente sensibilidade de meridional, acabo de abrir o volume dos *Sonetos*, quasi o tornei a ler, folha por folha, ressoante de musicas estranhas como é, magnifico de Emoção, extraordinario de sintese, como o sinto destacar-se da imensa avalanche de rimas que entulha a nossa literatura inteira.

Melhor do que eu, leitor, falará por mim este soneto ao acaso colhido da sua obra, como a flôr que num parque mais perto da mão nos ficou:

Diante de Astarteion

A tarde é d'oiro e ambar, em poalhas,
E cae, desfeita em rosas, na bahia,
Arde em linguas de incendios e radia
Em lanças e broqueis, sobre as muralhas..

—Pelo Mediterraneo, em calmaria,
Aphrodite — Astartéa! és tu que espalhas
A purpura sangrenta das batalhas,
Teu proprio sangue sobre Alexandria! —

E há brancuras esparsas: vêm do Nilo
Vôos de ibis, florindo o ar tranquilo;
E nos jardins da Deusa, como luas,

Mármores fulgem, e palpitam, brancos,
Na sombra dos sycómoros os flancos,
Seios e braços de mulheres nuas...

José Dias-Sancho

A "REVISTA PORTUGUESA" publicará no proximo numero a critica das exposições João Peralta e Lyster Franco, escrita por Mario Domingues.

20

Vida Internacional

A desordenação e incerteza dos presentes dias—O egoismo dos povos

Com palavras de muita amisade convidou-me o director da *Revista Portuguesa* a redigir uma secção, que se chamaria «Vida Internacional» ou como melhor entendesse. E em duas linhas explicava o que queria.

Acedi ao honroso convite e aqui estou ás ordens da *Revista Portuguesa* disposto a desempenhar-me da incumbencia o melhor que puder, que creio não será muito bem. Mas emfim... quem dá o que tem...

* * *

Será pois esta secção da «Vida Internacional» um breve comentario de factos e ideias, muito singelamento escrito, sem pretensões de corrigir o mundo e sem ostentação de erudição, que este simples resenhador de acontecimentos não possue.

Mesmo assim, creiam os leitores da *Revista Portuguesa* que não é coisa facil dar um resumo do que por esse mundo fora vai acontecendo na ordem dos factos sociais, politicos, filosoficos e artisticos, que é, se bem percebi, o que de mim deseja o director desta excelente publicação, o que incumbe ao cronista da «Vida Internacional».

O mundo está muito desordenado e inseguro. A guerra balburdiou todas as maneiras de ser da gente humana e a ebulição que deixou há-de perdurar longo tempo. Quando esta efervescencia em que o mundo vive se fôr acalmando e tudo tenha sedimentado, reocupando cada coisa o lugar que lhe compete—pode ser que decorra um longo periodo de bem estar e harmonia, em que o discorrer sobre os homens e sobre os factos seja tarefa aprazivel e grata ao espirito.

Agora, na desordenada hora corrente, digo-lhes em verdade, meus amigos, que é a ocupação mais eriçada de dificuldades que eu conheço. Porque nada há tão arriscado como procurar fazer previsões ou simples deduções; os acontecimentos sucedem-se tão rapidamente, atropelam-se de maneira tão inesperada, que o pobre do cronista se vê em palpos de aranha para perceber sequer o endentamento em que se vão sucedendo.

* * *

O mundo atravessa uma hora muito grave e muito cheia de preocupações. Volva o leitor os olhos para o mapa e esquadrinhe um canto da terra civilizada donde se não vêja o horizonte escurecido de maus prenuncios.

Só nesta velha e cançada Europa, que fez a civilização actual e a divulgou aos quatro cantos do orbe, quantas questões graves e inquietas!

E' a questão do Ruhr, em que duas raças, as maiores do continente europeu — e entendo aqui *maiores* pelo seu valor e contributo mental e material para a civilização humana — estão dirimindo um dos muitos incidentes em que se têm combatido na sua vida milenaria.

E' a questão do Oriente, duma importancia capital para a paz europeia e em que cubiças enormes giram á volta dum estreito de mar e duns poços de petroleo.

E' a renovação social e politica, que está sucedendo na Italia e que merece ser acompanhada com a maior atenção e estudo. E' a tragedia russa, a mais estupenda convulsão que ainda agitou um povo e que a Europa burguesa e capitalista teima em não querer compreender.

São as cem questões minusculas — Memel, Vilna, a Austria, os Balkans — que não mudam a face da terra, mas constituem demonstrações do mal profundo de que padece a Europa.

Tudo isto influe nos espiritos e se reflecte em todas as manifestações do espirito humano. E' seguir três dias a fio o que se escreve e estampa em letra de for-

ma, para se verificar que estamos assistindo a uma formidavel luta de egoismos.

* * *

E a proposito de egoismos...

O facto seguinte não tem uma transcendencia por ahi além, mas serve para mostrar que a camaradagem da guerra não foi suficiente para anular a verdade daquele proverbio que diz: *amigos, amigos—negocios áparte*. Sobretudo quando um dos amigos é a poderosa Gran Bretanha, nação cheia de senso pratico e que nunca deixa de aproveitar o lado util das coisas.

Após a guerra, quando o armisticio poz termo ás lutas das trincheiras, o governo inglês tomou conta de todo o espolio castrense do sector, ocupado pelo exercito britanico. Parece que no direito internacional há uma clausula que legitima este proceder.

Esse espolio foi logo reduzido, não direi a patacos, porque é moeda que nem em Portugal existe, mas a boas libras, aurea moeda que circula poderosamente no Imperio Britanico. O Estado inglês vendeu-o a um sindicato auglo-belga, que o revendeu e dispersou aos quatro ventos.

Aconteceu, porém, que o governo belga se julgou com direito a parte desse espolio belico — coisa equivalente a 30 milhões — e como o governo britanico não estivesse de acôrdo, foi o litigio levado para os tribunais.

Ora os tribunais resolveram o caso contra a Belgica. A valorosa nação do Rei Alberto interpoz recurso, mas a sentença foi confirmada, ficando o governo de Bruxelas condenado nas custas e sêlos do processo.

Esta prosaica e mesquinha questão de pecunia não tem — como disse — uma importancia por ahi além, mas é bastante significativa, sobretudo se pensarmos que ela surgiu logo após aquele prelio monstruoso, em que a heroica e ousadissima bravura belga foi a pedra que fez tropeçar o gigante germanico, couraçado de ferro e armado até aos dentes, dando tempo a que as grandes nações aliadas se puzessem em guarda e aguentassem o choque formidavel.

Bem podia a Gran Bretanha, nação poderosa e rica, praticar a facil munificencia de deixar á Belgica aqueles 30 milhões, que é como quem diz em português actual, coisa de 40.000:000$00.

Nisto, porém, de relações internacionais, meus amigos, é que é dizer com verdade: *amigos, amigos — negocios áparte...*

* * *

E' preciso notar que o meu presado amigo e director me poz perfeitamente á vontade nesta secção. Já sabem, pois, os leitores que os desacertos que nela sairem a lume são da minha plena responasbilidade. Os acertos, esses são desta bela e excelente *Revista Portuguesa...*

Correia Marques

Exposições de Arte

"L'enfant prodige"

Lembro-me de que, nos belos tempos em que eu amava a frivolidade e tomava como padrão sentimental as varias meninas *Soizas* das minhas relações, frequentemente me surgia numa reunião qualquer de harpa... canto e dansa *l'enfant prodige* que recitava versos provocadores da lagrima, tão sentidos, tão penetrantes de ternura que meus olhos, por vezes, humedeciam-se melancolicamente.

L'enfant prodige era nessas reuniões o encanto de toda a gente. E lembro-me tambem de que — pàra não destoar — calcava violentamente certas irreverencias de meu espirito e algumas graças a proposito para não demolir, com uma simples frase aparentemente inge-

24

nua, o talento invulnerável, bem ensaiado em casa, do menino prodigio.

Por essas e por outras, retomei a minha liberdade de acção, abandonando essas reuniões deliciosamente ridiculas, para dar largas ao meu espirito irreverente, para não voltar a encontrar na vida *l'enfant prodige* a quem tudo se permite — não sendo permitido ao mais insignificante mortal arriscar uma frase demolidora.

Desci á rua, abeirei-me da rua. E emquanto *l'enfant prodige* nos «chás das cinco» e nas reuniões sentimentais das meninas *Soizas* vai recitando, com gestos do Chaby, *O Melro*, de Guerra Junqueiro, eu, aspirando fortemente a atmosfera livre, enchendo de ar puro os pulmões insatisfeitos, jurei, para satisfazer minha irreverencia e livrar a humanidade duma praga maldita, fazer guerra sem treguas a todos os meninos ou meninas prodigio que no meu caminho se atravessassem. E puz-me a caminhar...

O leitor sabe que especie de animal é *l'enfant prodige*. E' aquele menino ou aquela menina, cujo espidito mole, incolor, se adapta a tudo quânto os papás desejam que esse espirito seja.

L'enfant prodige é, numa palavra, o adaptavél. E' o menino que, sem personalidade, sem virilidade, se molda como cera á vontade alheia. *L'enfant prodige* é o cérebro ôco, vasio, que tanto se pode encher de talento alheio, como de estupidez abjecta. *L'enfant prodige* é o que os outros quizerem.

E' por isso que ele recita, inconscientemente, com uma aparencia assombrosa de genio inegualavel, *O Melro* de Guerra Junqueiro. E' por isso ainda que ele dirá, com sorrisos lindos e saracoteios esplendidos, as asneiras mais belas que desejem que ele diga.

L'enfant prodige é, como os leitores já depreenderam—ninguem. Ora eu odeio o ninguem. Tolero o estupido, genuinamente estupido, aplaudo o talento, admiro o genio mas odeio o ninguem. O vácuo asfixia-me.

Vem isto a proposito de *La Vie Parisienne*. Admiram-se? Eu explico. Isto não vem bem a proposito de

La Vie Parisienne, *La Vie Parisienne* é que vem a proposito de *l'enfant prodige*.

L'enfant prodige foi ha pouco tempo cantado em todos os tons nos jornais de grande circulação. *L'enfant prodige* tem um nome—um nome já celebre. Chama-se Maria Adelaide de Lima Cruz. E' um nome bonito, aristocratico, não é?

Pois essa menina conta ha não sei quanto tempo catorze anos de idade. Catorze anos carregados de talento! Esses catorze anos pintam o quê? Pintam mulheres, tipo parisiense, do mais reles parisiense possivel; pintam cavalheiros, bem barbeados, sorridentes e duvidosos de sexo.

?Como poude *l'enfant prodige* Maria Adelaide Lima Cruz pintar aquelas imoralidades tremendas, aquelas abjecções só conhecidas em certas casas que o Paris honesto repudia energicamente?

Tudo se explica, tudo se explica nesta vida. Não foi *ad hoc* que me referia há pouco a uma revista francesa que dá pelo nome de *Vie Parisienne*. *La Vie Parisienne* é uma revista pseudo-literaria e artistica, que traz modas á mistura—é uma revista sem a menor cotação no Paris pudico, no Paris de linha. Pois bem, *La Vie Parisienne* entra em casa de *l'enfant prodige* e este, encantado com aquela imoralidade linda, deixou-se influenciar de tal maneira pelos desenhos impudicos dessa revista duvidosa, que os copiou, que os reproduziu, como seus, em quadros inumeros expostos na Bobone. O publico ignorante aplaudiu, pediu *bis*—não sabendo que aquelas mulheres provocantes e requebradas, aqueles cavalheiros elegantes, monoculados e escanhoados foram inspirados na pior das cloacas graficas que correm mundo para goso espiritual de mulheres gastas pels gosos materiais da vida incerta de semi-casadas.

Menina prodigio: não torne a expôr essas coisas que a desacreditam, que passam pelo seu espirito eternamente jovem sem deixar vestigios perniciosos, felizmente. Pinte e desenhe outras coisas e peça a sua

mamã que não permita a entrada em sua casa duma revista tão feia como é *La Vie Parisienne*.

De mistura com os desenhos coloridos do bébé prodigio, a mamã do bébé tambem expõe, mas por mais que forcemos a memória, não há maneira de nos recordarmos dos apuros artisticos de tão ilustre senhora.

Mario Domingues

A "REVISTA PORTUGUESA" aumentará, muito brevemente, o seu numero de paginas, sem que o seu actual preço de venda sofra qualquer alteração.

A "REVISTA PORTUGUESA" creará, então, as seguintes secções novas: Revista Financeira, Revista Parlamentar, Revista Colonial, Revista Juridica.

A "REVISTA PORTUGUESA" acompanhará tambem, com o maior interesse, o movimento artistico e literario de Espanha, Italia, França e Alemanha.

A "REVISTA PORTUGUESA" retribuirá, desta forma muito simples, o favor e o carinho com que tem sido recebida no meio intelectual português.

27

Musica

Portugal sempre esquecido!

Substituindo temporáriamente o meu amigo e ilustre compositor Ivo Cruz, nesta secção de *Musica*, é um dever vir tratar de um assunto, de que muitos indiferentes se riem, mas que eu considero um caso bastante grave, na vida musical do nosso paiz.

Quando há anos, em Paris, na conhecida sala Gaveau, consegui que se executassem obras de artistas portugueses e que a ilustre musicógrafa madame Daubresse, lêsse um pequeno estudo meu, sobre o desenvolvimento da arte dos sons em Portugal, foi com o simples intuito dos artistas portugueses serem conhecidos lá fóra e que Portugal não seja considerado como uma provincia de Espanha! Os jornais falaram, os *cronistas* musicais salientaram algumas obras, mas em breve tudo caiu no esquecimento e os compositores portugueses passaram para o terrivel abismo de onde nunca, jámais se volta.

A não ser um livrinho de Julio Neuparth, quási exgotado, que trata resumidamente da história da musica portuguesa, dos livros de biografias, de Ernesto Vieira, nada temos!

Assim, os estrangeiros têm pela cultura da musica, no nosso paiz, uma grande ignorancia, sem encontrarem livros onde se possam instruir.

Todas as vezes que leio qualquer *História musical*, com mágua noto, que Portugal ou é olvidado de todo ou então apontado tão superficialmente que seria melhor que não falassem nele.

Há tempos, tendo lido um trabalho de Woolett sobre compositores contemporaneos da Europa, á mistura com artistas espanhoes, vinham os nomes de Freitas Gazull e de Augusto Machado, sem indicar nomes das suas obras!

28

O professor do Conservatório de Paris, o sr. Philipp, numa revista musical, consagrou um interessante artigo aos compositores do Brasil. Pois colocou o nosso ilustre compositor Artur Napoleão como musico brasileiro! A estes dois escritores escrevi-lhes cartas, mostrando-lhes, ao primeiro, que tinhamos bastantes artistas modernos de muito merecimento, e ao segundo, dizendo que Napoleão é muito português. Não *se digna*ram responder...

Há dias, o correio trouxe-me um livrinho digno de ser lido: *Tout ce qu'il faut savoir de l'histoire de la musique*, por Franz D'Hurigny.

Na verdade é uma obra bem feita e bastante apreciável para servir de norma aos estudantes dos Conservatórios. Já se vê, não aconselho este livrinho para o nosso Conservatório, porque todos sabem que seria tempo perdido... mas são páginas que resumem o mais importante que se encontra desenvolvido em obras que muitos não podem obter.

Ora, mais uma vez, Portugal foi esquecido!

No capitulo XIII, a páginas 58, faz o autor um resumo da musica na Europa. Fala de todos os paizes, Finlandia, etc., apenas coloca Portugal ao lado da republica de Andorra, pois nada diz!

Bem sei que nem todos se revoltam e para os que não têm esperança na musica portuguesa, acharão isto naturalissimo, mas eu penso que devem, todos aqueles que amam a nossa musica nacional, fazer todo o possivel para que os compositores portugueses sejam conhecidos no estrangeiro e apontados nos livros escolares.

Nós possuimos actualmente vultos na Arte, de grande valôr; dos mais antigos, Augusto Machado, João Arroyo, dos mais modernos, José Henrique dos Santos, Tomaz Borba, António Eduardo, Costa Pereira (musica religiosa), Tomaz de Lima e os modernistas Luiz Freitas Branco, que tem dado tantas provas de intenso talento, Ivo Cruz, o renovador do *lied* português, cujas obras para piano são páginas de emoção, podendo compará-las ás de Malipiero; Ruy Coelho, o artista de

alma vibrante para tudo que seja português, e do qual há pouco, a ópera *Rosas de todo o ano*, cantada no teatro de S. João, no Porto, foi considerada pela critica como tendo páginas de intenso sentimento poético.

Parece-me que com tais nomes, Portugal não tem direito a ser esquecido!

Ao sr. D'Hurigni já lhe escrevi nesse sentido, esperando desta vez obter qualquer resposta.

Nós, principalmente *os novos*, temos obrigação de fazer executar nas orquestras estrangeiras, composições portuguesas. Já possuimos bastantes obras que não ficam mal que figurem no programas dos concêrtos sinfónicos de Madrid e de Paris. O que se torna necessário é que *todos* me acompanhem nesta minha ideia, a fim da musica portuguesa ser executada ao lado das outras escolas.

As nossas legações poderiam encarregar-se da entrega das partituras, já se vê, com as devidas recomendações, como é costume...

Alfredo Pinto (Sacavem)

O Cinema

A arte de fazer fitas

Dizia-me há tempos uma ilustre senhora, espirito elevado de escritora, artista de raras faculdades, que uma fita cinematográfica precisa de ter dentro alguma coisa mais do que lances dramáticos e aspectos agradáveis. «O cinema já não é hoje verdadeiro cinema se não tiver inteligencia». E citava-me produções que, obedecendo a esse principio, tinham conquistado renome, a par de outras que passaram anónimas por terem desprezado essa base.

Arranjar um argumento mais ou menos pensado, fazê-lo viver por figuras e imprimir os movimentos, não é hoje fazer uma fita cinematográfica. Hoje a ar-

30

te de fazer fitas está muito além da facilidade. Um bom trabalho requer uma grande dóse de estudo, antes que a máquina se carregue e os actores pintem a cara, tem o *meteur-en-scène* de estudar fio a fio, todas as belezas que a sua inteligencia lhe dita sobre a obra.

Deixar que o momento deixe antevêr um ou outro efeito, não é bem seguir com inteligencia e cuidado o labôr de uma fita.

E certo que, durante a impressão, muitas surprezas surgem, muitos efeitos aparecem, mas o *meteur-en-scène* artista, sem deixar de aproveitar essas «ajudas» não manda marcar uma scena sem que préviamente a sua fantasia não tenha elaborado as principais belezas com que se propõe fazer o trabalho. E' essa, talvez, a grande qualidade de um *meteur-en-scène*: Crear.

Griffen ao fazer a sua *Intolerancia*, decerto não deixou á aventura os numerosos efeitos de que a fita está cheia, e cuido até, que, se bem que a parte em que o aglomerado de figuras mais podia oferecer campo á sua muita competencia, foi comtudo nas scenas mais simples que a sua inteligencia mais trabalhou.

Assim, temos que se o *Festim de Baltazar* e o *Cêrco de Ciro* deslumbram pela magnificencia de concepção e jôgo admirável de figuras, as scenas ultimas, passadas nos nossos dias, o tribunal, por exemplo, são da mais pura arte cinematográfica.

E' essa a verdadeira cinematografia: emocionar pela verdade das figuras, intercepcionando os aspectos numa junção de interesse e inteligencia e onde a emotividade seja largada sábiamente, calculadamente.

Acresce ainda que hoje já se não admite um qualquer assunto.

Uma fita cinematográfica é uma obra completa e como tal tem que ter vida e tem de vivê-la.

Filmar um drama banal da vida, sem nada de novo, sem uma parcela de inteligencia, é gastar fita.

Hoje exige-se qualquer coisa mais num trabalho cinematográfico, e assim deve ser, porque o cinema é uma expressão de arte onde cabem todas as outras.

Mas, dirão os entendidos, sendo assim, dada a pouca

instrução da maioria dos povos, as fitas cairiam no desagrado por falta de compreensão.

Em resposta a isto, citarei a fita *Casa de Mistério*, que agora se exibe entre nós e que, sendo um trabalho de fim comercial, isto é, uma fita com todo o sabôr dos gostos populares, é, no emtanto, uma fita onde se faz arte e da melhor.

As próprias fitas em séries, fantásticas, inverosimeis, cheias de defeitos, apresentam muitas vezes detalhes verdadeiramnte primorosos, sob o ponto de vista artistico.

A *Sereia de Pedra*, está um pouco nestes casos. Sendo um trabalho que o paladar popular apreende fácilmente, não deixa, comtudo, de ser um pouco uma obra de arte. E' que tem inteligencia lá dentro. Há uma ideia no seu assunto, não se resume a um entrecho banal.

Desgraçadamente, porém, nem todos os que entre nós trabalham cinema, seguem o mesmo ponto de vista e por isso a cinematografia portuguesa não existe, fóra de Portugal.

Quando ámanhã as emprezas de fitas, escolherem melhor as suas obras, quando se convencerem que fazer fitas só para Portugal e Brasil é um erro grande de administração, que compromete sériamente os capitais empregados, trabalharão de outra maneira e verão que a industria cinematográfica é, quando conduzida com inteligencia, uma das melhores em todo o mundo.

Até lá, porém, não acredito que o cinema seja grande coisa em Portugal. E' até caso para dizer como há tempos me dizia um dos nossos melhores pintores:

—Só quando em Portugal se deixar de fazer cinema com os pés, se poderá dizer que se filma entre nós.

Henrique Roldão

A "REVISTA PORTUGUESA" publicará no proximo numero um desenho do pintor Antonio Soares.

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR

VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA DE ARTE, SPORT, TEATRO, MUSICA, VIDA ESTRANGEIRA

SUMARIO

CROQUIS, de Antonio Soares; A INTELIGENCIA EM FACE DO OIRO, de Augusto Costa; A ENTREVISTA DESTA SEMANA, de José Dias Sancho; REVISTA DAS REVISTAS, de Alvaro Maia; EXPOSIÇÕES DE ARTE, de Mario Domingues: VIDA INTERNACIONAL, de Correia Marques; MUSICA, de Alfredo Pinto (Sacavem)

Publica-se aos sabados — Assinaturas: serie de 4 numeros, 4 escudos. Avulso, 1 escudo — Edição e propriedade de Victor Falcão — Tipografia, T. de Santo Antonio da Sé, 11, 3.º — Escritorios, Rua Nova do Almada, 46, s|loja

Sabado

5 de àbril de 1923

Croquis de ant. Soares

A Inteligencia em face do Oiro

I

Os jornais pretendem crear a Opinião Publica. Mas quem faz os jornais? quem os escreve? As forças ocultas que determinam as varias atitudes dos grandes orgãos jornalisticos sabem bem canalisar *pro domo sua* a publicidade de que dispôem. O publico, formulando pela da imprensa a sua opinião sobre os varios assuntos de interesse nacional, longe de pugnar pelos seus interesses proprios (que são, em ultima analise, os interesses da Nação) arrisca-se a pugnar pelos interesses dos varios grupos de politicos e de financeiros de quem os jornais são pertença. Esses interesses, pleonasmo é afirmal-o, são, por via de regra, antagonicos dos interesses da Nação, que são tambem os interesses do publico.

Antigamente, os jornais limitavam-se á publicidade dos *faits-divers* da capital ou da terra da provincia onde se publicavam e ás indicações uteis, tinham intuitos divulgadores e, sobretudo, encarregavam-se de espalhar a parte oficial. Eram uteis ou inofensivos. Depois, com o Romantismo, as ideias politicas começaram a divulgar-se por intermedio dos periodicos. A imprensa começou a ser tribuna: as más ideias eutraram a espalhar-se e as suas consequencias a fazer-se sentir. As tribunas que serviam o apostolado democratico serviam por ele a ruina do país. O idealismo romantico, trazendo-nos a Republica, trouxe-nos ao mesmo tempo a miseria e a anarquia: tão certo é que as ideologias dos homens, nascidas de consecutivas falseações das realidades sociais, duma obliteração do realismo politico por via de consecutivos desregramentos da sensibilidade, — só podem conduzir a uma larga anarquia moral e intelectual, prologo necessario da anarquia no governo da coisa publica—*res publica*, como diziam os antigos. Veio a seguir a transformação profunda trazida

3

ás coisas sociais pela balburdia e pela desorganização da guerra. Os valores morais e materiais foram alterados: inverteram-se os que não se perverteram. A multiplicação dos valores monetarios (signais de riquezas que diminuiam na razão directa do acrescimo desses signais) pela multiplicação dos encargos dos governos, conduzindo a uma grande alteração no sistema financeiro e a uma revolução economica, entregou nas mãos dos plutocratas todos os poderes que antigamente só a Autoridade legitima possuia sobre a sociedade. Simplesmente, os poderes da Autoridade legitima exerciam-se todos no sentido do bem social; enquanto que os poderes da Plutocracia contemporanea, dos financeiros e dos grandes industriais vão afectar directamente os interesses mais sagrados da Riqueza Publica, e por isso são contrarios ao bem social. Concretizando: os jornais foram, primeiro, orgãos desinteressados que serviam a curiosidade do publico; depois, pregoeiros e tribunas dos varios idealismos romanticos; e por ultimo, os que não são alimentados pelo desinteresse monetario duma ou mais pessoas devotadas a qualquer ideia politica, transformaram-se em orgãos de varios grupos de financeiros e de plutocratas, embora revestindo sempre o aspecto duma sociedade anonima creada para a exploração industrial do anuncio.

II

A Plutocracia é, por definição, internacional. A sua Patria é em qualquer canto do mundo onde o Oiro possa caber; e foi da mercantilização da sagrada ideia da Patria — Patria, terra dos nossos mortos, patrimonio moral e territorial a defender e a engrandecer — que se gerou na inteligencia e na sensibilidade dos trabalhadores do seculo passado a falsa ideia e o falso sentimento de que a Patria tambem residia para eles em qualquer parte do mundo onde podessem ganhar o pão de cada dia. Por todo o arruinado mundo europeu contemporaneo é a Plutocracia quem domina os Estados.

A propria America do Norte, onde os cegos da inteligencia pretendem ver o prototypo da moderna Demo-

4

cracia, não é mais do que um feudo do Dinheiro, e os seus politicos, como o seu Estado, são apenas serventuarios dos designios e interesses dos varios grupos financeiros. A Inglaterra colocou-se ao lado da França, em face dos alemães, para não perder o predominio dos mares e assim o seu mercantilismo endemico poder garantir-se contra a concorrencia dos povos rivais. A America entrou na guerra para que os interesses dos seus financeiros se estabelecessem na Europa e o seu auxilio lhe desse jús a uma intervenção nos negocios da reconstituição da terra europeia devastada. Concluida a guerra, o isolamento da America não implica desinteresse pelos negocios da Europa: hoje ainda, como nos primeiros dias da guerra çou, os *brasseurs d'affairs* do novo mundo, ligados aos *brasseurs d'affairs* do mundo antigo, só têm como objectivo subordinar ás forças do Capital todas as manifestações da vitalidade europeia; hoje, tudo no mundo se resume facilmente, para os plutocratas internacionais, a simples materia negociavel, mais ou menos cara, mas negociavel. Ha pouco ainda, em França, se falava na constituição dum *trust* de financeiros internacionais que tomaria á sua conta a produção de papel e assim conseguiria subordinar aos seus desejos anti-nacionais o mundo do pensamento francês; e quem politicamente tratava de conseguir tal *desideratum* era simplesmente o politico-industrial Loucheur, por varias vezes indigitado já para suceder a Poincaré na chefia do governo. O laço que prende os politicos democratas aos financeiros sem Patria, é claro. E os grandes cancros plutocraticos que actualmente minam a Europa são, sem duvida, o inglês e o americano. O Capitalismo alemão, o comercio alemão, a industria alemã, se querem avassalar o mundo, é em obediencia ao seu pan-germanismo, a um alto ideal de dilatação da raça e de germanisação do mundo. O Capitalismo inglês e o Capitalismo americano, com o seu comercio e a sua industria correspondentes, determinam-se por objectivos mesquinhos: pretendem apenas ganhar dinheiro sem quaisquer preocupações de raça ou de civilisação.

III

Senhor quasi dos destinos do mundo, dominador de

5

quasi todos os Estados europeus, não admira que o Dinheiro procure dominar tambem a Inteligencia, para que ela seja ainda um instrumento do seu dominio na ordem intelectual e espjritual. Quer os Barbaros queiram, quer não, a Inteligencia é a grande força propulsora de todos os progressos que o homem pode realizar, tanto no campo material, como no campo espiritual, — se é que o homem pode ir alem, em Moral, da moral que ha dois mil anos a Igreja instituiu, em Arte, alem da Beleza classica herdada de Athenas e de Roma, e em Politica, alem da politica tradicional das idades d'oiro da humanidade antiga. Os homens do Dinheiro e do Comercio, herdeiros duma tradição mercantil e materialista, costumam relegar o Pensamento para um plano secundario. Acontece, porem, que entre os proprios Barbaros os direitos da Inteligencia se fazem ouvir: quando a pretendem dominar, embora no sentido do mal, não fazem mais do que reconhecer o seu valor intrinseco e a sua força creadora e conductora no mundo dos factos. Mas a Inteligencia, amoral por natureza, pode, pela voz dos homens que a representam, recusar-se a trabalhar num sentido imoral e antinacional. *Force aveugle et flottante, pouvoir indifférent, également capable de détruire l'État et de le servir, vers le milieu du siècle, l'Intelligence nationale pouvait être tournée contre l'intérêt nationale, quand l'or étranger le voulait.* Maurras o constata a pags. 81 de *l'Avenir de l'Intelligence.* Maurras nos dá o conselho salutar a pags. 14 do prefacio do mesmo livro: *Ah! que l'Intelligence mise vite de ce qui lui reste de forces! Qu'elle prendre parti! Qu'elle decide, qu'elle tranche entre l'Uzurier et le Prince, entre la Finance et l'Épée!*

A Democracia, desorganizando a sociedade, pulverizando-a em individuos, creou o reinado do individualismo e realizou automaticamente o que Taine apelidava de «insolidarismo social». Até então, os homens viviam nas suas celulas sociaes e dentro delas orbitavam a sua actividade e desempenhavam organicamente a missão que no mundo lhes competia desempenhar. Depois do advento da Democracia, os mesmos homens começaram a viver como simples atomos, desamparados de qualquer força orga-

nica, entregues apenas ás snas forças proprias. E assim principiou a lucta dos individuos entre si, depois transformada pelas teorias de Marx em luta de classes. Na luta dos individuos, os trabalhadores intelectuais estavam nas mesmas condições de fraqueza perante as forças opostas do que os trabalhadores manuais. Na luta de classes os trabalhadores manuais modificaram a sua situação: agruparam-se em associações e sindicatos para resistir ás associações e sindicatos patronais; só os trabalhadores intelectuais ficaram numa situação de inferioridade, porque não poderam agrupar-se para a defeza dos seus interesses comuns e para a resistencia ás novas condições de adversidade que a sociedade moderna lhes creava.

O Pensamento encontra-se, pois, subordinado ao Oiro. A independencia jornalistica é, duma maneira geral uma ficção. No livro, é certo, ainda em Portugal pode haver independencia. Mas quem são os nossos editores? Emprezas editoras de grande movimento e grande capital, não existem; quanto ás pequenas, escusado será dizer que só editam autores de nome já feito e de larga aceitação no mercado, embora de meritos menos que relativos. É ainda a preocupação mercantil a preponderar, ajudada poderosamente pelos fracos recursos de que as emprezas dispõem. Na imprensa, porém, o caso é já outro: os grandes orgãos são propriedade de grandes emprezas comerciais que, certamente, não acarretariam com os prejuizos que um tal negocio neste momento traz comsigo, se não tivessem ao seu dispor, em troca de tais sacrificios, uma larga publicidade para a defeza doutros negocios de maior vulto. Agua mole em pedra dura, tanto bate até que fura. Assim são, na realidade, feitas as coisas. A capacidade de penetração dum grande jornal noticioso é enorme, e dela se serve a Plutocracia para crear no publico ambiante favoravel a todas as suas pretensões. Para o bem ou para o mal, uma ideia lançada e propagada com constancia por um grande jornal acaba sempre, mais cedo ou mais tarde, por produzir os efeitos desejados por quem tem interesse na sua divulgação.

A Democracia creou a irresponsabilidade total. Como governo de todos por todos, traduzido praticamente por

governo das oligarquias politicas em beneficio das oligarquias financeiras, como governo amorfo e impessoal, não podia deixar de produzir uma completa irresponsabilidade em todos os dominios, desde o politico até ao moral, de tal arte que chegou a obliterar a noção classica do caracter e da honradez, e até os proprios vocabulos variaram completamente de significação e de sentido... O Oiro partilha largamente dessa irresponsabilidade, com ela acobertando a sua força. *Cet Or*, diz Maurras na obra atraz citada, *est sans doute une represantation de la Force, mais dépourvue de la signature du fort. On peut assassiner le puissant qui abuse: l'Or échappe à la désignation et à la vengeance.* A sociedade moderna está eivada de forças ocultas. Os poderes politicos, como os poderes financeiros que os governam e impulsionam, são todos de natureza secreta: sabe-se que a Maçonaria é quem manda na nossa politica interna e externa; os financeiros que mantêm a republica, para por ela melhor explorarem a Nação, tambem agem a coberto de terceiras pessoas, que constituemo elemento de ligação entre a Finança e os Partidos. Por este pendor, *la Presse est devenue une dépendance de la finance. Um révolutionaire, M. Paul Brulat, a parlé récemment de sauver l'«indépendence de la Pensée humaine». Il le voyait donc en danger. «La combinaison financière a tué l'idée, la réclame a tué la critique. Le rédacteur devient un «salarié». «Son rôle est de divertir le lecteur pour l'amener jusqu'aux annonces de la quatrième page.» «On n'a que faire de ses convictions. Qu'il se soumette ou se démette. La plupart, dont la plume est l'unique gagne-pain, se résignent, deviennent des valets.» Aussi, partout «le chantage sous toutes ses formes, les eloges vendus, le silence acheté... Les éditeurs traitent, les théatres feront bientet de même. La critique dramatique tombera comme la critique littéraire».* Não será o mesmo em Portugal? Não será o mesmo em toda a parte onde a Plutocracia manda?

IV

Estas reflexões não trazem consigo a preocupação do

8

resolver o problema. Servem apenas para frizar a dificuldade que existe em Portugal de libertar o Pensamento das garras da Finança. Nos regimens democraticos, porém, essa libertação jámais poderá conseguir-se. Ao governo *legal* da Nação, substituiu-se o governo *ilegal* dos Politicos. Os Politicos são governados pelos financeiros. Não ha, nem pode haver, abolida como foi a Autoridade do Sangue, fiscalização alguma capaz de pairar acima e liberta do condominio do Oiro, de forma a não permitir que ele lance mão de todos os processos de propaganda capazes de fazerem reverter a seu favor a opinião geral do país, preparando o publico, por vía dos jornais, sobretudo, para a aceitação de todos os seus planos e projectos anti-nacionais.

Duma maneira geral, portanto, a libertação da Inteligencia implica a libertação do Estado das mãos das oligarquias politico-financeiras, quer dizer, o aniquilamento da Democracia.

Augusto da Costa,

A entrevista da semana

O que diz o dr. Fernandes Lopes, filosofo e professor

Fernandes Lopes começa por achar muito interessante a idea das entrevistas, pois ela permite que um homem seja célebre sem escrever, sem pintar nem esculpir...

Da Antiguidade já nos veem dois prodigiosos exemplos: Pyrrho e Sócrates...

Não se considera homem célebre, todavia está á disposição do jornalista...

Fernandes Lopes é falador como todo o bom algarvio, tem um olhar vivo e indagador, e se nos fixarmos no

9

á-vontade descuidado do vestuário, no chapeu em caldeira descajdo para a testa, na barba por fazer e no enorme nó da gravata de *piquet* branco sobre o colarinho de grandes pontas dobradas, teremos uma sofrivel idea da sua figura invulgar.

A entrevjsta moderna não requere scenário especial. Assim, esta passa-se na segunda de um *tramway* Faro-Olhão, na mais despretenciosa palestra com o ilustre filósofo e professor que havia dias procuravamos em vão.

Foi uma agradavel surpresa o seu encontro. E emquanto na carruagem um grupo de comerciantes apreciava a situação actual da industria das conservas, nós isolávamo-nos naquele adoravel convivio espiritual que Fernandes Lopes tão magnificamente sabe desenvolver com a sua dialectica forte e os seus conhecimentos vastissimos.

Antes da partida, uma invasão de estudantes excursionistas, (creio que eram os que o Estado mandava a Tanger, com vários ex-ministros e futuros ministros...), veiu perturbar a palestra serena que encetaramos sobre Arte. Mas apesar de tudo, já a locomotiva assobiava largando as agulhas, metendo ao aterro que se ergue sobre as lamas do rio, começamos a entender a voz um do outro, atravez o ruido, e ahi deixo transcrita a sua mais importante súmula:

— Tudo evoluciona. Como tudo, a Arte evoluciona... Admito pois todas as fórmulas de Arte! gritava-me Fernandes Lopes.

Atravessamos um periodo de delirio.

Embora! Todos os grandes movimentos artisticos, todas as renovações, começaram pelo delirio...

Serenamente, alguem virá e usará d'esse ideal apregoado com a segurança que os apostolos lhe não souberam dar, equilibrando-o n'uma forma sólida que será uma resultante magnífica de todos os desequilibrios anteriores.

O proprio classicismo o que foi?...

— Não concorda V., então, com os Artistas que ao Passado vão buscar a linguagem e o sentimento estético...

— Não e sim! Não, se o Artista se fossiliza numa forma arcaica e anacrónjca. Sim, se o Artista é moderno, é

10

do século, na sua sensibilidade, e sabe usar dêsses recursos com sobriedade e acerto.

Destes tem um precioso exemplo em Lopes Vieira, de quem devo cítar o explendido *Livro de Amadis*.

Não ponho peias de espécie alguma ao criador. O talento é ainda quem tudo impõe...

— Em que situação se coloca V. diante da nova corrente tradicionalista que vem a tomar tamanho incremento no nosso paiz?

— Coloco-me no situação de quem não acha que se deva fazer uma corrente excessivamente nacionalista, fechando-nos a tudo quanto nos venha de fóra, assim como não entendo que no século XIX se tivesse estabelecido uma corrente excessivamente desnacionalisadora, desprezando tudo o que a tradição nos deixára.

Anda no assunto, de resto, uma grande especulação...

Diante dos nossos olhos passava este Algarve primaveril de ceu algodoado, á direita a ria azul e quieta com um ou outro barco navegando á vela em demanda da barra, á esquerda a campina mimosa de hortejos, salpicada de noras e casais, até se erguer, ao fundo, na curva japoneza dos primeiros montes que anunciam a vaga da serra.

Olhão já branqueja, lá abaixo, n'uma ponta, com suas açoteas cúbicas e as chaminés das suas fábricas.

O entrevistador, depois das ideas geraes, requer notas psicológicas, pretende fixar o que é pessoal, o que é exclusivo do entrevistado.

Só desta fórma a entrevista terá sobrevivencia: modelando alma, gesto e scenário, de forma que esse instante seja sempre um fulguramento da vida.

A pregunta saiu-nos seca demais:

— Doutor: o que pensa de si próprio?

A sagacidade rábula e contendora de Fernandes Lopes não esperava este «directo» (vá lá o termo sportivo, tão da moda...).

Pestanejou. Sorriu:

— Os outros serão melhores julgadores de mim proprio, do que eu...

II

Procuramos um rodeio. E d'ali a pouco o autor da *Conferencia sobre o Poeta João Lucio* dizia-nos tudo o que desejavamos saber :

— Não tenho vocação para escritor. Nem para poeta. Falta-me a imaginação, a predisposição especial de refractar, de jogar com palavras, com imagens e com simbolos.

Pintor, tambem me não sinto.

Do que fundamentalmente me convenci é de que sou um musico.

A minha educação musical não foi grande, por isso não posso alcançar a perfeição que desejo, mas, apesar de tudo, reconheço aptidões grandes no meu espirito e alguma coisa tenho feito no sentido de realisar, na medida do que posso, esse desejo...

Filosofo, tambem o seria, se tivesse tido uma cultura ordenada e vasta, orientada, sobretudo...

Não pude deixar de me rir diante da modéstia do meu interlocutor.

Folheei ao acaso os livros que ele trazia comsigo, como se me debruçasse sobre os problemas que neste momento o tomam, e notei uma história dos gregos, um volume sobre a India, uma obra de Maurras, a *Cartilha Integralista*, dois *Abregés du Droit Romain* e um *mare magnum* de apontamentos... quasi nada !

A locomotiva apitou : Olhão !

Estava finda a entrevista.

José Dias-Sancho.

A "Revista Portugueza" publicará no proximo numero, em editorial, um artigo de Julião Quintinha com o titulo: — "A funcção social da Arte"

12

Revista das revistas

As guerras de Viriato e a comedia teosofico-espiritista

Este nobiiissimo, este alevantado mas durissimo oficio d'escrever... Poucos o compreendem, raros tem a noção exacta do que ele vale e representa... Quando ahi pelas dez da manhã o leitor, cachaçpansudo e eructante, desabotôa o colete e se dispõe a saborear os farpados carapetões das gazetas, nem o leitor põe na sua ideia a soma copiosa d'energia que a leitura fornecida custou a uns poucos de miseros forçados da pena... Porisso eles lhe mentem tanto, leitor, e porisso mesmo o leitor, escabichando a dentuça com um palito, os rotúla inexoravelmente de bestas, grandes bestas, irrevogaveis bestas... E são-no, leitor, não tenha duvida: sobretudo são bestas de carga: se eu estivesse no ról dos que todas as noitse queimam os miolos para lhe agradar, aqui teria eu agora perante este numero 8 da *Nação Portugueza*, de desandar caminho da Biblioteca Nacional á cata de tratados de sciencia militar para lhe dizer duas lérias ácerca das guerras de Viriato. De manhã o leitor se fosse militar chamava-me cavalgadura, e o sr. Vasco de Carvalho esse dobraria a dóse em vista de eu, que nem sequer sou magála, ter debitado sobre o seu artigo um churrilho de eruditos disparates. Mas d'essa me livro eu: o leitor se quizer leia o artigo do sr. major Vasco de Carvalho porque não faz mais do que o seu dever e ainda porque, *Deo gratias*, eu não sou jornalista. Isto de a gente não possuir enciclopedismo de sabença chega a ser um beneficio e, o auctor d'estas linhas vezes sem conto se tem surpreendido a constatar que não sabe nada de nada, apenas lhe restando uma grande, uma extraordinaria sêde de saber alguma coisa. Aqui deixo desde já a minha sincera confissão no intuito de um dia poupar canceiras d'investigação psicolo-

13

gica aos meus futuros biografos, não se vejam eles ás vezes encaravelhados com o meu *In Memoriam*, ou com a lapide a colocar no Caminho do Forno do Tijolo, logar do meu nascimento e da residencia do meu ilustre camarada Padre Lagosta... Sim, meus amigos, eu nada se facto que trjstemente verifico, mas busco passar alem de simples papagaio d'inuteis saberetes, o que aqui nobremente declaro. E, até ao dia longinquo em que eu possa, como Pico de Mirandola, discretear *de omne re scibili et quibusdam alüs*, tem o sr. major Vasco de Carvalho de esperar pela minha critica ao seu trabalho sobre as guerras de Viriato. Se eu fosse jornalista já a estas horas estaria produzindo um formidavel artigo sobre a sciencia da guerra nos tempos do celebre caudilho, nosso avô cômmum. A risota que o meu artigo lhe provocaria, meu major!... Mas d'essa estou eu livre! Alem de que, mesmo, V. Ex.ª do melhor grado dispensa uma opinião que aliaz não pediu: eu é que era obrjgado a dar-lh'a porque esta secção visa ao exame de quanto se escreva de notavel nas revistas luziadas... Infelizmente porém, o muito que eu sabia noutros tempos em materia de questões belicas de todo se me deliu da memoria. Em tempos que já lá vão — era eu ainda menino e moço! — a minha gigantesca personalidade possuia caracteristicas mavorticas e ferozes: como Roldão em Roncesvalles combatia dias inteiros com exercitos completos, adrede comprados por meu pae que muito admirava a grande promessa militar que eu era; tinha prélios tremendos com o inimigo da visinhança e nos quaes os meus profundos conhecimentos de balistica iam geralmente ricochetear na cabeça das potencias que passavam distraidas; nos meus dominios — nos patrios lares como póe dizer-se — eu era um ferocissimo dictador e, vezes sem conta, entre os chóros lancinantes das pobres mães jnocentes, enforquei nas traves do tecto e de cabeça para baixo os filhos d'estopa e trapos das minhas pobres irmãs! — até que surgia, é claro, um inimigo muito mais poderoso, sem nada de Fabius Cunetator, e armado minacissimamente dum engenho formidavel, um engenho apavorante que as minhas prosapias e filaucias me querem apresentar ainda hoje como uma catapulta, mas que a

dura prova da vida me segreda, escarninha, não passar dum contundente chinelo tirado do pé... Eu era um tezissimo Viriato, lá isso era meu major! mas Roma era poderosissima e, se eu me fazia fino, logo acudia alguem que sacramentalmente lhe estava aliado por toda a vida... Desisti da carreira belica e hoje arregimeoto com os homens de letras. Não é lá grande coisa, não, isto do oficio de escrever: ha quem os tenha porem peores: V. Ex.ª meu major, deve-se lembrar dos versos eo Musset:

Eh bien! en verité, les sots auront beau dire,
Quand on n'a pas d'argent, c'est amusant d'écrire.
Si c'est un passe-temps pour se desennuyer,
Il vaut bien la bouillotte; et si c'est un métier,
Peut-être qu'après tout ce n'en est pas un pire
Que fille entretenue, avocat ou portier.

* * *

De forma que, apesar do caracter desta secção, me vejo impossibilitado de lhe dizer quaes os motivos por que muito apreciei o artigo que a leitura do livro de Adolph Schulten lhe suscitou acerca das guerras e sciencia militar de Viriato. Em todo o caso não desisto de, humildemente, lhe endereçar d'aqui os meus aplausos pelo seu belo trabalho. A sua tentativa mereceria mesmo uma larga sequencia porque, não lhe faltando de modo algum competencia em taes assuntos, a preguiça nacional tem-lhe deixado largo campo para, por exemplo, trabalhos de vulto sobre a nossa acção militar no decorrer dos seis seculos de monarquia que teve Portugal. Salvo melhor opinião, julgo pobrissima a nossa literatura militar: descontados os volumes de Claudio de Chaby — quantas vezes sacrificando ao espirito da *Historia feita!* — os tomos da *Historia Militar* do sr. Christovão Ayres e o recente trabalho do sr. Saturio Pires sobre a acção das nossas tropas durante o periodo das luctas liberaes, nada ha que valha o titulo de obra asseada. Ha até quem diga

que o melhor trabalho — embora naturalmente parcial — — sobre nossas coisas da guerra é feito por um hespanhol, Sandoval, e tratando da Batalha d'Aljubarrota. Ora, se um simples paizana pode ter categoria para lhe sugerir uma ideia, porque não empreende V. Ex.ª um trabalho de vulto sobre as nossas guerras? Quer o sr. Vasco de Carvalho que continuemos á espera que o sr. Julio Dantas nos sirva a iguaria perfumada e ilusoria da sua anunciada obra sobre *As Grandes Batalhas* — Deus Nosso Senhor a conserve inédita por muitos anos e bons! Amen! — e na qual, está-se já a ver, outra coisa não poderá existir senão montões de vocabulos obsoletos, acrobatismos de psicologia e paparrotear do pôdre lirismo patriotico — aquela exhibição de hipocrisia empolada que o Eça capitulou de *brigadeirismo?* Sim, por que o sr. Dantas é tambem um brigadeiro... Quer V. Ex.ª sr. Vasco de Carvalho que a nossa literatura militar continue confiada aos brigadeiros? Se, felizmente para mim, V. Ex.ª é de parecer contrario e eu assim o quero acreditar, acho que um largo caminho se lhe abre á sua actividade para ele devendo carrear os seus conhecimentos, investigações e ampla cultura. Este seu trabalho acerca das guerras de Viriato, não sendo um primor d'estilo, é uma esplendida tentativa, digna a todos os respeitos de ser proseguida. Ponto é que V. Ex.ª o queira fazer...

... E não lhe digo mais nada!... Do contrario arriscome a que, do alto dos seus galões, me fulmine depreciativo-inilitarmente com a ordem trovejante de,

— Cale-se! Você o que é, é um grande paizana!

* * *

Outro artigo me chama a atenção neste numero da *Nação Portugueza*. Chama-se ele *A Fascinação da Esfinge* deve-se á pena do sr. Pedro Teotonio Pereira e versa uma formidavel cabala ha uns anos a esta parte dominante no meio religioso português: o teosofismo. Essa miseria espalhada entre nós e tendente a fins de ignobil exploração com a angustia de certos desventurados para os quaes o *au-delà* é um problema insoluvel, medrou entre nós dum

16

modo incrivel e eu não estarei em erro se a atribuir ao desgraçado estado de coisas a que o chamado Liberalismo reduziu em Portugal o sentimento religioso. Se Deus me der vida e saude, ainda um dia hei-de provar o que afirmo... É que do chamado *catolicismo liberal*, despindo a religião catolica de todo o seu conteudo e pondo muitas vezes em pé d'egualdade Jesus, Brahma, Confucio e Zorvastro, escasso caminho medeia para o teosofismo, o espiritismo e outras endrominas surgidas para maior desgraça da Humanidade. Do catolicismo liberal ao Quietismo, ao Agnosticismo e a outras miserias ia um passo apenas; do Teosofismo, ocultismo, espiritismo, etc., á negação do catolicismo não vae um passo sequer. O teosofismo, esse, visa mesmo á destruição das religiões porque, admitindo todas, acaba por as tornar inuteis, visto a essencia de cada qual ser absolutamente inconciliavel com a das outras: o seu ataque porem é sobretudo dirigido ao catolicismo. Desde que me provem a inutilidade das religiões e a mentira do catolicismo, a unica coisa que eu poderei admitir é que se corte em absoluto as relações com a vida, visto esta ficar sem sentido: lá superstições réles como a do teosofismo é que acho indignas da nossa categoria de senhores do mundo. A verdade porem é que tanto o teosofismo, como por exemplo o espiritismo, mais não são do que simples manifestações do orgulho humano, desdenhando ou odiando Deus e preferindo-lhe a superstição. Os espiritistas em geral são individuos já meio caducos, pensando com horror nas responsabilidades: tendo tido uma vidinha rasoavelmente atolhada de poucas vergonhas, e como a consciencia lhes segrede apavorada que é precisa uma sancção aos nossos actos, os individuos em questão resolvem o caso tornando inutil a vinda do Christo e negando as penas do outro mundo. Não filiam a sua negação em quaesquer argumentos, mas sim nas comunicações que afirmam ter recebido dos que se foram já desta vida, ou no aproveitamento das mais indecorosas superstições, venham elas de pretos da Senegambia ou dos incolas da Persia e da India. E os tremendos chuchadores que fomentam esta miseria não se teem poupado a esforços para impingir á pascacice dos crentes

acomodaticios toda a casta de judiarias mentaes a respeito do incognito que para muitos é o destino *post mortem*. Ha já publicada em terras luzitanas uma copiosa bjblioteca e, pelos modos, a coisa rende: as edições succedem-se e até surgem, de vez em quando, revistas da especialidade versando ocultismo, teosofismo, espiritismo. As mezas de pé-de-galo e os tratados da magia teem entre nós rasoavel consumo para maior gloria da lorpice portugueza. Allan Kardec, o coronel Rochas, Annie Besant, C. W. Leadheater, Helena Petrovna de Han Blavatsky, Dr. Eucaune, Flammarion e outros intruições que sobre o nosso destino têm espirrado varios desconchavos, procuram apenas com as suas teorias forrar-se ao pavor que lhes causa o trespasse final — o que é puramente humano — e libertarem-se da vassalagem que o espirito lhes segrede deverem á justiça extra-terrena — o que já é puramente animal, visto passarem do edificio logico e perfeito do catolicismo para as praticas e crendices de varias origens. E a cegueira do seu orgulho é tamanha que abstraem até de risiveis partidas que certos *espiritos* pandegos lhes prégam: haja em vista Flammarion que já tem á sua conta um rôr de publicações espiritistas, a ultima das quaes, sob o titulo geral de *La mort et son mystère*, se compõe de três mazorraes volumes nos quaes não sabemos que mais admirar: se o raciocinio de primario com que nella se trata das doutrinas de Christo, se a ridicula recommendação que se nos dá de lermos certo livro de Madame Lacombe, aonde uma fotogrnfia nos mostra o *espirito* de França Borges mascarado de policia! Pobre França Borges!...

Não é para aqui, evidentemente, fazer a critica da baixa superstição que os mistificadores da angustia humana largamente teem fomentado. Levar-nos-ia isso muito longe e seria até meter foice em seara alheia: do assumpto começou tratando com brilho, clareza e conhecimento o sr. Pedro Teotonio Pereira no n.º 8 da *Nação Portugueza*. E quer o leitor seja ou não atreito a teosofismos, ocultismos ou espiritismos, eu dar-lhe-hei de conselho que preste atenção aos artigos do aludido senhor. Que diabo!

não acha que já vae sendo tempo de nos deixarmos de hipocrisias e de tomarmos juizo?

Ou é o leitor de opinião que ao desventurado França Borges sobrará a paciencia para aturar Madame Lacombe e vir a este mundo fardado de policia? Pobre França Borges! pobre forçado da pena! melhor seria que os ridiculos evocadores do seu espirito lhe resassem um Padre Nosso por alma!

Alvaro Maia.

A "REVISTA PORTUGUESA" aumentará, muito brevemente, o seu numero de paginas, sem que o seu actual preço de venda sofra qualquer alteração.

A "REVISTA PORTUGUESA" creará, então, as seguintes secções novas: Revista Financeira, Revista Parlamentar, Revista Colonial, Revista Juridica.

A "REVISTA PORTUGUESA" acompanhará tambem, com o maior interesse, o movimento artistico e literario de Espanha, Italia, França e Alemanha.

A "REVISTA PORTUGUESA" retribuirá, desta forma muito simples, o favor e o carinho com que tem sido recebida no meio intelectual português.

Exposições de Arte

João Peralta

I

Temos de aceitar, resignados, os caprichos impiedosos da morte. Quando ela, porém, fazendo tábua raza da normalidade das cousas, ceifa uma vida, joven ainda, estilhaçando sonhos, desfazendo em pó os projectos mais iindos, a resignação cede seu lugar a uma revolta profunda — e inutil, afinal.

João Peralta foi surpreendido pela morte em plena juventude, no momento preciso em que se advinhava nos seus quadros um temperamento original, um verdadeiro pintor.

Eram suas produções incertas ainda. Todas elas, porém, demonstravam que o artista progredia, caminhava e, se a morte não o arrebatasse de subito, muito viria a progredir e a caminhar ainda.

Qual seria a sua tecnica definitiva? Não podemos advinhá-lo. Notamos, porém, que certos quadros possuiam já uma tendencia modernista, á qual não era estranha a influencia e o exemplo de Eduardo Viana.

Entretanto, visivel e incontestavel era o seu temperamento poetico, sentimental. Havia em quasi toda a sua pintura, um quê de impalpavel — o mais dificil de transmitir á tela — que se impunha e nos sensibilizava. Era a sua ternura. Uma ternura sem espalhafatos sentimentais, sem flores de retorica — tambem existem na pintura — envolvia os seus quadros, como um perfume subtil que se espalhasse no ambiente.

Se João Peralta não fosse já um colorista encantador, a sua ternura, o seu sentimentalismo equilibrado e sincero, bastariam para eternisar na nossa memoria a sua passagem efémera pelo mundo luminoso da Arte.

Lyster Franco

O sr. Lyster Franco ainda não era conhecido em Lisboa, como colorista. O publico estava habituado a ver todos os anos as suas exposições de desenho, onde havia muito de ideal fotografico e pouco de ideal estético.

O sr. Lyster Franco ama as paisagens plenas de arvores ramalhadas e tentou sempre nessas exposições de desenho, dar-nos do Algarve, o que este possue de sombras, arvoredos e romanticos murmurios de regatos.

Intenção respeitavel essa, se ao ser posta em pratica não falhasse sob o ponto de vista tecnico. Quer isto dizer que o sr. Lyster Franco seja absolutamente destituido de habilidade? Não. Quem desenha e pinta como o sr. Franco, mostra que possue realmente qualidades aproveitaveis. Mas, é preciso não confundir o homem habilidoso com o homem artista. O artista é o que alcança, ou pela educação ou por natural tendencia do seu espirito, um superior ideal estético, é o que se liberta da banalidade de sentir, de ver e de realizar.

Ao sr. Lyster Franco falta-lhe percorrer o caminho — o mais longo e arduo caminho — que vai da habilidade á tecnica, da intuição á consciencia. Por esse motivo o sr. Lyster Franco levou para as suas telas todos os defeitos que nos seus cartões desenhados já haviamos verificado.

O romantismo piégas que nos desenhos se advinhava nas arvores frondosas e nas sombras recolhidas, foi substituido nas telas por coloridos falsos, dum sentimentalismo de oleografia.

O Algarve que o sr. Lyster Franco pintou, com desgosto o afirmamos, não é o Algarve, é o disfarce — mau disfarce, por sinal — da incompetencia do sr. Franco para reproduzir pela côr e pela forma essa paisagem forte, complicada e sentimental, a um tempo.

A persistir naquela forma de pintar o sr. Lyster Franco tornar-se-ha cada vez majs presa dos seus erros e, obsecado, principiará a ver maravilhas nos seus maiores defeitos.

Custa-nos ter de usar desta franqueza, porquanto julga-

mos que o sr. Lyster Franco está convencido de que possue um temperamento original e superior. Esta critica causar-lhe-ha o efeito dum balde de agua fria lançado, de subito, sobre uma pessoa desprevenida. A nossa obrigação, porém, é dizer a verdade — por mais dolorosa que ela seja para quem a diz e para quem a escuta.

Se, porém — embora no-lo custe — tam rudemente, sem rodeios, dizemos a verdade e vamos contra as ilusões do sr. Lyster Franco é porque acreditamos firmemente que ainda poderá arrepiar caminho.

Se o sr. Lyster Franco depuzesse, por uns tempos os os seus pinceis, os seus lapis e as suas tintas e se dedicasse á benefica tarefa de ver, de observar, com imparcialidade e vontade de estudar, tudo quanto modernamente se produz em materia de arte, em Portugal e sobretudo no estrangeiro, parece-nos que o seu espirito ganharia imenso e, pouco a pouco, os inumeros defeitos de visão e execução saltar-lhe-iam nitidos á sua vista de iludido.

Depois, pacientemente, sem precipitações, deveria iniciar uma carreira artistica absolutamente nova, pondo as suas qualidades naturais em marcha por uma estrada, talvez mais ingreme, mas mais segura e mais proveitosa para o seu espirito e para a arte.

Guttmann Bicho

Encontra-se em Lisboa um pintor brasileiro, sr. Guttmann Bicho, que abriu no salão Bobone a sua exposição. Partidarios do intercambio artistico e literario, a passagem do sr. Guttmann por Lisboa enche-nos de sincero regosijo. Oxalá a visita amavel d,este artista consiga intensificar as relações intelectnais entre os dois paizes até chegarmos á perfeição de realizarmos pelo menos duas grandes exposições anuais — uma no Rio outra em Lisboa — ás quais concorra o que ha de melhor nas duas nações.

O sr. Guttmann Bicho, que pela primeira vez se apresenta ao nosso publico, está no começo da sua carreira artistica. Assim, o indica a diversidade de métodos veri-

22

ficada nos seus quadros. Ha, porém, algo que não muda — é a cór. O sr. Bicho tem colorido mais ou menos seu, muito influenciado, entretanto, pelo ambiente francês. Lamentamos que o sr. Guttmann não nos trouxesse meia duzia de manchas da sua terra, porque só os pintores pódem dar ao publico de Lisboa uma impressão forte desse país, dos seus costumes, do seu ambiente, do seu colorido.

Juntamente com paisagem apresenta o sr. Guttmann numerosos retratos. A factura, tanto dos retratos como da paisagem, a despeito das tentativas de libertação do seu autor, é academica. A não ser um retrato de petiz *Cabeça de menino*, e algumas cabeças de mulher, pouco ha neste genero digno de menção. O sr. Guttmann é mais paisagista do que retratista. Vê-se que ele na paisagem fresca de França tem, por vezes, a preoccupação de, por pequenas manchas, dar as vibrações da atmosfera.

Possue o pintor temperamento de artista? Possue. E' o essencial. Está, porém, viciado pelo academismo francês. E a aurea de perfeição que se pressente nos seus trabalhos esbarra a cada passo com esse academismo. Possue o sr. Guttmann uma tecnica original, verdadeiramente sua? Não. Mas verifica-se em cada quadro a *recherche*, ora em pinceladas longas, ora em espatulados, ora em pequeaninas manchas coloridas. Tem o pintor um colorído seu? Tem, debil ainda, mas tem.

Sob o ponto de vista intelectual? Não vimos um unico quadro que nos indicasse qualquer pensamento, qualquer opinião. Apenas um sentimento discreto, uma ternura simples, leve, tenue, se espalha igualmente por quasi todos os seus quadros.

O sr. Guttmann é — talvez devido á sua pouca experiencia e ao seu desejo de perfeição — uma bela esperança; daquelas esderanças em que podemos confiar.

Mario Domingues.

A "Revista Portuguesa,, publicará no proximo numero o sev artigo de critica literaria de Rocha Junior

23

Vida Internacional

Duas graves questões qu se resumem numa prosaica querela de pecunia e uma fumenta cobiça de petroleos

Está a Europa vivendo um dos periodos mais graves e inseguros da sua historia. Das questões testadas pela guerra, pelo menos das grandes questões, nenhuma foi ainda solucionada. E dos assumptos de segunda ordem, dados como conclusos e arrumados, nenhum pode considerar-se tão arrumado e tão concluso, que não deixasse após de si um rastro de inquietações e sobresaltos.

Á hora em que escrevo estas mal notadas regras, duas questões importantissimas e vitaes estão pendentes do que resolvam os homens conspicuos e graves que em suas mãos teem o governo dos povos. São elas a irritada questão das reparações e o complexo caso do Levante.

* * *

Os leitores da *Revista Portugueza* conhecem nas linhas geraes o conflicto do Ruhr, que é como quem diz, o caso das reparações, de sorte que não se faz mingua contar-lhes detidas miunças da genese e estado presente d'este caso, que eu chamaria *bicudo*, se não receasse que me censurassem o plebeismo da phrase.

Quando, na Grande Guerra, a sorte das armas decisivamente se inclinou para o lado das nações coligadas contra as potencias centraes e os exercitos teutonicos tiveram que recuar rapidamente das posições mantidas tanto tempo

24

á custa de esforços herculeos, a Alemanha acurvou-se sob as forças caudinas e aceitou as imposições do vencedor, para evitar as ruinas d'uma invasão.

E n'essa ocasião de amargura e derrota, prometeu cumprir tudo quanto os vencedores reclamaram. Volvidos tempos, porém, e acordadas as cubiças entre os vencedores, já esquecidos da leal fraternidade das trincheiras, começaram as gentes de Além-Rheno a cogitar na maneira de evitar o cumprimento das obrigações e encargos impostos pelos triumphadores.

D'aqui nasceu a questão das reparações, que os governos aliados procuraram solucionar em sucessivas confereucias, realisadas por diversas cidades europeias: Bolonha sobre-o-mar, San Remo, Londres, Paris, Spa, Genova Genebra, etc.

Este caso tornou-se tanto mais dificil e emaranhado quanto é certo que entre os vencedores depressa deixou de haver a necessaria unidade de vistas e de interesses. Os Estados Unidos da America do Norte colocaram-se logo na posição de espectadores das questões europeias, sem se imiscuirem n'elas d'uma forma directa.

A Inglaterra, sem quebrar abertamente a sua camaradagem com a França, começou desde logo a achar excessivas as exigencias francezas no caso das reparações, e a concordar que o cumprimento estricto do Tratado de Versalhes, arruinaria a Alemanha, com grave prejuizo e damno para a ordem e estabilidade da Europa. E compreende-se esta atitude: á Gran-Bretanha convinha que a força naval e a triunfante concorrencia comercial e industrial da Germania fossem aniquiladas, mas não que o Estado teutonico se subvertesse de todo e desaparecesse do centro da Europa, como desapareceu o Imperio dos Habsburgos. E por uma clara e naturalissima razão: a França é ainda uma grande nação, com viva memoria de não remotas epopeias guerreiras e muito capaz de vir a dar as cartas no continente, obstando assim a que a imperial Gran-Bretanha seja a primeira potencia do Velho Mundo; convinha por isso deixar-lhe junto ás fronteiras a ameaça d'uma grande nação, inferior á Gran-Bretanha e á propria

França em poder, mas não tão arruinada que não pudesse ser contraposta a uma excessiva preponderancia franceza, em caso de necessidade. Depois a Alemanha é um excelente consumidor de productos britanicos e os interesses inglezes são enormes e copiosos dentro das fronteiras do *Reich*.

A Italia, por seu turno, ocupada com graves dificuldades internas e entregue a um grande movimento de renovação social e politica, não pôde tambem acompanhar a França na sua contumaz politica das reparações.

D'ahi o encontrar-se a França apenas com a Belgica na operação dificil e arriscada de ir buscar o que lhe devem e não lhe querem dar.

Porque a ocupação da região carvoeira do Ruhr é isto apenas: a França, que tem que pagar á Inglaterra a á America a sua formidavel divida de guerra, vae á Alemanha cobrar-se por suas mãos da divida que o *Reich* só mal e a más horas ia pagando. Parece, porém, que a operação — de que a Inglaterra e a Italia se desinteressaram e que motivou a retirada das tropas americanas da Rhenania — não deu os resultados que se esperavam.

Recebia a França, antes da ocupação, 1.000.000 toneladas de carvão, a titulo de reparações, sem mais cuidados nem despeza que arrecada-lo. Agora não consegue arrancar ainda 8.000 toneladas por dia, tendo de fazer as despezas da extração e remoção e as da mobilisação das tropas e funcionarios que constituem o organismo ocupante.

Por outro lado a Alemanha privada do combustivel necessario para o seu formidavel petrechal de trabalho, caminha aceleradamente para a ruina economica.

A Inglaterra, que se conservou arredia do conflicto, porque o reputou destinado a nenhum resultado — e o bom senso anglo-saxonio diz que as nações só devem intrometer-se em assuntos de que possam advir-lhes proveitos tangiveis e duraveis — apresta-se para interpôr os seus serviços como medianeira. É o que se depreende d'um celebre discurso que o arguto diplomata e solerte conhecedor das oportunidades que é o sr. George Nathanael Curzon, lord e primeiro marquez d'este nome, ex-vice-rei da

India e actual ministro dos Estrangeiros da Gran-Bretanha, ha pouco fez na Camara dos Comuns e no qual se convidava o governo do sr. Cuno a fazer propostas, que o *Foreign Office* patrocinaria junto do *Quai d'Orsay*.

Estamos, pois, talvez perto da solução d'este conflicto, que tanto alvoroçou a Europa e ameaçou fazer sossobrar a paz do Velho Mundo.

* * *

Outro problema gravissimo é o que se está debatendo em Lausana, na segunda phase da conferencia em que as coisas do Levante devem ficar arrumadas de geito a que a paz reine definitivamente sobre aquela desordenada região do globo. Pelo menos é o que pretendem ou dizem pretender os homens graves ora congregados na pitoresca cidade suissa.

Os turcos, que foram vencidos na grande guerra, falam alto e bom som aos delegados das grandes nações ocidentaes, como de egual para egual, se é que não de superior para inferior. E' na verdade uma curiosa inversão de papeis, a que se produziu no Oriente, onde a imperialista Gran-Bretanha, a orgulhosa França e a rejuvenescida Italia andam positivamente a reboque dos homens semi-barbaros ,que de Angora governam a nova Turquia.

No fundo a questão não é tanto a determinação das fronteiras e a protecção ás minorias etnicas e religiosas, como a cubiça das copiosas riquezas naturaes da Asia Menor: cobre, ferro, chumbo, hulha e sobre tudo os preciosos jazigos do petroleo mesopotamico.

Á volta d'estes productos e d'umas concessões de vias ferreas é que giram as ambições da *Anglo-Turkisk Petroleum Company*, do sindicato americano *Chester*, da companhia franceza *Smyrna-Cassaba* e outras que o leitor ha-de conhecer de referencias nas gazetas.

Como a conferencia leva ainda atrazados os trabalhos da segunda serie, esperemos que os proceres da politica internacional nos permitam perceber um pouco do rumo que pretendem dar aos assuntos do Levante, para então

discorrer com vagar sobre a pouquidade e instabilidade dos mais solidos projectos humanos.

* * *

Assim, pois, as duas questões agora mais faladas e comentadas em letra de fôrma reduzem-se, no fundo, a uma exasperada questão de pecunia — as reparações — e a uma fumenta questão de petroleo — conferencia de Lausana.

Estudando um pouco todas as questões internacionaes, averigua-se a breve trecho que as mais altivas exigencias das nações imperialistas se resumem prosaicamente n'um caso de petroleo ou de carvão...

E a proposito de imperialismos...

Mas este artigo já vae longo. No proximo numero da *Revista Portugueza* escreverei sobre imperialismo e nações imperialistas. É um tema interessante e sobre o qual ha muito que dizer.

Correia Marques.

CONTEM PORANEA

GRANDE
REVISTA
MENSAL

Musica

As rec tas da cantora Elvira Hidalgo — O recital da pianista nna Gillen — D. Manoela Pinto Basto

Já lá vae o tempo em que a vasta sala do *Colyseu* se enchia por completo para admirar os gorgeios de Maria Galvany que no *rondó* da *Luccia* causou sempre fanatismo. Não que a cantora Galvany fosse uma celebridade, pois nunca esteve em teatros de primeira ordem, mas os reclamos admiravelmente feitos pelo falecido Antonio Santos, cairam no animo do nosso publico; já se vê não querendo de forma alguma negar certas disposições para o canto da sr.ª Galvany, que teve recitas bastante felizes. A notoriedade d'esta soprano ligeiro, apenas o alcançou depois o tenor Schipa que fez andar á roda muita cabeça de jovens e de mulheres casadas. Mas isto não é caso novo nos anaes musicaes; as paginas das cronicas contam-nos que os *tenores* foram sempre os idolos das sociedades. Agora temos entre nós outra *celebridade mundial*, no dizer dos cartazes que podem com tudo, a sr.ª Elvira Hidalgo.

Esta cantora esteve ha anos n'este Colyseu e agora reaparece-nos com os fóros de celebridade.

Sendo a sua opera mais querida o *Barbeiro de Sevilha*, fez a estreia na *Traviata*, partitura que não se liga nada ao seu temperamento artistico. Nos trechos puramente musicaes a sua voz brilhou, mas quando tinha que intervir a acção dramatica, a sr.ª Hidalgo nada nos poude apresentar... A sr.ª Elvira Hidalgo tem cantado, coitada, num ambiente artistico bem infeliz; os cantores que a teem

29

rodeado são de tal fòrma modestos que poderèmos bem imaginar que horas de martyrio ela terá sofrido!

Aquele *Rigoleto* deve ficar bem gravado nas suas recordações theatraes...

E assim nos visita uma cantora que não poude brilhar e sobre a qual não posso fazer um juizo bem seguro.

* * *

A serie de concertos no *theatro S. Luiz* parece prolongar-se até ao proximo inverno!

No domingo passado, lindo dia de sol brilhante, realisou-se um recital de piano de uma artista hespanhola Ana Guillen. Meia duzia de pessoas foram ouvir esta *modestissima* pianista... e chamo-lhe *modestissima* porque nunca ouvi um artista com uma tão grande força de inconsciencia musical!

A forma deveras pouco séria como tocou Chopin, Liszt e mesmo Albeniz, prova que a sr.ª Guillen jámais teve uma boa escola ou então o seu nervoso obrigou-a a fazer coisas extraordinarias!

Verdadeiras tropelias sofreram as infelizes peças de Chopin e aquela *Rapsodia n.º 6*, de Liszt, cuja execução chegou a cair no ridiculo!

Eu que detesto certas execuções de meninas do nosso infeliz Conservatorio, pois cheguei a ter saudades d'elas! Poderá o leitor imaginar que forma de tocar possue a sr.ª Ana Guillen.

Decerto esta artista pensou que Lisboa tem a educação musical de qualquer aldeia galega.

* * *

D. Manoela Pinto Basto cantou a semana passada o papel de *Aida* na opera do glorioso Verdi.

Trata-se de uma cantora portugueza, das raras que possuem uma sólida escola de canto.

30

A sua voz é bem timbrada, de facil emissão e sabe usar d'ela com arte.

Esta nossa distinta compatriota cantou ha anos no Colyseu a *Tosca*, tendo-se revelado uma artista com raras disposições para a scena. Depois cantou em S. Carlos, entre outras operas a *Manon*, de Massenet, com geral agrado; como na nossa primeira scena lyrica, lançam ao esquecimento cantores portuguezes, esta ilustre artista jámais cantou.

Agora reaparece-nos no Colyseu no dificil papel de *Aida*, peça de exame para cantoras já afeitas ao theatro.

Como foi esta recita? Com a verdade que deve iluminar a critica de arte, a sr.ª D. Manoela Pinto Basto confirmou, mais uma vez, o juizo que tinha formado a seu respeito apoz a *Tosca*.

É inteligente, usa bem da voz, cuida dos detalhes da frase musical, veste-se a rigor, está á vontade em scena.

O 3.º acto, uma das paginas mais dificeis de Verdi, foi cantado com nitida compreensão.

Depois d'este sucesso artistico, sobre o qual a critica foi unanime no franco elogio, não poderemos deixar que esta nossa compatriota não cante outras operas.

O seu reportorio já conta operas como: *Tosca*, *Boheme*, *Butterfley*, *Fausto*, *Manon*. Pertence á empresa convida-la para entrar em outras recitas. Bem sabemos que ha sempre ao redor das nossas artistas a má vontade, o cruel e injusto indiferentismo; é necessario acabar entre nós com um tal ambiente, que nada prova a não ser maldade e estupidez.

Alfredo Pinto (Sacavem).

A "Revista Portuguesa,, começará a publicar brevemente artigos sobre o movimento artistico e litterario do Porto e entrevistas com artistas e escriptores da mesma cidade

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
PROPERTY OF
LIBRARY
AT CHAPEL HILL

"REVISTA PORTUGUESA,,
(edição semanal de critica)
anuncia a proxima sahida
de uma edição litteraria,
mensal, com o mesmo titulo
"REVISTA PORTUGUESA,,

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR

VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA DE ARTE, SPORT, TEATRO, MUSICA, VIDA ESTRANGEIRA

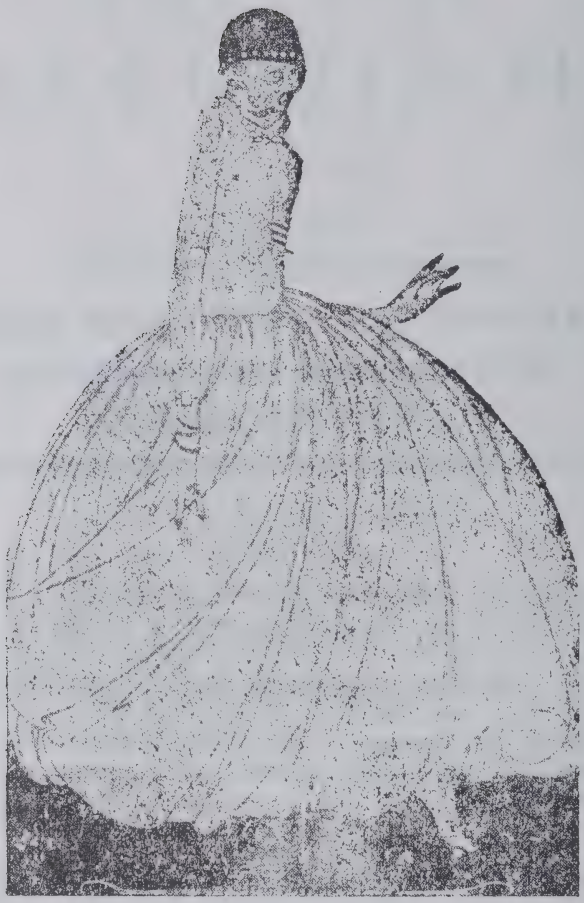
SUMARIO

DESENHO, de Jorge Barradas; REVISTA PORTUGUESA, de Victor Falcão; A FUNÇÃO SOCIAL DA ARTE, de Julião Quintinha; DOS NOVOS LIVROS, de Rocha Junior; VIDA INTERNACIONAL, de Correia Marques; MUSICA, de Gastãs de Bettencourt e Alfredo Pinto (Sacavem); REVISTA DAS REVISTAS, de Alvaro Maia; EXPOSIÇOES DE ARTE, de Mario Domingues.

Publica-se aos sabados — Assinaturas: serie de 4 numeros, 4 escudos. Avulso, 1 escudo — Edição e propriedade de Victor Falcão — Tipografia, T. de Santo Antonio da Sé, 11, 3.º — Escritorios, Rua Nova do Almada, 46, s|loja

Sabado

12 de maio de 1923



Desenho de Jorge Barradas

'Revista Portuguesa'

Alguns dos escriptores e artistas attingidos recentemente pela critica de litteratura e de arte da *Revista Portuguesa*, quizeram significar-nos, sem ambages, o seu desdem pelas nossas opiniões. E serviram-se para tal de um proceso economico e curioso que vamos tornar publico, para gaudio dos collecionadores de paretices: devolveram-nos a revista depois de a terem lido.

Nenhum azedume nos causou o procedimento d'esses senhores. Já contavamos com elle. Mas sentimos que nos tenham provado assim a sua falta de serenidade e de criterio, que só os deprime intellectualmente. Porque a verdade é esta: nem a *Revista Portuguesa* se desvalorisa por ter perdido meia duzia de assignantes, nem esses assignantes passam a ter talento por nos terem revelado o seu despeito...

Nada escreveriamos sobre este caso (que sob o ponto de vista material é uma ninharia) se elle não servisse para justificar nitidamente a existencia da *Revista Portuguesa*. Ha muitos annos que em Portugal não se fazia critica independente e desassombrada. A esse facto se deve a celebridade remuneradora de muitos imbecis e a decadencia da nossa Arte e da nossa Litteratura. A *Revista Portuguesa* garante que ha de impedir a continuação de esta vergonha porque sabe que interpreta a vontade d'aquelles que são, na nossa terra, valores intellectuaes positivos.

E, já que temos opportunidade, deixem-nos archivar n'estas paginas uma declaração necessaria — a *Revista Portuguesa* não é uma consequencia da *Contemporanea*. Sejamos mesmo mais claros — a *Revista Portuguesa* não está, nem podia estar subordinada á orientação da *Contemporanea*. O nosso campo de acção é outro. Os nossos propositos nem sempre se identificam com os da revista citada. Nós exigimos, em Literatura e em Arte, uma selecção rigorosa. A *Contemporanea* dá guarida, por vezes,

3

a certos pataratas intellectuaes e deixa-os manchar as suas paginas elegantes com nodoas litterarias que não se limpam.

Sempre que notamos anormalidades assim na *Contemporanea* não occultamos a nossa surpreza nem dulcificamos a nossa reprovação. Não estamos aqui para ludibriar aquelles que nos leem. E se isentassemos a *Coptemporanea* de toda e qualquer censura, embora merecida, só porque com aquelles que a tornam por vezes fulgurante e appetecivel temos certas affinidades espirituaes, seriamos não só deshonestos mas ridiculos. A *Contemporanea* nem é infalivel nem é sagrada. Por muito grande que seja em Portugal a propensão para o disparate, crêmos que não se chegará ao desproposito de querer divinisar uma revista...

Victor Falcão.

A funcção social da Arte

Considerações a proposito do isolamento e abandono votados aos artistas e intellectuaes

Quando outro dia, na sua passagem por Lisbôa, o publicista hespanhol Eugenio Noel me repetiu e confirmou queixas que eu já conhecia dalgumas das suas mais rubras paginas da «*Campaña antiflamenca*», ácerca do olvido e abandono a que a Espanha vota as suas figuras mentaes, confesso que estremeci intimamente — é que as suas palavras eram a critica flagrante, reflectindo, com exatidão, o mesmo problema de Portugal.

Sim; essa Espanha fidalga e toireira — que o escritor nos pintou — ardendo em inuteis violencias, enchendo de

4

milhões de pesetas os seus toireiros, e alheando-se da miseria dos seus artistas — essa Espanha que censura as mesquinhas extravagancias de Benito Galdòz, que espera que o extrangeiro lhe indique o valor de Rey Pastor e Ortega e Gasset, que deixa morrer de fome o escultor Julio Antonio, que cerra os ouvidos á voz que irrompe das tumbas de Joaquim Costa, de Salmeron e Castelar, em tudo isto é bem um paiz nosso irmão — não temos autoridade para a increpar.

Eugenio Noel, lamentando-se a si e aos seus patricios, e tirando conclusões de falsas aparencias, disse-nos que os portuguezes pareciam manter mais carinhoso culto pelos seus intelectuaes. Fiz silencio ante a sua afirmativa; não quiz desfazer essa ilusão, talvez pelo orgulho de poupar a um estranho a sua piedade pelas nossas dôres intimas e tristezas nacionaes.

Mas todas essas palavras acordaram razões adormecidas — o doloroso tema em que avulta a sangrenta indiferença, o isolamento a que a sociedade portugueza reduz os seus artistas e intelectuaes, faltando-lhes com estimulo e apoio, creando o vacuo da inteligencia onde flutua — com insensibilidades de fakir e inercias de cadaver — o pobre corpo do paiz.

E para que uma demasiada emoção não comprometesse a clareza do raciocinio, fui-me a tirar a prova de intimas meditações.

Vi Camilo de Castelo Branco, o maior genio da nossa literatura, velho, pobre, já rendido pela maior desgraça, — a desgraça dos seus olhos cegos — passar como um fantasma de si proprio, sem acordar a indiferença miseravel duma maioria de traficantes, e depois, já liberto pelo suicidio, passando no caixão, ante a mesma indiferença do paiz, que não ajoelhou, que não se descobriu, que nem estremeceu á passagem do gigante morto, a quem ainda hoje insulta a memoria com o mais gelado esquecimento.

Vi Antero de Quental, erguido como um bronze, sobre a alvissima cumeada da sua vida moral — mais do que um estranho poeta, sociologo e pensador — passar incomprehendido e infortunado, tambem a caminho do suicidio

e do esquecimento, enquanto uma *aristocracia burgueza* fazia a digestão...

Vi essa formidavel triologia composta por Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins, cujas qualidades literarias, criticas e de erudição me enchem de assombro, deslisar em plano secundario, enquanto uma minoria egoista e preguiçosa aproveita no seu rastro farrapos da sua sombra, e a grande massa do paiz ignora tão poderosa mentalidade.

Vi, enfim, sofrendo no mesmo destino, toda essa fila de tristes, neurastenicos, malqueridos, como Antonio Nobre, Cesario Verde, José Duro, Soares dos Reis, Silva Pinto, e tantos outros torturados, onde avultam os gloriosos espectros de Gomes Leal — o que antes de morrer, ainda viveu de esmolas, sofreu fome e dormiu na rua com os cães e os vadios — e Fialho d'Almeida, o que se recolheu á sua aldeia humilde e morreu crucificado em amarguras, deixando uma obra literaria monumental e legando a sua pequenina fortuna a casas de educação e aos pobres.

E' este o quadro de hontem, de tintas ainda frescas e sem exageros de côr. Para que se não suponha que os tempos mudaram, basta dois traços da vida actual: a morte do dr. Çosta Ferreira, tão honesto, tão cheio de valor e que, por desalento, se suicidou em Africa; e a agonia triste, serena, cheia de humilde orgulho, desse estoico e purissimo homem que se chamou Basilio Teles.

Em face deste libelo que os labios pronunciam a tremer, que a pena escreve de repelão, não haveria o direito de inquirir que especie de sociedade é esta onde dominam illetrados e audaciosos que não cançam de urdir esse perpetuo isolamento onde asfixiam e morrem espiritos superiores?!

Bem entendido, ninguem medianamente culto pode ter a pretensão de querer a sociedade apenas dirigida por escritores ou artistas, nem pode considerar a literatura ou qualquer modalidade da arte como unica ou principal expressão mental no grande concerto social do mundo.

Mas o que é licito é exigir que se não continue alimen-

tando o errado sistema que não permite o aproveitamento de todas as competencias, numa infinidade de aspectos da vida cultural, impedindo que a educação artistica e espiritual realise a sua inteira finalidade não só em questões de estetica ou de *arte pela arte*, como até em certos problemas sociaes.

Sempre que sobem em maré alta estas rumorosas queixas contra o abandono a que são votados os homens e cousas de valor mental, aparecem desmentidos e explicações capciosas.

A verdade é apenas uma e diz-nos que todos os regimes — desde os mais conservadores aos mais avançados — teem persistido no erro de não saber reconhecer e aproveitar, devidamente, as suas competencias, furtando-se a analisar serenamente a gravidade de tal questão.

Em boa logica, nestes ultimos cincoenta anos, a não ser o esfôrço e obra individual dalguns artistas e escritores, sempre tão mal compensados e comprehendidos, não se regista um sensivel movimento *determinado e refletido* ácerca da vida mental portugueza, ou incorporando as cousas de arte na sua utilissima função social.

Fez-se o centenario Camões, mas a figura do epico continua deturpada, exagerada para uns, ignorada para a maioria e, sobretudo, absolutamente por esclarecer o sentido artistico e filosofico do seu poema na nossa vida nacional.

Fez-se uma festa consagrando João de Deus, mas ignora-se-lhe o metodo escolar e a obra poetica; e as poucas escolas-modelo erguidas por mãos devotas, em honra do morto ilustre, estão em risco de fechar por falta de verba.

Fizeram-se festas ás grandes actrizes Virginia e Angela Pinto, presando nelas a mais alta expressão da arte dramatica nacional, mas extinctos os rumores da festa ninguem mais cuidou do teatro que caminha veloz para a derrocada, sem saber resistir á submersão mercantil.

Que fazem os Institutos e Escolas d'arte?! Que fazem os mestres catedraticos e os consagrados?! Que fazem as associações e as academias?!

A ultima, a unica manifestação de vitalidade de que demos noticia, foi o *serão dos poetas* da Academia das Sien-

cias, e, francamente, melhor fôra que, dispensando-se todo esse aparatoso e deslocado ambiente, antiquadissimo em arte e limitadissimo em utilidade, naquela instituição se cuidasse de viver bem dentro do *momento actual*, sentindo as questões artisticas e sociaes do nosso tempo. A supremacia da inteligencia — a unica supremacia toleravel — não se consegue com um decreto ministerial: mas, tambem, não dispensa aquela conjugação de esforços e entendimento de valores que, só por egoismo indecoroso ou preguiça inqualificavel, ainda não foram realisados em Portugal.

Julião Quintinha.

Dos novos livros

Parem lá de escrever, senhores!

Se ainda se faz literatura é porque as 25 letras do alfabeto se prestam a inumeras combinações de palavras, as quaes por sua vez se sujeitam a infinitas combinações de frases. E é lamentavel esta inaudita elasticidade do alfabeto! Não fosse ela, e nós veriamos se os prélos andariam continuamente a gemer, na aflictiva multiplicação de partos literarios que não acrescentam uma ideia nova, uma nota inédita de béleza, de pensamento ou de fórma ao himalaesco peculio acumulado nos milhões de prateleiras das bibliotecas de todo o mundo.

Nihil novi sub sole...

Eu não garanto que o proloquio latino esteja certo em relação a tudo quanto existe debaixo do sol — ou debaixo do solo, como já vi traduzido por um doutor literato pela Universidade de Filadelfia. Talvez que depois que o filosofo escreveu a sua sentença já tenham surgido inumeras novidades nos dominios das variadissimas artes, sciencias, profissões e oficios da humanidade, desde a aviação á arte de furtar, desde a culinaria á coreografia.

8

O vôo sem motor pode ser tão imprevisto como o *jazz-band*. Mas na literatura, senhores — por amôr de Deus! — não se cancem que não encontram nada novo. Os cilindros de zinco das rotativas são como os cilindros de pedra das estradas: andam ha seculos a moer o mesmo cascalho. Os conflictos e paixões da alma humana, para os romancistas, confinaram-se nas eternas 36 situações dramaticas de Polti. Não ha meio de lhes arrancar mais uma. A face do Cosmos, para os devaneios dos poetas, cristalisou n'uma rigidez de mumia. São sempre os mesmos soes, os mesmos perfumes, os mesmos crepusculos, as mesmas ondas, as mesmas flores. Nem sequer aparece um planeta novo, para que os vates merencoreos deixem de comparar os olhos das madamas com o sol ou com as estrelas... De sorte que, estando tudo prescrutado, devassado, interpretndo, espiolhado, os literatos de hoje já não encontram nada novo para dizer. Resta-lhes o recurso da *fórma*, do qual se socorrem para engendrar roupagens viradas, debaixo das quaes se descobrem sempre as mesmas ideias, como debaixo das indumentarias do Castelo Branco se descobrem sempre as mesmas coristas.

Sucedem-se os livros nas montras dos livreiros. Peguem no mais original de todos e descarnem-no. Depois deitem abaixo as prateleiras e confrontem. O pensamento mais profundo, o conceito mais brilhante, a imagem mais linda; em pergaminho ou em papel do Prado; em portuguez ou em chinez; em S. Lucas ou no Amador Arrais; em Nietzsche ou no José Daniel, do *Almocreve das Petas* — ela, a ideia, a frase, a imagem, a observação filosofica lá se encontrará alapardada e poeirenta, braza mortiça afogada em cinzas, que só espera que a assoprem para derramar luz e calor.

O cronista não está aqui a acusar ninguem de plagiario. Ninguem rouba. E' que está tudo escrito, e já não ha vida humana que chegue para ler tudo quanto ha de belo na mais pequena biblioteca do mundo.

Párem lá de escrever, senhores! Ou então escrevam pouco, pouquissimo, procurem condensar e criar, façam literatura como os perfumistas fazem perfumes, — meten-

do uma esmagadora tonelada de flores n'uma subiil, estonteante, quasi imponderavel gota de agua.

«Do meu ermo — Cartas» — de Gastão de Bettencourt

Não entendo como se intitula *do ermo* um livro que o autor destinou a dar a um amigo, em forma de cartas, noticias *do bulicio atordoador da capital*. Ele lá sabe.

Certo é que basta ler quatro paginas do *Meu ermo* para se descobrir um escritor prodigiosamente feliz. O sr. Gastão de Bettencourt não é ambicioso nem exigente. Põe a caneta a lavrar sobre o papel e tudo quanto d'ela lhe sae lhe cheira a *impressões de beleza*. A felicidade perfeita consiste em cada qual se contentar com o que tem. O sr. Bettencourt é feliz.

Na primeira carta, viaja de trem entre o Calhariz e Azeitão. A Natureza sorri-lhe, em volta. Ele descreve-a como se fosse o primeiro homem que tivesse a felicidade de a ver. E diz-nos miudamente que ao ruido do trem *as borboletas despertavam do seu letargo* e *as aves assustadas cortavam o ar*; extasia-se ante o *chilrear das avezinhas*; declara-se-nos ternamente consolado com o *perfume do bucho verdejante*, que não é afinal o bucho das sobreditas avesinhas, tambem conhecido pelo nome de moela, mas sim o «buxus sempervirens mana», muito usado entre nós nas bordaduras dos jardins; e quando *o sol ia a extinguir-se, quando farrapos vermelhos morriam pouco a pouco*, e quando *o crepusculo* tambem *pouco a pouco povoava a terra* de sonhos, ele, o poeta, numa infinita tristeza poz-se a recitar versos de Teixeira de Pascoaes.

O sr. Gastão de Bettencourt mete depois a sua foice na politica, com a mesma originalidade minhoca de observaçõer. *Este estado de coisas... os males que de longe veem... o paiz, soterrado nas ruinas da nacionalidade...* Exorcisma as novas ricas, indignadissimo contra os veludos caros e peles raras que elas envergam, e clama contra o Carnaval, *que é um can-can desostinado* (?), impudico e macabro. Aqui se nos afigura o escritor um

10

poucochinho eivado do mal da inveja. Mas logo se nos antolha d'uma generosidade de Cresus, cobrindo de bençãos e louvores uma caterva de pontos do seu conhecimento. Grande parte do livro é consagrado á critica literaria, e tambem á critica musical, revelando-nos o autor como um eximio manufaturador de argumentos de opera ao domicilio. Tem bons tropos contra os *delirios animalescos das danças inesteticas e sensuaes que o nosso seculo tem inventado* e contra os rapazes do seu tempo que falam em calão, leem a Colette e usam *paletot* efeminado — cuja moral acha de pasmar. Debita coisas profundas sobre instrução e educação (não confundir!), culpando a imprensa de não desfazer as nuvens de odios que se acastelam no nosso futuro propinquo (?), onde por vezes aparece a *risada escarnea de um raio sanguinio*. E tudo isto para concluir, afinal, que a falta de boa instrução é «o resultado funesto e fatal de não haverem mães como as entendia Madame Campun». Bons tempos esses, sr. Bettencourt! Em todo o caso eu creio que mães como as de madame Campan sempre as houveram e hão de haverem...

O sr. Gastão de Bettencourt hade ir longe. É um homem de largas vistas, observador e psicologo surprehendente. Tem conceitos originalissimos como este: «E' o actor que completa a obra do dramaturgo», e definições grandiloquentes como esta; «O pensar em excesso é consequencia fatalissima do desiquilibrio de nervos». Entende tambem o literato que o homem normal é aquele que não tem nervos, e que o homem superiormente inteligente é um ser anormal...

Perfeito...

Resta-nos fazer ardentes votos por que o sr. Gastão de Bettencourt, homem normalissimo, não cometa a imprudencia de pensar em excesso! Se o perdessemos, era uma desgraça para as letras...

«Ritual do Amor», de José Dias-Sancho

A ação d'esta novela passa-se num meio fruste. Os personagens, pseudo literatos decadentistas, tem trazido

11

por ahi as suas obras em bolandas, dos escaparates dos livreiros para o gabinete do governador civil.

Na novela de José Dias Sancho passam, sugestivamente postos em ridiculo, esses tristes *sujeis* lombrosianos; e um d'eles — a femea, safica e morfinomana — acaba tragicamente nas mãos nervosas do amante ludibriado.

Todo o assunto póde dar arte. Este deu-a na pena de José Dias Sancho, que é um escritor moço, forte, viril, sabendo escrever com brilho e possuindo a preciosa fibra da irreverencia. Mas não o louvo pela escolha do tema. Esses sujeitos aberrativos devem deixar-se para entretenimento dos psicopatas... e da policia sanitaria. O autor dos *Idolos de barro* póde gastar com melhores defuntos a cera das suas belas faculdades de escritor moderno.

«Divina», novela de Artur Portela

Artur Portela é moço e tem talento. A *Divina* não o consagra já como novelista, mas dá-nos o direito de fixar com simpatia o seu nome. Peca a novela pela ingenuidade da elfabulação, propria dos verdes anos do autor. Impõe-se, porém, pela elegancia da fórma, pela vivacidade e côr do descritivo e pelo vigor das situações dramaticas do conto.

Algumas paginas da *Divina* denunciam um escritor de rara sensibilidade. Os livreiros e o publico devem ir marcando um logar para Artur Portela.

«Brumas doiradas», versos de Palma Carlos

Versos lhe chama o autor, que ternamente dedica a obra a seus paes e nos ameaça para breve com o *Livro das prosas felizes*. Pois que ele venha, e sem demora, a ver se traduz em alegrias para o poeta a inebriante promessa do titulo.

N'este das *Brumas doiradas* o melhor que lobrigamos foi isto:

Quero agora ser grande e quero ser forte...
Sabes p'ra quê, Amôr?...
— Para te dar,

12

Por um só olhar
Dos teus olhos de luz e de fulgôr,
Tudo o que ambicionares
Tudo o que desejares,
— Embora isso mo dispute a Morte!—
E pedrarias,
E joias raras,
E rendas caras,
Todos os dias!

O poeta tem os paes vivos, e Deus lh'os conserve por muitos anos, para velarem pela conservação dos vinculos. Com semelhante tendencia para a prodigalidade, se não lhe acodem a tempo com uma interdição, o sr. Adelino Palma Carlos acaba a pedir esmola...

Nas 72 paginas d'esta brochura reuniu o sr. Moreira de Sá uma serie de artigos publicados em varios jornaes, cuja leitura se nos afigura muito interessante para os cultores e curiosos da divina arte da musica. O sr. Moreira de Sá garante o valor do livro pela sua autoridade na materia, pois é um dos nossos mais ilustres musicografos e um critico geralmente acatado com respeito pelos entendidos.

Rocha Junior.

CONTEMPORANEA

GRANDE
REVISTA
MENSAL

Vida Internacional

O que é o imperialismo — Nações imperialistas — O problema demografico europeu

Os leitores da *Revista Portugueza* são todos pessoas cultas e vezadas na tecnologia politica internacional. Sabem, pois, perfeitamente o que é o conjuncto de factos e tendencias da politica d'uma nação e mais ainda d'uma raça, a que é uso apôr-se a denominação um pouco generica de *imperialismo*.

Sabem tambem que esta politica e esta palavra, no sentido em que hoje se entendem, são de origem ingleza. Foi a Gran Bretanha que deu voga á politica imperialista — a politica d'uma estreita ligação militar, maritima e economica entre a metropole e as comunidades politicas d'ela derivadas e que constituem, por esse vasto globo, os magnificos dominios de *John Bull*.

Mais ou menos todos os grandes estados modernos tem sido imperialistas. Uma vehemente necessidade de expansão e o estreitamento de intensas relações comerciaes com as possessões extra-metropolitanas caracterisou a politica europeia da segunda metade do seculo XIX.

A França possue um grande imperio colonial a que a monarchia de Julho deu a possessão mais valiosa: a Argelia. E, no mapa, as côres francezas ocupam a maior parte da Africa Central, o Camarão, o Congo, Madagascar, o Tonkin, etc.

A Inglaterra domina os mares e a maior parte do globo: o Canadá, a Guyana, a Costa do Ouro, a Nigeria, uma extensissima região do Continente negro, que começa no Egypto dos Pharaós e termina no Cabo da Boa Esperança, a Mesopotamia, a India, a Australia, a Nova Zelandia, etc.

A Italia, nação cheia de vida, com uma população cres-

14

cente, impossivel de conter no territorio pobre e gasto da metropole, creou já um imperio na Africa septemtrional, com a Tripolitana, a Somalilandia e a Erithreia.

A Alemanha, que se fez grande nação quando já o globo estava repartido pelos grandes povos, teve que obter por compra, cedencia ou tratado alguns pedaços da Africa e da Oceania, que a guerra fez acrescentar ao magnifico imperio de *John Bull.*

A Russia, no tempo dos Czares, fôra alargando as suas fronteiras na Asia, onde se chocou com o imperialismo niponico. Os Estados Unidos alargaram notavelmente a sua influencia, não só na America, mas em todo o mundo e a *Star Spangled Banner* fluctua no extensissimo territorio da União e em dois archipelagos ricos do Pacifico.

Tudo isto é velho relho pàra os leitores da *Revista Portugueza.* Parece-me todavia importante recorda-lo á guisa de prologo dos comentarios que se seguem.

A guerra destruiu muitas ambições e anulou d'uma forma quasi fulminante obras realisadas pacientemente, ao cabo de muitos anos e até de muitos seculos.

O que deixou de pé foram as paixões nacionalistas exacerbadas, uma grande ancia de desforra e em todos os grandes estados vencedores, em todas as nações que são os proceres, os primazes da politica mundial, uma grande ambição imperialista.

E' claro que todas as nações que constituiram o bloco aliado, foram para a guerra com o nobre e levantado proposito de combater o imperialismo alemão e desagravar o Direito, a Liberdade e a Justiça. E Deus Nosso Senhor me livre de duvidar de tão cavalheirescos intuitos...

Mas, mesmo acreditando na sinceridade do lema aposto ás signas da guerra das nações aliadas, seja-me licito observar que outros imperialismos coexistiam com o imperialismo tudesco. E' certo que este se fazia sentir poderosamente sobretudo no mundo economico, mercê da densidade de população teutonica, da sua perfeita orga-

nisação do trabalho e do seu esplendido petrechal de produção.

Mas (desculpem a frequencia das adversativas...), não falando já do imperialismo *yankee*, o poderoso imperialismo dos *trusts* e dos seus *dollars*, e o imperialismo moscovita — havia e ha um imperialismo mais vasto, mais extenso e mais infuente em todo o mundo : o magnifico imperialismo britanico.

A Alemanha é uma nação continental, apertada entre fronteiras que não poderiam facilmente alargar-se. A sua influencia militarista e politica por muito intensa que fôse, tinha que ser forçosamente limitada, pouco extensa.

A Gran-Bretanha é uma nação insular e maritima, que domina os oceanos e portanto todas as vias de comunicação internacionaes. E' abrir o mapa e vêr-se-ha, n'um simples lance de olhos, que em todos os mares a Inglaterra tem posições seguras, suas ou de algum aliado que terá de lh'as ceder muito complacentemente, á primeira requisição do *Foreign Office*...

Mas... ha mais e melhor : os mares intercontinentaes, que são, naturalmente, o meio mais facil e mais usado de comunicações comerciaes, estão na posse da Inglaterra. O Mediterraneo, o *Mare nostrum*, o mar latino, pertence-lhe, pois as chaves das duas entradas — Gibraltar e Suez — se encontram em poder da Gran-Bretanha. O Mar Vermelho, a via de comunicação para o Oriente asiatico, é tambem um grande lago inglez, cujas aberturas — Suez e Aden — a Inglaterra conserva ciosamente.

A Europa latina bateu-se heroicamente, sacrificando a flor da sua mocidade nos campos varridos pela metralha. O resultado do seu sacrificio foi, porém, tal, que parece ter-se batido apenas para que a Gran-Bretanha conserve muito seguras na sua mão as portas do *Mare Nostrum*, o formoso mar latino, e para que pudesse montar um posto de sentineia em Galipoli, á entrada do Mar Negro...

Estou-me distanciando, sem querer, do ponto que me propunha versar n'esta ligeira cronica.

Depois da guerra, os estados imperialistas continuarão

16

a seguir a mesma politica de expansão e grandeza? Sem duvida.

Resta saber se o poderão fazer. A Alemanha e a Russia estão momentaneamente postas de lado. E as outras potencias?

A Inglaterra mantem o seu logar de nação primaz no globo, embora além-Atlantico esteja avultando o poder rival, a impante republica *yankee*. A França é actualmente a primeira potencia politica do continente europeu.

E poderá se-lo por muito tempo? E' de crer que não. O imperialismo é uma função da população e a população franceza decresce pavorosamente.

O *Journal Officel* dá sobre o movimento populacional francez numeros que podem reduzir-se ao seguinte mapa:

	Casamentos	Div.	Nados vivos	Nados mortos	Falecimentos	Exced. nasci.
1921 —	456.221	32.557	813.396	37.809	696.373	117.023
1922 —	383.220	27.684	759.846	34.854	689.257	60.589

Estes algarismos são terrivelmente eloquentes e denunciam a gravidade que atingiu a ruina demografica franceza.

E' verdade que a França perdeu na guerra cerca de 1.500.000 homens, que seriam, por hypotese, outros tantos chefes de familia. Os outros paizes, porém, estão-se refazendo das perdas humanas sofridas.

A Alemanha recuperou em 1921 a sua natalidade de 700.000 nascimentos. A Italia, que em 1918 tinha um *deficit* formidavel de 510.000 nascimentos, conta já o *superavit* magnifico de 450.000 nados vivos. A Inglaterra está-se aproximando tambem da sua natalidade de antes da guerra: 390.000 nascimentos de excesso em 1921 e 293.000 em 1922.

Os paizes de natalidade copiosa vão ocupando o mundo e vão-se tornando senhores da riqueza economica do globo. A Alemanha está refazendo o seu instrumental de trabalho com tal ancia, que a industria germanica produz já mais que a franceza e que a Ingleza. Além d'isso os seus filhos estão invadindo as nações vencedoras, como

engenheiros, como caixeiros, etc. Pode dizer-se que na Europa meridional, exceptuada talvez a França, não ha nenhuma grande instalação industrial que não tenha cooperação alemã a trabalhar na sua montagem e funcionamento.

A Italia tem um tal excesso de população que está povoando a margem norte do Adriatico e os paizes da Afritico e os paizes da Africa septentrional, não só a Tripolitana, mas o Egypto e a Tunisia, a Argelia e Marrocos.

O sr. *Rufo Ruffo* publicou no *Il Popolo Nuovo*, orgão do partido popular italiano, um largo programa de reforma constitucional do Estado. N'esse programa diz o sr. Ruffo que a Tunisia, separada da Sicilia por poucas horas de navegação, é o apendice demografico da Italia. E salientando o trabalho italiano n'aquella possessão franceza, declara que na zona franceza da Africa mediterranica vivem 150.000 italianos, além de 50.000 que existem no Egypto.

Quid inde? — perguntará o leitor.

Inde..., como o imperialismo é função da população, infere-se sem grande esforço que a França não poderá conservar por muito tempo a supremacia no continente europeu.

E parece-me que não é pouco. Talvez o artigo haja saido um pouco extenso, mas, salvo melhor juizo, o assunto versado não é desinteressante e os leitores da *Revista Portugueza* poderão comprehender assim que as transformações que o mundo vae tendo desde o termo da guerra serão maiores e mais importantes do que á primeira vista poderá parecer.

Correia Marques.

A "Revista Portuguesa,, começará a publicar brevemente artigos sobre o movimento artistico e litterario do Porto e entrevistas com artistas e escriptores da mesma cidade

Musica

Paul Kochanski em Lisboa

A musica é o rythmo, isto é, toda a metaphysica. Affirmou-o, e bem. Camille Mauclair descrevendo-nos as estranhas perfurbações do seu espirito, as viagens que a sua illusão faz, quando os sentidos se lhe adormentam no encanto suave de ouvir musica.

Ouvir musica. Ora aqui está uma phrase que a muitos parecerá de significado banal e ôco.

Entretanto, ouvir musica é... sonhar; é dar o braço á illusão e... voar; é soffrer; é... amar...

E' preciso não confundirmos. Ha *musica* e... musica. Dois polos distantes, entre os quaes existe um mundo.

Assim como ha virtuosis e interpretes. Entre nós confunde-se virtuosi com interprete e, todavia, entre elles existe um obstaculo immenso. Um, o primeiro, está no sopé do monte, não o poderá subir jámais; o outro está no cume, olhando, de cabeça descoberta, o ceu azul.

Eu prefiro o interprete ao virtuosi. Que me importa a mim que o executante não tenha dado mathematicamente todes as notas que o compositor escreveu, se elle lhe deu toda a maxima belleaa, se as encheu com a expressão intima da sua alma, lhe deu a luz da sua emoção?

Não é a Belleza maxima que eu procuro?

E' por isso que eu detesto certos artistas (?) machinas, que executam as obras — *muito limpinhas* —, sem alterar uma só nota, n'um aprumo metódico, por assim dizer, marcial.

Eu quero, ao escutar, num mutismo religioso qualquer obra, sentir a alma envolta na illusão, a dar-me a sensação de que passa por mim a alegria ou a dôr, a esperança ou o desalento, o desespero ou a resignação d'aquelle que num momento de desabafo a creou. Porque a *Arte* é e será sempre e antes de tudo uma sublime, uma enternecedora lição de sinceridade. Escreveu-o quem para isso tinha competencia.

Ora Paulo Kochascki é, indubitavelmente, um interprete. E n'isto está, para nós, o seu melhor elogio.

Tão longe nos levou a sua Arte...

Plutarco lembra-nos o celebre pensamento de Aristotetes que nos diz que a musica é celeste e a sua natureza divina é cheia de uma belleza que faz sonhar a alma e a eleva acima da sua propria condição.

E de facto, que sentimos nós nesse ambiente religioso de S. Carlos, nas duas noites de Belleza em que o sr. Kochanski nos fez vibrar nas mais deliciosas emoções?

Desde os classicos, como o grandioso Bach, Vivaldi e Tartini, até aos modernos, como esses extraordinarios temperamentos da escola russa, como Ozymanowski e Wieniawski, Kochanski soube a todos dar a interpretação que melhor agradaria á nossa sensibilidade, sempre apta a viver os momentos unicos das grandes almas.

De uma tecnica moderna, de uma pureza de estylo absolutamente nova, não houve difficuldades que não vencesse facilmente, não houve paginas que elle não iluminasse com uma luz interior, a luz das almas eleitas.

Sempre que falo em modernismo vêem-me ao pensamento algumas acertadas, — ou muito acertadas — palavras de Joachim Nim, em um dos seus bellos livros.

... «qu'entend-on par «vieille musique?...» L'art ne vieillit pas, il évolue, il se mauifeste sous des aspects multiples et infiniment variés, qui se complétent toujours, mais qui ne «passent» jamais. La vraie Beauté n'est pas un objet, un meuble qui exige de restaurations périodiqués; elle est immuable, éternelle...»

E o sr. Kochanski provou bem á evidencia que na verdadeira Belleza sorri sempre, eternamente, a luz de uma perpetua primavera.

Ao escuta-lo, logo aos primeiros accordes, dá-se esse extranho phenomeno, esse milagre de sentirmos a alma voar para longe e de nos isolarmos num ambiente onde a bemdita illusão nos vem, com seu andar flexuoso e aliciador, com seu cantar perturbador de sereia tomar pela mão e encaminhar-nos num vôo em direitura ao Infinito.

Parece que nos embalsama o halito delicado das rosas, que tambem é musica divina; dos cravos, que tambem é

anceio constante; das orchideas, que tambem é requinte extremo.

Eis no que consiste o immenso, o invulgar valor do notavel violinista russo, que veiu escrever na nossa alma essa palavra luminosa, essa palavra que é a prece constante em tantos espiritos ardendo em Desejo — *Belleza!*

Gastão de Bettencourt.

A Camara Municipal e os concertos populares — O concerto sinfonico de Ruy Coelho

É tão raro no nosso paiz alguem cuidar com interesse de qualquer problema musical, que desejo arquivar nas columnas d'esta *revista* a louvavel proposta apresentada na Camara Municipal pelo sr. Alexandre Ferreira.

E' concebida nos seguintes termos:

«Considerando que a musica é um factor enorme para a educação geral; considerando que existem em Lisboa varias bandas de musica, explendidos agrupamentos musicaes e muito principalmente a grande banda do Comando Geral da Guarda Republicana, que é hoje considerada uma das principaes da peninsula; considerando ainda que a Camara Municipal tem o dever moral de contribuir para a educação dos seus municipes, impulsionando os varios factores educativos, principalmente os que possam actuar mais directamente nas massas populares.

Tenho a honra de propor:

1.º — Que esta Camara intervenha junto dos Ex.mos Srs. Ministros do Interior, Guerra e de Marinha, para que as bandas da guarnição de Lisboa intensifiquem os concertos populares de forma a tornarem-se frequentes e em varios pontos da cidade;

2.º — Que a repartição competente estude urgentemente um plano, não só de alargamento dos coretos existentes, como tambem a construcção de novos, principalmente nas partes ajardinadas dos bairros populares.»

Tenho quasi a certeza que esta ideia altamente simpatica do sr. Alexandre Ferreira ha-de ter a mesma sorte dos *orfeons militares* nos quarteis com canticos patrioticos, dos quaes já ninguem se recorda!

O sr. Alexandre Ferreira tem uma ideia nitida da educação popular, sob o ponto de vista estetico, atravez da arte dos sons.

Tenho-me dedicado n'este sentido, principalmente a fazer nascer nas classes operarias o amor pela musica. N'esta orientação educativa para começo existe uma forma importante: a divulgação biografica dos compositores, executados. passando-se depois para a propaganda por meio da conferencia, feita esta sem arrebiques de linguagem, mas sob uma forma simples, clara, para que todos possam compreender, fezendo salientar as pagínas das vidas dos musicos que melhor se prendam com a genesis da obra.

Nos fins d'este anno, lançarei a publico uma pequena *revista*, sobre tudo *biografica*. que possa ser lida com a maxima facilidade pelas classes menos cultas.

Desejo que o povo quando ouvir uma *sinfonia* de Beethoven, uma *marcha* de Meyerbeer, uns bailados de Saint-Saens, um *poema symphonico* de Korsakow, e qualquer obra de um artista portuguez, conheça a vida d'esse auctor, o que se torna, como se sabe, uma boa occasião para penetrar melhor no pensamento da obra executada. Por exemplo. quando o povo ouvir a *Phantastica*, de Berlioz, e souber que esta peça representa um drama de amor do auctor, não a ouvirá com muito maior interesse?

Ora, nos concertos por bandas militares, em que pensa o sr. Alexandre Ferreira, ha a estudar tres pontos importantes:

1.º — As nossas bandas militares necessitam de uma reforma na escolha dos artistas. A banda do Comando Geral da Guarda Republicana, bellamente dirigida pelo *maestro* Fernandes Fão, absorve os melhores musicos e d'esta forma os outros grupos musicaes encontram-se mal organizados para poderem tocar obras, que eu entendo deverão ser ouvidas pela massa popular. Por isso deixem em cada banda algumas figuras boas, a fim de ficarem grupos com um certo equilibrio e não como se encontram actualmente.

2.º — O reportorio de obras sem valor e sem nenhuma elevação estética deverão ser banidas das bandas militares. O povo não se educa com marchas insignificantes, com valsas, polcas, com tangos, etc.

Sobre a orientação de programmas, o *maestro* Fernan-

22

des Fão, que é um artista intelligente, possue um reportorio magnifico e escolhido com um alto poder de beleza. As musicas classicas, as modernas, de todas as escolas, são executadas a primor.

Os outros chefes de banda teem apenas a seguir o que o *maestro* Fão faz na sua banda.

3.º — N'esses concertos populares os programmas deverão ter pequenas notas, rapidos apontamentos sobre os auctores e obras executadas. Pensamentos musicaes, sobre tudo aqueles que tenham em mira a educação, etc.

Emquanto ao alargamento dos coretos é um caso urgente. Mesmo porque quando elles tiverem as classicas dimensões poder-se-hão organisar tambem varios concertos com as nossas orchestras.

O sr. Alexandre Ferreira, com todo o amor á musica em prol do povo, decerto pode pensar em tudo isto. Estes são os primeiros passos para outros horizontes mais vastos, sobre os quaes fallarei quando fôr necessario.

Com diminuta concorrencia reelisou-se no domingo passado no teatro Politeama um concerto sinfonico com obras do nosso compositor Ruy Coelho, e sob a direcção do auctor. Como se trateva de um artista nacional, o publico entendeu brilhar pela sua ausencia. Não nos devemos admirar, e estamos certos que o sr. Ruy Coelho não deveria extranhar um tal procedimento, pois conhece bem o publico portuguez.

Deve ter ficado satisfeito o sr. Ruy Coelho, pois foi deveras ovacionado, e a pouca gente que ouviu as suas obras soube compreender o seu valor, aplaudindo-as com entusiasmo.

Ruy Coelho, no nosso meio musical, é uma figura bem curiosa. Grande batalhador, luctando sempre com a onda da má vontade que tem havido ao seu talento, pelo seu trabalho tem saido vencedor, combate devéras renhido por vezes.

O programma agora ouvido, teve numeros de valor, tendo revelado grandes progressos na sua feitura orquestral.

Para não falar em todas as obras, já conhecidas, apon-

tarei o *Milagre das rosas* e a *Suite rustica*, paginas de um perfume encantador, a que o ilustre violinista René Bohet, imprimiu toda a sua alma de grande artista.

Ruy Coelho é dos poucos compositores portuguezes que sabe compreender com elevação estética as meiodias do nosso povo, estylisando-as com talento.

Sob o ponto de vista artistico, Ruy Coelho deve ter ficado satjsfeito com este concerto. Em Portugal a sua obra ainda não alcançou o logar devido. No estrangeiro haverá publico que o saberá apreciar.

Alfredo Pinto (Sacavem).

Revista das revistas

«Bysancio» = revista coimbrã = N.os 1 e 2

Certo escriptor lisboeta, muito em voga entre o madamismo literario e os esbeltos mocinhos que se entregam a pérfidas sugestões, dês que tivesse de falar acerca desta revista coimbrã, principiaria logo por afirmar que a sua leitura a fizera á luz de duas velas de cera vermelha, emquanto ia saboreando loiro mel em colherinhas de prata. E proseguindo sempre neste teor — o seu estilo é tão facil, de tão pobre confecção que, o humilimo auctor destas linhas, se para isso dispuzesse de tempo, seria capaz de com o dito estilo escrever quinze grossos volnmes! — o escriptor em questão diria tambem que o titulo *Bysancio* se lhe afigurava um raro achado pelas morbidas delicias que fazia antegostar... e pela refinada mentira que em si alberga. Mentira? perguntarão surprezos os leitores? Pois é claro! então os srs. acham possivel que, em plena Beira, moços robustos e naturalmente espirrando saude, moços que, é mais do que certo, lá no intimo são virgilianamente latinos! os srs. acham possivel que esses moços estudantes possam acreditar a sério em que a arte futura deverá ser a continuação, ou o espelho se quize-

24

rem, da decadencia romana no Oriente? Bysancio supõe requintes de sentimentalidade que não são para a nossa estructura mental, nem tampouco para o nosso tempo — todo ele de resurreição nacional, de regresso ás fontes cantantes e claras do Latinismo. Bysancio é uma superfectação, é uma escorrencia; representa os ultimos escorralhos da mentalidade romana e, a coberto do seu nome pomposo, andavam as miserias profundas, as decadencias mentaes, a amoralidade e deliquescencia em que se afundára um grande povo. Bysancio não representa para nós coisa alguma de bello e immarcessivel: a significação que lhe anda ligada é a d'um anoitecer entre devassidões incontaveis: é a da Arte fóra da vida e pretendendo esconder esta, por incorrecta. Bysancio evoca podridões, crueldades, mentiras, rebeldias, amolecimentos cerebraes, melancolias, sexos exasperados. Bem sei que Bysancio não foi sempre tudo isto; a verdade porém é que o foi bastante tempo, que a maioria apenas a conhece pelo seu lado peor, e que é esse mesmo o sentido que lhe ligam os moços da revista em referencia: para d'isso nos certificarmos bastará ler as palavras d'introducção que lá veem firmadas pelo sr. Alexandre d'Aragão, bem como as prosas e versos dos varios colaboradores espalhados pelos numeros de março e abril. E' um caso triste que nesta altura da vida ainda haja quem abunde em teorias que fizeram a sua epoca e as quaes para nossa desgraça eram tudo quanto ha de mais inconsistente: ha ainda quem como o sr. Aragão escreva coisas como estas:

e como um impoluivel sacerdocio, com uma obstinação de predestinados, nós devemos hoje acolher a Arte, cada vez apanagio de menos escolhidos, nivelando a Vida por ela mesma.

Transição dum mundo para outro mundo no logar e no tempo, possuiudo na sua estructura a agregação movediça da propria evolução, mais do que as fórmas simples e claras da arte grega, ela tem na sua plenitude o brilho d'uma negra coruscancia, uma resonancia misteriosa...

E' que em todo o seu sazonamento se ha impetos de novos credos cristãos, existem tambem estertores e deliquios, florações que ao morrerem emitiam o ultimo e supremo reverbero, afloravam o accorde mais recondito.

25

Na sua epoca ha o derruir dos primeiros templos e com ele as primeiras saudades e oblivios...

Etc., etc.: o que nos vale é que a Academia coimbrã está longe de tomar a sério estes novos estetas, sacerdotes impolutos que numa predestinação obstinada querem fazer a Arte razão unica de si propria, moldando até a vida por ela, dando-lhe coruscancias escuras, sons misteriosos de gongo nas reuniões secretas aonde, hieraticos e saudosos, se bonzificam e paturejam. Não: os academicos coimbrães teem mais que fazer do que tomar a serio esta velharia caduca... Tambem é o que nos vale! E bem lá no intimo hão de lamentar que moços aonde sem difficuldade se podem vislumbrar scentelhas de real talento se entreguem a chinezices, a inulidades, e esqueçam propositadamente que a epoca é para quem trabalha e tem um alto fim a conseguir na resurreição da patria — não para quem rima ou prosifica inutilidades sobre hetairas e mortas ilusões!

Se o leitor está bem disposto vamos lá a apresentar-lhe alguns dos bysantinos... Que isto emfim é apenas um pretexto para conversarmos!...

Temos em primeiro logar neste numero 1 o sr. João d'Almeida, o qual, falando-nos, é claro, d'uma bisantina qualquer das suas relações, nos diz todo lampeiro e concho:

Já, esbeltos festões loiros de ventura,
Meus braços se desmaiam por cingir.

A primeira coisa que os bisantinos deveriam aprender, na minha humilde opinião, era a medir versos, porque o primeiro da citação está erradissimo. Mas isto. emfim, são caturrices desculpaveis em quem como eu já está meio velho. Prosigamos:

Já numa ofrenda erguidos, casta e pura,
Meus seios são dois cachos por abrir,
E os meus quadris são pela ideal candura
Mãos sobre o anho timido a dormir.

Ah, seu grande brejeiro! Com que então... Mas, aqui muito á puridade, ó amigo Almeida: que temos nós com as têtas da bisantina? Depois. que diabo, sejamos logi-

26

cos! não me parecem lá muito *erguidos;* um cacho nunca se apresenta erguido mas sim caido: só se a bisantina é alguma vacca. Alem d'isso, temos a notar que um cacho — um cacho, ó amigo Almeida! — nunca lembrou na vida um seio! Eu que sou apaixonado por coisas agricolas posso afirmar a vossoria que os cachos possuem quatro fórmas: cónica, cilindrica, alada e ramosa ou esgalhada. E' alguma d'estas que apresenta o seio da pequena? Pois muito bom proveito!... E, fazendo notar tambem ao sr. Almeida que aquela coisa dos quadris lembrarem mãos, nos evoca a estranha opinião d'aquelle pandego que dizia lembrar-lhe a cabeça a torre dos piolhos, passemos a outra freguezia.

Vem a seguir o sr. Luiz Veiga com a sua «*Themis, flôr branca d'alabastro*». Themis era em tempos helenicos a deusa da justiça; no conto do sr. Veiga é porém uma bisantina, *rainha de harens e de perolas*, na frase do mesmo sr. e que estava amigada com o sultão Mêna... Mêna? Oh diabo! eu já vi este nome... Espera: era juiz em Cabeceiras de Basto, se não estou em erro: o que eu não sabia é que o figurão tinha serralho! Ah, seu brejeiro! Bem diz o Alberto Diniz da Fonseca: a monogamia em Portugal não existe! e a prova está neste frascario deste Mêna que mandava comprar pequenotas aos mercadores de Thyro... Mas, emfim, voltando á vacca fria, aqui temos nós a Themis — como diria o Fialho. A qual favorita não gosta do Mêna apesar das perolas, dos banquetes de Lucullo, e dos imensos tesoiros que o baboso vegete lhe dá: a bisantina anceia por lhe fazer presente do sceptro dos chéschés carnavalescos, eis tudo! E para isso passeia pela floresta, onde ha um *lago sereno, nostalgico,* numa *hora de saudades e hossanas*. E adormece. E tem sonhos voluptuosos. Acorda, e verifica afinal que tem junto de si, ás beijocas, mal imaginam os leitores quem? o sultão, o juiz, o Mêna frascario de Cabeceiras de Basto!... Ora o grande malandro! Deixa estar que eu t'arranjo! Quem ha de saber tudo é a tua sogra, meu libidonoso de terras minhotas! Ora o frascario do juiz Mêna a atirar-se á pequena!...

O caso porém é que um dia a bisantina morreu á beira

do lago, quando andava á procura d'um mancebo loiro. Mas, ó leiror, que temos nos com a Themis e com o loiro mancebo? Ála pará outra freguezia.

Temos agora *O homem que sonhou*, prosa do sr. C. Trata-se d'uma promessa de talento, d'um trecho rasoavelmente bem escrito, sendo pena simplesmente que mais não represente do que uma simples dispersão d'energia por episodio que a não merecia de modo algum. Depois temos *A Hetaira*, versos em que o sr. Alexandre d'Aragão, pelos modos arraes da naviarra *Bysancio*, canta em ruins versos uma pécora qualquer. Ha nesse trecho versificado coisas como estas:

Aspira o môrno amplexo dos meus braços,
Como o viandante estivo anela a fronde
Quem os da propria esposa sente escassos.

Em mim o efebo loiro o alivio esconde,
Buscando a imagem a que não s'exime,
D'aquela que aos seus votos não responde.

O pecado de dar-me não m'oprime,
Que outra ventura a vida me não trouxe...
Sou bela e esta beleza me redime.

Etc., etc., etc. e tal e coisas neste desarmonico teor ás duas por três, a gente pergunta se o sr. Aragão nos não quiz impingir a velha historia do rato que róe o cebo que unta a corda, que puxa o barco, que leva o vinho á Ribeira Nova. Um pandego este sr. Aragão que até afirma ser fatal Corintho subverter-se em pranto no dia em que morrer a sua hetaira! Realmente a morte da pécora seria uma perda nacional!... O que esta *Bysancio* me saiu foi uma grande galdéria: além da Themis, amigada com o Mêna — ora o raio do frascario de Cabeceiras! — e da hetaira do sr. Alexandre de Aragão, temos tambem o sr. Vasco Santa Rita com o seu *Jardim d'Ilusões* e passeando a sua alma por alamedas aonde choram estatuas de efebos loiros e de ninfas que pedem beijos — grandes brejeirotas!... Aparece a ilusão que faz um gesto oferecendo os seios — mas então nós somos alguns vitelos, ó sr. Santa Rita? — e ahi temos nós um dialogo entre o aludido sr. e a dita desavergonhada cavalheira, dialogo muito parvi-

28

vinho, muito choradinho, muito despidinho e imbecilsinho, coitadinho! A Ilusão por negaças varias ao sr. Santa Rita, promete-lhe mundos e fundos e por fim a alma do mesmo sr. zás! *cae desamparada*, exclamando, «emquanto a agua que cae nos lagos compõe sinfonias nostalgicas»

— *Eu morro! não posso mais...*

E nós tambem não!... Toca a buscar *algo de nuevo*. O sr. Victorino Nemesio, o qual se me não engano foi jornalista aqui em Lisbsa, e aqui publicou prosas varias que o não envergonham, disserta a proposito de nada e consegue fazer-se lêr sem enfadar. E disse. Vamos lá ao n.º 2 da *Bysancio*.

Temos a abrir um soneto sofrivel do sr. João d'Almeida, ingenuo e não despido de graça e leveza. Depois um *Dialogo dos Cegos*, do sr, M. C., prosa aceitavel e com o seu quê de verdade, de acção; o sr. Luiz Veiga, o da Themis e do Mêna, sultão, — raio! não me sae da imaginação o diabo do homem! — fala-nos com singeleza da Senhora da Lapa. O sr. José de Medeiros Tavares soneteia acerca das *Andorinhas* e sae-se com esta:

Como elas voam para o Ceu distante...
Ó Deus, dai-me a alegria triumphante,
Faz-rme andorinha e deixa-me partir

... Estes bisantinos são decadentes em tudo: até na grammatica! *Daí-me, faz-me* e *deixa-me*, tudo dirigido ao mesmo interpelado! Tratamento de tuteação e de *politesse*... que grandes pandegos! E para mais pedindo a Deus uma asneira!... Então o sr. Medeiros tão novinho, ainda no terceiro anno de leis e já quer ir p'ró ceu? Homem: ao menos acabe o curso!

O sr. José Regio colabora duplamente: em prosa e em verso. A *Canção do Regresso*, maus versos: a *Ultima pagina*, réles prosa cheia de blasfemia. Cebo para estes bysantinos! para estas miserias do sr. José Regio não valia a pena estar a incomodar do somno poeirento a derrocada Bysancio! O que nos vale são as quadras do sr. Angelo Cesar, *Versos da Pobreza*, simples, ingenuos, não desprovidos de harmonia e de graciosidade. Depois...

depois mais nada. Disse!... E aproveitando a occasião, vou escrever á sogra do sultão de Cabeceiras de Basto. Patife! hei-de-lhe arranjar um bodo de pancadaria lá em casa que lhe ha de ficar d'escarmento!

... Vou escrever á sogra do Dr. Mêna!...

Alvaro Maia.

Exposições de Arte

Ensinamentos que a critica colheu através as ultimas manifestações da arte moderna

Por mais ingénuo ou complicado, acertado ou injusto, o pensamento produzido pela contemplação duma obra de arte é essencialmente de critica — a critica é, portanto, a consequencia imediata de qualquer produção artistica. No dia em que o primeiro artista conseguiu arrancar ao esteta um grito de admiração ou repulsa, de enfado ou de alegria — nesse dia nasceu a critica. O espirito de critica é tam velho como a arte. E se quizessemos fazer paradoxos, poderiamos dizer que o espirito critico do proprio artista é o criador da sua arte.

E' o gosto, o pensamento de beleza, a aspiração do belo que guia as producões da arte num determinado senido, num certo caminho que, em relação ao artista, é os caminho da maxima beleza. O artista é talvez o primeiro critico porque o espirito de critica pela sua exigencia ilimitada de perfeição, é um espirito essencialmente criador.

Criticar tambem é criar.

A ambição do artista é produzir no publico emoções tão fortes como as dele. A obra de arte nasce de dois sentimentos que se confundem voluptuosamente na alma do homem — o sentimento criador e o sentimento de critica. O primeiro produz na mente do artista a obra, no que ela tem de mais diafano e impalpavel — a essencia; o segundo dá-lhe a forma plastica. Um cria, outro modela. Um é a intenção, outro, a realização.

30

Ha obras que vivem mais da intenção do que da forma. Estas são em regra mais puras, falando-nos ao sentimento, ao coração. Outras vivem quasi exclusivamente da forma; essas deslumbram-nos e não nos comovem, atordoam-nos e não nos emocionam. Numas predomina o espirito criador, noutras o espirito da critica.

O espirito de critica é o que busca, procura para o espirito criador, para emoção profunda e inicial, as formas materiais mais adaptaveis á obra que se pensou. A emoção artistica que dá vida intensa a uma obra de arte nunca seria transmitida se o espirito de critica não o tornasse, pela linha, côr, som ou fórma, acessivel ao publico.

O melhor artista deve ser tambem o melhor critico. O melhor artista será aquele que possua perfeitamente equilibradas as faculdades de criação e critica, — aquele que souber ajustar a melhor fórma á melhor ideia.

Mas como os homens não são perfeitos e a perfeição sempre foi, é e será apenas uma aspiração, um ideal, sucede que os artistas ou são demasiado emotivos e pouco realizadores, ou demasiado criticos e pouco emotivos.

O espirito de critica é comum a todos os homens.

Cada um visiona, á sua maneira, uma vida ideal.

Aquele que põe numa tela, servindo-se da côr, num cartão, utilisando-se dum lapis, ou num livro, manejando a palavra, uma emoção — é um artista.

Aquele que em presença duma obra que não lhe pertenque, se comove, se emociona — é um estefa.

Aquele que opõe á obra alheia, ás emoções dos outros, ás obras que o seu semelhante pensa e executa, a sua emoção, o seu ideal de perfeição — é um critico.

Evolucionando através dos tempos até aos nossos dias, a critica foi tomando pouco a pouco a forma, acabando por obedecer á moral e ás doutrinas filosoficas da sua época.

A nós, integrados na vida moderna, convem-nos olhar, examinar de preferencia as tendencias da critica nos ultimos anos.

Estamos em presença de dois generos de critica opos-

tos, que tenazmente se combatem. Um é o que acompanha a arte que caracterizou a ultima metade do seculo XIX e principios do seculo em que vivemos: é o que baseando-se nas teorias realistas, secas, aridas já para o espiritualismo renascente que presentemente defendemos e sentimos, evige do artista a copia exacta da Natureza. O outro é o que tende agora a triumfar. E' o que tendo absorvido do realismo o que ele tem de mais util — o espirito de observação — não se limitou á copia da Natureza e deu ao artista a liberdade de interpreta-la a seu bel-prazer.

A critica de ha cincoenta anos não curava de saber dos sentimentos, da sensibilidade do artista: exigia-lhe apenas a semelhança maxima do artificio, da producção artistica á realidade, á Naturesa que o cercava. O melhor artista era então o que melhor imitava. O ideal era a copia perfeita.

A critica de hoje, para andar a par da sua época, das exigencias que o moderno umbiente em que vivemos criou, tem de examinar cuidadosamente quais são as tendencias da arte que soube integrar-se nessa época.

Assim, a critica hoje apurou que a arte tende a individualisar-se, em harmonia com as aspirações de liberdade e independencia que caracterizam o individuo do presente.

A critica moderna exige do artista, a libertação de todas as tutelas, de todas as escolas; a maxima sinceridade, garantia da maxima originalidade; em vez da copia fiel da Natureza, a interpretação mais sentida dessa Natureza.

A critica moderna pretende que o artista ponha nas suas obras toda a sua sensibilidade, em vez de abafá-la sob o manto falso duma escola ou duma teoria.

A critica moderna não quer escolas que, em lugar de artistas fazem manequins, quer que haja tantas escolas quantos os artistas, e para conseguir tal objectivo basta que estes se limitem a transmitir ao publico, através das suas obras, as suas emoções mais profundas, os seus pensamentos, as suas aspirações pessoais.

A critica moderna pretende, acima de tudo, sinceridade.

Ser sincero é começar a ser bom. A bondade é a beleza purificada. A beleza é a luz vivificante, o sol criador da Arte.

Mario Domingues.

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR

VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA DE ARTE, SPORT, TEATRO, MUSICA, VIDA ESTRANGEIRA

SUMARIO

DESENHO, de Christiano Cruz; OS PRODOMOS DUM RENASCIMENTO PORTUGUEZ, de Augusto Costa; A ENTREVISTA DA SEMANA, de Cruz Cerqueira; DOS NOVOS LIVROS, de Rocha Junior; VIDA INTERNACIONAL, de Correia Marques; MUSICA, de Alfredo Pinto (Sacavem); OS TEATROS, de Avelino de Almeida

Publica-se aos sabados — Assinaturas: serie de 4 numeros, 4 escudos. Avulso, 1 escudo — Edição e propriedade de Victor Falcão — Tipografia, T. de Santo Antonio da Sé, 11, 3.º — Escritorios, Rua Nova do Almada, 46, sloja

Sabado

19 de maio de 1923

Desenho de Christiano Cruz

Os prodromos dum Renascimento português

A Afonso Lopes Vieira.

I

As nações, como os individuos, formam-se, desenvolvem-se, debilitam-se e morrem. Num ambito mais largo, o mesmo acontece ás varias civilisações que no decurso do tempo se sucedem no governo dos homens. Se a Vida é eterna, os seres e as coisas são ttansitorios e contingentes. Simplesmente, a vida duma nação não pode medir-se pela vida dos individuos que num dado momento a compõem: os individuos vão passando, uns atraz dos outros, mas a nação, no seu todo organico, na sua unidade moral, permanece sempre, atravez a contingencia das gerações. A duração duma Patria não é, pois, o mesmo que a duração dum individuo; e da mesma maneira, as suas crises são mais longas e mais profundas, maior a sua resistencia vital, maiores tambem as suas probabilidades de reacção contra a doença. Se assim não fosse, Portugal teria morrido seguidamente ao esforço sobrehumano dos Descobrimentos e das Conquistas; ou teria sido depois, na crise resultante desse esforço, em 1580, absorvido pela Espanha; ou então, estaria já hoje completamente desfeito, nos embates da crise gravissima que de ha anos vem atravessando, e os seus restos territoriais andariam numa viva disputa entre todos os nossos bons amigos e aliados... As crises passadas foram bem graves. A crise presente não é menos grave do que as anteriores. E no entanto, Portugal resiste: e em nada me repugna acreditar que a rasão dessa resistencia magnifica seja, como em 9 de abril me dizia esse nobre espirito que é o dr. Pequito Rebelo ,uma assistencia constante da graça de Deus á na-

3

ção portuguesa e aos espíritos que a compõem; se a nossa resistencia lembra um milagre, não repugna aos crentes acreditar que Jesus-Cristo continue sofrendo pela nossa redenção, expiando os nossos pecados colectivos.

A Renascença esgoton-nos os *eugenicos*, pelas suas constantes exigencias de valores novos para a continuação da obra calossal a que nos levara o espirito aventureiro dos homens da beira-mar: a terra despovoava-se, em migrações continuas, e toda essa gente, «morta de fome, mas viva de cubiça», toda essa gente se perdia por terras distantes, ou era tragada pelo mar, ou voltava cheia de riquezas, mas cançada, fisicamente exgotada, e ao mesmo tempo pervertida pelo cheiro das especiarias orientais.

O caracter português corrompeu-se no mercantilismo a que os Descobrimentos nos obrigavam, transplantando para Lisboa os emporios comerciais como Veneza nesse tempo e Cartago na antiguidade. E a raça, além de enfraquecida, foi-se degenerando cada vez mais pelas sucessivas inoculações de sangue oriental e africano que produziam cruzamentos inferiores dando origem á creação duma mestiçagem de que ainda hoje, seculos passados, não estamos livres. Nos nossos dias, a corrupção dos caracteres não é menor do que nesse tempo, e a raça não é mais pura. O Fado aí está atestando a nossa degradação. A chatinagem mercantil da Renascença tomou formas novas, mas na sua essencia e nos seus efeitos permanece a mesma. Juntemos a estes factores uma poderosa anarquia da Inteligencia e uma completa desorganisação politica, as guerras internas que nos tiram as forças, e ter-se-ha a explicação de nos tomarem lá fóra por uma nação *assistida*, como um dominio inglês, e do emprego do verbo *portugaliser*, tanto no sentido puro e simples de *anarquizar*, como no sentido de *enfeudar* uma nação a outra.

E' da França, sobretudo, que nos chegam estas delicadezas de trato, como se nós, no nosso passado, alguma coisa tivessemos de que nos envergonhar em face da França. A França esquece-se de que os portuguêses (disse-o Raynal, citado no numero 15 da revista *America Brazileira* por Philéas Lebesque) indo combater o poderio

4

mussulmano no coração do Oriente, a salvaram duma invasão turca. A França esquece-se tambem de que se aliou, com Francisco I, aos turcos, enquanto nós nos batiamos pela Cristandade. A idade d'oiro francesa é a Renascença: mas a França esquece ainda que os seus classicos receberam lições dos classicos portuguêses, e que Corneille, Racine, Ronsard, foram discipulos de Gil Vicente e Bernardim Ribeiro. Um diplomata americano, quando assassinaram Sidonio Paes, teve o mau gosto de afirmar que Sidonio era «grande de mais para um país tão pequeno», esquecendo-se, porém, de que esse «país pequeno» foi á America arrancar as penas que os americanos usavam na cabeça, e de que qualquer português, diante d'um americano, tem sempre o direito de dizer os versos de Affonso Lopes Vieira:

... Quando um dia arribei á orla da floresta,
Wilson estava nu e de penas na testa.
Olhava para mim o vermelho doutor,
— eu era então o João Fernandes Labrador...
E o rumo que seguiste a caminho da guerra,
fui eu que t'o marquei, descubrindo a tua terra.

O facto culminante da Renascença foi a deslocação do eixo da civilisação do Mediterraneo para o Atlantico, do Oriente para o Ocidente. Os portuguêses, não contentes com levarem a civilisação aos confins do mundo, descobrindo e conquistando os mares e as terras por onde hoje se pavoneiam, óvantes, os pavilhões dos «grandes povos», descobriram ainda, *o que é mais!* novos ceus e novas estrelas, depois de terem corrido e ensinado aos outros povos as Sete Partidas do Mundo. Ora, um povo que tem no seu passado a mais gloriosa pagina da civilisação moderna, e que, depois de mutiladissimo pela cubiça dos «grandes paises», ainda mantem o seu logar de primeira grandeza entre as potencias coloniais, — um povo assim não pode, sem injuria, ser considerado desdenhosamente como um «país pequeno», e muito menos ser apontado á Europa como um valor nulo, fóco permanente de desordens, sem mais nada digno de atenção.

II

Nem tudo, porém, são tristezas. Se a sociedade portuguêsa, ao primeiro olhar, nos parece uma sociedade em plena deliquescencia, vista melhor, não tardaremos em encontrar nela varios prodromos duma proxima renovação. E se por um lado, lá fóra, somos tratados com desdem, por outro, é ainda de fòra que nos chegam palavras de reconhecimento pelo que no passado fizemos pela Humanidade, ao mesmo tempo que nos atribuem um logar de destaque entre os povos modernos, tão depressa saibâmos recuperar esse posto de honra, pela cura radical dos nossos males internos.

Vejamos alguns dos prodromos do nosso Renascimento:

a) A reacção nacionalista

O instincto nacionalista acorda sempre que uma patria se encontra ameaçada na sua integridade moral e territorial. Quando são grandes os perigos que envolvem uma nação, se essa nação não perdeu, de facto, todos os direitos a uma existencia independente e livre, os seus valores riais e as suas partes sãs, compreendendo nestas partes sãs o que na nação possa existir de mais inconsciente e ao mesmo tempo de mais profundamente *nacional*, não tardarão em organizar uma resistencia que será de principio uma pura reacção moral e intelectual, mas que depressa deixará de ser uma simples aspiração, para revestir um aspecto formal, concretisando-so em factos e tomando conta do governo. Foi precisamente o que na Italia aconteceu, com Mussolini. O mesmo acontecerá tambem em Portugal, um dia ou outro.

Num artigo a sair na *Nação Portuguesa*, acentuei já esta revivescencia nacionalista, a proposito do *Apelo á Nação*, ultimamente lançado pelos homens da *Seara Nova*. Com efeito, *nacionalismo* é uma palavra que anda em todas as bôcas, depois de ter florescido em todos os corações. O *Integralismo Lusitano*, a quem, indubitavelmente, se deve uma enorme parte na creação duma filosofia nacionalista e dum sentimento português, o *Integralismo Luzitano* nasceu duma serie de conferencias sobre a *Questão Iberica*, quando dos lados de Espanha parecia renova-

6

rem-se as ambições duma hegemonia castelhana na peninsula. A sua acção fructificou e alargou-se. Hoje, diante de novos perigos, de muitos outros lados surgem vozes de clamor nacionalista, apregoando o direito á existencia duma nação que foi a maior colonizadora do mundo e a maior creadora de nações modernas.

Mas a reacção nacionalista não reveste apenas esse aspecto, por assim dizer, *politico*, fundamental, que vem a ser o protesto colectivo contra a incompetencía dos maus governos, contra uma aluvião de estadistas de barro que tem cavado a ruina nacional. Essa reacção pode verificar-se tambem no campo da Arte, onde o regresso ás fontes da emoção nacional vivamente se acentúa. Se a Arte é, em qualquer parte, uma das manifestações mais specificamente *nacionaes*, na inconsciencia colectiva em que se revela, a existencia dum renascimento da Arte portuguesa afirma bem a vitalidade da raça portuguesa. Literariamente, esse rejuvenescimento sente-se em meia duzia de livros — e bem melhor se sentiria ainda, se acaso nós não tivessemos um tão diminuto movimento editorial. Volvamos, porém, os olhos para a arquitectura e para as artes decorativas e aplicadas: a multiplicação de pequenas casas construidas ao gosto português, numa arquitectura tão simples e tão nossa, as decorações interiores feitas sobre motivos tradicionais portuguêses, os *bibelots*, os adornos onde tudo quanto é specificamente português aparece sempre; e sobretudo, essa magnifica floração de filigranas portuguesissimas que de ha tempo vem saindo das oficinas dos nossos ourives, — tudo isto não será um claro sintoma dum proximo ressurgimento colectivo? uma manifestação clara do rejuvenescimento do gosto artistico português? Os valiosos trabalhos dos nossos etnografos teem desenterrado dos escombros do esquecimento um vasto numero de motivos ornamentais portuguêses; e, trazidos a luz do dia e á lembrança dos artistas, esses motivos adaptam-se perfeitamente ao nosso sentir, revelando-nos ao mesmo tempo aspectos magnificos dum espirito artistico nacional, popular, que parecia completamente perdido. Numa curta lembrança, citarei as rendas e as tapeçarias portuguesas renascidas, e ainda os trabalhos de perfeita

ourivesaria feitos em ferro forjado, sobre motivos nossos, ressuscitados e realizados em Coimbra pelo mestre ferreiro Lopes d'Almeida...

b) O *culto dos mortos e o renascimento da Fé*

O culto pelos mortos só se perde quando de todo se perderem tambem, numa nação, as rasões morais e profundas da sua existencia. A comemoração dos mortos e o respeito constante pela sua lembrança são, pois, indices de que no fundo da consciencia nacional as raizes da sua vitalidade não se definharam nem de todo se corromperam. *L'avenir naît des accumulations du passé, et nous sommes nous-mêmes bien déterminés par ce que l'on commence á appeler un peu partout nos morts. Oui, les morts sond plus acttifs que les plus actifs des vivants. Mais c'est par les vivants, c'est en eux qu'ils agissene. Soit, nos initiatives sond formées de leurs cendres. Mais celles-ci seraint sans action si leur ferment ne déterminait pas nos vouloires.*» Nestes mortos, que Maurras acaba de definir «mais activos que os mais activos vivos», se condensa uma verdadeira filosofia da Tradição. Não, os mortos não esquecem depressa; mas, se porventura nós os esquecessemos, nem por isso eles deixariam de nos assistir, de longe, com o seu conselho, de viver e agir dentro de nós, embora com a nossa inconsciencia, para que a linha do nosso destino de seculos se não podesse quebrar definitivamente num instante.

A Tradição tem um valor dinamico, depois de ter um valor estatico. Quando esse valor dinamico é reconhecido, é conscientemente que os homens deixam que as suas iniciativas sejam formadas pelas cinzas dos seus mortos e ás cinzas desses mortos referem todos os seus pensamentos e todas as suas acções. Quando não é, o culto da Tradição reveste apenas o seu aspecto estatico, que consiste num contemplativo respeito pelos mortos, respeito piedoso pela sua memoria, desacompanhado de qualquer ensinamento a tomar em conta na vida presente e futura. Ora, nós temos em Portugal uma *élite* que sabe vêr na Tradição o seu valor dinamico e por ela procura guiar os seus passos. Mas para além dessa *élite*, fazendo-lhe fundo,

8

temos tambem o comovido e inconsciente respeito da nação inteira pelos mortos que vão passando : diante dum morto, quando um cortejo funebre atravessa a rua, não ha homem algum, qualquer que seja a sua noção da vida e da morte, qualquer que seja a sua ideia politica ou religiosa, que respeitosamente se não descubra; nem ha mulher alguma que não rese um *Padre-Nosso* e uma *Avé-Maria*, inclinando-se e persignando-se muitas delas em face do tumulo que passa. Esse respeito instinctivo pela morte e o culto que aos mortos a nação consagra, pode bem ver-se como cresce quando, de ano para ano, em dia de finados, se vê crescerem as romagens aos tumulos e a rssistencia ás missas pelos defuntos. Bem no fundo do nosso sêr, todos nos lembramos ainda que os antigos acendiam as fogueiras dos lares, nesta terra previligiada por Deus, sobre os tumulos dos seus mortos...

Concentricamente a este culto piedoso pelos mortos, alguma coisa mais se vê renascer em Portugal : nós estamos assistindo tambem a um renascimento da Fé, e esse renascimento, que se opéra por toda a nação, é ainda um signal de que os portuguêses, diante de ameaças de toda a ordem, se volvem inconscientemente para as fontes onde o seu sêr moral, para ser forte, na antiguidade foi beber as energias do seu espirito. Em vão os politicos procuraram destruir a Fé com a destruição e a profanação das igrejas, ao mesmo tempo que perseguiam os seus mais fieis servidores ! A perseguição á fé religiosa só decuplica a resistencia das almas que a comportam : assím aconteceu nos primordios do Cristianismo, assim aconteceu em Portugal, assim está acontecendo na Russia... Numa nação tradicionalmente catolica como a nossa, desfazer a sua unidade moral, pela quebra e pelo enfranquecimento dos laços religiosos, era tarefa bem ardua e bem dificil. Ninguem o conseguiu. E daqui por diante muito menos alguem o conseguirá, já porque Portugal inteiro se sente inclinar a pouco e pouco sobre as suas raizes,— não porque vá morrer, mas para na sua seiva e no humus que a rodeia se reconfortar; já porque o mundo inteiro atravessa uma epoca de profunda renovação religiosa, a que não foi extranha a vaga de misticismo creada pelo drama da guerra.

III

Quem são os obreiros deste Renascimento ? A resposta é dificil, pelas susceptibilidades que iria ferir, se apontasse aqui nomes. Bastará frizar, portanto, que atraz duma reduzida meia duzia de homens pensando e sentindo portuguêsmente, se encontra toda a massa nacional a secunda-la, predisposta como estava e como está, pelas condições que lhe fôram creadas por circunstancias extranhas á sua vontade, a secundar todos os movimentos de reaportuguesação de Portugal. Esses homens, vindos de todos os lados, fóra de todos os partidos e, pode dizer-se, contra todos os partidos politicos, encontram-se numa larga plataforma comum: o *Nacionalismo*. Ora, a maré sobe todos os dias, todos os dias chega gente nova —e não tardará, por certo, que todos se congreguem á volta dos mesmos *meios* de salvação comum, quando todos acordarem já na comunidade do *fim* a realisar.

E' fóra dos partidos politicos, e contra eles, que poderá efectivar-se esta aspiração. «Esquerdas» e «direitas», «liberaes» e «conservadores», «burguêses» e «operarios», tudo isto constitue já hoje um bazar de raridades arqueologicas, onde se não entra sem que o espirito se macule duma poeira sordida. A unica destrinça que ha a fazer na nação é esta: separar os *reaccionarios*, *renovadores*, ou *revolucionarios*(todos os que querem *reagir para construir)* dessa enorme massa acéfala conhecida por massa *conservadora*, inerte por natureza, conservando tanto o bem como o mal e contando apenas, portanto, como um pêso morto que é preciso remover antes de se iniciar qualquer obra de reconstrução organica da nacionalidade, abalada nos seus fundamentos por uma longa teoria de erros antigos e modernos.

Augusto da Costa.

A "REVISTA PORTUGUESA" publicará no proximo numero um desenho de Bernardo Marques e no seu numero II um desenho de Antonio Soares

10

A Entrevista da semana

O pintor Antonio Carneiro = O artista, o seu recato. as suas preferencias

Antonio Carneiro é bem a figura do seu auto-retrato, de longas barbas raiadas a branco, seu barrete de pintor, olhos negros e melancolicos refluindo a emoção que lhe vai lá dentro na alma a torná-lo um romantico e um impressionista.

Afavel mas discreto, fala pouco, tem sua pontasinha de filosofo, é demasiado modesto, foge de nomeadas e citações, e portanto de entrevistas.

Mas por fim convem em falar-me para a *Revista Portuguesa*.

E começa a contar-me algumas das suas impressões do Rio onde ele expôz ao rebentar a guerra e donde trouxe umas magnificas aguarelas que me mostra e faz perpassar detidamente diante da minha retina.

— Como vê, são aspectos que não podem ser retalhados. A natureza, tão diferente da nossa, exige englobar-lhe todos os tons, fazer grandes quadros.

São scenarios apoteosicos, de muita côr, extrabundante magnificencia.

E entretanto vamos os dois percorrendo a Caudelaria vista de cima, entre o casario branco e os telhados côr de laranja, o Pão de Açucar, o Corcovádo, a Igreja da Gloria, o areal de Copueabana, a bahia de Guanabara enturviada de neblina ao romper da manhã ou rediviva nas aguas vivas dum azul vivissimo, reverberanfe, metalico, brumoso, similar do dos ceus de Castela.

— Não as expõe?

— Já as expuz no ano passado em Lisboa.

11

— Mas recusou vendê-las...

— Sim, por vezes peço muito para ficar com os trabalhos.

— Tem-lhe apego.

— Se soubesse quanto me custa desfazer-me de qualquer trabalho! — e acompanha o tom pesaroso da frase com um gesto triste em que os seus olhos suaves se tornam mais melancolicos ainda.

— O artista, o que se:te, é verdadeiramente artista — acrescenta — não pode nunca encontrar-se compensado com a venda da sua obra. Tem o desinteresse. Isto distingue o artista verdadeiro do que se laureia dç artista para industrialisar a arte.

E conta-me o caso anecdotico dum seu quadro de assunto religioso ha anos encomendado e a seguir regeitado porque... assinalava feridas e sangue a menos e arte a mais o que não inferiria piedade aos fieis mas permitiu ao artista o jubilo de conservar uma das suas obras mais cuidadas e queridas.

— Não o tenho aqui porque foi para a Exposição do Rio e...

— Não sabe dele...

— Efectivamente a Exposição para nós, artistas, redundou num grande desaire porque, segundo li, alem de não serem expostos todos os trabalhos enviados, visto á ultima hora faltar o espaço, encobriram com obras de ourivesaria os que puderam ser exibidos, de forma que quadros, escultures, etc., serviram apenas de ornamento aqui e além a productos da industria.

De varios comerciantes de pratas que por aí ha — apanho-lhe justiceiramente.

— Foi um fracasso. Demais não sabemos dos nossos trabalhos.

— Mandou muito?

— Uns seis quadros a oleo entre os quais o *retrato de Guerra Junqueiro.*

— Melhor lá ir pessoalmente expôr — ajunto a sondar novamente os empreendimentos e tenções do artista.

— Tenciono voltar ao Brasil e já lá teria ido senão fôra a guerra, doença e outros contratempos.

12

— E cá, quando expôe?

— Não sei. Sou pouco atreito a expôr. Em Lisboa ha já dez anos que não expunha, e aqui, no Porto vai com quinze.

E como lhe note que o artista pertence ao publico tambem, Antonio Carneiro deixa entrever:

— Depois que eu faça *atelier* proprio talvez...

Este detalhe está exgotado e mudando de assunto ataco:

— E o que pensa da moderna pintura?

Mas o artista foge e diz-me apenas:

— Pela minha arte puderá auscultar o meu pensamento. Saio pouco, vivo retirado.

— Mas a respeito de novos o que me diz?

— Só episodicamente os vejo.

— Entanto...

Assediado, o pintor acrescenta:

— Dos novos destacarei Almada Negreiros. Quem tem talento sobresai.

— E mais?

— Como lhe digo, só episodicamente os vejo. Vi os trabalhos de Jorge Barradas e gostei, sinceramente gostei.

Insisto mas não diz mais de sorte que ha que desviar o rumo:

— E dos velhos?

— Columbano. Columbano é um extraordinario artista, em qualquer parte artista.

— E dos mortos e dos extrangeiros?

— Albert Besnard — vai dizendo —. Mas os artistas do meu culto são Puvis de Chavannes e Eugene Carriere.

— E dos grandes mestres de antigas escolas, a sua preferencia?

— Leonardo de Vinci e Míguel Angelo.

Intento mais mas mais não diz e a entrevista termina.

Porto. **Cruz Cerqueira.**

A "Revista Portugueza" publicará num dos seus proximos numeros uma entrevista com o notavel escritor Anthero de Figueiredo

Dos novos livros

«A lingua portugueza e os seus misterios», de Jayme de Magalhães Lima

A brochura de 154 paginas, que com o titulo «A lingua portuguesa e os seus misterios», o sr. Jaime de Magalhães Lima acaba de publicar, contem um real merecimento bibliografico, não só porque o a utor é um dos nossos mais cultos e respeitados publicistas, mas sobretudo porque o assunto n'ela versado interessa a nada menos de seis milhões de portuguezes, que tantos são os que n'este paiz (excluindo os das colonias e incluindo os analfabetos) alimentam altas prosapias de poetas e de escritores.

Lê-se com agrado e com proveito o trabalho do sr. Jaime de Magalhães Lima, especialmente o capitulo principal, quasi total do livro, subordinado á rubrica «O canto e a letra na linguagem»; e com muito maior proveito e agrado se leria ainda, se o sr. Jaime de Magalhães Lima, para facilidade de assimilação, tivesse tido a paciencia de ordenar melhor as suas ideias, agrupando-as e exgotando-as em pequenos capitulos especiaes, em vez de as deixar correr ao sabor da inspiração, agora entrecortadas, logo repetidas, n'uma unica peça de cento e tantas paginas, pesada e compacta como um marmelo crú, onde nem sequer aparece, por misericordia dos pulmões mentaes de quem lê, o respiradouro d'uns modestos asteriscos ou d'uns inocentes espaços em branco.

Pequeno defeito é este, porém; e se o cronista o menciona não é tanto pelo espirito de censura, como pela conveniencia de n'ele proprio colher argumentos contra um dos mais apaixonados preceitos linguisticos do auior.

Expliquemo-nos:

O sr. Jaime de Magalhães Lima, divagando sobre os misterios da lingua, não só da lingua portugueza, como erradamente o titulo nos induz a supor, mas de quasi to-

14

das as linguas do universo, consideradas pelo aspecto da sua musica ou canto, pretende impor aos escritores portuguezes um figurino estilistico, a que chama *compasso patrio* e que vem a ser uma fórma literaria ao gosto do povo, por cujas simpatias o eminente publicista quebra lanças em quàsi todas as 154 paginas do seu estudo. Que forma literaria é essa? Vejamos, recortando e transcrevendo:

> Eça de Queiroz, por exemplo, nas obras de pura arte dos seus primeiros periodos, não raro inovou, afastando-se frequentemente do compasso patrio, até que afinal, num regresso de filho prodigo reagindo por amor, professou na genuinidade nativa, do que *A Cidade e as Terras* teriam sido, por muitos titulos, qual d'eles o melhor e mais nobre, um sinal eloquente, o adejar de conversão, o renascimento no ventre materno. Foi talvez Eça de Queiroz um dos que importou para as letras de arte portugueza aqueles *staccato* que a França nos mandou, e que, recentemente, em C. Péguy, foram até perto do absurdo — aquelas frases curtas, quebradas, periodos de uma palavra só, que entre estranhos andam muito em voga para suscitar violentamente a atenção, como atacando-a com explosivos e fragmentando a velha unidade do estilo. Isso, esse estilo de explosivos á procura de intensidade de efeitos por surpreza, é estrangeiro, do estrangeiro nos veiu. Se está nacionalisado e anda em letra redonda, com aplauso de letrados, o povo ainda não aprendeu a aplaudi-lo, posto que por vezes o use em momentos de qualquer afirmação mais insistente; a propensão das simpatias do povo é para a tradição, na qual ocupa logar primacial a fluencia, essa solenidade pausada e ligada que é tão nossa e tem certo sabôr de dignidade, contrastando singularmente com o atrevimento e petulancia do *staccato*, pouco de paladares como o nosso...»

E, mais adiante, reforçando:

> Os letrados poderão achar mediocridade retumbante e prolixidade de mau gosto nas catadupas retoricas de um orador como o sr. Alves Mendes; o vulgo, e o vulgo não é pouca coisa, já lá vae o tempo que tomou por inferioridade a vulgaridade, o vulgo extasiavo-se perante aquelas torrentes de palavras que na igreja o entonteceram, como na vespera, no arraial, o haviam deslumbrado os foguetes de lagrimas.»

O sr. Jaime de Magalhães Lima preconisa, pois, uma

unica fórma literaria para todos os escritores, e quer que essa fórma literaria seja a fluencia, a torrente de vocabulos em periodos longos e pomposos, em oposição aos negregados *staccato*, de frases quebradas e periodos curtos, que *é estrangeiro* e não maravilha o povo. Está no seu direito o sr. Magalhães Lima. E' assim que ele escreve, e nem por isso deixa de escrever bem. E aqui se remata a opinião acima exposta, de que pequeno defeito representa a urdidura compacta e pesada do capitulo que estamos observando.

Mas não é só no que respeita á construção dos periodos que o sr. Jaime de Magalhães Lima nos exora ao fanatico respeito pelas simpatias do povo. Ele quer que esse respeito vá ao ponto de conservarmos ou adoptarmos na linguagem de hoje os idiotismos da linguagem veiha — «a *torpe rudeza* que escandalisáva o gramatico (Duarte Nunes de Leão) e nas veias do qual pulsa e de continuo se renova a genuidade do sangue nacional.» Merece-lhe os melhores louvores um professor do liceu de Aveiro, porque na reedição do *Poeta Melodino*, de D. Francisco Manuel de Melo, manteve vocabulos cahidos em desuso, como *despois, calidade, impito, ugal* e *meloncolia*. A razão é que esses vocabulos «o mais das vezes emendal-os é traduzi-los, e traduzi-los é estragal-os, despojal-os de todo o poder de expressão espiritual.» E depois de fulminar Duarte Nunes de Leão por ter acoimado de *torpe rudeza* «a voz ingenua, fascinante de espontaneidade»; depois de se congratular porque posteriormente apareceu Frei Manuel de Cenaculo declarando que seria «uma especie de traição á patria lingua querer desterrar idiotismos no pronunciar e escrever: depois de invocar uma afirmação de Camilo, «que leu muito pelo lexico das provincias do Minho e Traz-os-Montes», o sr. Jaime Magalhães Lima exclama, maravilhado:

> E que tesouros de expressão o plebeismo anárquico da linguagem nos crion e guardou! Porque a frauta pastoril junta á aspereza estridula deslisamentos subitos em placidez, e a aspereza e a placidez alternam-se

16

e conjugam-se n'uma harmonia surprehendente, e sem cessar variando as modulações. Estranha musicar para o letrado, e tão dificil de aprender como deliciosa de ouvir, aquela em que o *Cremente* e *Graviel* nos contam a vida e as penas, e os *desprageres*, com os *quigeres*, e os *fage*, e as *rajões*, e o *cagi*, e o *diger*, onde o sibilar do *z* se amacia em *g*; e os *nom*, e o *pom*, e os *home*, o *crelgo*, onde a acentuação abranda e como amansa, e os *cuda*, e os *ugais*, e os *lecho*, e os *sondes*, e os *havedes*, suprimindo o clamor infantil dos *ii*. *Intés*, *antre*, *contrairos*, *perque*, *cais*, *cando*, *atés*, *frores*, *espois* — quantas notas ignoradas de musica de câmara, obrigadas a abafador de toda a existencia agreste»... etc., etc...

Na sua adoração pela musica d'esta linguagem — a integração da barbaria na cultura» — o sr. Jaime de Magalhães Lima insurge-se então contra a gramatica — a gramatica das Academias, «que se sujeita a uma mecanica mirada e dura, tamanho é o frio e arido despotismo que opõe á liberdade e á individualidade». Segundo o seu criterio, sabiamente desenvolvido e demonstrado, a gramática do futuro — a unica digna de acatamento — «terá por força de alargar-se em vastos capitulos que hoje ignora ou apenas aponta numa concisão ultra sumaria; terá de cuidar da intonação e dos sinaes de duração, e da escala, e da cadencia, e da modulação, e da tonalidade, e da melodia, e do andamento — o andamento, um valor primacial, talvez a suprema determinante na caracterisação do estilo! — e até mesmo não será alheia a questões de harmonia e contraponto, e tudo o mais, que muito é e dificilimo, que na musica não podemos deixar de considerar.» E então, revoltado contra as peias a que os preceitos da gramatica e dos dicionarios sujeitam a beleza musical da linguagem, o sr. Jaime de Magalhães Lima vae ao ponto de condenar a imprensa — não a imprensa instituição, mas a imprensa invenção de Guttemberg, a imprensa industria da letra de fôrma — porque ela «mecanisou a ideia e o pensamento» e, na opinião de Tolstoï, «a sua invenção foi coisa de nenhuma significação para os destinos do homem». Lamenta o sr. dr. Jaime de Magalhães Lima que o fanatismo da imprensa esteja para durar. Ele preferir-lhe-hia o copista:

«Mas o copista tinha a *sua* letra, qne só por si era

uma personificação. Na letra do copista residia ainda o calor das mãos, um perfume de intimidade, um vinculo de afecto, resurreição perene de um ser animado, um companheiro, um olhar. Na imprensa, quanto resta das fontes donde a *sua* palavra dimana, é o cheiro dos oleos de lubrificação de maquinas, e até esses, oleos mineraes, o mais das vezes.»

Francamente, leitores, a muita consideração que nos merecem a alta cultura e o formoso talento do sr. dr. Magalhães Lima não nos obriga a transigir nem com a sua idolatria pelos *cagi* ou pelos *intés*, nem com o seu afecto pelo calor das mãos do copista. Salvo o devido respeito, semelhantes exigencias e peguilhos tem o seu quê de rabujice de velho. O mundo gira e transforma-se, tudo muda na face do universo, e a arte de escrever, como todas as artes, tem que acompanhar o movimento do mundo.

«As tres prosas», de Agostinho de Campos

Deixemos, porém, a preciosa brochura do sr. Jaime de Magalhães Lima e deitemos os nossos olhos para um outro trabalho recentemente vindo a lume — a conferencia do sr. Agostinho de Campos intitulada «As trez prosas: a Pobre, a Rica e a Nova Rica». E' o sr. Agostinho de Campos um escritor de raro merecimento, que possue a belissima faculdade de expôr as suas ideias com impacavel clareza, e em cujos livros muito se aprende sempre de tudo, especialmente de assuntos de linguagem, que preferentemente versa nas suas obras. O sr. dr. Agostinho de Campos tem uma grande consideração pelo sr. Jaime Magalhães Lima, e o sr. Jaime de Magalhães Lima, por seu turno, considera Agostinho de Campos quasi um oraculo nestas questões.

Vejamos, pois, como o ilustre autor da *Casa de Paes Escola de Filhos* pensa da arte de escrever, e restrictamente da arte de formar os periodos — a arte do estilo.

E' tão curioso cotejar as opiniões dos dois escritores, que dir-se-hia constituirem as duas obras de que estamos

18

tratando uma verdadeira polemica, travada nos dominios da telepatia. Emquanto o sr. Magalhães Lima, no seu retiro das margens do Vouga, fulminava o *staccato* e se extasiava perante a beleza da fluencia de vocabulos em periodos pomposos, o sr. Agostinho de Campos, ali em baixo, no teatro Nacional, respondia ao seu pensamento, acoimando-o de freguez da chamada prosa rica—«a prosa de periodos compridos, de muito calado de agua». Toda a conferencia do sr. Agostinho de Campos tende a demonstrar que a prosa verdadeiramente bela, a prosa que encanta e a que fica, a que se ama e a que triunfa, é a prosa do periodo curto, a prosa cuja urdidura consiste «na naturalidade, na generalidade das palavras que o artista mepregsu na simplicidade e despretenção com que as ligou umas ás outras, n'aquilo que os complicados acham pobreza e que ê afinal em literatura a verdadeira riqueza, porque só d'ahi pode vir á obra literaria irradiação e eternidade.»

Em defeza da sua tese, o sr. Agostinho de Campos exemplifica e documenta com trechos dos nossos melhores escritores: lê Eça, cuja prosa considera riquissima, *porque os seus periodos são curtos*, porque o seu vocabulario parece mais ou menos de toda a gente; lê Fernão Lopes, na descripção d'uma tempestade, onde o grande cronistu *não empregou arcaismos, nem provincianismos, nem periodos compridos, nem enfase ou pompa* — nada d'aquilo com que o sr. Magalhães Lima delira; lê João de Barros, cujos termos «são ainda hoje de lingua corrente e popular, sem periodos compridos e sem vocabuiario rico»; lê Camões; lê Manuel Bernardes; lê o Padre Antonio Vieira; lê Camilo, sempre para demonstrar que a prosa bela é a de periodos curtos e de linguagem corrente; e para que se não suponha que o escritor, na expressão *linguagem corrente* admite o enxerto de plebeismos ou arcaismos, aqui o temos, numa transcripção de Fialho, a declarar que o seu trecho transcrito, para ser belo, não precisava dos plebeismos *co'as asfixias, pr'á li* e *falazar*.

Evidentemente o cronista não está aqui a tomar partido por qualquer d'estes dois escritores, e muito menos a di-

tar leis sobre a arte de escrever. De sobra reconhece a modestia da sua competencia e conhecimentos. Fez apenas, por lhe parecer curioso, este confronto de duas maneiras de ver, que nem por serem de duas pessoas que reciprocamente se admiram, deixam de ser absolutamente antagonicas. E d'esta lição tira, com humildade, a conclusão seguinte: Não vale a pena, nem ha o direito de impôr a ninguem preceitos ou regras sobre a arte de escrever. Todo o estilo, simples ou declamatorio, pobre ou rico de vocabulos, é artistico, desde que seja belo e exprima perfeitamente as ideias do escritor. Nada de regras, nada de praxes. Cada qual escreve conforme o seu temperamento — cada qual deve escrever como sente e como fala. A fórma literaria deve ser livre como o pensamento. E, para mim, modesto leitor do que escrevem os outros, o escritor ideal não é aquele que tem nm estilo seu, mas sim o que tem um estilo para cada assunto.

Rocha Junior.

Vida Internacional

A monarquia ingleza — Algumas considerações sobre nacionalismo

Ha cerca dum ano, casou a princeza Maria, unica filha dos Reis da Inglaterra, com um subdito inglez de boa linhagem, o visconde de Lascelles.

Ha poucas semanas casou tambem o filho segundo dos Reis da Inglaterra, o duque de York, e casou tambem com uma senhora ingleza, a encantadora lady Elizabeth Bowes Lyon, de nobre e antiga ascendencia britanica.

Este facto, um pouco fóra dos usos das casas reais, que de ordinario buscam alianças e conveniencias de politica externa nos casamentos dos seus principes, passou desprovido de comentarios na imprensa portugueza, tirante um artigo publicado n'*A Epoca*.

Pois o assumpto merece mais atenção que o simples e

20

enxuto noticiario das agencias telegraficas. Depois da guerra, uma forte corrente de nacionalismo dominou os povos. indo ás vezes tão longe, que ameaça degenerar em perigosa xenofobia. E' o caso de se dizer que *corruptio optimi pessima*...

Tradições antigas, que pareciam sepultadas na poeira dos séculos, remoçam e agitam de novo a alma das gentes; raças e nações, ha longo tempo subjugadas, recuperaram o ser politico ou agitam-se para a reconquista da liberdade; com a historia na mão ou esgrimindo com algarismos etnograficos, raras são as nações da velha Europa que não reclamam um pedaço de territorio, ou porque lhe pertencesse em tempos idos ou porque uma grande percentagem dos seus nacionais o habitam.

Ora nestes tempos de exaltado nacionalismo, os soberanos inglezes quizeram demonstrar ao seu povo quanto amam a sua raça, casando os filhos com subditos seus, aliando-se ás velhas familias britanicas. E não seria para admirar que a aliança da Familia Real Ingleza com casas reaes estrangeiras fosse olhada com desagrado pela população britanica da Inglaterra e dos seus esplendidos Dominios. Se o facto tem certas vantagens para estreitar relações entre dois povos, tem egualmente inconvenientes muitos serios. em caso de conflito armado entre as nações. E' verdade que ha o exemplo da Rainha da Belgica, mas ha tambem o da Rainha da Grecia, hoje viuva do desventurado Rei Constantino...

Esta demonstração de amor da Familia Real ingleza ás coisas nacionaes, causou na Inglaterra a mais lisonjeira impressão. Por isso toda a Gran-Bretanha festejou com inusitado entusiasmo e luzimento as bodas dos seus principes, produzindo uma calorosa manifestação de lealismo e dedicação.

A monarchia ingleza, que ao subir ao throno a Rainha Victoria parecia a menos segura de todas, está hoje, mercê da afabilidade e habilidade politica da Avó de Jorge V, n'uma situação de prosperidade e prestigio, que quasi constitue uma excepção na perturbada vida que estão levando os Estados europeus.

A grande Imperatriz das Indias compendiou em si as vir-

tudes familiares, sociaes e politicas que constituem o orgulho e a base da grandeza britanica.

Seu filho, o notavel homem de Estado que foi o Rei Eduardo VII herdou o Imperio n'uma grande prosperidade interna: estava já creado o *imperialismo*, a politica de ligação com os Dominios, a que um grupo de notabilissimos homens de governo — Disraeli, Chamberlain, etc., havia dado enorme impulso. Eduardo VII coroou a obra de sua mãe creando a politica externa da Inglaterra e dando-lhe no continente a larga e profunda preponderancia que ainda tem.

A obra d'este grande Rei — a *Entente* — perdurou após a sua morte, impediu a victoria alemã e se agora parece anulada, é que os homens que dirigem a politica externa da Gran-Bretanha parecem apostados em destrui-la.

Nos ultimos anos do reinado de Eduardo VII, a politica interna ingleza deu algumas guinadas violentas para a esquerda. Houve quem prophetisasse então que a insegurança das instituições politicas inglezas não tardaria a exacerbar-se até á queda da monarquia. Na Inglaterra, porém, ninguem se perturbou. Jorge V adaptou-se á situação e não tardou a domina-la.

As manifestações de lealismo e dedicação prestadas á Familia Real britanica por ocasião do casamento dos seus filhos, o carinho com que a imprensa e toda a população da Inglaterra e de todos os seus Dominios se referiram á Princeza Maria e á formosa lady Elizabeth Bowes Lyon, demonstram quanto é valido o prestigio da monarchia na velha e orgulhosa Inglaterra.

Aludi acima a excessos de nacionalismo. Esses excessos, que não faz mingua especificar, porque todos os conhecem, foram objecto de censura na enciclica *Ubi arcano Dei*, a primeira do actual Pontifice Pio XI, que advertiu os fieis dos *erros e excessos que poderiam engendrar uma concepção exagerada dos direitos e exigencias do interesse nacional e patriotico.*

Estas palavras do Pontifice Romano suscitaram comentarios diversos e tem servido de pretexto para muito dis-

22

late de quem não as compreende ou não quer comprehender.

O ensinamento de Pio XI constitue um corolario da condemnação do erro formulado na proposição 64.ª do *Syllabus:*

A violação do juramento mais sagrado, qualquer outra acção detestavel ou criminosa, prohibida pela lei eterna de Deus, não só não deve ser censurada, mas é absolutamente licita e digna dos maiores elogios, desde que seja praticada pelo amor da patria.

Ora não vem fóra de proposito nem de oportunidade resumir a doutrina catholica sobre o nacionalismo.

O nacionalismo é, por via de regra, olhado com sympathia pelos catholicos e muitas vezes até perfilhado com calor e exaltação. Para aclaração de ideias, importa distinguir o que geralmente se entende por nacionalismo.

Para uns, nacionalismo é o *principio das nacionalidades;* para outros cifra-se nos *direitos do interesse nacional na governação do Estado.*

O *principio das nacionalidades* (ou direito dos povos de disporem de si proprios) atribue a cada grupo *nacional* de população, logo que tenha passado pela evolução necessaria e suficiente, o direito de se constituir em Estado distincto e independente.

E' uma doutrina ao primeiro lance aceitavel e até generosa. Na pratica, porém, torna-se nociva, sobretudo quando se pretende fazer d'ela a regra suprema e absoluta do direito das gentes.

A propria noção de nacionalidade é dificil de precisar. Postos de lado ou considerados coisa secundaria os criterios geografico, racico, philologico e mesmo religioso, resta, como unico meio de verificação, a *vontade colectiva.*

Ora sabe-se quanto a chamada *vontade* das multidões é falsa, instavel, carecida de criterio e de justiça. Vejam os meus leitores quanto seria dificil em Portugal discernir sobre qualquer assunto, a exacta vontade nacional!

Além d'isso, ha principios de moralidade e justiça, que

não é licito infringir, por muito que a *vontade colectiva* — admitida mesmo a hypothese da sua exacta verificação — pretanda impôr-se.

Em geral, porém, entende-se como nacionalismo a primazia do interesse nacional na condução da Coisa Publica, para engrandecimento e prosperidade da nação. N'esta ordem de ideias, o nacionalismo exige um governo estavel e energico, fulcrado nos principios da tradição e da autoridade e repressor dos erros e males da nação.

Este sistema tem a manifesta vantagem de arredar da governação do Estado os corrilhos politicos e as ambições da judiaria internacional, mas pode conduzir tambem aos *excessos* de que faz menção a enciclica de Pio XI.

A defeza do interesse nacional nunca pode levar-se tão longe, que vá infringir a *justiça* e a *moral* que a todos os povos garantem o direito de viver e prosperar. Posto acima d'estes principios de moralidade e justiça, o nacionalismo converte-se imediatamente no direito da força, materialista e pagão.

Tal é, compendiada nos limites compativeis com as dimensões d'um breve artigo de revista, a doutrina catholica sobre o nacionalismo.

E com ela estão de perfeito acordo a justiça e o senso comum.

Correia Marques.

Os Teatros

«A luva de Ricardina», de Ricardo Durão

Manhã de hipismo, num trecho da alameda do Campo Grande. Entre meditabundo e impaciente, Manuel da Cunha, moço capitão de cavalaria, como que espera alguem ou alguma coisa. Surgem dois cavaleiros, o general e o

24

barão de S. Gil, velho elegante, os quais, sub *tegmine fagi*, se dispõem, fazendo pausa no trote, a sorver um copo de leite e seu calice de cognac, emquanto discreteiam sobre tempos idos, tão diversos dos de agora, mulheres, amores, gratas recordações da mocidade. Ouve-se tropel de cavalos. São mais dois cavaleiros e duas amazonas que chegam: marido, mulher, amante e uma donzela casadoira, ou sejam João de Lencastre, Luiza de Lencastre, Fernando de Castro e Ricardina de Vasconcelos. Este ultima namora o capitão e é simultaneamente cortejada por Fernando de Castro. Ha apresentações. O general fez pé de alferes, outrora, á mãe de Ricardina. Ficamos inteirados, a breve trecho, de que Luiza detesta o marido, um vulgar Menelau, e adora o amante, um troca-tintas vulgar, conforme a biografia feita por ela no segundo acto, e que, por seu turno, faz olhos ternos para a donzela caprichosa e leviana; com a cabecinha repleta de leituras folhetinescas. Ao passo que o ciume devora a adultera, o capitão, supondo que Ricardina o abandona por Fernando de Castro, esbofeteia o D. Juan com uma das luvas da propria namorada, após rapida e viva troca de palavras. Na essencia, o primeiro acto é isto. Esboçam-se as figuras, gera-se o conflicto, o dialogo scintila, por vezes. Ficamos em indecisa espectativa, prevendo, sem custo, porque está na logica dos factos, um duelo. Tres das personagens, porém, desaparecem para nunca mais: o general, tipo episodico, a que Gil Ferreira empresta a sua reconhecida naturalidade; Fernando de Castro, uma sombra trajada segundo figurinos do *Bois*, e em que o novel actor Manuel Rios, mal caracterisado, só tem ensejo para catrapiscar a donzela, ouvir da amante uma reprimenda e levar no rosto com a luva de Ricardina, e João de Lencastre, o maxico cuco, a que prenderam a juvenil elegancia de Mario Eloy, felizmente por minutos apenas.

No segundo acto, achamo-nos em casa de Francisco e de Helena de Vasconcelos, os pais da donzela causadora do drama. Irrompe Luiza de Lencastre para confidenciar com Ricardina, cuja mamã se afasta, pronta e benignamente, por certo ignorando a qualidade de mulher que é a amiga de sua filha. A adultera sofre com o receio de que

Fernando de Castro fira de morte Manuel da Cunha. Se tal sucedesse Fernando teria de fugir para longe e ela não se conforma com semelhante apartamento. E, áquela amiguinha de vinte anos. conta, sem rebuço, que não suporta o marido, que estremece o amante e não quer perdel-o, embora o saiba um sem-vergonha, um crapuloso... que a engana com outra mulher «que é o seu vicio.» De que se lembra, então, para obstar a que Fernando de Castro, um espadachim, mate Manuel da Cunha? De que Ricardina, quando Fernando passe sob as suas janelas, a caminho do campo da honra, lhe arremesse uma rosa, como sinal confirmativo do suposto afecto que lhe consagra. Fernando de Castro poupará, depois d'isso, a vida a Manuel da Cunha. Não acquiesce a rapariga, debulhada em lagrimas. Não a convence o longo, descabelado, patetico discurso de Luiza que, conhecendo a buzina do automovel de Fernando, se aproxima da janela e, semi-oculta, atira a flor ao Don Juan. Os gritos de Ricardina fazem acorrer, pressurosa e aflita, Helena, que crê, ou finge acreditar, num incomodo de sua filha, provocado, como lhe asseguram, pelo aroma das rosas. O segundo acto pode dizer-se que se resume na extravagante intervenção de Luiza e na sua ardente suplica, de um realismo que destoa do tom geral da comedia. Ricardina mal consegue, de longe em longe, cortar as interjeições de protesto, recusa e desespero as palavras de Luiza.

Aguarda-se no terceiro acto a noticia do resultado do duelo. Conhecemos nesta altura Francisco de Vasconcelos, o pae de Ricardina, que é, como a mãe, uma palida figura episodica, e que seria de todo insignificante se não a tocasse uma ponta de ridiculo com o seu enlevamento espiritual na leitura das *Georgicas*, de Virgilio, e na creação de pombos amorudos. Aparece o barão de S. Gil, que foi uma das testemunhas. Instam porque diga depressa como finalisou o encontro, mas o velho dandy compraz-se em prolongar a anciedade dos que o escutam. São pormenores sobre pormenores, reticencias sobre reticencias, até que vimos a saber que Fernando de Castro jogou a Manuel da Cunha um bote que o feriu num punho e outro que o liquidaria, se o ferro, dirigido a pleno peito, não tivesse

tocado num providencial botão da camisa... Podia ter sido, como nos bons tempos romanticos, numa medalha miraculosa da Virgem! A meio do discurso de S. Gil, anuncia-se a chegada de Manuel da Cunha, a quem, afinal, um acaso salvou da morte, não tendo o expediente da rosa contribuido em nada para sofrear os impetos de Fernando de Castro. O capitão entra, com permissão de S. Gil, quando este acaba de descrever o duelo. Deixam o duelista recem-chegado a sós com Ricardina. Vem restituir-lhe a luva e dizer-lhe adeus. Quando provocou Fernando, já tinha resolvido não casar com ela. Vae para a Africa ganhar a vida. Foi uma dolorosa, profunda desilusão a sua. Ricardina desentranha-se em afirmações de amor que o não comovem. O barão, que, escondido, esteve escutando tudo na companhia de Luiza de Lencastre, penetra, como um pae-nobre, na sala e restabelece a concordia entre os amufados. Enxuga uma lagrima com a luva de Ricardina, que arrecada para memoria, emquanto Luiza pergunta pela rosa vermeiha e inventa, a tal proposito, uma historieta explicativa.

Por este imperfeito escorço, não fará o leitor idéa exacta da peça do sr. Ricardo Durão, mas a suficiente para reconhecer o seu anacronismo e a sua fragilidade que mal resistiria a qualquer análise critica mais minuciosa e severa. Trata-se de uma estreia em que não faltam promessas. O sr. Ricardo Durão tem o dever de prosseguir, não se deixando, todavia, fascinar pelas seducções faceis do brilho literario que apregoam existir na sua prosa. A boa linguagem teatral nem sempre se compadece com certas imagens e certos torneios de frase, como o processo das explicações e das narrativas extensas, substituindo-se ao dialogo e á acção directa, só prejudica a obra dramatica, desviada assim das suas verdadeiras normas e dos seus naturaes intuitos. Exceptuada a grande scena do segundo acto entre Luiza e Ricardina, e em que aquela é quem quasi exclusivamente fala, onde existe humana e sincera vibração nesta peça? Ha, por vezes, um ou outro dito de espirito, um ou outro traço denunciador de aptidões inegaveis; reconhece-se o empenho de terminar convenientemente os actos, de conduzir para um des-

fecho simpatico o episodio; mas, áparte talvez Luiza e o barão, as personagens, no geral, quasi não passam de banalissimas creaturas, quando não são simples bonecos articulados.

Seria dificil classificar o genero de teatro a que pertence *A luva de Ricardina*. Isso pouco importa. O essencial consistiria em que na peça alguma coisa de belo, de forte e de impressionante reconhecessemos: idéas, situações, caracteres, fosse o que fosse, mas que em certo modo traduzisse uma reacção contra o recurso ás velharias sentimentaes do romantismo, contra o falso, perigoso e condenavel conceito de que no palco não ha logar senão para as baixas paixões desordenadas, para amoralismos ou para imoralidades das mais cruas; contra a erronea opinião de que no palco a virtude e o bem estão deslocados ou, em regra, sujeitos a derrota, e ha o direito de pintar, preferentemente, nele, morbidezas, vicios, miserias fisicas ou moraes, generosa e ilimitada, com complacencia. O teatro precisa de ser a vida, é certo, mas não apenas sob os seus aspectos sombrios, dissolutos e repugnantes. A literatura e a arte dramatica, teem uma função social a exercer, ainda quando esta pareça delimitar-se ao puro dominio da estetica. O sr. Ricardo Durão é um novo de talento e de vontade, a quem o futuro sorri. A sua primeira comedia, a despeito das acções, dos sentimentos e das doutrinas de Luiza, não pode considerar-se do numero daquelas que não teem, sob o ponto de vista da delicadeza ou da verdade teatralisavel do assunto, ponta por onde se lhe pegue. Não se dirá uma tentativa para se deitar fóra. Não é uma peça imoral, como tambem não visa a moralisar... O sr. Ricardo Durão, pela sua mocidade e pela habilidade demonstrada, dá-nos jús, no entanto, a pedir-lhe que enverede pelo bom caminho, contribuindo para erguer o teatro da decadencia que atravessa, não só aqui mas lá fóra. Junte-se, pois, aos que reajem e repare qne esses, em França por exemplo, são os homens da sua geração que da guerra sairam com uma mentalidade e uma consciencia regeneradas, regeneradoras e construtivas.

No desempenho de *A luva de Ricardina* distinguiu-se

28

Robles Monteiro, no velho barão, embora ainda, pela edade, longe de simular uma vigorosa senectude, que requeria outra mascara e outra voz. Amelia Rey Colaço, emprestando a vibratilidade dos seus nervos ao typo de Luiza, parecendo mal empregada nele. Ester Leão teve a prejudical-a a marcação pouco feliz do segundo ecto.

Avelino de Almeida.

Musica

Franceski no Colyseu — A festa artistica de M me Mantelli — Os projectos do maestro Francisco de Lacerda

Geralmente nestas companhias modestas de opera lyrica (e no estrangeiro acontece o mesmo) aparece um artista que se destaca no ambiente artistico que o rodeia.

A escriptura para vir cantar ao nosso Colyseu o distinto barytono Franceschi, fez-nos tomar conhecimento com um artista de incontestavel valor, que somente conheciamos de nome atravez das revistas e jornaes que nós os criticos recebemos sempre.

Pelos artigos publicados a seu respeito já sabiamos que Franceschi é dos cantores mais notaveis de canto italiano, d'essa bela escola que hoje se vae perdendo, a ponto de os artistas dificilmente poderem cantar com pura arte, as operas do velho reportorio.

Por isso não ficamos admirados que a sua opera de estreia fosse essa partitura de Verdi, o *Ernani*. As paginas d'este trabalho de Verdi pedem cantores da boa voz e sobretudo que saibam cantar com arte, porque é mister notar, que deixar sair as notas de maneira a cumprir regularmente o que está na pauta, não é cantar com arte, não é dar á musica esse perfume de encantamento que toda a musica deve ter. Ora, Franceschi sendo um cantor

29

de linda voz, inteligente para saber usar d'ela e com todas as condições para encarnar as personagens que apresenta, cantou o *Ernani* de forma tal, que notámos que estavamos perante um artista de enorme valor. Parece-me que o publico, apesar de o aplaudir imenso, ainda não compreendeu quanto Franceschi é um cantor completo, pois até nos fatos que apresenta é de um estudo digno de ser seguido por todos os cantores inteligentes.

Se no *Ernani* foi o cantor fino e o artista elegante, cantou depois o *Rigoletto*, papel completamente oposto ao primeiro. N'esta opera teve scenas belamente detalhadas, em que a mascara traduzia todo o rosario de emoções que esta personagem sofre no drama. Depois na musica de Rossini, foi um *Barbeiro* com todas as qualidades primordiaes de cantor e de artista, e em seguida na *Favorita* o barytono de voz melodica, cheia de sentimento.

No *Tonio* da opera *Palhaços*, deu-nos uma figura completamente nova entre nós ! Em passagens que foram vulgares dentro da opera, isto é na acção dramatica, Franceschi representou-as com tal realismo, que nos apresentou um *Tonio* invulgar.

No *Bárnaba* da *Gioconda*, de Ponchielli, foi elle que teve as honras da noite. N'esta personagem que possue tantas emoções de sentimento a revelarem-se, foi sempre o grande artista, o notavel cantor.

Até a esta data apenas cantou estas operas, esperando-se que nos dará ainda um *Iago* e um *Scarpia*.

Serão duas noites de linda arte de canto e scenica.

Entramos numa epoca de musica que geralmente é uma cruel tortura para o critico musical; todas as semanas temos que aturar essa onda de audições de alumnas. E, alem de sofrermos a pessima arte que ouvimos, vivemos umas horas num ambiente de *papás*, *mamãs* e *pessoas amigas* que de olhos fixos sobre nós não nos deixam um só momento !

Estas audições possuem a sua engrenagem que bem analysada daria assunto para um livro satirico de seguro exito.

De vez em quando lá aparece uma audição verdadeira-

30

mente artistica; ao menos que venha uma para lenitivo dos nossos ouvidos...

Mas termos que aturar meninas pianistas, cantoras, violinistas, a *baterem* Chopin, *a miarem arias* de Puccini e a crisparem os nossos nervos com obras de Wieniawski, hão de concordar que é um atroz martyrio para o critico!

Graças a Deus, tive no domingo passado uma audição de alumnas, elaborada com uma certa arte, a festa da professora de canto Madame Mantelli.

Além d'uns numeros de concerto cantados com criterio artistico, cantou-se pela primeira vez a opera comica de Massenet *Le portrait de Manon*.

Massenet escreveu esta opera logo depois da sua *Thais*, tendo sido cantada em Paris em 1894. E' um trabalho algo ligeiro; decerto Massenet ao escrever esta partitura apenas teve em mira entreter-se algumas horas ligeiramente, sem grandes pensamentos estetiços. O que se torna curioso n'esta partitura são os compassos aqui e ali da sua lindissima *Manon*, como a acentuarem passagens, pensamentos de acção dramatica e das personagens.

Teve um desempenho magnifico por parte dos amadores bem conhecidos entre nós.

D. Ema Santos Fonseca foi uma encantadora *Jean de Marcerf*. O seu talento para canto e para a scena é bem notorio. Deu-nos uma verdadeira figura de Saxe. Em toda a opera foi, não uma amadora, mas uma artista!

D. Virginia Gomes Amorim, uma delicada *Aurora*. Linda voz, figura graciosa e representando bem.

Sr. Pedro Meirelles de Canto e Castro, um esplendido *Des Grieux*, e o sr. Manuel Motta Capitão um *Ticherpe*, bem apresentado e de boa voz.

Nos córos internos, que foram bem cantados, tomaram parte:

Ex.mas Sr.as D. Alzira Pegado, Isaura Mergulhão, Maria Isabel Sousa Simões, Margarida Mendonça, Luiza Caldeira, Lutgarda Lopes, Rosa Costa, Isabel Gonçalves Bentes, Bertha Motta Capitão, Irene Paes Dias, Lia Pequito, Regina Paes Dias, Emilia Netto Affonso, Rachel Ribeiro, Adelina Pereira e Ex.mos Srs. Manuel Motta Ca-

pitão, Manuel Mergulhão, Antonio Oliveira, José Condeixa e Jorge Macieira.

Os acompanhamentos foram feitos por uma orchestra d'arco e piano.

Nas duas partes, consagradas a numeros de concerto, foram executados varios trechos d'operas de Donizzetti, Puccini, Alfredo Keil, Rossini, Mayerbeer, Charpentier, Verdi, Bizet, Wagner, Massenet e Boito.

Foram justamente aplaudidos pela forma como cantaram, vozes boas e escola segura, D. Guiomar Cunha, D. Lucia Piedade, D. Maria Amelia Cid Pereira Coutinho, D. Virginia Gomes Amorim, D. Herminia Pereira Tavares, Manuel Mergulhão, Jorge Macieira, José Condeixa, Paulo James Amorim.

O quartetto do *Rigoletto* recebeu uma justa ovação, tendo sido cantado por D. Virginja Gomes Amorim, D. Guiomar Cunha, Jorge Macieira e Paulo Gomes Amorim.

O theatro que tinha uma boa enchente, tributou-lhes grandes ovações e chamadas, compartilhando d'estas a distincta professora Mantelli.

Foi uma boa tarde artistica e que deixou em todos as melhores impressões.

Um leitor desta *revista* enviou-me um posfal perguntando-me a minha franca opinião sobre os projectos artisticos do *maestro* Francisco de Lacerda.

Por emquanto apenas tenho que dizer que a louvavel iniciativa do sr. Francisco de Lacerda é digna dos aplausos de todos nós.

Mas... o sr. Lacerda viveu muitos anos no estrangeiro e decerto desconhece o que é o nosso ambiente musical. Por isso penso que as boas ideias do sr. Lacerda não passam d'um lindo sonho, que dificilmente será uma realidade duradoura. Antes de qualquer projecto d'esta natureza torna-se necessario *preparar, educar* o ambiente e o artista. D'outra fòrma é construir sobre arefa.

Alfredo Pinto (Sacavem).

No proximo numero: artigo de Mario Domingues sobre a exposição de pintura de Mario Torres

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR

VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA DE ARTE, SPORT, TEATRO, MUSICA, VIDA ESTRANGEIRA

SUMARIO

DESENHO, de Bernardo Marques; ESTILOS DE ARQUITETURA, de Nogueira Brito; DOS NOVOS LIVROS, de Rocha Junior; A ENTREVISTA DA SEMANA, de José Dias-Sancho; VIDA ARTISTICA PARISIENSE, de Diogo de Macedo; EXPOSIÇÕES DE ARTE, de Mario Domingues; OS TEATROS, de Avelino de Almeida; O CINEMA, de Henrique Roldão

Publica-se aos sabados — Assinaturas: serie de 4 numeros, 4 escudos. Avulso, 1 escudo — Edição e propriedade de Victor Falcão — Tipografia, T. de Santo Antonio da Sé, 11, 3.º — Escritorios, Rua Nova do Almada, 46, s|loja

Sabado

26 de maio de 1923

Desenho de Bernardo Marques

Estilos de arquitetura

O romanico e o gotico

Seria interessante achar o sentimento proprio que irradia dos varios estilos arquiteturais, relacionando a expressão do conjunto e do detalhe com a feição dos tempos em que as varias manifestações afloraram.

Na arquitetura, como na musica, na pintura e na poesia, retrata-se a individualidade do artista como se estampa frequentemente o caracter da epoca.

O vinco que a etcnica abre no temperamento do individuo não opéra isolado na vibração do temperamento, sofre tambem a incidencia, a atuação de mil e um elementos cujas origens são as mais diversas, e em que a influencia do ambiente se identifica com contingencia do exterior assinalada no seu maior ou menor sentido de estabilisação. A estética não vem assim aos tropeções, desordenada e turbulenta. A sua trajetoria arrasta-se pelas modalidades do sentir, numa proporção assimilativa de beleza e de verdade a que nem todos os espiritos chegam, porque a predisposição para aceita-la e vive-la é a consequencia pausada e sistematica da penetração de varias modalidades do sentimento e da inteligencia.

Seria interessante achar o sentimento proprio que irradia dos varios estilos arquiteturais, relacionando a expressão do conjunto e do detalhe com a feição dos tempos em que as varias manifestações afloraram.

Poisei ha pouco os meus olhos em dois monumentos, um gotico e um romanico. E não poisei só os olhos, poisei tambem o coração e o raciocinio!

Senti as curvas airosas das volutas que palpitam na pedra trabalhada por mãos habeis de canteiros cujos nomes se perderam. Dominou-me o peso abobadal que a previdencia do arquiteto acumulou em desafio ás intemperies, na consolidação das arcarias potentes e na sobranceria dos altos campanarios. Mas em tudo vi os seculos e vi o Homem! Diluiu-se pela folhagem dos capiteis a amorosi-

3

dade do cinzelador da pedra, escorreu pelos colunelos afiados e tranquilos, a dolencia do animo que a crença temperou naquelas populações que se prenderam á convenção do seculo e do meio em que viveram!

Na insinuação á nossa vista dos anjos alados que estão quasi a tombar dos baldaquinos acolhedores, ha risos de criança e travessuras juvenis, que nos contam a ingenuidade dos anos que assistiram á criação do monumento! A sigla do pedreiro ordena-nos o pensamento e atesta-nos o sistema do trabalho.

No *gotico* cantam os silharios e baloiçam-se a olhar o chão lapidado de sepulturas, as arquitraves louçãs duma harmonia esplendida de paralelismo. Alinham-se as colunas divisorias das naves da igreja com a vigilancia severa de testemunhas conscientes do culto.

A luz que os vitraes espalham em côres vivas que não magoam, adeja umas vezes vacilante pelas pedras solitarias das paredes atentas, outras, curiosa como que a querer vêr se tudo está *ainda no seu lugar!*

Não é assim o *romanico*. Olhamos no templo e a custo vêmos a consistencia dos seus arcos que foram feitos, mais para adormentar a desenvoltura do espirito, do que para banhar de alegria os olhos e os sentidos. Uma ou outra minucia graciosa, ali perdida, que sorri, fa-lo contrafeita, como que a receiar uma indiscreção. Não ha os artezões, que caminham pelo teto em abraços carinhosos e alegres, ha a massa lugubre da cantaria que aperta os nossos movimentos e detem o ar profano que quer á força entrar pelas janelas raras que a propria luz do Sol se arreceiou de procurar. E, assim como no cantico das ogivas a alma se transporta a regiões mais altas, na lugubre linguagem dos arcos de volta inteira, transparece a reflexão que nos atrae para a meia voz, no receio de sermos a mais naquela severidade de linhas firmes. O silencio das naves goticas põe-nos á vontade, e diz-nos que estamos bem. A gravidade dos portais romanicos não admite volitações do pensar que não se acomodem com a grandeza da crença que plumbeamente se agarrou áquelas paredes inexpugnaveis á nossa prescrutação, e indiferentes ás maguas dos que sofrem em lamentos e não guardam a sua

4

dôr na confiança dos claustros em que até as flores dos canteiros parece que não podem retrair-se áquela atmosfera de penitencia e de sacrificio voluntario.

No romanico flutua uma civilisação que, mal presa ao passado, tem medo de estender os braços para mais longe. No gotico, o aroma do florir da pedra, traz no seu rendilhado uma aspiração adejante que liberta a alma em caricias de beleza que conforta o espirito para a vida.

Os artistas que ergueram as catedrais romanicas só pensaram em aprisionar a crença entre paredes que a não deixassem fugir. Os artistas que ergueram as catedrais goticas espalharam a alma pela sua propria obra, para que na sua alma podesse palpitar essa mesma obra. Templos romanicos ; templos goticos. Uns fecharam-se á luz, outros abriram-se para ela. Os cristãos que resaram nas igrejas romanicas viram no seu Deus um juiz omnipotente e inflexivel ! Os cristãos que resaram nas igrejas goticas olharam-no como um Pai que aconselha, A religião no estilo romanico é uma sentença, no gotico é um hino de perdão.

Nogueira de Brito.

Dos novos livros

«Luz Perpetua», de Samuel Maia

Desconfio que os nossos romancistas, inclinados ao pendor do modernismo, estão desnaturando o romance portuguez. Os renovadores, os *snobs* do figurino estrangeiro, desdenham do romantismo de Camilo. Já se atrevem mesmo a sorrir compadecidamente de quem o lê. E comtudo a grandeza de Camilo, a eternização da sua obra na estima popular — que é alguma coisa mais que o mercantilismo dos bibliografos — vem-lhe exactamente de ter sido ele o maior, o mais perfeito, o mais genuino interprete do sentimento portuguez, que é fundamentalmente sentimental, amorudo e piegas.

Nós, portuguezes — convençam-se ! — não vivemos áparte dos outros povos, mesmo dos povos latinos, só por mo-

5

rarmos no extremo ocidental da Europa, á beirinha do Atlantico. A nossa situação geografica tem uma intima correlação com o nosso caracter. Imaginação? Fantasia? Ancia de imprevistos? Nada. Nós temos apenas o fado, que se canta sempre na mesma corda, e o mar que nos embala sempre nas mesmas ondas. Somos um povo de sentimentaes. de impenitentes amorosos. Isto vem-nos do sol ardente, do luar intenso, da marezia. A visinhança do Oceano introduziu-nos na classe dos anfibios; e então, engorgitados de liquido salgado, somos como o crocodilo: desassimilamos pela lagrima.

D'aqui resulta andarem mal avisados os romancistas modernos, quando para despertarem a emoção do leitor e conquistarem o seu entusiasmo, lhes dirigem as suas filosoficas frechas ao cerebro, Ha erro de mira. Em Portugal não se pensa — ama-se. O ponto vulneravel da sensibilidade indigena não é na cabeça: é no coração — e dahi p'ra baixo...

Camilo explorou o filão, fabricando a unica literatura que se compra e que se lê: a que contende com as glandulas lacrimaes. Ele foi o ultimo que soube compreender o leitor, descobrir-lhe a idiosincrasia, falar-lhe á alma. Por isso o lêem e o amam; por isso lhe esgotam sucessivas edições do *Amor de Perdição*, exactamente aquele dos seus romances cujas paginas rescendem maior quantidade de extracto concentrado de cebola.

Este romance de Samuel Maia — *Luz Perpetua* — que acaba de vir a lume, não pertence á categoria dos romances de amor. A ação gira, é certo, em torno de duas pessoas qua se amam e que, forçadas á renuncia, vão tristemente, cada uma por seu lado, realisar dois casamentos infelizes. Mas o amor d'essas creaturas — *Pedro* e *Mafalda* — não é o amor que nós conhecemos, o amor Adão e Eva, o amor coração, o amor «Crescei e multiplicáevos», do preceito divino. E' um amor — digamos assim — cerebral, que logicamente havia de ter consequencias peores que uma congestão da mesma estirpe... E o amor que mais tarde vem a ligar, pelo duplo adulterio, as duas personagens secundarias da intriga — a esposa de Pedro e o marido de Mafalda — tambem não é amor coração, nem

6

amor sentimento, porque é simplesmente apetite grosseiro e material.

A que vem ou a que visa a filosofia de Pedro? Ela é falsa, contraditoria, deshumana ou, pelo menos, incompreensivel. Este sujeito aparece-nos no livro como uma pessoa excepcionalmente inteligente, que, pela proteção do padrinho, «um fidalgo de sangue real» (o pae de Mafalda) ascendeu ás Universidades, saindo assim socialmente da esfera da familia — humildes e rudes cavadores de enxada. Da filosofia que ele defende e apostolisa pela letra de fôrma, dá-nos o autor indicações na transcrição de frases soltas: «a resurreição da alma portugueza, morta pelo materialismo democratico»; «a seleção da raça»; o destino elevado das castas nobres»; «uma fidalguia preparada conforme as regras da mais apurada biologia» Ora bem. Que ele contrarie o casamento de Mafalda com o fidalgo de Tavarede — materialista casca-grossa, estupido, pegador de toiros e negociante até á medula — está certo. Mas porque contraria ele o casamento da menina comsigo proprio? Eis o que não se entende. Não é ela tambem uma creatura excepcionalmente inteligente? Não lhe formou ele o espirito. não a saturou das suas ideias, não lhe modelou a alma á imagem e semelhança da sua? Não tem ela razão quando lhe recorda as suas proprias sentenças: «As séries formam-se por semelhança mental. O desnivel entre duas inteligencias equivale á diferença de lingua, ou a não falar nenhuma»? Por forma que, ao vel-o renunciar a Mafalda, a gente fica duvidando do equilibrio das suas faculdades ou supondo que ele apenas renuncia porque, sendo plebeu de origem, «cabeça alta de senhor e corpo de servo», se não julga com direito á fidalga filha do seu fidalguissimo padrinho.

Mas o artificialismo de Pedro repete-se em sucessivas situações do romance. Esta personagem e Mafalda são frequentemente automatos nas mãos do romancista. Assim, por exemplo, não é bastante ponderosa a razão que levou Pedro a casar com a estouvada Lina, atraiçoando as suas ideias, como não é suficientemente forte a razão que levou Mafalda a aceitar o Tavarede, atraiçoando o seu pro-

posito, de minutos antes, de entrar para um convento. A brusca simpatia da menina pelos dotes fisicos do fidalgo bruto impressiona mal. Pedro e Lina, n'estas duas conjuncturas, sujeitam-se com uma docilidade de manequins ás exigencias da dinamica do romance. Perderam muito da sua autoridade moral. E uma circumstancia resalta ainda a comprometer a imaginativa do escritor. Estas duas creaturas movem-se por ações demasiadamente semelhantes. Ambas aceitam passivamente conjuges que não são a fôrma do seu pé por obediencia á vontade dos paes; ambas abrem guerra no lar por motivo dos insultos dos respectivos consortes...

O mais chocante, porém, é o desfecho do romance. Emquanto Lina e o Tavarede, dois trastes feitos um para o outro — um perfeito naipe — voam, foragidos, nas azas de um automovel, Pedro e Mafalda, os dois atraiçoados, unem-se tambem. Mas unem-se como, santo Deus?! Unem-se por um pacto de *desistencia do prazer comum*, que não é manifestamente partilhado por Mafalda. Esta senhora fartou-se de demonstrar atravez do livro que não a fadou Deus para ser a Santa Clara d'aquele casmurro S. Francisco de Assis. O ter aborrecido o marido não convence. «Sou a tua escrava, não me queixo» — diz éla a Pedro. Diz. Mas a sua carne reclama e protesta, como a inteligencia do leitor se revolta contra a matutice, sem finalidade humana nem divina, d'esse pobre diabo d'esse Pedro, que não é positivamente de qualidade de casar e está mesmo a pedir que a Mafalda lhe faça aquilo que — por igual motivo — a Lina lhe fez... E é a sorte que o espera, não tenham duvidas! Questão de lhe aparecer um novo Tavarede, bem apessoado, como aquele que lhe apareceu quando ela estava disposta a morrer de desgosto pela perda do seu Pedrinho...

Resumindo: não duvido da existencia de Pedros d'esta força; mas, se existem, são casos esporadicos, para tratar como doentes, e não para arvorar em ditadores de moralidade de romances.

Dito da nossa antipatia pela *ideia* do romance, vejamol-o agora sob o ponto de vista da *fórma*. Direi que é

8

simplesmente admiravel. Eu tinha já o sr. Samuel Maia, pelas suas obras anteriores, na conta de uma pessoa milionariamente dotada de faculdades de escritor. Fico na minha. N'esta *Luz-Perpetua* ha paginas soberbas, que poucos actualmente escreveriam melhor. A chegada de Pedro a casa dos paes, após o seu casamento em Coimbra, é uma pequena maravilha de observação e de descritivo; impressionante o dialogo anterior, no comboio, entre o filosofo e o antigo companheiro de apostolado, que lhe atira á cara o casamento rico; primorosa a caminhada pela noite, atravez da aldeola de Fujaes, o sonho com os cisnes, o regresso furtivo a Coimbra pela madrugada, quando «os galos clamavam insultando as estrelas, e por cada uma que desaparecia um passaro cantava no seu logar no ceu». O conflicto entre Mafalda e o Tavarede, ao lançar-lhe ele em rosto a suspeita de que ela seja amante de Pedro, é uma pagina de mestre. E, no final, a agonia do fidalgo, combinada com a escandalosa fuga dos adulteros, confirma-nos o sr. Samuel Maia como um romancista de poderosos recursos, um literato brilhante, com todo o direito á escapar ao areópago da rua do Arco a Jesus...

"O Canto do Cisne" de João Penha

Pela primeira vez, depois que se dedicou a prefaciar, com elogio, escritores extinctos (talvez para se penitenciar do tempo em que fazia exactamente o contrario) o meu ilustre e querido amigo Albino Forjaz de Sampaio, no prefacio do livro postumo de João Penha *O canto do cisne*, que acaba de vir a lume, abstem-se de recordar o conhecido pensamento d'um escritor cujo nome não vem para o caso: «Ler um poeta morto, é rezar por ele.»

E ainda bem.

Eu não sou candidato ao logar, vago pela ascensão do brilhante cronista das *Palavras Cinicas* aos pincaros da Academia, de desancador efectivo de literatos defuntos. Mas devo confessar, com a lealdade que me caracterisa, que não tendo nunca conseguido habituar-me a considerar o autor do *Vinho e fel* um grande poeta, tambem agora não conseguiria, sem uma grande dose de hipocrisia, pôr-me a rezar padre-nossos pelo seu descanço. Bem sei que

João Penha foi um versejador original, forte, vibrante, sabendo praticar na poesia a conhecida divisa de Juvenal *Mens sana in corpore sano;* bem sei que nos seus livros se respira um belo ar de tonificante alegria, incomparavelmente mais sadio do que a inspiração piegas de alguns poetas do seu tempo, que andavam sempre de espinhela cahida e contra cujas tendencias ele victoriosamente reajiu. E não foi decerto por lisonja, ou por erro de visão critica, que Gonçalves Crespo, o maravilhoso poeta das *Miniaturas*, o presenteou um dia com os epitetos de

Nervoso mestre, domador valente
Da rima e do soneto portuguez.

Mas se na obra de João Penha havia, de facto, arte e beleza; se n'ela luzia a divina chama do genio poetico, nunca a mim me foi dada a ventura de a lobrigar ou de a sentir; e, como é verdade, aqui espalmadamente o confesso.

Lendo agora as poesias arroladas no *Canto do Cisne*, reconhece-se que a veia ironica e sarcastica do poeta, talvez refinada pela idade, começava a descambar em rabujice, e chegava, de quando em quando, a roçar pela grosseria. Os sonetos inspirados pela guerra, os epigramas ás mulheres, designadamente ás que ficaram abandonadas ou viuvas, são de um mau gosto sem confecção.

E' possivel que haja poesia, por exemplo, no soneto *O desengano*, que tem como «chave de ouro», posta na boca de uma mulher, este verso detestavel:

Quero outra coisa: um vigoroso macho.

ou no «pensamento de album» que remata assim:

... Que toda a mulher tem azas,
Mas, só n'algumas, de pomba.
E todas as mais de patas.

ou ainda no sonetilho *O eterno feminino*, cujo ultimo terceto reza:

Até os proprios jumentos
Teem, como nós, os poetas,
Burras dos seus pensamentos.

E' possivel, mas eu não encontro.

Melhores que as poesias se me afiguram, no livro, as prosas enfeixadas sob o titulo *Excavações literarias*. Ha um conto engraçado, *Adeus, Manuel;* ha interessantes

artigos de critica literaria, e ha, em quasi todas as paginas, bons conceitos sobre varios assuntos, nomeadamente sobre a poesia popular. Isto bastava, a meu vêr, para justificar e valorisar a publicação do *Canto do Cisne*.

E que o Poeta me perdôe, se acaso fui injusto nas mal notadas linhas qne ahi ficam...

O moço escritor sr. Correia da Costa publicou em brochura a sua tese ao congresso do Ribatejo: «A terra ribatejana». São paginas de prosa gorda, requincófica e pronostica, deixando entrever a espaços, pelos intersticios das enxundias, a côr e o movimento da vida intensa das lezirias.

Rocha Junior.

A Entrevista da semana

«A Arte encanta-me pelo ambiente intimo que cria em volta de mim» — diz-nos o poeta Bernardo de Passos

Bernardo de Passos é um timido. Depois, a vida na provincia ainda mais o isolou. Desta forma recusa-se a toda a publicidade, numa modestia levada ao exagero, e não foi sem esforço que, servindo-me da minha amizade, obtive do poeta meia hora de palestra, para a reproduzir na *Revista*. Bernardo de Passos nunca cedeu uma entrevista!

O lirismo é a grande caracteristica de toda a literatura portugueza. Se a maior parte da nossa historia literaria se ocupa de Poetas, — e de imorredoira fama os temos, como poucas nações! — quasi todos os volumes de versos, em Portugal, são obra de liricos.

O lirismo sentimental e saudosista da literatura portu-

guesa atravanca bibliotecas, umas vezes fluido, estonteante, inegualavel, outras vezes fado choradinho que tresanda. Assim, o ser-se Poeta já não é grande recomendação para os cafés intelectuaes ou mesmo para o diletante literario, e todavia (apesar d'aqueles que consideram a Poesia uma forma inferior, primitiva, da Arte) a linguagem ritmada resume ainda tudo o que de mais complexo e harmonioso existe na alma humana, e ha maravilhas de expressão que só cabem num verso.

Bernardo de Passos é um Poeta profundamente portuguez — o Artista das coisas simples e emotivas, e isto n'uma época de nevrose, em que tanta gente procura aturdir-se nos exotismos e na tortura do requinte, marca indubitavelmente a verdade do seu talento que admira francamente todas as inovações, mas não perde a firmeza da sua trajectoria.

A sua obra tem um ar saudavel e campestre que nos faz bem aos sentidos intoxicados de cidade.

Ultimamente seus versos reçumam uma amoravel filosofia de bondade e de ternura, — já expressa no seu livro *Grão de Trigo*, e magnificamente transposta em simbolos n'algumas das suas derradeiras composições.

A Arte de Bernardo de Passos é filha querida de Bernardim, de Crisfal, de Rodrigues Lobo, de Garrett e de João de Deus, e tão liricos são os seus versos de amor ou de scisma que em nenhuns se desenha um pouco de paisagem. A sua vida, é a vida do coração! Não canta a fórma exterior, canta a alma!

E' o Poeta quem fala:

— Não sou, nem procuro ser um literato, digo-o com a maior sinceridade. A Arte encanta-me, sobretudo, pelo ambiente intimo, de nobre e delicada espiritualidade, que cria em volta de mim, embelezando e perfumando o meu viver obscuro. Faço d'esta obscuridade o meu eremitério, e amo-a porque nela sonho mais á vontade e pertenço mais a mim proprio.

— Porque razão, nos seus versos, se não tem ocupado da Paisagem?

— A Paisagem dá-me emoções musicaes. Tudo canta, suspira ou chora, e tudo é ritmo.

12

A Luz e a Côr são expressões musicaes. Por isso, talvez o que mais me prende na Paisagem é a sugestão do que de misterioso e encantado n'ela reconditamente se contém, e não o que ela de exterior possue.

Por sua vez, a Musica sugere-me aspectos panorâmicos, extra-terrenos, muitas vezes etéreos, de além-mundo, como sucede sempre que oiço Beethoven, que me dá a sensação divina do Infinito, — como se essa Musica maravilhosa acordasse em mim a saudade misteriosa d'uma Patria distante, primitiva, de antes da vida, de cujo eterno Amôr e eterna Beleza andassemos exilados... A mesma saudade, afinal, que sempre me deu o amôr, e que já no *Adeus*, meu primeiro livro de versos, se acha expressa na poesia *Celeste*.

E o Poeta recitou-me algumas das quadras da *Balada d'uma Saudade*, que são, a seu ver, a sintese da sua concepção do Amôr:

E contemplando-a, sentia
um saudoso recordar...
Como que a vira e amara
antes de a vêr e amar...

Que o Amôr é uma harmonia
evolada não sei d'onde,
— vinda até nós d'uma Patria
que em vias-lacteas se esconde...

Em êle é o canto d'um Eden
que em nós ficou a vibrar
como na concha d'um buzio
a voz longinqua do mar...

Que o Amôr não é senão
uma divina lembrança,
— a esperança d'uma saudade,
a saudade d'uma esperança...

Metades da mesma alma,
— emquanto assim a amava,
sentia, n'essa atracção,
que, buscando-a, me buscava...

Nos seus olhos grandes onde passa a penumbra d'uma leve tristeza, houve um fulgôr de *elan*. A sua voz revestiu-se de melodias brandas.

Era bem um Poeta quem assim me lia os seus versos!

Rememorei-lhe então os seus opúsculos *A Reacção no Algarve, Portugal na Cruz, A Bandeira da Republica*, e os seus livros *Adeus, Grão de Trigo*, e esse anunciado e sempre em vão esperado *Entardecêr* onde se irão reunir as suas melhores poesias refundidas e todas as novas composições.

Falei-lhe dos versos do *Adeus* cantados por Portugal e Hespanha, metidos nos Cancioneiros como se fossem trovas populares. E algumas quadras repeti ao Poeta, como aquela tão querida das minhas serenatas de estudantes:

E' certo que a lua vela,
Mas, louca, não tenhas medo!.
Vem conversar á janela
Que a lua guarda segredo...

E para me cumular de gentilezas, Bernardo de Passos, que ha muito tempo não publica versos, poz á disposição da *Revista Portuguesa* um soneto inédito e maravilhoso:

Quando o Amor funde as almas num olhar
que é pranto, em seu misterio, — o que se sente!
Tréme o Universo em nós, divinamente!
— Numa lágrima cabe o seu luar!

Não tem fundo o abismo desse mar,
e não ha ceu mais alto e amanhecente!
— O Passado, o Futuro, eis o Presente
de que é feito esse instante singular!

Quem já amou com esse olhar profundo,
cujo fulgor transcende a Alma e o Mundo,
(*sarça ardente* e divino amanhecer!);

Quem já assim amou, esse, em verdade,
viveu Deus, o Infinito, a Eternidade,
— tudo o que foi, e é, e ha-de ser!

José Dias-Sancho.

A "Revista Portugueza" publicará no proximo numero uma entrevista sensacional com a notavel escritora franceza Mme. Delarue Mardrus, escrita por Reynaldo Ferreira.

14

Vida artistica parisiense

Os «Salons» oficiaes -- O concurso dos portugueses --- As exposições Van Dougen, Gauguin e Matisse

Abriram-se as portas dos *Salons* oficiaes, o que equivale a escancararem-se os balcões das casas de modas onde os mercantís correram a erguer os taipaes em cata de freguezes para as novidades.

Prémios e encomendas, vendas e elogios, á gandaia e em chorrilho, ao Deus dará, deslisam como marafonas sem vergonha pelos Campos-Elyseos acima até ao triumpho geral que armou em arco para albergar a gloria humilde do Desconhecido. Sua Excellencia, o Presidente da Republica veiu á feira da esthetica, ao cemiterio da arte oficial, verificou as etiquetas, disse piadas como qualquer mortal, fez espirito de côrte, jogou galanteios aos artistas condecorados, e recolheu pacato ao Elyseu com a digestão burguezmente feita, sem um solavanco na emoção nem um estremecimento de nervos. Tudo correu bem e tudo findará melhor...

Fujita

O *Salon Unique* d'esta primavera, *collage* de dois ini-

15

migos de ha anos amancebadinhos de fresco, viaja maravilhosamente em lua de mel charra e banal, para o paiz do romantismo piégas, tal como um Romeu descarado e uma Julieta desvergonhada.

Nada de novo, nada de grande, nada em que se sinta sequer a loucura contemporanea. Tudo soffrivel, tudo equilibrado, tudo merecedor de 10 valores em exame final. O *Salon* de 23 tocou a tangente do bom-senso popular... Dos quatro mil quadros que outras tantas pessoas esquadrinharam no dia do *vernisage* chique, que — Santo Deus! — depois da guerra é d'um possidonismo que tresanda a provincia, apenas nos ficou uma lição formidavel de tecnica pictorica, dada pelo historico pintor que foi Jean Paul, cuja obra em retrospectiva enche uma sala do *Grand Palais*.

De todos esses kilometros de iona pintada com côres vivas ou brandas, telas que encerram mil sonhos falhados e onde o esforço individual para attingir um ideal qualquer é digno somente de respeito, alguns metros apenas me fizeram parar e meditar, pois no géral não vi senão motivos para bocejos. Fujita, o japonez parisiense, minucioso e paciente, assim come Albert Laurents, frio idealista de tons chavanescos, no seu purismo e perfeição, são quasi os unicos que merecem a hora em que produzem. Van Dougen e Dufau, mirabolantes e decorativos, ousados e sensiveis, veem-se e admiram-se com enthusiasmo tambem. Os dois primeiros falam baixo mas dizem verdades que são já raras: os outros dois gritam e gesticulam malcreadamente, mas apregoam profecias de beleza.

O mais, a execravel maioria, são boas pessoas a dormir a boa sesta depois do almocinho de loiros e palmas, que lhes serviu o corriqueiro academismo em fórmulas ôcas e torcidas recomendadas com exitos de lucros, esclarecidas num methodo de ganhar á roleta.

Forain tomou á sua conta nada menos de duas salas onde espalhou os seus desenhos patrioticos e as suas *pointe-sêches* combativas. O povoleu, qne só d'elle se apercebeu ha poucas semanas, atropela-se para mastigar a filosofia amarga d'estas e se empanturrar no jôvinismo d'aquelles, onde a facilidade do desenho emparelha com as

16

legendas. O mestre, pequeno e prasenteiro, chapeu ás trez pancadas e lume no olho, lá andava aurifulgente a pavonear-se de braço dado com o avô Bartholomé por entre os visitantes basbaques, que sorumbaticos cabeceiavam de tédio, confirmando o descrédito em que cahiram as firmas acreditadas.

No meio da sala nobre, a dos *rendez-vous*, n'uma vitrinesinha do *Bon Marché*, á laia de eixo da falencia artistica dos *H. C.*, o espadim de mau gosto que os colegas, por subscripção, acabavam de offertar ao mordaz caricaturista, mais parecia um inofensivo espêto de picar ostras que a espada de Damocles com que o homenageado esquartejara a sociedade do seu tempo.

Mal vae aos idolos quando descem á terra! Teem seu quê de papão, e hoje a garotada joga-lhes bolinhas de pão a ver se lhes derruba o chapéu armado!...

Mas no meio de tanta trapalhada onde os principios, as theorias, os ideaes e os *métiers* se degladiam á porfia, algo de consolador para nós, portuguezes, se ostenta a cada passo. B' que em cada parede, em cada canto, se nos depara um desenho, uma pintura ou uma estatua d'um compatriota. Assim, estes annos derradeiros, Portugal tem tido uma rasoavel representação em todos os *certamens* parisienses, embora este esforço, em terras onde a concorrencia é com milhares de eguaes e não com uma dezena de inferiores, nem sempre seja conhecido, quanto mais aplaudido, *lá bas*, na nossa Patria, que toma por ingratos filhos todos aqueles que veem á lucta difficil em terreiro alheio, conquistando com dôr e amor um nomesinho com que possa presentear o seu torrão natal no dia do seu regresso, onde o aguarda — helas! — um lindo enterro da Voz do Operario.

N'este *Salon* quasi todos os novos aqui residentes, expõem trabalhos, que, se não são obras primas, são pelo menos vibrações cheias de sensibilidade, que a alma luzitana por cá anda a soffrer... sem reclames. Henrique Franco, pintor cheio de personalidade, que algumas revistas d'arte teem descortinado na barafunda, expõe duas pinturas e alguns desenhos, assim como seu irmão, Francisco Franco que tem um busto d'uma enorme pureza, se-

reno como um classico; Abel Manía, José Campas, Souza Lopes, Medina, Dordio Gomes e Sousa Pinto, todos enviaram com dignidade seus quadros. Lástima é que ao lado d'este ultimo, artista sabedor, os dois outros mestres da paleta portuguesa, Columbano e Malhoa, tenham negligenciado, desde o armisticio, o seu lugar na *cimaise*, que com honra conquistaram, para capitanearem encorajando qualquer menos ousado que se deixa ficar no posto secundario de espectador, a ver navios.

Na esculptura mais apparece Ernesto do Canto, com uma estatua decorativa, Almeida com um busto, Antonio Costa com outro busto cheio de qualidades, e Diogo de Macedo com dois trabalhos... que por serem meus filhos, não me consentem adjectivos.

D'est'arte Portugal veiu á festa e com tanto brilho como qualquer outro paiz. Com galhardia trouxe o seu exforço honesto, tão honesto como o dos melhores camaradas, sem precisar de recorrer ás muletas d'outrem.

Nos *bas-fonds* da estatuaria, centenas de gessos se aglomeram. Poucos nos fizeram quedar em contemplação. Bourdelle, com uma estatua soberana, arcáica e architectonica, enche todo o monumento comemorativo da chegada dos americanos á França, peça de enorme vulto e magestade, rival da melhor architectura de todos os tempos, e obra de Navarre e de Ventre, architecto de alto valor.

Da outra banda, Landowski, auctor de varios bronzes eternos, tenta esmagar-nos com o seu *Fantomes*, grupo colossal que esculpiu para glorificar os mortos de Bayonna. E' grandioso mas um tanto anedoctico.

Nada mais. Nada mais que eu saiba ou tivesse visto. O resto é já dos nossos conhecimentos desde 1900 para cá, em cemiterios, postaes, *salons* e compendios.

Os *Salons* das Tulherias e d'*Art Belge* inauguram-se por estes dias. Lá correremos certos de que maior abalão a nossa sensibilidade sentirá e maior tormenta encontraremos, visto que aqui no *Grand Palais*, onde tambem os *Artistes Decorateurs* teem a montra aberta, tudo vae em calmaria, com luares bem esbatidos, arvoredos bem penteados, retratos de marechaes bem esfumados, moveis e

18

bibelots bem cerzidos, *poilus* bem perfilados, estelas funerarias bem alinhadas e tudo, tudo bem estafado, para não dizer bem estufado pelas receitas dos grandes cosinheiros que foram Bonnat e Mercier.

Tivemos este mez findo trez exposições formidaveis que justificam os créditos de Paris ser a cidade da Arte. A de Van Dougen, á porta fechada, por convites e com chá e dança, no seu atelier da Avenida do *Bois*, porta pegada com a vivenda de Anatole, já retratado por *blague* pelo vizinho, onde o antigo marinheiro holandez, agora pintor da moda, se divertiu fazendo cócegas na sensibilidade dos mirones, e onde as maravilhas da sua palêta ousada jogaram lucta com o arco-iris e com a receptibilidade emotiva da assembleia que alli foi... para dar nas vistas.

Na galeria Dru, parte da obra de Gauguin, o grande desgraçado do Tahiti, o rival de Van Gogh e primeiro admirador de Cesanne, alinhava-se pelas paredes n'uma serenidade de imagens santas, alternando o oleo com as gravuras em madeira do seu jornal de solitario, e estas com os *grés* e os troncos esculpidos, numa homogeneidade de inspiração sem tortura aparente, cheia de talento, riquissima de personalidade e pejada da philosophia amarga e resignada que leva os altos espiritos exilados da multidão ao suícidio lento para, como Christo, dar um exemplo de Força, de Fé e de Genio.

Gauguin é já hoje considerado um mestre e a sua obra é disputada pelas fortunas. Os museus archivam-na em logar de honra. Ou ella não tivesse o ferrete do genio e da desgraça...

A terceira exposição foi de Matisse. Ao entrar-se na sala como que uma chapoeirada de luz a reflectir-se em crystal movediço, nos cahla nos olhos e na alma. Henri Matisse tomou todo o Oriente na mão e distribue-o com sciencia e perdulariedade sobre as telas. O *fauve* de hontem é hoje o requintado encantador das serpentes da nossa emotividade exigente. Cada pincelada, meditada e justa é uma corda a vibrar. Resulta que cada quadro é uma harmonia, que nos exalta o enthusiasmo e nos provoca uma paixão.

Nem por isso Henri Matisse deixa de ser considerado um louco ou um *fumiste* pelos conselheiros de estado e pelos jurys das recompensas... Era justo.

As rãs já que não podem voar, coaxam...

PARIS, maio de 1923.

Diogo de Macedo.

Exposições de Arte

Mario Torres, aprendiz de pintor com fumaças de mestre

Os preços que os artistas põem nos seus catalogos não servem apenas para os apreciadores regularem as suas compras — servem tambem para o critico saber qual o valor que o pintor atribue ás suas proprias obras. Ler num catalogo é mais util do que ler na palma da mão. Os adivinhos leem cousas mirabolantes nos traços complicados que uma pessoa possue nas mãos e quasi sempre erram. O critico que lê nos catalogos raras vezes se engana.

Assim, nós soubemos por intermédio do seu catalogo qua o sr. Mario Torres se julga já um artista assombroso.

O sr. Mario Torres é um rapaz que, pela primeira vez, expõe ao publico as suas aguarelas. Pois já pede por dois palmos de pintura nada mais, nada menos de 500, 600, 800, 1.200 escudos!

Mil e duzentos escudos por um quadro que tem este titulo profundo, atraente, extraordinario: *Outono!*

Mil e duzentos escudos por outro quadro que tem outro titulo assombroso, admiravel, colossal, piramidal: *Manhã na Fonte!*

Bem, o sr. Torres pede-nos dinheiro, muito dinheiro. Mas vejamos o que nos dá em troca. Para sabermos das vantagens extraordinarias que o sr. Mario Torres, aprendiz de pintor, nos dá, é necessario que os leitores, mais uma vez penetrem comnosco naquele salão fatal — a Bobone.

20

Lá no primeiro andar, numa salinha acanhada onde não se está mal, onde se veem algumas cadeiras convidativas, das paredes alguns quadros pendem.

Olhamos, afirmamo-nos, procuramos com atenção de canto a canto, o quadro maravilhoso que valha mil e duzentos escudos verdadeiros, autenticos, insofismaveis — e não o encontramos.

Somos forçados a perguntar a nós proprios se o sr. Mario Torres se julga realmente um pintor de incontestavel valor, ou pôz tamanhos oreços no catalogo para espantar o burguez. Mas não. Pressente-se que todos aqueles preços ali escritos, estampados na folhinha do catalogo, foram ditados por uma alta convicção.

O sr. Mario Torres pintou, entre dois bocejos, duas banalidades: uma rua estreita suja, com sombreados roxos, á Leitão de Barros, umas paisagens vulgares, sem nota de sentimento, sem uma preocupação superior, sem uma intenção definida. Viu que muita gente se aproveitara já de assuntos de feira, sempre interessantes de côr, juntou uns borrões e fez uma feira.

Arrimou lá em casa aqueles quadros todos contra uma parede, mirou-os, fez uma cara sizuda e exclamou:

— Maravilhoso. E' um crime guardar isto em casa. Vou assombrar o critico da *Revista Portuguesa* — oh, se vou!

E veio, veio para a Bobone, pedir dinheiro de arripiar os cabelos.

Mas o critico da *Revista Portuguesa* não é tão mau como julgam — e diz desassombradamente que o sr. Mario Torres possue realmente alguma intuição, mas está redondamente iludido com a sua propria pessoa. Ilusões dos seus verdes anos...

A sua exposição é uma vulgaridade. Os processos que emprega são do tempo dos nossos queridinhos avós. O sr. Torres, um novo, ignora que existe um forte movimento de renovação que poz de parte aquele preciosissimo ôco que emprega na sua pintura.

Diz-se tudo isto em beneficio do pintor. Atiram-se-lhe abaixo todas as ilusões para que ele não continue a fazer figuras ridiculas, pedindo pelos seus quadros quantias exageradissimas.

Se o sr. Mario Torres, que principia agora a sua carreira artistica quizer, põe de parte esse preciosismo que o prejudica, mete-se a ver boa pintura e a estudar um pouco as correntes modernas que dominam o mundo e é possivel que depois venha a fazer obra de geito.

Assim o esperamos.

As aguarelas «assombrosas» do sr Ramirez Bonno

Cartazes espalhafatosos — por sinal mal feitos — anunciavam aí pelas paredes, aos quatro ventos, que iria ser inaugurada no salão Bobone — o eterno Bobone — uma exposição de aguarela que decerto deixaria *todo el mundo* assombrado.

Dizia-nos tambem o cartaz que o artista maravilhoso, o homem que *todo el mundo* assombraria com a sua arte se chamava J. Ramirez Bonno.

Ha nomes que parece só poderem pertencer a grandes homens. E o nome J. Ramirez Bonno afigurou-se-nos que pertencia a um grande pintor.

Durante muitos dias as palavras Ramirez Bonno ecoavam-nos nos ouvidos. E á força de repeti-las mentalmente elas quasi se tornaram numa obcessão absorvente.

De quando em quando, sem que no caso nossa vontade interviesse, elas aí nos apareciam — as teimosas palavras — a bailar escandalosamente na nossa memoria. Ramirez Bonno na Bobone ! Era um *fot-trot* escandaloso a que os nossos sentidos não podiam pôr cobro.

Neste estado de espirito tivemos de nos convencer de que Ramirez Bonno havia de ser inevitavelmente um grande pintor.

Depois... lá estavam os cartazes — bem desastrosos, por sinal — a dizer-nos que não atirariam para a publicidadc esse nome insinuante se ele não representasse de facto uma incomparavel figura de artista.

Fomos contando anciosamente os dias que faltavam para a abertura da exposição como os colegiais contam o tempo vagaroso, dum irritante ripanso, que é preciso suportar até que cheguem as férias grandes. Desejavamos a ve-

loz fuga dos dias, como um sobrinho que está para receber uma grande herança, deseja a morte de seu *rico* tio.

E o dia finalmente chegou. O grande dia, um admiravel dia de Maio, com a alegria do sol fulgurante a animar as ruas. A caminho da Bobone, subindo o Chiado, pareceu-nos que em todos os rostos, nos minimos reflexos solares havia uma voz — uma voz cantante, plena dum contentamento avassalador, que nos dizia:

— E' hoje! E' hoje que abre a exposição de aguarelas de Ramirez Bonno!

A um amigo que encontrámos em frente da *Marques* preguntámos anciosos, antes de nos informarmos da sua saude:

— Então já lá foste?

— Onde?

— Á grande exposição de aguarelas de Ramirez Bonno?

Não, o nosso amigo ainda não tinha ido.

Seguimos apressados, Chiado acima; numa fuga atravessámos a rua Serpa Pinto. Estavamos á porta da Bobone — da boa e complacente Bobone, asilo de todos os artistas e de todas as asneiras. Lá estava — notámo-lo ao subir os primeiros degraus — o grande cartaz a chamar-nos, a dizer-nos:

— Avia-te, entra, corre, vê essa maravilha, vê as assombrosas aguarelas de Ramirez Bonno!

E empurramos num impeto a porta envidraçada.

Encontrávamo-nos ofegantes em plena exposição. Finalmente iamos admirar a arte do sr. Bonno.

Mas o sr. Bonno... Bonno não: Mau!

Sim, caros leitores, não são boas as aguarelas do sr. Bonno.

Estão muitos furos abaixo dos nossos peores aguarelistas. Sentimos uma tristeza infinda quando os nossos olhos — que vinham tão cheinhos, a transbordar de alegria confiante — deram com uns palmos de cartão onde a Natureza surgia falsificada, a despeito da mania da exatidão que neles se pressentia.

São aguarelas dum colegial — piores porque, plenas de pretenção, perderam a infantilidade que lhes daria graça. O sr. Ramirez Bonno que mandou fazer cartazes, que fez

imprimir um catalogo caro, com reproducções pouco nitidas de seus quadros e letras de ouro na capa verde, é um pintor menos do que vulgar.

Em presença duma mulher de capa de borracha que surge não se sabe porquê; dos modelos que se vêem ter sido postos em *pose* especial para o pintor os reproduzir no cartão; dumas nuvens de papelão branco que ameaçam desabar sobre uns camponezes, preguntámos a nós proprios porque motivo o sr. Ramirez Bonno fez tanto reclame, tão caros catalogos e tão grandes cartazes — maus?

O sr. Bonno lembra-nos uma pessoa que tivesse praticado uma acção condenavel e andasse a chamar para ela a atenção de todo o mundo.

Mario Domingues.

Os Teatros

"Madalena arrependida", por Aura Abranches, no Avenida

O receio de que Aura Abranches, actriz dilecta do publico e incontestavelmente uma das primeiras da scena portugueza, nada acrescentasse, como autora, á sua reputação e á sua gloria, desvaneceu-se perante *Madalena arrependida*, seu primeiro trabalho teatral, que só tem de menos bem achado o titulo. A Madalena da comedia não é a pecadora do Evangelho nem qualquer das que, por semelhança ou extensão, assim se denominam. De seu nome de batismo tal se chama, e arrepende-se de um gesto violento e cruel provocado por uma crise morbida que constitue a unica nota dramatica dos tres actos. *Madalena arrependida* tem como protogonista Maria do Carmo (Aura Abranches), um amor de rapariga buliçosa, desentranhando-se em sentimentos bons, personagem que, sem se confundir com outras de egual padrão creadas pela ilustre actriz, como que as sintetisa, sob alguns dos seus aspectos, não nos recordando, todavia, especialmente, nenhu-

24

ma delas. Dir-se-ha, até certo ponto, uma auto-biografia, um auto-retrato da mulher e da artista, em que gostos, predilecções, delicadezas de alma e graças de espirito se encontram compendiados. Maria do Carmo, prototipo de formosura moral, não é a unica pessoa bondosa da peça. Todas o são. Aura Abranches excluiu a maldade, e pode dizer-se que a tristeza, desses trez actos que nos encantam e fazem rír ou apenas sorrir sem esforço. Para alcançar efeitos hilariantes não necessitou de recorrer a processos que somente significam demasiada complacencia com o suspeito paladar de uma parte do publico. *Madalena arrependida* encerra a historia singela e suave de uma criança recolhida por um casal sem filhos e que um dia sofre a desilusão de se saber engeitada, quando a mãe adoptiva, tendo, serodiamente, dado á luz um menino, se deixa absorver no amor deste, de maneira que passa a detestar quem até ali lhe preenchera as exigencias do coração maternal que uma longa esterilidade atormentou. Maria do Carmo é o centro de atracção de todos os afectos de uma familia. Só no final do segundo acto, nós e ela sabemos quaes as circunstancias verdadeiras da sua entrada naquele lar. Eis uma das excelentes qualidades teatraes da comedia: a surpreza produzida e o interesse de assistir ao desfecho. Maria do Carmo aflige-se, mas não se revolta, quando Madalena, num ataque histerico, a expulsa de casa, porque atribue á sua influencia malefica a enfermidade do filhinho. Esta scena fel-a magistralmente Adelina Abranches, como só uma actriz do seu estofo consegue fazer. Não a adivinhamos, embora de longe preparada, a soberba scena, mas entendemos depois os precedentes d'ela, justificados agora. Maria do Carmo que nos deliciára, nos dois primeiros actos, com a sua desenvoltura, o imprevisto dos seus comentarios pitorescos e a exuberancia da sua alegria comunicativa, surge-nos, no terceiro acto, numa quinta do Douro, em casa do padrinho, que é cunhado de Madalena. O seu caracter modificou-se na aparencia. Mal disfarça a melancolia em que se afunda. Amando João, filho do padrinho, não se lhe declara, nem facilita a declaração, emquanto supõe que ainda está solteira uma sua amiguinha do Brazil, que

o amava, e que conhecemos nos actos anteriores. Essa amiguinha, porém, regressa casada. Maria do Carmo e João acham-se livres para se quererem e ligarem. Madalena perdeu o filhinho; arrepende-se do desamor com que tratou aquela a quem criára com disvelos de mãe e toda a familia se reune na quinta, após uma reconciliação por que Maria do Carmo suspirava. O terceiro acto caracterisa-o um adoravel bucolismo, acentuado, desde o inicio, pela fala, que cheira a mosto, do carreiro. Houve quem estranhasse que a autora puzesse á peça como termo o canto e a dança da *chula*. Vem esta a proposito, porque estamos na vespera de S. João e anoitece. E' a hora dos folguedos tradicionaes. Inconscientemente, quero crêl-o, Aura Abranches terminou — e muito bem — a comedia consoante a fórma por que o seu imortal predecessor Gil Vicente fechava os autos. Se algum reparo desperta a *chula*, esse origina-se no cru realismo das quadras que se cantam e que bem podiam ser outras.

Aura Abranches, escrevendo *Madalena arrependida*, não pretendeu, por certo, senão realisar uma obra que divertisse, deleitasse e, de relance, comovesse. Pois não lhe faremos favor afirmando que atingiu plenamente o seu objectivo. *Madalena arrependida* é uma comedia despretenciosa, sadia, perfumada, confortante, de boa tecnica, equilibrada, bem conduzida, humana, com principio, meio e fim, escrita em excelente portuguez, no estilo proprio, não escasseando as imagens originaes onde outros empregariam velhos logares comuns. Seria dificil deparar para a protagonista outra interprete que não fosse Aura Abranches? Acreditamol-o piamente. Ela talhou uma carapuça que se lhe ajusta á maravilha. Mas em *Madalena arrependida* mereceram-lhe cuidados ainda os mais insignificantes papeis e alguns tipos episodicos, como Artur, a Mariquinhas, Margarida e o Luizinho, traçou-os de sorte a pôr em relevo a sua arte inegavel de observação. O desempenho da comedia foi, em geral, digno dela. O relampago de genio de Adelina e o assombroso virtuosismo de Aura tiveram a secundal-os o talento, as aptidões e o esforço de Alexandre de Azevedo, Antonia de Souza, Sacramento, Grijó, Albertina Pereira, Fernanda de Sousa, Alves da

Silva. O publico saiu da indiferença habitual e aclamou a actriz-escritora que contraiu a obrigação de prosseguir cultivando a literatura scenica.

"Bodas de oiro", por Vasco de Mendonça Alves, no Apolo

O sr. Vasco de Mendonça Alves não foi feliz com as *Bodas de oiro*. Se, porventura, se tratasse de um principiante, a margem de indulgencia poderia alargar-se, mas o dramatista conta no activo pelo menos cinco ou seis peças representadas, o que equivale a dizer que as suas responsabilidades são grandes e tanto maiores quanto é certo que de trabalho para trabalho se verifica, com magua, a ausencia de progressos e uma negação de aperfeiçoamento que impressionam. O sr. Vasco de Mendonça Alves é um autor fragmentario, embora o não seja de gestação abundante e rapida. Nos seus trabalhos, quando muito, salvam-se actos, alguns excelentes, e, ás vezes, tão somente simples scenas. A *Conspiradora* foi na verdade um exito, para o qual contribuiu a interpretação de Lucinda Simões. Mas o unico. *A noite de Santo Antonio* e os *Seductores* conteem erros e desequilibrios que os prejudicaram e que vemos agravados na peça agora desempenhada pela companhia do Apolo. Ainda recentemente o sr. Vasco de Mendonça Alves, entrevistado pelo *Diario de Lisboa* falou de Brieux quasi com desdem, reputando fóra de moda o autor de *L'avocat*. Ora o mestre dramaturgo francez tem o prazer e a honra de registar que as suas mais famosas peças se ouvem ainda hoje com curiosidade, admiração e proveito nos palcos do velho e do novo mundo, emquanto o simpatico autor das *Bodas de oiro* mal conseguiu, após a *Conspiradora*, afirmar-se, a não ser em fragmentos. Se á feitura da sua ultima obra presidiram intenções, como é fóra de duvida para quem a escutou, o sr. Vasco de Mendonça Alves não teve folego nem habilidade bastantes para as vincar, defender e impôr, segundo as regras mais comesinhas da arte dramatica, pelo menos. *Bodas de oiro* é uma peça eivada de defeitos. Mal se compreende que o autor os não visse e que passassem desper-

cebidos aos proprios interpretes de mais categoria. O que se pretendeu demonstrar? A que alvo se visou? Que lição envolve esta obra? Que conclusões se tiram destes quatro actos? Se o sr. Vasco de Mendonça Alves teve o proposito, muito louvavel, de exaltar a pureza dos bons costumes domesticos, os beneficios do culto das tradições, a defeza dos filhos contra o contacto desmoralisador dos paes que perderam a vergonha; se quiz atacar disposições dos codigos, que alguns asseguram — e eu não o nego — favorecer a dissolução das familias, se foi seu intuito opôr as leis de Deus ás leis dos homens, não me parece que as razões, os discursos, as atitudes do velho avô, que é o protagonista das *Bodas de oiro*, possuam um grande poder de logica e de persuasão. O avô e a avó septuagenarios, que recolhem os cinco netos — nada menos! — filhos de uma filha e de um genro divorciados, para os salvarem da perdição, educando-os na escola antiga, são duas personagens de muito desegual importancia: ela, apagada, monosilabica, insignificante, segue o marido como uma sombra para concordar invariavelmente; ele, um retorico um pirronico, um declamador, fala e procede por ambos. Quando os divorciados se reconciliam e reclamam a prole, na mira de usufruirem certa valiosa herança que esta vai receber, o avô tem uma idéa peregrina: refugiar-se com os netos na sua residencia de Bemfica e abalar depois para Hespanha. A visita da justiça colhe-o em preparativos de fuga. Na sua pertinacia, ele, o homem austero e incorruptivel, tenta subornar os executores da lei. Não he resta, no entanto, mais remedio que ceder, faltando, até á palavra de honra. Os netos são conduzidos, de viva força, para casa dos progenitores. Quiz o acaso, que é tambem a providencia dos dramaturgos, que o advogado que representára os paes contra os avós se apaixonasse por uma das netas — a outra está noiva de um joven advogado tambem — e eil-o que trama e obtem o regresso do bando garrulo a casa dos velhos, na hora em que estes tristemente solenisam, entre saudosas lagrimas, os cincoenta anos de casados.

O sr. Vasco de Mendonça Alves construiu um primeiro acto, em Bemfica, correcto, harmonico e plausivel, que

termina com um enternecedor quadro vivo: o serão de familia, em que o avô explica o sentido de uma estampa representativa da batalha de Valverde e uma idosa governante refere historias de fadas. O ambiente estava assim posto em fóco, para que na abertura do segundo acto se dispensasse a insistencia. Com efeito, depara-se-nos — coisa pouco admissivel — a casa de estar, em Lisboa, transformada em sala de estudo e trabalho comum a todos os cinco netos. O episodio prolonga-se, os incidentes repetem-se, acabando por ser fastidioso, e com este grave erro de tecnica retarda-se o desenvolvimento da acção. Alem de que o metodo pedagogico é pouco recomendavel e os meninos e as meninas se encarregam de o provar, brincando e fazendo partidas uns aos outros. Isto não pode ser considerado como bom teatro. A scena dos preparativos que se fazem da fuga para Bemfica, com o arranjo das malas e embrulhos na nossa presença, dá ensejo a que os meninos mais pequenos amenisem o doloroso espectaculo com proezas do Necas e do Tonecas (veja-se o «Zé» metido dentro da mala). Poderá isto considerar-se bom teatro? O final do terceiro acto, com os abraços e os beijos de despedida, arrasta-se excessivamente no meio das lagrimas e dos soluços de nove pessoas: o avô, a avó, os cinco netos, a governante e a criada! Das varias inverosimilhanças que existem nas *Bodas de oiro*, esta dos numerosos netos é uma delas. Não se nos afigura natural que um lar se desfaça pelo divorcio quando nele ha cinco filhos, o mais velho roçando pela maioridade e o mais novo aparentando não ter mais de quatro ou cinco anos. Um bom dramaturgo fazia a festa com um filho e uma filha, desde que se dispensasse do pensamento de comover os espectadores com o quadro patetico de tanta gente lavada em lagrimas... Abundantes pormenores, escusados mas faceis, supriram na obra as idéas e os factos essenciaes que o autor se esqueceu de lhe introduzir para a valorisar. Ao sr. Vasco de Mendonça Alves falta o sentido das proporções. Literariamente, as deficiencias da comedia saltam á vista. Publiquem-se as *Bodas de oiro* taes como foram representadas, quanto ao texto e quanto ás rubricas, e confirmar-se-ha quanto, muito por alto, fica dito.

No desempenho salienta-se em primeiro logar Ilda Stichini. Dizia-se da Réjane que, apezar de feia, quando ela entrava em scena, todo o palco se enchia de luz. Sucede o mesmo com a notavel ingenua portugueza nesta peça e em muitas outras. José Ricardo, no avô, sacrifica ao mecanismo sermonesco da dicção, enfatica e monocordia, a naturalidade suprema sem a qual ficam intragaveis as falas que o autor lhe poz na boca. Os outros interpretes consoante os seus recursos e dentro das ensanchas que lhes proporciona a peça. O arranjo scenico e a enscenação, com direito a incondicionaes louvores.

Avelino de Almeida.

A "REVISTA PORTUGUESA" publicará no proximo numero a secção "Revista das revistas", de Alvaro Maia.

O Cinema

«O suicida da Boca do Inferno»--- edição da «Enigma-Film»

A industria da cinematografia é uma industria que precisa de grandes capitaes. Querer levar a efeito um trabalho de impressão, dispondo apenas de uns magros vintens é condenar logo de começo esse mesmo trabalho. Se é certo que a economia é a principal base de qualquer negocio, tal virtude não tem na arte de fazer fitas grande espaço para bons resultados.

A cinematografia é uma arte cára, não pode nem sabe poupar. Tudo em els é feito á custa de muito dinheiro porque tudo tem de ser do melhor possivel.

E' certo que se podem evitar certas liberalidades que comprometem seriamente as administrações; é facto que uma boa gerencia não deve gastar duzentos quando possa

30

obter o mesmo resultado por cem, mas como tudo o que se gasta no cinema tem de ser do melhor, qualquer *poupança* recae em prejuizo dobrado e eis ahi a razão principal porque a fita de que vou tratar não pode ser colocada junto das producções cinematograficas de hoje.

Mas vamos por partes para melhor se analisar.

O assunto da fita é mau. O seu auctor não conhecia cinema e d'ahi o inventar um entrecho banal, insonso, sem prestimo para ser fotografado. Não dá ensejo a qualquer expressão artistica, é falho de inteligencia e a efabulação não dá um escasso capitulo de novela barata. Não tem uma ideia, não mostra um caso. Resume-se a imitar o que de mau se tem feito, nada mais.

A pessoa que fez a *decoupage* tambem não foi de grande felicidade. E' certo que não tinha muito campo para bom trabalho, mas ainda assim, devia suprir muitos defeitos e sobretudo definir os caracteres das figuras, coisa primordial em bom cinematografo e sem a qual não se compreende o cinema.

A parte, propriamente technica do trabalho é que, sendo má, nos revela um optimo elemento dentro d'aquela empreza. Quero referir-me ao sr. Ernesto de Albuquerque que, segundo o aviso escrito, se incumbiu dos dois mais dificeis trabalhos: *metteur-en-scène* e operador.

Realmente, é preciso que o sr. Ernesto de Albuquerqne tenha grandes faculdades para trabalhar em dois campos tão cheios de espinhos.

Como isso se conseguiu é que eu não entendo. Que ao operador todos os sentidos são poucos para que o seu trabalho seja limpo, sei-o, como tambem sei que ao *meiteur-en-scène* não sobra tempo para cuidar de outra coisa que não seja uma atenção extrema sobre tudo. Pois o sr. Ernesto de Albuquerqne conseguiu ser as duas coisas e (aqui é que está a minha admiração) ha em todo o trabalho uma certa harmonia, uma certa boa vontade de acerto que muito louva a sua inteligencia. Mais. Sei que ao sr. Ernesto de Albuquerque apenas foi dado para trabalhar uma machina dezuzada já e que a respeito de luz, (factor primacial na cinematografia) o operador apenas teve a bem-

dita claridade do sol com que tudo fez, os interiores e os exteriores e buscou alguns efeitos.

Sabendo o numero infinito de aparelhos (reflectores, ecrains, projectores, *grand-soleil, petit-soleil,* tangões, etc., etc.) que são precisos num estudio e constatando que o sr. Albuquerque teve apenas, em troca de todo esse material, um canto de quintal onde horas a fio esperou que o sol désse a luz precisa, tenho de afirmar que o sr. Ernesto de Albuquerque pòssue raras qualidades que deviam ser aproveitadas.

Da interpretação pouco ha a dizer. Amelia Perry mostrou que, nas mãos de um bom *metteur-en-scène* que só tenha que cuidar do seu oficio, pode e deve ser uma actriz de raras faculdades. Nos outros não notei grandes promessas, antes, não estudando o qua iam fazer, vendo no cinema uma continuação do teatro, representaram, do que resulta uma falsa interpretação. Ha expressões que são caretas, atitudes tragicas que fazem rir. Mas tambem como podia deixar de ser assim, se o *metteur-en-scène* tinha de estar á manivela da machina?

Repito o que disse em principio. O cinema é uma arte cára, não pode suportar avarezas. E se não veja-se esta fita.

De todo aquele esforço apenas se aproveita a prova irrefutavel das muitas qualidades do sr. Ernesto de Albuquerque.

Henriqne Roldão.

CONTEM PORANEA

GRANDE
REVISTA
MENSAL

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR

VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA DE ARTE, SPORT, TEATRO, MUSICA, VIDA ESTRANGEIRA

SUMARIO

DESENHO. de Antonio Soares; LATINIDADE E GERMANISMO, de Augusto da Costa; A ENTREVISTA DA SEMANA, de Reynaldo Ferreira; REVISTA DAS REVISTAS, de Alvaro Maia: OS TEATROS, de Avelino de Almeida; EXPOSIÇÕES DE ARTE, de Mario Domingues

Publica-se aos sabados — Assinaturas: serie de 4 numeros, 4 escudos. Avulso, 1 escudo — Edição e propriedade de Victor Falcão — Tipografia, T. de Santo Antonio da Sé, 11, 3.º — Escritorios, Rua Nova do Almada, 46, s|loja

Sabado

2 de junho de 1923

Croquis de Antonio Soares

Latinidade e Germanismo

Não ha duvida que a Natureza dispôs no mundo um logar proprio para exercer um imperio universal; e este logar é Roma.

DANTE.

I

Espirito latino e espirito germanico

Atraz do conflicto de caracter economico que levou os franceses á ocupação do Rhur, existe, ignorada talvez, mas latente, uma velha questão de natureza espiritual e moral. Os agitadores socialistas e comunistas, a soldo da Alemanha e da Russia, querem convencer o proletariado de que a França defende os interesses do Capital contra o Trabalho, servindo o seu imperialismo capitalista contra os interesses das outras nações. A camarilha politica de Loyd George navega nas mesmas aguas, perfilhando as mesmas ideias: como se a conducta da Inglaterra em face da ocupação do Rhur não fosse determinada exclusivamente pelos interesses do seu imperialismo capitalista, e como se para além do Rheno não existisse, tambem, um feudalismo industrial e um outro imperialismo capitalista! Tampouco o duelo da França com a Alemanha se resume num conflito de fórmas de governo: dum lado a Democracia, do outro a Autocracia; para áquem do Rheno a *soberania do povo*, para além a *soberania do Imperador*. Não: o que separa a França da Alemanha é uma questão de *essencia*, e não simplesmente uma questão de *fórma*. São duas civilisações diferentes em jogo, cada qual procurando os melhores meios de dominar a civilisação inimiga, ambas procurando alargar o seu primado espiritual e moral ao resto do mundo.

Durante a guerra, os republicanos portuguêses eram, na sua generalidade, francofilos, porque supunham que a vi-

3

toria da França seria o triunfo universal da Democracia, na sua forma republicana. Os monarquicos, esses, na sua generalidade, afirmavam-se, senão publica, pelo menos particularmente, germanofilos, porque supunham que a vitoria da Alemanha seria o triunfo universal da Monarquia. (Duas idiotices paralelas!) Mas havia excepções: entre os republicanos, destacavam-se alguns germanofilos, como Bazilio Teles, por exemplo, vitimas da formação germanica da sua inteligencia; os monarquicos da especie Cunha e Costa, por seu lado, se eram francofilos, eram-n'o mais por amor á Democracia do que por amor á França: e podemos contar ainda os monarquicos germanofilos da especie Alfredo Pimenta, inteligentes e cultos, não confiando á vitoria da Alemanha o encargo de restaurar a Monarquia em Portugal, mas admirando sincera e profundamente «as ideias salutares da civilisação germanica». Essa divisão dos portugueses durante a guerra subsiste hoje na paz. A defeza e a propaganda do pensamento germanico continua a fazer-se entre nós como antes da guerra.

Ha uma questão prévia que seria conveniente resolver: — a civilisação germanica é ou não diferente da civilisação latina? e sendo diferente, é inferior ou superior á nossa? As virtudes germanicas serão superiores ás virtudes latinas? As «ideias salutares da civilisação germanica» serão superiores ás ideias salutares da civilisação latina? ou não chegará a civilisação latina a possuir, sequer, ideias salutares?

Não existe, evidentemente, uma *raça latina*, no significado etnico da palavra; o proprio sentido do Latinismo se encontra hoje desvirtuado e pervertido. Mas existe um *espirito latino*, uma formação moral e intelectual latina, uma *civilisação latina*, comum a milhões de sêres humanos espalhados, na Europa, por Portugal, Espanha, França, Italia e Romania, e do outro lado do Atlantico, por todos esses paises de formação espanhola e portuguesa, desde o Brasil até á Argentina. Ora, é esse espirito latino que nós temos de defender contra o espirito germanico. Os interesses da França no Rhur e os interesses da nossa civilisação coincidem. Por mais brilhantes que sejam as «ideias salutares» da civilisação germanica, e por maior

4

que seja a «decadencia» dos povos latinos, não encontramos razão alguma que nos aconselhe a sacrificar ao genio confuso e turbulento dos germanos a luminosidade e a disciplina herdadas do genio greco-latino atravrz de Atenas e de Roma, de Lisboa e de Paris.

Chamar Barbaros aos alemães, não é exagerar: eles são-n'o de facto, embora duma tempera superior. O contacto com Roma, primeiro, e o contacto com a França, depois, aproximaram-nos sensivelmente dos latinos, sem que esse contacto bastasse, no entanto, para os integrar no sistema da nossa civilisação.

Tudo quanto no mundo existe de maior e mais perfeito é obra dos povos latinos: o Direito e a Arte, a Literatura e a Filosofia, as instituições e as doutrinas politicas; nos seculos XV e XVI, a grande obra de exploração geografica que desvendou á raça branca os segredos do mundo inteiro, partindo da peninsula hispanica, teve o seu nucleo central, o seu fulcro propulsor, no rochedo de Sagres; e o proprio Christianismo, facto culminante da nossa civilisação, sendo originariamente judaico, recebeu de Roma a armadura solida e a solida couraça que ainda hoje o mantêm e defendem contra as arremetidas dos seus inimigos de todos os tempos. Aos povos germanicos, que deve a civilisação moderna? A grande industria, creada pela descoberta do vapor como força motriz, e o parlamentarismo, de origem inglêsa; a filosofia inglêsa e alemã dos seculos XVIII e XIX; na literatura, o Romantismo, tambem de origem germanica. Ora, a grande industria, desenvolvendo-se para alem de todos os limites — a noção do limite e da ordem é specificamente latina — creou o proletariado e gerou o desequilibrio social que tornou possivel a ruina da Russia; o parlamentarismo e a filosofia inglesa e alemã, trazidos para a Europa latina, foram causa eficiente da anarquia nas ideias e nos sentimentos de que tanto sofremos hoje; e quanto ao Romantismo, dissolvente poderoso da inteligencia e anarquisador da sensibilidade, a sua parte no descalabro moral da Europa contemporanea desnecessario será dizer que é das maiores.

Os povos latinos são eminentemente creadores: os alemães limitam-se a imitar ou a aplicar as creações latinas.

No dominio scientifico, nem a maquina a vapor, nem o dinamo, nem a sintese quimica, nem a telegrafia com ou sem fios, nem o telefone, nem o fonografo, nem o radio, nem a anestesia, nem o transformismo, nem a teoria microbiana, nem a vacina — nenhuma destas grandes creações scientificas, com qualquer especie de reserva que possâmos pôr ao seu valor absoluto, pertence aos alemães. Lavoisier, Ampère, Claude Bernard, Pasteur, Faraday, Berthelot, Darwin, Lamarck, Cauchy, Fourier, Galois, Newton, d'Alambert, Lagrange, Laplace, Poincaré, Sadi Carnot, Volta, Curie, Becquerel, Salaon, Davy, Gay-Lussac, — grandes creadores na ordem matematica e na ordem propriamente scientifica, não pertencem tambem á Alemanha. E no entanto, a creação dos gazes asfixiantes e a preparação da guerra quimica do futuro são caracteristicamente alemãs. No dominio politico, o engrandecimento da Alemanha pela sua unificação á volta da Prussia, fez-se com principios latinos e no momento em que a França atravessava uma crise grave. A politica tradicional dos reis de França consistia em proteger as diversas liberdades germanicas, defendendo os interesses dos pequenos Estados e cidades livres, — os interesses das Alemanhas — contra todas as tendencias absorpcionistas e unificadoras. Exclusivamente por uma sabia e tradicional acção diplomatica, paralela á acção diplomatica da Santa Sé, os reis de França conseguiram durante seculos preponderar e governar nos Estados germanicos, fazendo da Alemanha uma anarquia conservada por mão de mestre: *confusio divinitus conservata*. A' transformação da Alemanha pela virtude de ideias e processos latinos, entre os quais sobresai o da hereditariedade do poder, que os unificadores prussianos foram buscar á lei salica dos francêses, — correspondeu uma inoculação de ideias e processos germanicos na França, corroendo a nação inteira, e invertendo por completo a situação da Alemanha e da França no mundo civilisado. Filosoficamente, a Alemanha nada creou que não fosse pura confusão. Kant ressuscitou apenas uma velha ideia dos sonhadores indianos e dos fumadores d'opio: nada existe; o mundo é apenas aparencia: o tempo e o espaço são condicionados pelo nosso enten-

6

dimento. Não: as intuições puras de espaço e de tempo não podem ser principios de conhecimento *á priori*: a extensão revela-se aos simples olhos mortais, e pela repetição certa dos mesmos fenomenos, o mais selvagem dos homens apreende a existencia do tempo. Lessing disse: «se Deus tivesse na sua mão direita toda a verdade e na esquerda uma simples aspiração á verdade, eu preferiria humildemente a mão esquerda». Para Lessing, o homem vale, não pela verdade que traz consigo, mas pela verdade que procura. Fichte estabeleceu este principio: «o eu põe um eu limitado como oposto dum não eu limitado». Hegel escreve: «o ser em si proprio é vasio, não é nada, equivale ao não ser; o ser e o não ser equivalem-se no *devenir*, que é o ser do que é e o não ser do que *devient*». E todos os filosofos alemães, como estes, são confusos e inextricaveis. Onde a Alemanha tem um papel preponderante, creador, é, incontestavelmente, na musica — porque a musica é exactamente de todas as artes, a que melhor se identifica com a inferioridade do genio germanico. Victor Hugo tinha razão quando disse que a musica, pela sua falta de precisão, pelo seu *vago* e pelo seu *indefinido*, chegava a toda a parte onde chega a alma da Alemanha. Desde o simples *lied* até á *Tetralogia* wagneriana, a musica alemã é um constante apêlo ao inconsciente: o que predomina e prende na musica de Wagner, áparte o *Parsifal*, é o misterio de toda a confusa mitologia das florestas virgens da Germania. Exercendo-se a acção da musica sobre a nossa sensibilidade á maneira do opio, o seu poder dissolvente será tanto maior quanto mais de perto ela tocar os dominios do inconsciente.

Guglielmo Ferrero definiu lapidarmente a natureza do povo alemão:

«Il n'a jamais senti profondément l'influence de la véritable latinité. Le sens de la mesure, l'esprit de limitation et la précision, qui sont les qualités essencielles de la latinité, lui ont toujours répugné; il y a en lui un fond de mysticisme qui semble invencible et qui le porte á chercher l'infini dans ce qui est vague, confus et indéfini. Il avait remporté des victoires brillantes dans deux

guerres heureuses... Bref, il a fini par se croire le peuple élu, le levain de la terre, le modéle du monde, et par employer couramment le mot colossal pour exprimer les suprêmes degrés de la perfection».

A civilisação germanica, como todas as civilisações novas e como todos os povos cheios de vigôr, é uma civilisação expansiva. A unidade politica fez a força da Alemanha. Desenvolvendo constantemente a sua população — ao mesmo tempo que na França fomentava a propaganda neo-malthusianista e diminuia asustadoramente a natalidade, — a Alemanha não poderia deixar de querer conquistar para si o mundo inteiro. O excesso da população alemã é hoje de quinze milhões.

Onde albergar esses individuos, onde procurar para eles alimento, dada a pouca fertilidade do solo germanico, senão fôra das fronteiras territoriais da Alemanha? Sendo um povo naturalmente expansivo, o ideal de potencia tomou no seu espirito o predominio sobre o ideal de perfeição. As proprias condições da sua natureza de povo barbaro, primitivo, cupido e brutal, de resto, exigiam tambem de si que a potencia fisica se elevasse acima da perfeição ideal.

«A missão de Roma na historia dos povos europeus foi conceber pela primeira vez a idea abstracta de Nação, deduzindo-a do facto natural da familia. Nenhum povo no mundo atingira ainda este momento de constituição social: nem os orientais, principalmente os semitas, portadores da idea do Imperio, que era uma agregação apenas miltar ou fiscal, sem unidade na ascendencia, na lingua, nas instituições civis: conjunção mais ou menos transitoria de elementos etnicos dispersos e a que a espada de um guerreiro conseguia impôr um dominio brutal, dando-lhe só uma aparencia de ordem; nem os ocidentais, principalmente aryanos, e sobretudo os gregos, que esgotavam a sua vitalidade politica, sem sairem da esfera rudimentar de agregações em cidades ou republicas federadas» (1). A civili-

(1) Oliveira Martins, *Camões*, os *Lusiadas e a Renascença em Portugal*, pag. 280.

8

zação romana fez de nós, povo de bandos aguerridos e revoltados, quasi nomadas, uma nação organizada. Da mesma forma, por toda a parte onde a sua influencia chegou. Quando, tempo depois, Latinidade e Catolicismo se confundiram, onde existia um sacerdote, existia sempre um instrumento e um factor de disciplina social. Os romanos deixaram-nos o Municipio, e nele um sistema completo de liberdades e garantias populares. Os germanos, barões aguerridos, individualistas, trouxeram consigo o espirito feudal e aristocratico: contra as ambições desse espirito feudal se uniram mais tarde, sucessivas vezes, os reis portugueses e o povo português, na defeza dos interesses comuns. Ao espirito de ordem latino, opunha-se, pois, o espirito individualista germanico.

O sentido da ordem, repito, é specificamente latino. Ha quem julgue que a ordem reinou em Portugal durante o governo de Sidonio Pais; ha quem acredite, tambem, que a Alemanha é o pais natal da ordem e da disciplina. Ora, a prova de que a ordem não existiu em Portugal no periodo sidonista é que, durante todo o tempo de governo de Sidonio Pais, nem uma noite, nem um dia sequer, as tropas da guarnição de Lisbôa deixaram de estar de prevenção nos quarteis, quando não estavam de prevenção nas ruas; da mesma maneira que a existencia duma disciplina militar ferrea, dominadora, inquebrantavel, na Alemanha, não significa que a ordem exista entre os teutões, e muito menos, que essa *militarisação* excessiva do Imperio seja o prototipo da ordem para todo o mundo. Esta concepção *policial* da ordem é demasiadamente simplista: *l'ordre est aussi le sens des limites qu'une socteté ne doit pas dépasser, si elle ne veut pas voir la raison se transformer en folie, la verité se transformer en erreur, la beauté se transformer en laideur, le bien se transformer en mal»*; (1) o *ordenado* é o *limitado*; a disciplina é a limitação livre e consciente de todas as forças e actividades sociais, a consciencia que os individuos e as sociedades têm das suas funções, não exorbitando delas, mesmo den-

(1) Guglielmo Ferrero. *Le genie latin et le monde moderne*, pag. 281.

tro da mais ferrea das disciplinas aparentes, para que os individuos ou as sociedades se não despenhem imediatamente numa anarquia profunda.

A ordem germanica é a negação da ordem latina. O alemão é obrigado desde creança a obedecer cegamente, e cegamente obedece depois d'homem, nessa caserna imensa que era o seu Imperio. Educado, desde a escola, numa veneração religiosa pelo Estado e pelos seus servidores hierarquicamente mais altos, o alemão não opõe qualquer limite a essa veneração, nem distingue se a disciplina a que o submetem tem como finalidade o bem ou o mal. Comparavel a esta disciplina só uma outra existe: a disciplina da Maquina. A Maquina tambem obedece cegamente: nenhuma das suas partes écapaz de opôr uma limitação *consciente* á voz de comando que o homem lhe dá, seja essa voz determinada para o bem, seja determinada para o mal. «O alemão, diz Kant, é, entre os povos civilisados, o que se submete mais facil e duravelmente ao governo que o rege»; «submeter-se, obedecer, publicamente ou em segredo, eis, segundo Nietzsche, toda a virtude alemã»; Rathenau, numa obra que em francês tem o titulo *Choses de l'avenir*, dividiu o povo alemão em duas categorias, uma feita para mandar, outra para obedecer; e é esta ultima que ele define «uma massa cujas forças fisicas fornecem até ao limite extrêmo todos os esforços que lhe pedem... Ela não pede explicações. Ela não critica... O sentimento mais proximo do seu, é a docilidade duma creança»; e o Kaiser, discursando aos recrutas em 1893, dizia-lhes esta palavras que são bem a sintese do valôr moral da ordem e da disciplina alemãs: «Vós não deveis ter senão uma unica vontade, que é a minha; não há senão uma lei, que é a minha,»

A obediencia dos latinos tem *souplesse*, tem vibração, porque os latinos possuem a consciencia do que seja *servir*, e pode representar-se, por isso, pela fibra d'aço, delgada e flexivel, mas que não quebra. A obediencia dos germanos, pelo contrario, é brutal, pesada, feita dum bloco só, e, porque não é *raciocinada*, mas apenas *sentida*, não tendo elasticidade nem vibração, pode representar-se por uma mole enorme de bronze ou de granito. Dir-me-hão:

—«por isso o latino discute, emquanto o germano obedece; e porque analizar e discutir é debilitar e enfraquecer, os alemães tinham consigo a Monarquia, enquanto nós tinhamos a Democracia; enquanto os germanos possuiam a ordem, os latinos possuiam a anarquia.» Mas a estas objecções responderei, prímeiro, com Ferrero, que nem a ordem está necessariamente onde os poderes não são discutídos, mas apenas obedecidos, nem a anarquia está necessariamente onde os poderes são discutidos, embora obedecidos; e a seguir direi que é preferivel exagerar o sentimento da dignidade humana, a esquecê-lo por completo ou a não possui-lo, sequer. Os latinos sabem que acima da sua individualidade existe a *personalidade* humana, e sabem que, se a sociedade não pode existir sem o sacrificio do *individuo*, se o individuo é feito para a sociedade, já o mesmo não acontece á *pessôa:* comparticipando da natureza divina, dom recebido directamente de Deus, é para bem exclusivo da personalidade humana que a sociedade existe. O latino é uma *pessôa* — e como pessoa discute, reflecte, e como pessôa obedece, conhecendo a honra e o valôr de *servir*, não perdendo nunca o sentimento da dignidade pessoal. O germano é apenas um *individuo*, — e como individuo obedece, não discutindo, não raciocinando, considerando-se apenas como um rodado indispensavel a uma grande maquina que tem por nome Estado: em vez do sentimento da dignidade pessoal, o germano tem o sentimento da dedicação e da lialdade pela pessoa ou coisa a quem presta serviços: mas os mesmos sentimentos se encontram em certos animais e geralmente nos escravos, sem que por isso sejamos forçados a concluir que esses animais e a generalidade dos escravos tenham um sentido da ordem e da disciplina superior ao sentido que da ordem e da disciplina têm os latinos. — Complementarmente, responderei ainda que na «insurreição do individuo contra a especie», como Taine chamou á Revolução e ao individualismo contemporaneo dos latinos, entrou como factor preponderante, senão principal, o elemento estrangeiro, representado, dum lado, pelos filosofos inglêses, do outro pelo protestantismo de Luthero e pelos filosofos alemães.

O sentido latino da Regra e do Limite é o sentido da Perfeição. Faltando-lhe esse sentido da Perfeição, o germanismo caracterisa-se por «uma insaciavel aspiração a um acrescimo ilimitado de potencia; por uma actividade incançavel e despida de escrupulos; pelo espirito de invasão; pelo gosto por tudo quanto é enorme, colossal, extravagante, violento.» O que predomina na civilisação germanica é, portanto, a *quantidade*, enquanto que na civilisação latina o elemento predominante é a *qualidade*. Para avassalar o mundo com o seu comercio, como para fazer depois a guerra, a Alemanha não hesitou em lançar mão de todos os meios. Certamente, nem tudo são defeitos nos alemães: ha entre eles uma grande capacidade de organização, grandes faculdades de trabalho e grandes aptidões tecnicas; mas essas virtudes, eles proprios de bôamente as sacrificam aos defeitos gerais da sua civilisação barbara, expansiva e quantitativa.

A quimica alemã, na paz, entreteve-se falsificando tudo quanto no mundo ha susceptivel de falsificação: tapetes de Smyrna fabricados em Monza, objectos japonezes e indianos fabricados em Hamburgo e na Baviéra, novidades de Paris fabricadas em cem logares diferentes do territorio alemão — tudo servia ao germanismo para expandir o seu comercio, não faltando como complemento de todas as falsificações o sistema deslial do *dumping*, que lhe permitia fazer aos outres povos uma concorrencia triunfante em todos os mercados do mundo; o *dumping*, que é ainda uma falsificação dos processos de comerciar, alterando e pervertendo a noção do justo valor das coisas. Na guerra, a obra da quimica alemã, se não foi de falsificação, foi pior: foi de morte. Se as guerras do futuro revestirem um caracter quasi exclusivamente quimico, se forem guerras exclusivamente scientificas, a Alemanha, esquecendo-se dos limites naturais da sciencia e continuando a fazer da quimica um instrumento de morte e de ruina, uma dupla demonstração fará ao mundo: — 1.º) que o povo mais civilisado não é necessariamente aquele que conta no seu activo um maior desenvolvimento scientifico, tecnico e industrial; e 2.º) que o homem não é tanto melhor quanto mais instruido fôr, porque a bondade

12

não augmenta na razão directa dos seus conhecimentos scientificos. Faltando-lhe os dons espirituais que fazem a superiorldade da civilisação latina, o germanismo ultrapassa, para o mal, contra a humanidade que pretende servir, quando se arvora em povo eleito de Deus, as regras e os limites necessarios á actividade dos valores sociais para o florescimento duma civilização brilhante, feita como a latina, de toda a pujança da Força e de toda a espiritualidade da Beleza.

Augusto da Costa.

Não inserimos no presente numero o secção "Dos novos livros,, poroue Rocha Junior, que a escreve, acompanhã os aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral na sua viagem triumphal a Paris.

A Entrevista da semana

Mme. Delarue-Mardrus fala-nos de Portugal, do romanticismo e dos literatos portuguezes

— E' aquela...

E o creado do Palace, galego muito bem disfarçado sob a casaca negra, indicava-nos, de dedo espetado, Madame Delarue-Mardrus, com o respeito assustado d'um etiopio que apontasse Cleopatra...

A vaporosa escritora francesa, que se oferecera, sorri-

dente e facil, aos primeiros *repoterrs* que a abordaram — resistia ou esquivava-se aos retardarios, sempre cheia de afazeres, de passeios, defendida por uma guarda feroz, atenta, de centuriaes galantes, que a cercava e afastava os inoportunos, como soldados da Babilonia defendendo a «Bela» de Baltazar.

Era necessario, pois, saber aproveitar a oportunidade: a admiravel tecedora de «Les Deux Amants» e de «L'occident», ficára abandonada, no meio do salão, fatigada, sonhadora, mirando com uma curiosidade de fotografo a janela velada pelos *stors* de cassa. Aproximámo-nos, com *pose* de indiferença e sentamo-nos abancando a uma escrevaninha quasi ao lado de Madame Mardrus, exagerando o ar de pessoa preocupada que necessita de silencio para redigir uma carta de amor ou um *memorandum* comercial. Mas a escritora, loira e distraida, não se surprehendeu com a nossa *pose*, com o nosso ar de pessoa preocupada. Nunca, como n'essa tarde, sentimos a falta de um monoculo. E assim estivemos segundos, minutos, aguardando o *momento*. E esse *momento* veiu — generoso, alcoviteiro, como no teatro ou nas peliculas de cinema. Um *Excelsior* esquecido sobre os joelhos de Madame Mardrus, resvalara para o tapete. Buscamol-o, rapidos, n'um gesto versail, lesco, muito proprio da situação, e assim começou a conversa...

— *Mais Monsieur... Merci... Mais de rien... Vous êtes bien gentile*, etc., etc.

Vagamente, damos-lhe a entender que somos jornalistas. E a poetisa de *A Maman*, como que presa d'um brusco interesse, interroga:

— E' redactor do *Diario de Lisboa?*...

Para essa senhora, todos os jornalistas de Portugal devem pertencer ao *Diario de Lisboa*. Confessamos, envergonhados, que não tinhamos essa honra...

— Em todo o caso quizeramos arquivar no nosso *dossier* uma palestra com a mais moderna e mais delicada escritora da França...

Os elogios produzem no espirito de Madame Mardrus um efeito de cocaina. Despertou; os seus olhos arcoirescos brilham mais; a sua boca, traço firme, sem curva.

vermelha de carmim, torceu-se um pouco, n'um sorriso superior. As suas unhas polidas como palhetas côr de rosa, arranham a cabeleira scintilantee ela predispõe-se a impor ao *reporter* a descripção preambular da entrevista. Quer ela propria dictar-nos o seu retrato...

Vulcão de champagne, vesuvio de graça, aberto sobre os *boulevards*, a poetisa, a romancista, a compositora, sente-se triunfante, nessa pequena visita pitoresca, ao extremo da Europa, n'um paiz de sonho romantico, que ela ambicionou sempre conhecer — como nós todos ambicionamos conhecer a Romenia ou Japão. E por isso, n'um entusiasmo certamente sincero, apesar de toda a frivolidade dos gestos, apesar da *maquillage* da frase, Madame Mardrus inicia, sem querer, a entrevista.

— Que belo paiz, o vosso!

Classico! Quizemos obter-lhe uma imagem nova. E ela diz-nos:

— Portugal parece-me um museu, onde todos os nossos sonhos se juntam e se exhibem, para consolação dos romanticos...

E' pelo romanticismo? Não? Ela explica:

— O romanticismo tem uma grave lenda a prejudical-o. Dizem os experimentistas que ele afasta as gentes do campo da vida e as suicida para a ação. Acusam-no ainda de mentiroso, de falso. Está bem. Mas, nem por isso é necessario destruil-o por completo. Se o romanticismo é prejudicial, facil é arrancar-lhe as tuberculoses de que enferma e deixal-o sadio e forte. E, se conseguirmos nivelar o romanticismo com a vida — que importa que ele não seja o retrato brutal d'essa mesma vida? A musica, a pintura não são mais uteis, sobre o ponto de vista experimental que a literatura romantica, e comtudo ninguem as ousa atacar com a violencia com que se atacou e se ataca ainda a literatura romantica. Pelo contrario. Atribuem-lhe a suavisação dos costumes e o refinamento dos gostos.

— N'esse caso, a sua teoria?

— A minha teoria é que a literaturar para ser sã, para ser constructiva, para ser agradavel, saborosa e por conseguinte util, necessita ser romantica; necessita ser optimista. Em toda a minha obra — e já estão publicados qua-

si trinta volumes, entre vinte romances e dez livros de versos e de cronicas — vinquei, com toda a energia que pode a alma d'uma mulher, esse meu sentido... chamemos-lhe tecnico... da arte de escrever.

— Como foi que se apaixonou pelas letras?

— Quando li, pela primeira vez, Victor Hugo. Quando voltei a ultima folha dos *Miseraveis* e o espaço em branco apareceu, como um pano de teatro que cae, dentro de mim tinha nascido a sede de escrever.

— Escreve sempre?

— Sempre. Todos os dias. Em Paris, dedico-me, pelo menos quatro horas diarias, a compôr os meus livros. Em viagem, mesmo quando me afundo no Oriente, com o meu marido, não chego nunca á noite [illegible] enchido algumas folhas de papel.

— Conhece a literatura portugueza?

Madame Madrus, que durante toda a conv[illegible] deixára de lançar o seu olhar, tão languido, tão t[illegible]r cima da minha cebeça, na curiosidade preocupada [illegible]n ponto fixo que, eu não podia ver, responde, afogueada:

— Sim. Tudo quanto me tem caido nas mãos tenho devorado com delicia, gulosamente.

— Em francez?

Madame Mardrus hesita. Depois...

— E' que eu tenho muita facilidade para comprehender o portuguez. Conheço o latim... o italiano... um pouco o castelhano...

— E que auctores prefere?

— Já o disse nas minhas conferencias. Carlos Malheiro Dias... Augusto Gil... Correia de Oliveira...

Os nomes saem-lhe dos labios carminados, em silabas trabalhadas, embora que, com um esforço menor ao da primeira vez que os pronunciou, no teatro S. Luiz...

— E d'esses auctores quaes são as obras que o seu espirito tão sensivel predilecta?

— Dificil de responder... — confessa.

E a seguir, voltando a mirar fixamente qualquer coisa sobre a minha cabeça, acrescenta:

— *Voyons*... De Malheiro Dias... Adoro o *Luar de Janeiro*, magnifico de elevação e de simplicidade. De

Correia de Oliveira a *Paixão da Maria do Ceu*... E' um romance moderno, cheio de vibração e de sentimento... Quanto a Augusto Gil... li varias novelas d'ele, mas, francamente, não consegui retêr os titulos...

Intrigado por aquele olhar firme, afilado, que Madame Mardrus projectava sobre os nossos cabelos para alem dos nossos hombros, resolvemos levantar-nos e descobrir o seu alvo. E, emquanto nos despediamos, e ela, oferecendo a sua mão de pelica ao nosso beijo, artificialmente francez, nos exigia...

« — *Mais... pas d'interview, monsieur...*

... o nosso olhar, ancioso, foi correndo até se encontrar com o de Madame Mardrus, n'aquele ponto fixo que a hipnotisava. Era que, na parede fronteira, n'um espelho colossal, iam projectando-se, como n'um *écrain*, os gestos, as atitudes, os esgares que ela combinava para brindar ao seu entrevistador.

Vulcões de *champagne*, abertos sobre os *boulevards*; orquideas da *coqueterie* creadas n'essa estufa de graça que é Paris: que artificiaes, que frivolas sois todas, mesmo quando atingís as culminancias d'uma Madame Delarue Mardrus...

Reynaldo Ferreira.

A "REVISTA PORTUGUESA" publicará no proximo numero a secção "Vida Artistica Parisiense, de Diogo de Macedo.

Revista das revistas

«Diario de Noticias, ilustrado» — Numero da Primavera

— Sua Excelencia sofre de fartura!...

Era assim que, acerca de Jacinto Galião e num optimo conceito cheio de gravidade e clareza, capaz de encher d'inveja muito individuo de côr branca, se expressava o

17

honrado Grilo, africano de origem, mordomo de profissão e conciso por indole. Sim: o ilustre descendente dos barbudos Galiões do seculo XV, sofria porque tinha conforto de mais e imenso era o vasio da sua vida, ali na ruidosa Paris, entre prodigios de mecanica e maravilhas de civilisação. Pobre, desventurado Principe da Grã Ventura! sempre a bocejar de tedio, sempre com os dedos afilados repuxando o bigode caido, ou apalpando a caveira que a pele macilenta escassamente encobria! Pobre Principe da Grã Ventura! O Grilo tinha rasão no seu laconismo: Jacinto estava a botar por fóra, como aquêles individuos que num dia querem comer por um mez... Porisso, agoniava-se... Mas, transportado um dia para a Serra, espertou, arribou; passados mezes à saude espirrava-lhe da face. A respeito porém do regresso de Jacinto á terra de seu avòs aonde não comia peixes dos lagos da Dalmacia, nem cordeiros das lezirias marinhas nem tampouco castanhas geladas, mas sim favas com chouriço e bolinhos de bacas lhau, o honrado Grilo, interrogado por Zé Fernandes de Noronha e Sande e louvando o ar purissimo da Serra, envolvia num gesto desolado a louça de Barcelos, as facas de cabo d'osso e as prateleiras de pinho, exclamando:

— Mas muita magreza, siô Fernandes, muita magreza!

Ah, meus bons leitores! eu neste momento estou como o digno e laconico mordomo de Jacinto Galião... Diante d'este numero do *Diario de Noticias ilustrado* que se abre sobre a minha mesa de trabalho, só me acodem á memoria as palavras do Grilo. Está muito bem impresso, traz uma bela reprodução da *Leda* de Vieira Portuense, insere um formoso trecho de prosa do sr. Aquilino Ribeiro, e disse, meus senhores! o resto muita magreza, siô Fernandes, muita magreza!... Para album de anuncios estaria bem: para numero de Primavera é que, leitores, é d'uma pobreza franciscana. Graficamente, é possivel que, iá fóra, não façam muito melhor; no ponto de vista literario e artistico, senhores, é que desafia mesmo a concisão lapidar do Grilo, mordomo do Principe da Grã Ventura. Sem a prosa

18

do auctor admiravel do *Malhadinhas*, póde-se afirmar que seria um numero para esquecer, para botar fóra por que os anuncios não justificariam as quinze corôas que me custou. No ponto de vista artistico vejo neste número um pessimo desenho de Alfredo Keil; outro de Bartolozzi que não valia a pena reproduzir; um terceiro do sr. Carlos Carneiro que desafia o bestunto do mais pintado a adivinhar por que motivo se chama esse desenho *Hora côr de rosa;* uma caricatura de Valença que não vale dois caracaracoes, — e por aqui me fico, pois que os desenhos de Bernardo Marques não são do melhor que ele poderia produzir de melhor se quizesse — e se, naturalmente, lhe pagassem para isso!... Os desenhos do sr. Moraes esses são uma miseria; é mesmo melhor passarmos adiante! Vamos á colaboração, senhores! O numero em questão traz um conto para crianças, devido á penna da Senhora Dona Maria Sophia Santo Thyrso e que não interessa nada — nem mesmo aqueles que, como eu, apetecem cair na *sugestão provavel d'outras vidas*, fartos de complicações sentimentaes e com o espirito queimado por todas as mixerofadas literarias modernas. Adoro as historias para crianças, a literatura de bibe e calção: a verdade contudo é que, rarissimos me conseguem fazer outra vez criança e esquecer os trinta e tal que já cá me pezam no lombo... E a Senhora D. Maria Sofia Santo Thyrso não pertence, a meu ver, ao numero dessas raras creaturas. Passemos adiante. Ha versos tambem: cinco liricas apenas: salva-se pela candura e pela ingenuidade a *Anunciação*, do sr. Augusto Casimiro. Temos depois um conto do sr. Lopes de Mendonça, sob o titulo *A boneca alemã*, velho relho como assunto, duvidoso como moral e nulo como arte. Quanto ao *Primeiro milagre de Dom Frei Bartolomeu dos Martires*, conto da auctoria do sr. Severo Portela, e horrivelmente ilustrado pelo sr. Alfredo de Moraes, notamos-lhe o defeito de que enferma sempre a prosa do escriptor em questão: o contorsionado da prosa que levou martelada de cair e se encontra reduzida a uma coisa forçada, esquiva, assustadiça, cheia de negras, esforço espantoso a entrudar de simplicidade. Note-se desde já e em defeza das linhas acima, que de modo algum reprovamos o esme-

ro da construção, o apuro da fórma: a verdade porém é que esses apuro e esmero não significam jamais o reduzir a prosa a um trabalho suado de ferreiro nem tampouco exigem a intervenção dama costureira d'espartilhos. Se a prosa não corre limpida e clara, no meio dos seus adornos e galanias, ha que acercarmo-nos do povo cuja maneira de falar é quasi sempre d'uma beleza e limpidez maravilhosas, e ha tambem que aprender a formar um estilo pela leitura de Vieira e de Camilo. A riqueza extraordinaria que possue esta martirisada lingua portugueza, a formidavel ductilidade do seu metal, sonoro e cantante; a frescura, a côr, o brilho a que ela se presta!... Simplesmente exige que a tomem como ela é e lhe não emprestem arrebiques que a sobrecarregam, escondem e até aleijam. E é o caso do sr. Severo Portela: a sua prosa, quer nas *Boccas do Mundo*, quer na *Agua corrente* ou em *O Presepio*, raras vezes se liberta da camisa de forças em que a metteram, fica uma pura confecção, ou antes uma bijouteria rebicada, — triste destino a que não escapa o conto que motiva estas linhas. No dia em que o sr. Severo Portela perdesse o antigo vezo, lucraria a sua obra e com ela a nossa literatura. E', pelo menos, a nossa humilde opinião. E o sr. Severo Portela que lhe parece!

Pedaço d'excelente prosa, sem contestação, nem favor, é o que sob o titulo *Vida da agreste beira-mar* nos dá neste numero do *Diario de Noticias ilustrado*, o sr. Aquilino Ribeiro. Se abstrairmos de uma ou outra francesia que por lá topamos — e que bem escusada era em quem, como o autor d'*O Malhadinhas*, mostra conhecer todos os segredos da formosa lingua lusitana — o trecho em questão, confirmando-nos um antigo modo de vêr, indemnisa-nos de muita coisa sarrafaçal que para ahi se nos apresenta como prosa. A descripção que o sr. Aquilino Ribeiro nos dá da zona piscatoria visinha de Leiria, é cheia de vida, de força, de colorido. Tem uma pujança invejavel a parte d'essa descripção que se refere á zona entre o Pinhal e o Atlantico: pena tenho eu de não saber escrever assim! e

de nem sequer, ao menos, poder trasladar para aqui esse formoso pedaço de prosa. Agradar-me-ia transcreve-lo sim! e tambem a descripção das gentes da beira-mar, a das suas manobras, as suas falas apanhadas ao vivo: agradar-me-ia isso, a mim a quem tanto repugnam certas producções do mesmo auctor. A prosa do sr. Aquilino Ribeiro, nestas suas impressões da beira-mar, é a confirmação de quanto vale e pode a lingua desta terra em que nascemos, do que ela representa como instrumento pictural, da força expressiva que ela possue. Infelizmente, os nossos regionalistas, coitados, ou a tornam capa esburacada para as suas pieguices lorpas, ou se dedicam ao trabalho ingrato e desluzido de a estesoirar pelo que Fialho teve de peor, tornando-a uma coisa esquipatica, sem graça nem vida: é que esqueceram o conselho salutar de Eça de Queiroz — saber a fundo a sua lingua e nobremente mal todas as outras! O resultado é esse regionalismo frustre que por ahi peja as livrarias — regionalismo apenas de convenção, aonde não aparece a alma, as aspirações, a vida, o modo de ser da nossa gente, e servido por uma triste manta de retalhos aonde as costuras espreitam á surrelfa e a que se combinou chamar linguagem popular mas aonde o povo está como Pilatos no Credo. E' que a primeira exigencia da literatura regional seria o conhecerem os nossos escritores a sua lingua e, ao mesmo tempo identificarem-se com o povo, não lhe emprestando uma psicologia que ele não possue. Egualmente seria para desejar que se puzesse de parte os exageros da chamada escola realista — verdadeira delíquescencia do Romantismo! — e se não encarasse a vida pelo seu aspecto peor, pois que, do contrario, entra-se num dominio perigosissimo: a imitação do figurino estrangeiro no que ele tem de peor: o pessimismo, impenitente e hipocrita, levando assim o *servum pecus* para aquilo em que ele, infantilmente, se compraz — a generalisação. Alguns destes vicios tem-nos exhibido á larga o sr. Aquilino Ribeiro: o mal porêm será para ele: se o *Malhadinhas* possue qualidades que o habilitem a ficar junto d'alguns dos mais belos trechos de prosa portugueza; se estas suas impressões das visinhanças marinhas de Leiria constituem um formoso trecho de

descripção vivida, ha na sua obra, já vasta, coisas que o esquecimento sumirá irremediavelmente. E é pena que um preconceito mesquinho tamanha força possua que obrigue um escriptor cheio de belas qualidades a estragar-se. Sirva-nos porém de consolação o amor que a lingua portugueza lhe merece. E acabada esta insonsa e descolorida sermoneca — verdadeira poção de dormideiras que propinei aos leitores com o meu arrazoado — volto a ler a prosa do sr. Aquilino Ribeiro no *Diario de Noticias ilustrado.* Sou um escriptorelho que aprende sempre e nunca sabe coisa alguma! Tambem, se não fosse o trecho do sr. Aquilino Ribeiro, o numero não ensinava nada á gente: era só anuncios. E lá temos nós outra vez o honrado, lustroso e digno Grilo a dizer cheio de comica desolação:

— Mas muita magreza, siô Fernandes, muita magreza!

Alvaro Maia.

*

N. B. — Este numero do *Diario de Noticias ilustrado* traz uma capa reproduzindo um belo desenho de Antonio Soares, totalmente estragado pela cercadura e desenho esse a que não fazemos mais largas referencias devido a Antonio Soares ser das pessoas que mais assiduamente trabalham nesta Revista.

A. M.

A "Revista Portugueza" publicará no proximo numero uma en revista com o o notavel escritor Anthero de Figueiredo.

Os Teatros

Sereno comentario de um infeliz manifesto

Um reduzido grupo de escritores teatraes, cuja bagagem, por ser diminuta em quantidade, pelo que respeita a alguns deles, não deixa por isso de merecer o interesse do publico, principalmente pelo que comporta de bem fun-

22

dadas esperanças, trouxe a lume um manifesto que protesta, com a vehemencia propria da irrequieta e irreflectida juventude, contra uma suposta cabala da imprensa destinada a dificultar as manifestações da sua actividade e do seu talento. O proprio grupo considera a estranha atitude que tomou como «um facto talvez unico nos anaes da vida literaria contemporanea». Com efeito, é unico e espanta pelo que possue de contraproducente, visto em nada contribuir para a mais facil gloria dos signatários que não se conquistará com maus manifestos, mas apenas com obras boas. A arremetida pretende alvejar a imprensa em geral e em particular a critica dramatica. Nem como jornalista nem como critico, embora modestissimo, me suponho atingido pelas setas hervadas que, sem serenidade alguma, os moços escritores despedem para o monte. Pessoas de muito juizo me disseram que o caso não era propriamente comi- e que melhor seria encolher os hombros, não animando polemicas cujo objectivo final pode estar oculto. Não atenderei as pessoas de juizo neste caso, embora me digam que os signatarios do manifesto reconhecem excepções e que a sua benignidade talvez me inclua entre elas. Como, porem, as não nomeiem e se abstenham egualmente de citar aqueles a quem acusam dos mais feios delitos; como façam insinuações de todo o ponto graves e até improprias da sua categoria moral e mental e porque pretendem exautorar o que eles chamam «a critica oficial da imprensa», eu, pobre comentador de obras de Teatro a quem a consciencia não acusa de alguma vez injusto para com os manifestantes, a não ser na prodigalidade dos louvores, julgo-me obrigado a dizer o que encerra de inoportuno, de infeliz e de falso o papel que fizeram distribuir nas ruas e afixar nas paredes. Os jovens escritores asseguram que, da parte da imprensa ha, de ha muito, uma ostensiva má vontade contra as peças originaes portuguesas e propõem-se denuncial-a, desmascarando «mal rebuçados intuitos» e incompreensiveis objectivos». Da leitura do manifesto não se inferem claramente quaes sejam esses objectivos e intuitos e apenas se apontam, de um modo vago, «os interesses privados» de criticos e jornalistas como a causa de um procedimento caviloso contra os autores de

peças portuguesas cujo triunfo é «nocivo» aos mencionados interesses. Querem dizer com isto os signatarios que, quando a critica se não mostra em absoluto favoravel aos seus originaes, a anima o vil proposito de coadjuvar os interesses dos traductores que, algumas vezes, são os mesmos criticos. Em mais de vinte e cinco anos de jornalismo na imprensa diaria de Lisboa, traduzi umas seis peças por solicitação espontanea e reiterada de emprezários ou artistas. Pela parte, pois, que me toca—se é que fui alvo do mesquinho remoque — cumpre-me, antes de mais nada, trauquilisar os môços comediografos e dramatistas a quem possa sobresaltar e afligir o meu espirito de ganancia em materia de traduções.

O alvoroço com que tenho corrido a buscar os opiparos direitos que me couberam como tradutor pode, se quizer, testemunhal-o um dos signatarios do manifesto, visto ser-lhe facil, sem incomodo de maior, colher autorisados informes junto da empreza a que pertence ou com a qual tem intimas ligações. Indaguem do seu camarada, os que tão levianamente falam de «interesses privados», quando e quantas vezes me viram, o que aliás seria com toda a legitimidade, fazer a cobrança de lucros ou pedir, sequer, a sua satisfação a tempo e horas. Ah, os episodios da minha obscura carreira de tradutor, que o tenho sido sem sacrificar por isso a minha independencia, hei de ainda mais de espaço referil-os, porque são curiosos e tambem edificantes alguns deles! Soceguem os jovens dramaturgos que não serei eu, como nunca fui, quem lhes atravanque o caminho triunfal das suas obras com traduções metidas nos palcos á força de criticas demolidoras dos originaes portuguezes ou de servilismos para com emprezarios ou comediantes. Mas que seria dos nossos teatros sem as traducõesinhas, boas ou más? Como poderiam sustentar-se alguns deles se estivessem á espera da produção dramatica portugueza, bastante fecunda e bastante viavel para lhes consentir uma existencia desafogada e segura? Eu bem sei que os nossos dramatistas e comediografos não são apenas os quatro signatarios do manifesto e mais aquele por quem eles vieram quebrar lanças; dir-se-hia não haver outros ou, havendo-os, não merecerem a

honra de figurar entre os que defendem a liberdade e a literatura teatral portugueza. Felizmente, alem desses cinco, alguns mais existem, novos e velhos, com menos pretensões salvadoras, mas com egual jus a considerarem-se escritores de teatro. No entanto, ou ninguem os convidou a aderir ao manifesto, ou, convidados, entenderam que lhes ficava mal pôr o seu nome debaixo de um documento que está longe de primar pela elevação, pela serenidade e pela justiça. Mas consideremos os signatarios e vejamos se teem motivos para tão destrambelhado ataque á imprensa e á critica, envolvendo-as nas mesmas censuras e nos mesmos vittuperios, sem sombra de descernimento. O primeiro escreve para o teatro desde 1911, isto é ha treze anos. Entre a sua peça de estreia e a segunda mediaram cinco anos, entre a segunda e a terceira dois, entre a terceira e a ultima quatro. Entre estas duas houve uma que caiu redondamente, sem que o auctor se zangasse com a imprensa e a critica. Porque tamanhos intervalos entre umas e outras peças? Foi a critica, foi a imprensa o obstaculo a uma produção maior? O segundo signatario revelou-se ao publico em 1917; decorridos trez anos, representava-se a sua segunda peça e decorridos mais trez a terceira. Foi a imprensa, foi a critica que evitaram novas e menos distanciadas manifestações do seu talento de escritor dramatico? Ou seria a circunstancia da sua actividade haver sido solicitada para outros campos de acção? O terceiro signatario tem o seu nome ligado a duas peças como segundo colaborador e ambas elas representadas com um intervalo relativamente curto. O ultimo signatario apenas exibiu em scena até hoje um trabalho e, sabido como tem as mais estreitas ligações com uma empreza teatral, melhor do que qualquer outro dispunha de meios para fazer representar as suas obras, caso existam escritas e não apenas imaginadas. Mas quando foi qae a critica, a imprensa em geral, dificultaram a vida scenica dos lavores d'estes literatos?! A quem se pretende iludir?! As peças de todos eles foram reclamadas em artigos e entrevistas na imprensa, não lhes faltaram retratos; a critica, por vezes com uma unanimidade quasi perfeita, teceu-lhes os mais carinhosos elogios e endere-

çou-lhes as mais sinceras expressões de incitamento. Carlos Selvagem, se meter a mão na sua consciencia, reconhecerá que foi precipitado pondo o seu nome num papel em que se negam á critica todas as virtudes para se lhe atribuirem todos os defeitos e todos os delitos. Os manifestantes afirmam que ela não possue autoridade, nem proficiencia, nem profundeza, nem inteligencia, nem cultura, nem agudeza de espirito, nem elevação de pensamento. Para eles, na critica só ha violencia, má-fé, má-vontade, interesses privados! E querem que ela seja «tersa e energica, mas generosa», «exigente, mas elevada», «minuciosa, mas cuidadosa» e «respeitadora do esforço alheio». Onde os modelos? Não sómente no passado. E, numa citação de criticos de outr'ora, que revela o desconhecimento da nossa historia dramatica contemporanea, menciona-se Fialho em primeiro logar. Perguntam os signatarios do manifesto «onde ha ahi, na efectividade jornalistica, agudeza de espirito e elevação de pensamento... que saibam fazer o que Fialho fazia á literatura dramatica do seu tempo», de tal modo que «as suas victimas tinham sempre que agradecer». Pois vale a pena dar uma amostra de Fialho critico teatral, perante cujo «poder de argumentação» e «elevada dialectica», os signatarios do manifesto se curvam, saudosos, com reverencia. Fialho, que os jovens dramatistas reputam como pertencendo a uma pleiade «toda penetrada de espirito romantico» (!), escrevia d'est'arte numa larga critica da *Santa Umbelina* de Eduãrdo Schwalbach, já então um escritor aplaudido:

Por mais que se oiça esta chateza, não se acredita provenha de um rapaz com fama de atilado. A debilidade de quem assim encadeia dislates, como se estivesse a deduzir leis de arte transcendentes, não é alanhadora só pelos vasios psicologicos de cabeça, como tambem estigmatisa não sei que resvalo organico propendente ao amolecimento do encefalo e uma incapacidade de guiar a atenção atravez dos juizos mais elementares. O nosso querido Schwalbach necessíta, a par d'isto, de refundir por completo a sua educação literaria e de se afazer á idéa de que o eacritor, quando mesmo por limite de faculdades não possa crear e dizer coisas novas, haverá que pelo menos saber pôr lucidamente as coisas velhas, esquivando-se de

fazer rir os que pretende convencer. O aspecto da indigencia afectando opulencia, em arrazoados de maluquinho, a dispersão mental enfileirando umas atraz d'outras, coisas mal lidas e que não guardam entre si a menor relação de logica ou parentesco, sobre não orgulhar maiormente a vaidade de um homem superior, tem o mau sestro de o expor inutilmente aos desdens da galeria e de invalidar inteligencias que, melhor guiadas, alguma vez poderiam vir a brilhar de brilho proprio. Ora a tal *Santa Umbelina* está cheia de verborragias cretinas, artilhando em anotações de psicologia pessoal que pelo grandiloquo alpoinesco foram tomadas pelos inocentes da critica em guiza de singulares clareações. O leitor que é um namorista insigne de pequenas, poder-me-ha dizer, por exemplo, o que seja a paixão? Reflicta um pouco e veja se comprehende: «Imagine-se um sceptico a ter fé, um crente a desesperar, um altivo de joelhos e um mendigo num trono. Confundam-se num unico raciocinio e ter-se-ha uma leve idéa da paixão.» O leitor, depois d'isto, tem vontade de ir ás Necessidades; leve o papel de Carlos, leve, que em toda a Lusitania antiga e moderna não ha exemplo de um deladoiro de asneiras mais estupido! A gente quere agarrar pelos cabelos o principio inteligente, a posição de boa fé que em todas as obras de espirito, boas ou más, reintegram o autor na honestidade da sua profissão: sondar o fio racional que, segundo os criticos, alevanta Schwalbach no portico dos novelistas psicologos, mas baldado empenho!, quanto mais se insiste mais tudo aquilo parece uma mistificacão grosseira e uma falta de espirito deploravel. Encolhidos os hombros, pois, resignadamente, a mais este suicidio, e consignada a urgencia de punir os reincidentes no crime literario, visto como a dramaturgia da terra nem pelo proteccionismo escandaloso logra vegetar, diremos sobre o desempenho...

Eis o «poder de argmentação», a «elevada dialetica», a «bonomia» que os signatarios do manifesto perguntam, saudosamente, onde está hoje! Se alguem lhes apreciasse as obras neste tom, como procederiam os manifestantes? Evidentemente, citaram Fialho sem que o tivessem lido, da mesma sorte que citam entre os criticos dramaticos, como modelares, os Bordalos! Não consta que os quatro literatos que se erguem contra a imprensa com tamanha deselegancia e tão estupenda ingratidão, alguns deles, inspirassem a quem quer que fosse expressões identicas ás de Fialho criticando Schwalbach que, nessa al-

tura, apezar de não ser mais velho que os manifestantes do quarteto, já era mais que uma esperança. E como procedeu Schwalbach? Congregou amigos e companheiros, como ele victimas de formidaveis taponas, para lançarem manifestos que deviam encabeçar-se com as palavras do Eclesiastes, *vanitas vanitatum et omnia vanitas?* Não, senhores. Schwalbach continuou trabalhando sem infundados receios da imprensa e dos criticos. Ele não ignorava que, quando a tenacidade, o valor e a probidade se igualam, a victoria é certa, a despeito de todas as violencias e de todas as cabalas. Que as da critica actual não passam de uma pura invenção de mente delirante. E ponhamos ponto — porque não venho a polemicas — com dizer que, depois de publicado o manifesto não vi nem falei a criticos dramaticos no que quer que seja, tão apartados andam eles uns dos outros, não obstante os autores jovens pretenderem descobrir na critica um plano de guerra desleal. Ninguem os guerreia, senhores! Deixem-se pois de lutar contra os moinhos e mãos á obra: venham mais peças, mas que os glorifiquem difinitivamente, e ponham de lado manifestos que, se o Fialho fosse vivo, provocariam uma trepa mais vigorosa que todas quantas, como critico teatral inflingiu em gente de polpa...

Avelino de Almeida.

A «REvista Portugueza» publicará no proximo numero um artigo de José Dias Sancho com o titulo «Elas, as poetisas».

Exposições de Arte

E' necessario iniciar a educação artistica do povo

Em regra — não todos — os artistas julgam que a sua superioridade está em isolarem-se do povo. Porém, não ha homem, por mais alta e original que seja a sua inteli-

28

gencia, que possa afirmar com verdade que a sua cultura lhe pertence exclusivamente.

Não será necessario afirmar que o homem, mesmo genial, vive de pequenas cousas, do camponez que lhe cultiva as batatas, do sapateiro que lhe manufatura as botas, da cosinheira que lhe prepara o alimento, do tipografo que lhe compõe os livros, etc., etc. Por muito economico e sobrio que seja o artista — algumas dezenas de pessoas, senão centenas, trabalham em objectos, productos que lhe são absolutamente necessarios para viver, e dar em troca á humanidade a beleza das suas obras. Cada homem, portanto, que vive do esforço da humanidade, deve viver para a humanidade.

Não se compreende, pois, que o artista — pintor, escultor ou mnsico — não se lembre, pelo menos uma vez na sua vida, que esses entes obscuros que lhe proporcionaram um relativo bem-estar, tambem teem tanto direito á beleza, como o artista tem direito a andar vestido, calçado e bem alimentado.

Entretanto por defeitos da sociedade em que vivemos, os artistas, principalmente os que se dedicam ás artes plasticas, são compelidos a procurar admiradores entre as pessoas abastadas — que nem sempre são as que melhor sentem as obras de arte — em virtude da sua posição social lhes permitir comprar as obras que o artista produz.

E, assim, aqueles que, pelo seu trabalho obscuro criaram ao artista uma situação que lhe permitiu fazer um quadro encantador ou uma escultura admiravel, são os que não teem o gozo espiritual, já não diremos de possuir essas obras, mas pelo menos de contemplá-las.

Ora, sabido como é que a arte atinge mais belas atitudes nos paizes onde o povo é mais educado, como na Alemanha, na França e em Italia, hemos de concordar que a educação geral do povo influe poderosamente no artista. Quanto mais esclarecida é a opinião publica, quanto mais exigente é a população d'uma cidade ou dum paiz, tanto maiores são os esforços dos homens de inteligencia para elevar o seu pensamento, não só para contentar essa opinião exigente, como para ultrapassá-la, assombrá-la.

São incalculaveis os beneficios que adveem da existencia dum povo educado artisticamente. E' o pubiico, assim educado, que se encarrega de fazer a selecção, criando um ambiente irrespiravel ao mau artista, ao — permitamnos o termo — pescador de aguas turvas.

Em Portugal pouco ou nada se tem feito no que respeita á educação artistica do povo. O Estado quasi não teve tempo para pensar nas suas dividas, e os problemas de educação guarda-os sempre para mais tarde. Compete pois aos proprios artistas principiar a tratar do assunto.

Numa reunião de artistas, realizada há tempos na Sociedadade de Belas Artes, reunião que foi caracterizada por belos sonhos e lindos projectos que nunca se materializaram, apresentámos nós algumas ideias de realização facil.

Repetimo-las aqui, não como quem apresenta um projecto, mas apenas uma desinteressada intenção de lançar uma idea que pode servir de base para futuras e mais vastas realizações.

Por enquanto somos pouco exigentes. Lembra-nos apenas a conveniencia dos artistas, pintores e escultores, quando realizarem as suas exposições, dirigirem convites ás associações da classe operária, que agrupam milhares de individuos que necessitam de educação, para num determinado dia, um domingo por exemplo, visitarem as referidas exposições. E para que esse trabalho de divulgação artistica fosse mais completo, deveria nesse dia, ou o artista ou qualquer individuo competente, fazer uma conferência ou preleção em linguagem acessivel sobre a exposição ou sobre arte em geral.

Também seria duma utilidade extraordinária que as orquestras, que todos os anos dão tantos audições nos teatros de Lisboa, procedessem da mesma forma, fornecendo entradas gratuítas ás associações para um determinado dia — um dia de arte para as classes menos abastadas.

Aqui fica a idéa. Oxalá ela germine, cresça e dê frutos valiosos...

Mario Domingues.

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
PROPERTY OF
LIBRARY
AT CHAPEL HILL

A "REVISTA PORTUGUESA" aumentará, muito brevemente, o seu numero de paginas, sem que o seu actual preço de venda sofra qualquer alteração.

A "REVISTA PORTUGUESA" creará, então, as seguintes secções novas: Revista Financeira, Revista Parlamentar, Revista Colonial, Revista Juridica.

A "REVISTA PORTUGUESA" acompanhará tambem, com o maior interesse, o movimento artistico e literario de Espanha, Italia, França e Alemanha.

A "REVISTA PORTUGUESA" retribuirá, desta forma muito simples, o favor e o carinho com que tem sido recebida no meio intelectual português.

"REVISTA PORTUGUESA,,
(edição semanal de critica)
anuncia a proxima sahida
de uma edição litteraria,
mensal, com o mesmo titulo
"REVISTA PORTUGUESA,,

Contexto

edições facsimiladas

1. PORTUGAL FUTURISTA
2. EXÍLIO
3. CENTAURO
4. REVISTA PORTUGUESA
5. SUDOESTE
6. EH REAL!
7. ATHENA
8. CONTEMPORÂNEA

EDIÇÃO PATROCINADA PEL
INSTITUTO PORTUGUÊS DO

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00041810353